chiang sing

Nefertiti
e os mistérios sagrados do egito

6ª Edição

ALGUMAS REFERÊNCIAS ACERCA DA AUTORA

OLEGÁRIO MARIANO — "Chiang Sing é a inimitável artista do verso oriental. Sua arte é como uma doce música que se ouve, mesmo depois que os músicos já se foram..."

* * *

GUILHERME DE ALMEIDA — "Chiang Sing — alma chinesa em moldura brasileira atravessou o tempo e o espaço para vir florescer em trópicos antípodas, conseguindo absorver e transmitir todo o requinte da poesia do Celeste Império. Lembra o pássaro Hoang Niao, do Canto II, do muito antigo e canônico Livro de Versos de Confúcio. Pois Chiang Sing é bem êste pássaro de ouro e jade, que tem o tamanho de um pardal e um canto dulcíssimo que só se cala na oitava lua chinesa."

* * *

ANÍBAL MACHADO — "Chiang Sing é a seta do Oriente apontando para a América."

* * *

VALDEMAR CAVALCANTI — "Nas mãos de Chiang Sing a vida se dilui em poesia."

* * *

ÁLVARO MOREYRA — "Chiang Sing veio de longe, de lá, de todos os tempos, de toda a poesia. É uma jovem poeta de quatro mil anos. Mas ela não se importa, porque nasce de nôvo, tôdas as manhãs: rosa... onda... nuvem... raio de sol..."

* * *

RAUL LIMA — "Para mim, Chiang Sing é quase um mito. Imagino-a como um autêntico poeta chinês, compondo os seus versos à sombra de velhas árvores, entre reminiscências multimilenares — como as lendas chinesas — e encerrando-os com aquelas datas que, só elas, valem poemas."

* * *

EDMUNDO LYS — "Chiang Sing é como uma nota de flauta perdida no mistério do misterioso além..."

* * *

PÁDUA DE ALMEIDA — "Chiang Sing... alma da China, através da poesia."

NEFERTITI

E OS

MISTÉRIOS SAGRADOS DO EGITO

№ 2636

FICHA CATALOGRÁFICA
(reprodução reduzida da ficha de 75 x 125mm)

CHIANG SING, pseud.

Nefertiti e os mistérios sagrados do Egito (romance histórico) 6. ed. Rio de Janeiro. Freitas Bastos. 1989.

xx + 249 p., est.

1. Literatura brasileira — Romance. I. Título.

CDD B869.3

Capa e Desenhos de Kabir, inspirados na remota obra faraônica "Livro da Morada Oculta", tradução de Lépsius, edição de 1842.

CHIANG SING

NEFERTITI

E OS

MISTÉRIOS SAGRADOS DO EGITO

(ROMANCE HISTÓRICO)

6ª EDIÇÃO

LIVRARIA FREITAS BASTOS S.A.

Rua 7 de Setembro, 127/129 - 20.050 - Rio de Janeiro - RJ
Rua Maria Freitas, 110-A - 21.351 - Rio de Janeiro - RJ
Rua 15 de Novembro, 62/66 - 01013 - São Paulo - SP
Rua Domingos de Morais, 2.414 - 04036 - Vila Mariana - SP

DEDICATÓRIA

É com o coração mais perturbado que o vento quando agita os bambus na primavera, que esta humilde pessoa agradece a todos os amigos que, com o seu estímulo, muito contribuíram para que esta obra fosse escrita. Ouso citar como me tendo sido especialmente preciosa a ajuda do diplomata egípcio Mohamed Salah El Derwy, da Embaixada da R. A. U. no Brasil, bem como a dos honoráveis estudiosos de assuntos egípcios: Professor Victor Stawiarski, escritora Marita Lima, Dr. Alfredo Coutinho de Medeiros Falcão, Jornalista Francisco Octávio da Silva Bezerra e meu marido, o escultor Kabir, que tanto me ajudou com a sua experiência e o seu discernimento.

A todos, dedico este livro, desejando que uma paz profunda pouse em seus "kas", com a maciez de uma pétala de lótus.

CHIANG SING

PREFÁCIO

"Quando os ouvidos do discípulo estão dispostos a escutar, os lábios do Mestre os enchem de sabedoria."

HERMES-TOTH, *no "Kibalion"*

Escrevendo *"Nefertiti e os Mistérios Sagrados do Egito"*, a escritora Chiang Sing produziu um dos mais importantes livros da sua vitoriosa carreira literária, especialmente por descrever com grande luxo de detalhes estes "Mistérios Sagrados", sobre os quais disse Jâmblico — filósofo neoplatônico que viveu cerca do século IV da nossa era: "Das coisas que se realizam no culto dos deuses, há algumas que têm um significado oculto, impossível de ser expressado por meio de palavras." Pois, Chiang Sing conseguiu reviver êstes mistérios intraduzíveis. Trabalhou durante sete anos, fazendo pesquisas minuciosas, utilizando como fontes bibliográficas documentos depositados em Museus e obras de historiadores célebres, tais como, Lépsius, Maspéro, Rougé, Petrie, Bruasch, Erman, Manchip, Breasted e muitos outros. O resultado dêste trabalho é a fascinante história da vida da mais bela rainha do Nilo e os dramáticos conflitos que marcaram a sua passagem pelas Terras Negras.

Embora poucos sejam os dados históricos existentes sobre Nefertiti, Chiang Sing procurou unir tais indícios a fim de formar um todo, tentando solucionar assim o grande mistério que envolve a vida desta nossa remota rainha da XVIII dinastia (1580-1350 a. C.). É curioso observar que a vida de Nefertiti suscitou controvérsia entre os mais eminentes egiptólogos. Sir Flinder Petrie, em sua obra "História do Egito", volume II pág. 207, diz que "Nefertiti era filha de uma princesa mitaniana com o faraó Amenófis III". Entretanto, dizem os eruditos Professores Arthur Weigall, James Baikie e outros que "Nefertiti era puramente egípcia, filha da rainha Tii com o faraó Amenófis III ou quiçá com seu favorito o sacerdote Eje". Afirmam uns que Nefertiti apenas aceitou e seguiu as tendências místicas do marido, o rei Amenófis IV ou Akhnaton. Contudo, dizem outros que Nefertiti é quem foi a incentivadora do atonismo no Egito, pela analogia que este culto apresenta com os praticados na Ásia Menor, onde nasceu sua mãe, a princesa Giluhikpa, filha do rei Shutarna de Mitani. Aliás, a grande semelhança que há entre os salmos do rei Akhnaton, com certos hinos do Rig-Veda — um dos livros sagrados da Índia — levou também outros autores a sugerirem que Akhnaton recebeu influência indiana, através de Mitani, terra indo-ariana situada a Este do Eufrates. O remoto cântico "Gayatri Mantra" que todo verdadeiro brâmane recita tôdas as manhãs ao nascer do sol, é praticamente idêntico aos salmos do rei Akhnaton. Ademais, um título que é constantemente dado a Nefertiti *"aquela que faz Aton repousar com sua doce voz e suas belas mãos sustentando os sistros"*, faz pensar, irresistivelmente, nos cânticos sagrados das sacerdotisas védicas, em suas orações vesperais, voltadas para o sol.

Mas, talvez, haja maior mistério ainda. Aos que bem conhecem os textos da Bíblia, sabem que na mesma há um salmo que recorda, de modo espantoso, o Grande Hino ao Sol, do faraó Akhnaton. É o salmo CIV ou CIII, segundo a Vulgata, um dos mais belos cânticos dos cento e cinqüenta onde são cantados, segundo uma ordem, ritmo e até mesmo expressões totalmente paralelas e muitas vezes idênticas, como no poema místico do Egito dedicado à glória do Criador e à beleza alegre do mundo nascido de suas mãos.

Qual dos dois salmos foi o primeiro em data? Terá havido para um e outro a mesma origem, uma fonte comum, à qual dois grandes poetas recorreram sucessivamente? Impossível dizer. Os hebreus, quando Akhnaton reinava, estavam ainda em terra egípcia. E o mais curioso é que foi em Heliópolis que o rei Akhnaton encontrou o velho culto do Disco Solar. E Heliópolis não é outra coisa senão a velha cidade egípcia de On, na qual, segundo o "Livro do Êxodo", Moisés foi sabedor de tôda a sabedoria egípcia. Mas quem poderá distinguir o que provém de Akhnaton e o que provém da antiga mensagem que Abraão, sete séculos antes recebera do próprio

Deus e da qual seu povo era o depositário? Quem poderá saber a verdade passados cerca de trinta e três séculos, mais de 1 300 anos antes de nossa era?

Apesar de tôdas estas controvérsias, Chiang Sing conseguiu reunir no seu livro um documentário esplêndido. E assim escreve as cenas orgíacas do casamento de Nefertiti, baseada no Papiro Real de Turim. Referimo-nos à parte secreta que o museu achou melhor ocultar ao público, pois contém a narração dos amôres de certos padres de Amon com as cortesãs sagradas, ilustrada com desenhos libertinos. Os rituais funerários e de embalsamamento, Chiang foi buscar na "História de Heródoto" (II-86-87-88) e no "Livro dos Mortos" — o remoto texto mágico-religioso, que era enterrado com a múmia para guiar os seus passos no além. Neste capítulo vemos ainda a citação de uma preciosa estela funerária da XXI dinastia, gentilmente cedida pelo Professor Victor Stawiarski, e que se encontra na biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro. A autora colocou, por outro lado, na bôca de vários personagens, diversas frases históricas do Papiro de Ebers, Prisse, Greenfield, Anastasi e Herouben. Todas estas citações estão impressas em grifo a fim de que o leitor possa distingui-las melhor do conteúdo do romance.

Amor, morte, magia, intriga, misticismo e luta religiosa são contados magistralmente através das páginas dêste livro de Chiang Sing, num estilo leve e poético que desde logo fascina o leitor e revela a profunda erudição da autora. Ela consegue fazer de seus personagens, gente de verdade, tal como o foram há séculos, em cuja agradável companhia percorremos as ruas, os palácios, os jardins e os templos de Tebas, Mênfis, Napata e Akhetaton — a "Cidade do Horizonte do Sol". Seguindo o roteiro traçado por Chiang Sing, ouvimos as belas canções de amor dos tempos faraônicos; os hinos de Akhnaton; as danças das sacerdotisas hititas bailando ao luar ao conjuro das velhas magas; os ritos de enfeitiçamento dos antigos magos egípcios, que Chiang colheu no Papiro de Nesiamson, traduzido por Moret, cujo profundo saber confere uma grande autenticidade a tudo o que concerne à egiptologia. Podemos ainda escutar as vozes remotas dos sacerdotes de Amon entoando os enigmáticos cânticos do "Livro dos Mortos"; as palavras iniciáticas dos Mestres da Casa da Luz; as secretas cerimônias da comunhão dos sacerdotes de Amon durante o festejos de Osíris, tal como nos conta o velhíssimo Papiro de Amóses, cujo longínquo eco talvez tenha modelado os ritos católicos da comunhão.

Aliás, foi destas antigas cerimônias místicas do Egito, que segundo Durville, Petrie e outros estudiosos do assunto, nasceram os "Mistérios de Elêusis", adaptados por Orfeu ao gênio plástico da Grécia. Sabe-se que em tempo imemorável, uma colônia grega, vinda do Egito, trouxe à tranqüila baía de Elêusis, o culto da deusa Ísis, sob o nome de Demeter, a Mãe Universal. Desde então, Elêusis

tornou-se um centro iniciático. Os sacerdotes gregos passaram a ensinar a ciência esotérica que lhe viera do Egito. Com o passar dos tempos, a doutrina egípcia inspirou toda a iniciação mediterrânea, e é a ela que devemos os ensinamentos básicos de Pitágoras, que foi iniciado nos templos egípcios e, também a essência da filosofia de Platão.

Talvez inspirada por um ideal místico quase tão grande como o de Nefertiti, esta jornalista e escritora, que se oculta, há anos, sob o nome de Chiang Sing, voltada sempre para as coisas do Oriente — poesia, lendas, arte e história — embora sendo genuinamente brasileira — filha de dois ilustres jornalistas, também brasileiros e bisneta de Barão do Rio Apa — adotou um pseudônimo chinês, com o qual é muito conhecida na imprensa do seu país. O mesmo aconteceu com seu esposo Kabir, o escultor brasileiro que adotou o nome de um grande poeta oriental do século XVI para assinar suas obras de arte, todas inspiradas no Oriente e em especial, no velho Egito. As obras de Kabir têm um grande mérito, pois são feitas por um artista inato, autodidata, cujas tendências artísticas se manifestaram de repente, em plena madurez dos seus quarenta anos, que jamais cursou nenhuma Escola de Belas-Artes nem nunca entrou num atelier de escultura.

Entretanto, a sua arte esplêndida e espontânea é tão poderosa que chegou a fazer com que vários eminentes críticos de arte, pensassem que as esculturas de Kabir eram realmente egípcias, tal como aconteceu com o "Deus Hórus" e a "Máscara de Ramsés II", peças de bronze que estiveram presentes na Exposição de Arte Egípcia, realizada numa galeria de arte do Rio de Janeiro sob o patrocínio da Embaixada da R.A.U. Levado por sua admiração pela arte de El-Amarna, Kabir esculpiu também um busto da rainha Nefertiti no qual buscou alcançar algo mais além da forma. Possivelmente a luz interior, esta chama indefinível que iluminou o semblante da nossa famosa soberana, dando-lhe uma beleza imortal. A estátua feita por Kabir — inspirada na obra-prima de Beck que está no Museu de Berlim — é realmente muito próxima da velha arte egípcia da XVIII dinastia, devido às suas características humanas e sensíveis. Contudo, o que há de muito especial nesta estátua de Kabir, são os antigos símbolos sagrados que êle colocou na cabeça e no pedestal da *"Bela Que Veio"*, tornando-a a única estátua no mundo representando a rainha Nefertiti que ostenta êstes emblemas simbólicos. Sôbre a fronte coroada de Nefertiti estão as duas serpentes sagradas usadas pelas Grande Vestais. Êstes dois símbolos, representam a divindade dinástica do Baixo Egito, também chamada Buto ou Ureaus pelos gregos. Às vezes ornam as frontes reais egípcias para protegê-las de seus inimigos; porém o comum é que êste lugar seja ocupado apenas por uma deusa-serpente, tal como ocorreu no original de Beck, onde o Ureaus

está quebrado, lembrando apenas a forma de um laço. Outro símbolo usado por Kabir, encontra-se na parte posterior da coroa de Nefertiti e é a famosa cruz ansata ou "Ankh" — emblema da vida espiritual. E finalmente no pedestal temos o grande lótus saído das águas primordiais, aquele que foi o berço do sol na primeira manhã do mundo, segundo nos diz a tradição egípcia relativa à criação do Universo pelo astro inicial. Deste lótus azul, brasão floral do Egito faraônico, surge Nefertiti significando que conquistou a Paz Profunda que simboliza esta flor e que recebeu os dons da intuição. Nefertiti saindo de uma flor de lótus representa ainda uma ilustração para o capítulo LXXXVII do "Livro dos Mortos" "...sou o lótus cândido que brota do divino esplendor das narinas de Ra..."

Assim, Kabir procurou destacar na sua obra o constante propósito de Nefertiti, que segundo nos diz Chiang Sing no seu livro foi o "de desenvolver a natureza espiritual para permanecer em invariável harmonia com as potências Superiores que regem o Universo. "Para mim Chiang Sing e Kabir são almas orientais exiladas nos trópicos, portanto, não importa que seus verdadeiros nomes sejam brasileiros, pois como disse o sábio Abdul Baha "uma estrêla tem a mesma luz quer resplandeça no Oriente ou no Ocidente". Como egípcio sinto-me orgulhoso e feliz em ver um casal de brasileiros tão integrados na história de meus ancestrais, fortalecendo assim, os laços de amizade entre o Brasil e o velho país de Kêmi.

"Nefertiti e os Mistérios Sagrados do Egito" não é uma obra a mais sôbre a terra dos faraós; é uma contribuição séria para penetrar no âmago do meu país e desvendar os sagrados mistérios que fazem parte do Grande Todo. O leitor pode aceitar ou não as idéias e conclusões que ele apresenta, porém a seriedade objetiva dos seus documentos e a inegável honestidade de suas fontes, são a melhor apresentação. Chiang Sing preferiu adotar neste seu livro histórico a versão de que Nefertiti é quem foi a incentivadora do culto de Aton no Egito, contribuindo para a transformação das idéias religiosas de seu esposo, o faraó Akhnaton. Que cada um escolha a sua própria versão. A verdadeira talvez nunca venha a ser conhecida.

MOHAMED SALAH EL DERWY

HINO A NEFERTITI

Ó Tu, bela que veio!
Ramo novo de palmeira.
Benjoim purificado.
Falcão de colo flexível.
Camela de patas brancas
pastando a erva do tempo
junto à Face Irrevelada.
Sob o véu da areia clara
onde a sombra dos teus passos?

Foi-se ao sopro da amargura
toda a tua dinastia, ó tu das
ancas de nácar, pomba de âmbar
e almíscar, jovem corça junto às
fontes dos jardins de Akhnaton.
Mas tu foste preservada
rainha do claro orvalho,
embalsamada no espàço
com o óleo santo dos astros.
E eis que te invoco,
ó longínqua!
Rosa mística que cintilas
no regaço do deus sol.
Vão para ti os meus sonhos
como um bando de íbis brancos...

CHIANG SING

Rio, décimo-quinto dia da primeira lua das rosas vermelhas.

O Museu Nacional, na Quínta da Boa Vista, possui razoável coleção de peças egiptológicas, destacando-se entre elas a famosa múmia de mulher, de máscara dourada. Desde a reabertura das exposições, em 1947, temos tido constante contato com visitantes e alunos dando a eles aulas e explicações sobre o Egito antigo.

Quando orientado pelo egiptólogo Childe do Museu Nacional naquela data, não imaginava eu o mundo de experiências e vivências que o velho Egito nos iria proporcionar. Lentamente aprendi o sentido de cada cena dos vários sarcófagos e a tradução e significação das diferentes estelas funerárias, tendo assim a explicação dos principais mitos. E foi se formando no meu espírito a convicção, agora fartamente documentada pelo livro de Chiang Sing, de que quase todos os fundamentos das crenças modernas são de inspiração e de origem egípcia.

O tribunal de Osíris; os mandamentos; entidades celestes dotadas de asas; o inferno abaixo de nós; o céu como moradia dos deuses; a crença na reencarnação; a música sacra; a influência mágica dos números 3 e 7; a genuflexão; as estelas como predecessoras das lápides e dos altares são algumas das inspirações espirituais trazidas do Egito por Moisés quando da saída do povo hebreu. Até mesmo o medo da meia-noite associado a almas, cemitérios, medo de castigo e momento propício para o aparecimento de bruxas, fantasmas, almas penadas, mulas-sem-cabeça e etc., estão obviamente ligados ao julgamento da meia-noite, no tribunal de Osíris.

Estas e muitas outras correlações o leitor encontrará no livro de Chiang Sing *"Nefertiti e os Mistérios Sagrados do Egito"*. Este livro não é apenas para ser lido como entretenimento ou ilustração. É um livro para ser entendido nas entrelinhas, nos antigos textos da época faraônica que a autora transcreve. Então, numa evocação filosófica, revivemos o espírito e o pensamento dos pensadores egípcios de outrora.

Estamos portanto todos de parabéns com o aparecimento desta obra, especialmente os grupos que vão visitar as múmias levados por um sentimento místico. Graças ao grande esfôrço de Chiang Sing, poderemos agora dar a êstes visitantes uma explicação bem mais completa, bem mais poética, bem mais profunda sôbre a arte, a ciência, a cultura e as crenças do velho Egito.

Prof. Victor Stawiarski

Técnico de Educação da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional

Prova arqueológica do que afirma Chiang Sing neste livro. Nota publicada no jornal "O Globo", em 11 de janeiro de 1972, muito depois de a 1.ª edição deste livro ser lançada, isto é, em junho de 1964.

Nefertiti superava o marido faraó em questão religiosa

FILADÉLFIA (AP — O GLOBO) — **Um grupo de arqueólogos da Universidade da Pensilvânia que conseguiu reconstituir, com o auxílio de um computador, um importante período da antigüidade egípcia, concluiu que a bela Nefertiti foi mais poderosa, pelo menos em questões religiosas, que seu marido, o faraó Akhnaton.**

Primeiro governante do Egito Antigo a ostentar o título de faraó, Akhnaton promoveu durante seu reinado de 17 anos grandes mudanças na arte, literatura e nos costumes sociais e de governo, tornando-se famoso também por oficializar a veneração ao disco solar, talvez a primeira religião monoteísta.

"Habitualmente, um monarca egípcio se considerava a encarnação de uma divindade na terra. Acreditamos que a situação de Nefertiti correspondia à mesma hierarquia", declarou o arqueólogo Ray Smith.

A equipe de estudiosos descobriu que Akhnaton construiu vários templos, dedicando dois deles a Nefertiti, que passou desta forma "a ter extraordinária importância naquele período". "A influência de Nefertiti sobre seu marido não tem paralelos na história do Egito", salientou Smith.

NEFERTITI

E OS

MISTÉRIOS SAGRADOS DO EGITO

A BELA QUE VEIO

"Com seu esbelto colo e peito radiante tem por cabelos verdadeiro lápis-lazúli; seus braços superam os da deusa do amor e seus dedos são como cálices de lótus. Ela — a de nobres andares — quando pisa a terra faz com que todos se voltem para contemplá-la e é como se contemplassem aquela que é a Única. . ."

(Fragmento de um papiro da XVIII Dinastia)

Era o dia em que ela completava treze anos. Nefertiti, sentada diante do espelho de prata que lhe estendia uma escrava síria, olhou para o seu rosto jovem. Ela se levantara muito cedo, pois sempre fôra madrugadora. Gostava de contemplar o nascer do sol, recordar as lendas de Aton — o mais velho deus do Egito — que lhe contara Sitka, a aia de sua mãe. Sitka fora cantora sagrada no Templo de Aton — o Sol Divino — na cidade de On, e era muito versada no conhecimento de coisas celestiais. Viera do reino de Mitani, no séqüito de sua ama, a princesa Gilukhipa, quando esta veio para o Egito desposar o faraó Amenófis III e viver no seu harém como uma de suas esposas.

Nefertiti suspirou de leve, olhando a sua própria imagem no espelho de prata polida e admirando a sua beleza com prazer. Observou detidamente a linha harmoniosa do rosto, a delicadeza das orelhas, ornadas com longos brincos de faiança, o rasgado estranho dos grandes olhos negros, que as escravas núbias tinham sublinhado com um fino pincel molhado no líquido negro do *khohl*. Sua face era magra, de pômulos acentuados, a pele fina, macia, dourada como o âmbar. O nariz era reto, com a ponta levemente arredondada, a boca cheia, de um desenho puro, estava pintada com o suco vermelho das amoras. Sôbre o crânio liso e macio, inteiramente rapado como era uso na época, as escravas tinham colocado uma linda peruca de seda azul-turquesa, que lhe caía graciosamente sôbre os ombros delicados.

Em cima da mesa de ébano, ali diante dela, havia inúmeros potes de alabastro contendo cremes, óleos aromáticos e perfumes

à base de rosas, almíscar e sândalo. Nefertiti já tinha sido banhada por suas servas, massageada com ungüentos perfumados, depois vestida com uma túnica branca de linho real. Era um linho alvo, diáfano e transparente que só podia ser usado pelo faraó e sua família. A túnica era longa, inteiramente plissada, ajustada por um cinto de ouro em forma de serpente.

No pescoço da princesa, fino e gracioso como a haste de uma flor, via-se um largo colar real chamado *ousekh*. Constava de seis finas correntes de ouro, enfiadas de grandes contas de faiança azul, amarelo e vermelho, em forma de gôtas. Nos braços delicados, brilhavam pulseiras de pérolas e turquesas com fechos de cornalina. Contudo, ela não precisava de nada disso para ser bonita. Mesmo sem nenhuma jóia, vestindo apenas a tanga de linho grosseiro das môças camponesas, Nefertiti seria ainda mais bela. Era a própria encarnação do seu nome: Nefertiti — "a bela que veio"...

Através do espelho viu uma andorinha pousar no parapeito da varanda.

— Veja, senhora! É a mensageira da esperança! — exclamou Mischerê, sua escrava favorita.

A princesa riu contente. O riso de Nefertiti era cheio de sonoridades e seus dentes brilhavam com resplandecente brancura.

— Dizem que a andorinha anuncia uma vida nova — falou Nefertiti. Nos mistérios religiosos dos templos, ela representa a precursora da primavera e é o emblema da reencarnação.

— Na minha terra — disse Mischerê, com uma certa nostalgia —, quando vemos uma andorinha de manhã cedo, vamos em silêncio, sem falar com ninguém, à fonte mais próxima. Ali lavamos os olhos, rogando aos deuses que a andorinha leve para bem longe todos os malefícios...

Nefertiti ia dizer algo quando ouviu uma voz clara e bonita dizer:

— Não é todos os dias que minha filha única faz anos! Que importa que seja cedo?

Reconheceu imediatamente a voz de sua mãe, a formosa rainha Gilukhipa, e correu para a porta do terraço das fontes cristalinas.

— Mãe querida! — exclamou Nefertiti sorrindo, e estendeu ambas as mãos, tendo numa delas uma rosa vermelha que apanhara de cima de uma mesa. Nefertiti amava as rosas vermelhas. Sempre que possível trazia consigo esta flor.

Com seu passo leve e gracioso, Gilukhipa atravessou a distância que a separava da filha. Era uma mulher pequena e delicada. Esguia como um cipreste, com um rosto quase tão bonito como o de Nefertiti. No esplendor dos seus vinte e seis anos, Gilukhipa era a imagem da beleza e da feminilidade. Vestia também uma longa túnica de linho real. Na cabeça usava uma coifa dourada, encimada pelo *ureaus*, a serpente da vida, da sabedoria e a comunicadora das virtudes mágicas.

— Nefertiti — disse ela com um ar brejeiro —, sou a primeira a desejar-te longa vida e imortalidade no seio de Nut e de Geb, os pais dos deuses?

— Sim, a primeira — respondeu Nefertiti —, a primeira, depois daquela andorinha...

E apontou para o pequeno pássaro, que ainda estava pousado no parapeito da varanda.

A rainha soltou uma risada clara e alegre e, entrelaçando os dedos finos nos dedos da filha, levou-a para o jardim. Sob as árvores dos papiros havia um pequeno pavilhão de alabastro, e para lá se dirigiram as duas damas.

O palácio Charuk, residência do faraó Amenófis III, ficava à margem esquerda do rio Nilo. Era um formoso edifício, cercado por imensos jardins cheios de sombra e de paz. No centro do jardim principal via-se um grande lago artificial, onde floresciam lótus azuis, a flor sagrada do Egito. Neste lago, que o faraó mandara construir para a Grande Espôsa Real Tii, ela e o faraó costumavam passear no barco dourado chamado *Tehen-Aten* ou *Luz de Aton*. Tii e Amenófis III gostavam de render culto a Aton, o mais velho deus egípcio, mas consideravam-no apenas um deus secundário, menos importante que Amon, adorado em Tebas, embora Amon fôsse "o belo filho de Aton", e seus sacerdotes, apesar de mais pobres que os de Amon, eram muito mais versados na antiga sabedoria. Graças a esta predileção do faraó e da rainha por Aton, o sumo sacerdote do Templo de Aton, na cidade de On, vivia na côrte e gozava de favores reais, embora os padres de Amon não gostassem disto.

Nefertiti e Gilukhipa caminharam por uma ala de árvores de sicômoros, papiros, palmeiras e tamareiras, alternadas com tufos de fôlhas e de flôres multicoloridas. Entraram no pavilhão de alabastro e sentaram-se num banco de granito rosa.

Nisso, Sitka aproximou-se trazendo entre as mãos um pequeno cofre de sândalo incrustado de ouro e madrepérola.

— Veja o presente que te trouxe, minha querida — falou a rainha.—Vem das terras de Mitani, onde nasci...

A aia ajoelhou-se diante das jovens senhoras. Nefertiti pegou o cofre e abriu-o. Seu coração palpitou feliz. Era um lindo amuleto de lápis-lazúli. Representava Aton, o Sol Divino, o deus do amor e da paz, o senhor do destino, a fonte da abundância e da fertilidade, que gera a vida, ensina o riso a todos os oprimidos e lhes traz liberdade.

— Gostas? Foi idéia de Sitka — falou Gilukhipa.

— É lindo! — exclamou Nefertiti.

— Êste amuleto foi abençoado pelo sumo sacerdote de Aton e é de grande eficácia contra todos os malefícios — disse Sitka.

— Vou usá-lo agora mesmo! — falou Nefertiti.

— Não, filha! — exclamou Gilukhipa — os sacerdotes de Amon não devem ver este amuleto. Eles não gostam de Aton e o faraó não quer conflitos entre Aton e Amon. É preciso cuidado...

Os límpidos olhos negros de Nefertiti assumiram uma expressão de reserva.

— Um dia... quando eu for rainha — falou lentamente — Amon desaparecerá das terras de Kêmi e só Aton reinará como deus único no coração do meu povo!

— Nunca digas isso em presença do faraó nem de Tii, a Grande Esposa Real — retrucou Gilukhipa, com uma certa amargura.—Tii é fria e cruel e tentaria destruir-te. Ela gosta de dominar a todos. Sua palavra é a que vale. O faraó é um títere em suas mãos. Se ela morresse e eu viesse a reinar, veriam qual de nós duas sabe usar com mais dignidade o *ureaus* das rainhas!

Nefertiti ficou em silêncio. Conhecia bem sua mãe para saber que ela seria uma péssima Grande Espôsa Real. Mulher vaidosa e frívola, ela só pensaria em dar festas luxuosas e exigir dos países vassalos maiores quantidades de ouro, pedras preciosas, incenso e sândalo, para satisfazer a sua sêde de luxo e de requinte.

A rainha Tii era calculista, inteligente e astuta. Ouvira dizer que Tii foi passarinheira nos bosques de junco e de papiro, onde seu pai Yuaa era caçador, antes de tornar-se sacerdote de Min, o deus da fertilidade, e casar-se com Tuia, dama da côrte da rainha Mutemu, princesa mitaniana que desposou Tutmés IV e foi mãe de Amenófis III. Seu pai, o faraó, conhecera Tii durante uma caçada. Tornou-a sua espôsa porque ela era bonita, esperta e inteligente. Era amiga íntima de Eje, o sumo sacerdote de Amon, que diziam ser seu amante, e não raro ela ia nadar nua no lago dos lótus sagrados, com jovens noviços do templo, em noites claras de lua. Diziam que Tii era bruxa e que nos subterrâneos da Casa Dourada mantinha um grupo de feiticeiros etíopes. Contudo, Tii sabia ser enérgica, reconhecia o valor de um homem e não lhe dava um cargo que não estivesse dentro de suas capacidades. Vestia-se com sobriedade e considerava o luxo como um sinal de um espírito fraco. Geralmente Amenófis III curvava-se ante a sua poderosa vontade e era Tii quem resolvia todos os casos importantes do Egito.

— Nefertiti — disse Gilukhipa, mansamente —, soube que vão casar-te com Amenófis IV, nosso futuro co-regente, a êle paz e prosperidade!

Os lindos olhos de Nefertiti cintilaram cheios de espanto e de raiva.

— Como? Desposar Amenófis? Jamais!

E na sua indignação ela ergueu-se bruscamente do banco, deixando cair no chão a rosa vermelha, cujas pétalas pouco antes acariciava com seus dedos longos e aristocráticos. Sitka abaixou-se e recolheu a rosa. Para ela, a rosa vermelha era um símbolo sagrado

do culto de Aton e seria um sacrilégio ser pisada, mesmo pelas sandálias de uma princesa.

"Amenófis! — pensou Nefertiti com raiva e desprezo. O homem que querem dar-me por esposo! Jamais poderei viver ao lado de um tal esposo!"

Isto lhe parecia impossível. Não porque êle fôsse seu meio-irmão, filho como ela do faraó Amenófis III. O costume tradicional egípcio não via nenhum mal nestes casamentos entre pais e filhos, irmãos e irmãs. A palavra incesto lhes era desconhecida. Ao contrário, consideravam êste costume como um meio de salvaguardar a pureza da raça e do sangue real. A lenda da deusa Ísis deu o exemplo. Acaso o deus Osíris não casou com sua irmã Ísis, que deu à luz a Hórus? Nenhuma destas considerações revoltavam a jovem princesa ao saber que iam casá-la com Amenófis Amenhotep IV. A única razão era o seu amor por Mai, o filho do nobre Siamun, Primeiro-Conselheiro Real. Mai, que era belo como um deus, que cresceu junto com ela, entre as crianças do palácio Charuk, era da sua própria idade e tinha os seus mesmos gostos. Mai... que era alegre, franco, corajoso e leal. Ah! Só agora compreendia por que a rainha Tii, ao vê-los sempre juntos, tinha resolvido mandar Mai para bem longe dela, nas propriedades de seu pai em Tânis!

Nefertiti amava Mai com tôda a fôrça da sua juventude. Sentia que jamais poderia viver ao lado de um homem como Amenófis IV, com aquele crânio disforme, aquelas faces esquálidas, aquele corpo andrógino, de músculos afeminados, ancas arredondadas e ventre demasiado grande. Dava-lhe náuseas pensar nele como seu marido! Iam forçá-la a desposar Amenófis... e ela teria que viver com êle no palácio, mumificada viva...

Já não havia mais sonhos a tecer agora que ela conhecia a verdade. Seu corpo delgado tremia como um junco agitado pelo vento. As lágrimas começaram a correr grossas pelas suas faces. E, súbito, ela começou a soluçar desconsoladamente.

Gilukhipa ergueu-se, visivelmente aborrecida com a atitude da filha. Seu maior desejo era ver Nefertiti no trono e, para isso, não lhe importava o preço.

— Foi Tii quem decidiu! — falou irritada. — E não adiantam nada estas tuas lágrimas. Afinal, que mais queres? Serás rainha do país de Kêmi, a Senhora das Duas Terras...

— Para ser rainha não preciso casar-me com Amenófis — retrucou Nefertiti entre soluços.

E logo, acalmando-se, acrescentou:

— A coroa do Egito já passou pelas mãos de muitas rainhas. Minha grande antepassada Hatxepsut, após a morte de Tutmés, reinou sozinha! Não teve necessidade de um faraó ao seu lado para governar o nosso povo. Farei como ela, reinarei sòzinha, se o faraó, meu pai, o quiser! Jamais casarei com Amenófis! Nem que eu tenha

que atravessar os campos sombrios da morte, governados por Osíris...

Gilukhipa não se dignou responder. Dando as costas a Nefertiti, afastou-se, deixando o jardim. Quando ela desapareceu atrás das palmeiras e dos sicômoros, Sitka aproximou-se. Nefertiti pousou a cabeça em seu ombro e rodeou-lhe o corpo magro com os braços.

— Ah, Sitka! — soluçou num murmúrio.

A velha aia pegou nas mãos de Nefertiti com uma ternura singela e levou-a dali. Quando entraram nos aposentos da princesa, Sitka falou:

— Quem sabe se o faraó, vosso pai...

Nefertiti cortou-lhe a frase, dizendo:

— Não adianta! Tenho é que procurar Tii e esclarecer a situação. Nada se faz no Egito sem que ela o queira!

— Acalmai-vos, minha jovem senhora. Eis aqui um pouco de hidromel. Deixai que êle adoce os vossos pensamentos.

E Sitka ofereceu-lhe uma taça de ouro com a suave bebida.

Nefertiti bebeu apenas um gole e logo pousou a taça sobre uma das mesas. Enxugou as lágrimas e chamou as escravas para lhe retocarem a pintura do rosto.

Depois, ergueu-se, mais confiante em si mesma, e dirigiu-se aos aposentos de Tii, na Casa das Mulheres. O harém do faraó abrigava mais de trezentas mulheres, vindas das mais diversas partes do mundo. Nefertiti passou pelos aposentos dos príncipes e das princesas e alcançou o apartamento do faraó. Teve uma certa surprêsa quando observou que a ante-sala do quarto de Tii era ornada com murais cobertos de pinturas eróticas. Com as faces vermelhas de vergonha, Nefertiti passou altiva como um antílope entre os eunucos que constituíam a guarda em serviço. Ao ver a princesa, eles estenderam as mãos diante dos joelhos, conforme se fazia ante as pessoas importantes. Ao lado da porta dourada havia uma grande estátua de Tii, em granito cinzento, protegida pela deusa-serpente *Mert-Segart.*

Nefertiti abriu a porta e entrou. No grande aposento, pavimentado de mármore rosado, muitos pássaros gorjeavam em suas gaiolas douradas. Tii jamais esquecera a sua antiga profissão de vendedora de pássaros na juventude. Junto ao quarto de dormir ficava a sala de abluções, e a seguir as salas dos banhos e de unção.

A Grande Esposa Real estava na primeira sala, recostada num leito de cedro forrado com peles de camelo. Uma escrava calçava-lhe as sandálias de fibras de papiro, enquanto sua aia Houia penteava-lhe a longa peruca castanha, com um pente de madeira de acácia decorado de antílopes.

Tii ergueu os grandes olhos serenos, olhou Nefertiti e sorriu.

— Bem-vinda sejas, minha jovem gazela!

Tii gostava de Nefertiti à sua maneira, que era rude e fria. Alegrava-se em saber que seu filho Amenófis IV desposaria uma

mulher digna dele: altiva, independente, insolente também, o que era bom para uma futura rainha... mas inteligente, observadora, generosa, enérgica, apesar da sua grande sensibilidade e de suas mudanças de humor, próprias da sua pouca idade... Assim era Nefertiti, e assim era que Tii queria uma mulher para seu filho Amenófis Amenhotep IV. Ele seria o décimo faraó da gloriosa décima-oitava dinastia. Tii amava Amenófis IV com um carinho especial. Ela tinha mais de trinta e cinco anos, quando, afinal, após muita espera, deu à luz ao pequeno príncipe. Antes, tivera apenas quatro filhas de Amenófis III, mas ela queria colocar um herdeiro no trono do Egito e só sossegou quando o menino nasceu.

— Senta-te perto de mim — disse Tii.

Nefertiti obedeceu. Não sabia como ia começar o assunto. Mas com Tii não adiantavam rodeios. O melhor seria usar de uma franqueza rude.

— Mandei vir da Líbia este leque para ti — falou a rainha. Ia mandar Houia chamar-te, mas tu te antecipaste aos meus desejos.

E assim dizendo, Tii entregou o presente a Nefertiti.

Era um leque maravilhoso, composto de duas fileiras de grandes plumas brancas. O cabo de ouro era em forma de talo de papiro terminando em flor, e a peça em feitio de semicírculo, onde estavam fixas as plumas, era em marfim rendilhado.

A princesa agradeceu e depois disse, aparentando calma:

— Ouvi dizer que meu pai, o faraó, vai tornar vosso filho co-regente no trono do país de Kêmi.

Tii teve um breve sorriso. Com um gesto mandou que as escravas saíssem. Fez sinal para que apenas Houia ficasse.

— Teus ouvidos escutaram a verdade... — respondeu Tii, e erguendo-se do leito caminhou até o grande espelho de prata do toucador.

Nefertiti observou-lhe o corpo ainda elegante apesar dos seus cinqüenta e dois anos de idade. Tii tinha uma fisionomia um pouco felina, com um olhar direto, agudo, indicando toda a astúcia feminina aliada a uma vontade indomável. Vestia a alva túnica de linho real, que modelava seu corpo com pregas de uma regularidade impecável. Trazia ao pescoço uma longa corrente de ouro com a cruz *ankh* ou cruz da vida. A jóia era feita numa grande placa de ouro cinzelado e incrustada de esmeraldas, cornalinas, lápis-lazúli, turquesas e ametistas — as pedras nobres do antigo Egito. A peruca de cabelos naturais estava trançada em inúmeras tranças pequenas, segundo um costume bem africano que Tii muito apreciava.

Olhando para Nefertiti através do espelho, a rainha falou:

— Mas... acaso este assunto sobre meu filho te interessa tanto a ponto de vires aqui, tão cedo, confirmar a notícia? Não esperas, talvez, que eu te diga o nome da co-regente, aquela que reinará ao lado do meu filho?

Nefertiti mordeu os lábios. E logo respondeu impetuosamente:
— Sei que sou eu e foi por isto que vim até aqui! Para ser rainha eu não preciso desposar o co-regente! A coroa já passou pelas mãos de muitas mulheres no Egito. Por que devo desposar o teu filho, se amo a um outro homem?

Nefertiti parou de súbito, consciente de que tinha falado demais.

Tii permaneceu tranqüila. Nenhum sinal de raiva turvou o seu semblante. E disse friamente:

— Nefertiti... tu te esqueces que não és filha da Grande Esposa Real... Para seres rainha do Egito terias que esperar a morte do meu filho e de minhas quatro filhas... por isso não deves aspirar a tal honraria. Lembra-te de que és apenas a filha de uma das mulheres do harém de Amenófis III.

— Minha mãe é uma princesa mitaniana. Tem mais sangue real nas veias do que as passarinheiras dos bosques de junco e de papiro!

Tii soltou uma gargalhada.

— Sabes... — disse sarcástica — se eu quisesse mandaria matar-te por causa destas palavras...

— Eu não tenho medo de ti, Grande Esposa Real! — falou Nefertiti com altivez.

Tii era uma mulher enérgica, que, acima de todas as qualidades, apreciava a coragem. Ela sabia que Nefertiti falava sob o impulso da cólera, mas admirava aquela franqueza, aquela insolência, signos de boa raça. Era assim que ela queria uma esposa para seu filho.

— Saiba que eu não vou desposar o teu filho! — continuou Nefertiti.

Tii riu de novo com a audácia da jovem princesa.

— Sei que serás uma grande rainha, Nefertiti. Não recuses o casamento com teu irmão. Eu não saberei escolher outra esposa melhor do que tu, minha jovem gazela. Teu coração ainda não sabe o que é o amor, portanto, deixa-o amadurecer ao calor da bondade de meu filho. Êle é um poeta, um sonhador e tu foste feita para êle, como eu fui feita para o teu pai!

O desespero tinha desaparecido da alma de Nefertiti diante da estranha fôrça mental daquela mulher. De novo as lágrimas voltaram a ser sementes nos seus olhos e ela começou a soluçar baixinho. Aos poucos os soluços aumentaram e Nefertiti saiu correndo para os seus aposentos, gritando com a voz molhada de lágrima:

— Eu o detesto! Jamais desposarei Amenófis!

Tii por um momento cerrou os olhos e sorriu, sem dar muita importância ao caso. Sabia que a sua vontade seria cumprida.

• • •

O tempo girou como o torno de um oleiro. À medida que os dias passavam, Nefertiti foi delineando um plano. Sitka talvez pudesse levá-la para Mitani. Lá, seu avô, o rei Shutarna, não a obri-

garia a desposar um príncipe disforme. Que o país de Kêmi seguisse o seu caminho, ela seguiria o dela e talvez pudesse entrar como vestal num templo de Aton, em Mitani. A princesa pensou friamente e logo o seu plano ficou pronto. Mas cedo viu que não podia contar com Sitka para a fuga. Ela jamais deixaria Gilukhipa para voltar a Mitani. Temia a cólera de Tii e do faraó...

Só restava uma solução: ir procurar Mai, na cidade de Tânis. Ele nunca deixaria de ajudá-la, e talvez pudessem ir juntos para a Síria ou Babilônia. Lá se casariam e seriam felizes. Sabia que seriam perseguidos por Tii. Contra eles ela poderia fazer as piores magias. Nefertiti não duvidava disto, mas não sentia medo. Confiava no deus Aton, que era poderoso bastante para protegê-la! Recordou Sitka, procurando convencê-la:

— Pensa bem, minha jovem senhora! Vosso destino está no Egito. Amenófis IV tem uma vontade débil. Será fácil convencê-lo a deixar o deus Amon e a estabelecer, no Egito, o culto de Aton, o deus único!

Amenófis era pouco mais velho do que ela. Tinha dezesseis anos. Segundo Sitka, ele era muito místico e passava o tempo todo em companhia dos sacerdotes de Amon, estudando os atributos dos deuses. Sua saúde era muito delicada. Diziam que ele sofria do mal divino — a epilepsia. Muitas vezes os escravos o carregavam para o palácio; quando atacado por esta doença debilitadora, ele caía nos campos de papoula a murmurar versos, alheio à realidade, de olhos parados. Contavam, também, que ele amava os adolescentes e chamava-os de meus queridos... Ah! Por que não era ele másculo e viril como o jovem Mai? Por que não ia dirigir os exércitos do faraó que combatiam os hititas? Nefertiti não gostava do temperamento de seu meio-irmão. Preferia fugir, ir ao encontro de Mai, enfrentando todos os perigos. Sabia que o trajeto era longo, através das águas do Nilo. As margens do rio estavam cheias de crocodilos, mas... ela escolheria um barco sólido e grande, feito de folhas de papiro muito bem unidas. Levaria algumas jóias, dinheiro, provisões, uma esteira grossa para se proteger da umidade da noite, seu amuleto de Aton que sua mãe lhe dera e um talismã de argila sobre o qual estava gravada uma fórmula mágica contra o ataque dos crocodilos e... talvez levasse também sua escrava Mischerê. Hesitou um momento ante a possibilidade de levar a escrava favorita, mas por fim o mêdo da solidão decidiu-a a levar Mischerê.

E, no quinto dia da terceira lua do mês de Toth, ela esperou ansiosa que o sol morresse no poente, que a lua nova surgisse no céu e que tudo ficasse em silêncio, para esgueirar-se através do imenso jardim. Passou pelo portão dos lírios e, acompanhada por Mischerê, desapareceu por uma porta oculta entre as folhagens. Caminharam rapidamente pela Avenida dos Carneiros e cruzaram os mercados. Tochas ardiam diante das casas e lanternas de óleo, em

cima de colunas, iluminavam as esquinas das ruas. De uma taverna saíam os acordes de uma música síria que ela conhecia. Uma mulher cantava a canção chamada *Os Belos e Alegres Cantos da Irmã que Teu Coração Ama e que Passeia Pelos Campos*:

"O amor da minha amada salta à beira do rio.
Um crocodilo espia da sombra;
mas entro na água e arrosto de peito a corrente.
Minha coragem mostra-se grande
e a água é como a terra aos meus pés.
O amor me torna forte.
Ela é para mim um livro de mágica.
Quando a vejo, meu coração pula,
meus braços estendem-se para colhê-la;
meu coração rejubila-se quando minha amada vem.
Se a abraço, sou como quem está na Pátria do Incenso,
como quem carrega perfumes raros.
Quando a beijo, seus lábios se abrem
e eu me embriago sem vinho.
Eu queria ser a escrava negra que a atende,
para contemplar o matiz de todos os seus membros.

E as tocadoras de flauta repetiam:

Sou tua primeira irmã,
e para mim és como o jardim
que plantei com todas as flôres cheirosas.
Encaminhei para êle um canal em que pudesses
mergulhar a tua mão quando o vento norte escalda.
Oh, o belo lugar onde passeio quando tenho tua mão
na minha e meu coração está claro como o orvalho
da manhã!"

Nefertiti e Mischerê, vestidas com roupas de linho grosseiro, tal como as mulheres do povo, passaram despercebidas pelas pessoas que andavam pelas ruas. Afinal, aproximaram-se da margem direita do Nilo, onde Mischerê tinha escondido o barco com a ajuda de um eunuco que ela subornara. Pouco depois a viagem começou e o barco desceu tranqüilamente o Nilo de margens misteriosas.

A alvorada veio encontrá-las felizes, vogando sobre as águas do Nilo. Em ambas as margens estendiam-se campos onde bois arrastavam arados de madeira e camponeses seguiam os sulcos semeando. Pássaros ondulavam com doce chilrear sobre as águas lentas. Palmeiras ondulantes ladeavam as margens e, à sombra de altos sicômoros, viam-se as choupanas e as casinhas da aldeia. Ao longe, o cume das Três Colinas, eternas guardiãs de Tebas. Mais adiante, avistaram o teto do grande Templo de Karnac com suas colunas

papiriformes, os inúmeros prédios que o cercavam e o grande lago sagrado. Para o lado ocidental a Cidade dos Mortos se estendia até as altas montanhas, e mais longe ainda, em direção ao oeste, os olhos vagueavam através da vastidão do deserto.

Cinco dias depois o barco ainda flutuava nas águas, levado pela corrente. Nefertiti sabia que seu pai tinha mandado guardas no seu encalço, mas esperava que a rapidez da corrente fôsse superior à dos emissários reais. Ficou inquieta quando se aproximaram do velho pôrto de Noph. Sabia que quando atingisse a região do Baixo Egito, as dificuldades começariam, porque o rio, no seu delta, se separa como os dedos de uma mão aberta. E ainda faltavam muitas noites para que elas desembocassem no mar. No íntimo, Nefertiti estava um pouco desanimada com aquela viagem tão sem confôrto. Mas, quando pensava que estava livre de Amenófis IV, suas fôrças se renovavam. Os grandes papiros se agitavam ao sôpro leve do vento e, no silêncio da tarde, Nefertiti podia ouvir o movimento dos bichos que, sentindo a aproximação dos sêres humanos, saíam de seus esconderijos nas margens. Súbito, Nefertiti avistou o primeiro crocodilo. Êle dormia sobre um banco de areia, imóvel como um tronco morto.

Num gesto instintivo a princesa ergueu as mãos para o céu e começou a murmurar uma fórmula mágica, esperando que sua influência oculta fôsse o bastante para livrá-las do perigo. Sentada na pôpa, a escrava tremia de mêdo e invocava Khnum, o deus dos setenta olhos e dos setenta ouvidos; em voz baixa chamava Neter, o grande espírito dos deuses; Ptah, o dispensador de tôda a vida; Ísis, a Mãe Divina, mas as palavras se embaralhavam em sua mente e ela não conseguia rezar direito.

Mas apesar disto os deuses tiveram piedade das duas adolescentes e mandaram socorro na figura de um homem alto e negro, forte como o boi Ápis, que, tendo nas mãos o laço feito com uma grossa corda, avançou cautelosamente pela margem e laçou o monstro pela goela, dominando-o.

Por fim o homem ergueu-se e Nefertiti soltou um suspiro de alívio.

O homem voltou-se e começou a rir.

— Como te chamas? Nunca vi o teu rosto entre as escravas do meu senhor, o nobre Peser.

Olhando-o com altivez, Nefertiti respondeu:

— Eu não sou escrava nem do senhor Peser nem de ninguém. E esta moça que aqui está é minha serva. Vou a Tânis, ao encontro do meu marido, que é escriba no Templo de Ísis.

— Tânis fica bem longe daqui — retrucou ele —, e se desces o rio não irás para o Sul, mas sim para a cidade de Sais, que fica ao Norte...

Nefertiti empalideceu. Sentiu-se perdida. Sabia que se passasse por Sais seria reconhecida por muita gente. Tudo estava perdido... irremediàvelmente perdido...

— Jovem senhora que vai a Tânis — disse o homem —, não deves continuar viajando, pois breve o rio crescerá com a época das cheias que se aproximam. Vem comigo, vou levá-las aos domínios de meu senhor, onde poderão passar a noite e repousar. A casa dele fica ali, na margem oposta do rio.

Nefertiti ficou em silêncio. Por um momento hesitou, mas logo viu que era melhor fazer o que dizia o homem. Desceu do barco junto com Mischerê, e o negro colocou-o nas costas como se fôsse uma fôlha de papiro. Por algum tempo andaram pelos campos cobertos de trigo. Afinal avistaram a mansão de Peser Zaroy. Ficava em meio a um jardim de acácias e sicômoros.

Zaroy parecia ser um homem bastante opulento e por certo já tinha sido avisado da fuga da filha do faraó. Nefertiti sabia que estava em perigo. Então, teve uma idéia:

— Estou muito cansada — falou —, vou sentar-me aqui nesta pedra com a minha serva. Tu vais na frente e avisa o teu senhor. Deixa aqui o meu barco para descansar as tuas costas.

Como toda resposta, o gigante negro, que já desconfiava que ela era a princesa fugitiva, depositou o barco no chão e ergueu nos braços Nefertiti e Mischerê, carregando-as como se fôssem duas penas de íbis. Nefertiti quis reagir, mas logo lembrou-se que de nada adiantaria e deixou-se levar.

• • •

Peser Zaroy estava nos aposentos de suas concubinas, pronto para fazer a refeição da tarde. As escravas tinham trazido pato assado e frutas imersas em mel. Zaroy comia vorazmente, ouvindo o cântico das mulheres, quando o chefe dos eunucos entrou precipitadamente no aposento.

— Senhor... perdoa-me interrompê-lo, mas vosso escravo etíope acaba de chegar acompanhado por duas moças que parecem ser a princesa Nefertiti e sua serva.

— Onde estão elas? — indagou Zaroy, excitado e feliz, pensando já na recompensa que o faraó lhe daria quando êle lhe devolvesse a filha.

— No aposento oeste da Casa das Mulheres.

Zaroy levantou-se. Deixou que uma escrava lhe lavasse e enxugasse as mãos engorduradas e saiu seguido pelo chefe dos eunucos.

Bateu de leve na porta do quarto onde repousava a princesa, e, como esta o mandasse entrar, avançou com a cabeça baixa e os braços cruzados sobre o peito, tal como um nobre deve saudar um membro da família real. Ficou perplexo. A primeira coisa que viu

AMENÓFIS III

Esta cabeça em granito negro do faraó Amenófis III está no Museu do Louvre, em Paris. Amenófis III, o Magnífico, foi o pai da rainha Nefertiti e do faraó Amenófis IV ou Akhnaton.

foi dois pares de pés femininos sujos de lama, a tal ponto que ele não soube distinguir quais eram os da futura rainha do Egito.

Ergueu os olhos e reconheceu logo o formoso semblante de Nefertiti.

Ela sentiu o coração doer de angústia. Aquele homem, ali diante dela, vestido de linho fino e usando jóias preciosas; aquêle homem era o mesmo que ela vira tantas vezes em companhia do faraó... Então, Nefertiti sentiu-se quase desfalecer. Não adiantava mais fingir que era a esposa de um escriba de Tânis. Recuperando o domínio de si mesma, Nefertiti falou:

— Sim, eu sou Nefertiti, a filha do faraó! Já sei que recebestes ordens para levar-me de volta a Tebas, não é mesmo? Bem, cuidaremos disto mais tarde. Agora, posso esperar da tua hospitalidade um banho e roupas limpas para mim e minha escrava?

A uma ordem de Zaroy, cinco servas lèvaram Nefertiti para a sala de banhos. Mischerê acompanhou a sua senhora.

A superintendente do harém tirou a roupa enxovalhada da princesa e depilou cuidadosamente todo o seu corpo com uma afiada navalha de sílex, tal como era costume entre os nobres. Depois, Nefertiti entrou na grande piscina cheia de água de rosas. Ela se estendeu e ficou flutuando sobre a água clara, entre milhares de pétalas de rosas vermelhas. Logo, chegou até a beira da piscina rodeada de lajes de faiança colorida, para que as escravas lhe esfregassem o corpo com a casca de uma planta envolta em pedaços de linho fino e que produzia uma espuma suave. Em seguida, Nefertiti mergulhou até o fundo da piscina. Voltou à tona, graciosa como uma ninfa. Boiando e com as mãos cruzadas atrás da cabeça, ela olhou a esbeltez quase infantil do seu corpo, a linha alongada de suas pernas morenas, os seios pequenos, emergindo frescos como limões maduros, o umbigo delicado como um poço de cristal, o ventre liso e macio como uma flor sem sombras. Olhar o seu corpo através da água era para ela um prazer. A água penetrava em suas orelhas com a doçura de um beijo. A um canto uma escrava síria tocava harpa e cantava:

"Há sete dias que não vejo o meu amado
e um mal estranho deslizou sobre
o meu corpo. De nada valem as
poções dos mestres da Casa da Vida,
pois só o beijo do meu amado poderá
me reanimar... mas, oh! ele deixou-me
há sete dias e eu languidesço de amor..."

Nefertiti cerrou os olhos e pensou em Mai. Aquela velha canção de amor fazia-a sofrer ainda mais. Suspirou fundo e mandou a escrava parar de cantar. Depois, ergueu-se e saiu do banho. A marca dos seus pés molhados brilhava sôbre o chão de alabastro. De pé, nua e formosa como uma deusa, Nefertiti disse a Mischerê:

— Enxuga-me.

A moça pegou numa grande esponja, porosa e leve, e passou-a pelo corpo da princesa. Em seguida lhe untou e esfregou os membros com óleo perfumado. Calçou-lhe as sandálias de fibras de papiro e vestiu-lhe uma ampla túnica de linho transparente.

— Mischerê — disse Nefertiti —, toma também o teu banho e depois vem ao meu encontro.

E assim dizendo, ela saiu, seguida pela superintendente do harém.

* * *

Dois dias depois chegaram os emissários do faraó em busca de Nefertiti. A nave real a aguardava com uma equipagem de ótimos escravos, que remavam diligentemente. A viagem de volta foi mais rápida do que ela pensava. Sentiu um aperto no coração quando avistou a cidade de Tebas, o palácio Charuk, os templos, o Vale dos Reis, o obelisco da rainha Hatxepsut diante do Templo de Amon, mais adiante a esfinge de granito desta mesma rainha e tantas outras coisas que faziam o encanto de Tebas, a cidade das cem portas.

Do cais real de desembarque, Nefertiti foi conduzida diretamente para a Casa Dourada. Os dias que se seguiram após a sua chegada ao palácio foram monótonos e tristes para a princesa. Quando passava diante da rainha Tii, Nefertiti nem a olhava. Continuava andando com os dentes cerrados de raiva e a cabeça erguida. Mas, por fim, ela teve que se dobrar à vontade da Grande Esposa Real.

Na manhã do décimo-terceiro dia da primeira lua cheia, após ter sido banhada, perfumada e vestida o mais suntuosamente possível, foi conduzida à sala do trono, onde já se encontravam a família real, as concubinas, os nobres e os cortesãos. Seu pai, Amenófis III, estava sentado no trono, usando as vestes de cerimônia e a coroa dupla *pschent*, branca e vermelha, símbolo do Alto e do Baixo Egito. Tinha nas mãos o cetro de ouro em forma de cajado e o chicote de fios de seda vermelha, azul e amarela, símbolos da religião e do poderio. Viu o seu rosto envelhecido, sulcado de rugas, seu corpo magro, sob as vestes reais, e sentiu um aperto no coração. Corria o rumor de que seus dias estavam contados e o herdeiro não demoraria a sucedê-lo. E ali estava ele, ao lado do faraó, imóvel como uma estátua. Usava um largo colar de três voltas, tendo como medalhão um belo escaravelho de ônix com uma fórmula mágica gravada. Um saiote de linho branco, todo pregueado, lhe ia até os joelhos, e, sob o cinturão de ouro, via-se um punhal de rara beleza, cuja lâmina de ferro brilhava como se fosse prata pura. Era uma lâmina de metal hitita, proibido dar ou vender aos estrangeiros, dada sua raridade. Shubiluiuna, o rei hitita, dera-o

como presente de bodas ao príncipe egípcio. E Amenófis IV sentia-se feliz em possuir uma arma tão preciosa. Na cabeça comprida e disforme, o príncipe usava a mitra branca de Osíris, ornada de cada lado com uma longa pluma de avestruz. A Grande Esposa Real vestia uma túnica de linho branco e usava um diadema de ouro terminando em dois grandes chifres recurvos, encimados por um sol, símbolo da deusa-vaca Hathor. Ao seu lado, a rainha Gilukhipa era tôda sorrisos e resplandecia como um ídolo cheio de jóias. Nefertiti procurou Sitka com os olhos. Ela estava num grupo junto com as damas da corte, e sorriu quando os seus olhos se encontraram.

A um sinal do faraó, Nefertiti sentou-se junto ao herdeiro, numa cadeira de espaldar alto e pés em forma de garras de leão. Nisso, trouxeram a coifa das rainhas e o faraó colocou-a sôbre a cabeça de Nefertiti. Era uma coifa leve e luminosa, de ouro laminado, em forma de asas de abutre, cuja cabeça se alçava por cima da fronte da princesa e as asas tombavam sôbre os lados da cabeça. Era o símbolo da deusa Nekhbet, a divindade dinástica dos diademas do Alto Egito, identificando a princesa com a deusa. A rainha Tii aproximou-se e entregou-lhe um pequeno cetro de faiança verde como as águas do Nilo em pleno verão. Seu rosto tinha uma expressão de rudeza, agressiva, imediata e um sorriso triunfal. Nefertiti teve ímpetos de bater-lhe no rosto com o cetro, mas conteve-se a tempo. Desviou os olhos e olhou o cetro em forma de papiro. Segurou-o com firmeza, sabendo que êle representava o verdor, a juventude e a fecundidade. Ouviram-se, então, músicas executadas por quarenta mil harpas e cem mil trombetas de prata, enquanto um côro misto de duzentas mil vozes cantava:

"Salve o nôvo co-regente com seus cinco
nomes sagrados: Nefer-Kheperu-Rá (Bela Essência do
Sol), Ua-en-Rá (Uno com os raios solares), Amenófis (Aquele
com quem Amon está satisfeito), Amenhotep (o repouso
de Amon), Amun-mer-sa-Rá (Senhor dos Diademas),
Salve o Filho do Sol, Guardião da Verdade com
seus quatro títulos preciosos: Poderoso touro
ornado de plumas, favorito das duas deusas,
grande sacerdote da Rá Horakhti, regente da
eternidade! Que ele viva tanto tempo sobre a
terra, até que o cisne fique preto, o corvo
fique branco e os montes se afastem...
Ó grande deusa celeste Nut, estende tuas
asas protetoras sobre ele, por tanto tempo
quanto brilhem as estrelas imorredouras!"

O cântico morreu num murmúrio e logo, ao som dos sistros e das flautas, o coro voltou a cantar:

"Salve Nefer-neferu Nofretete Nefertiti, a
herdeira favorita, soberana cheia de graça,
senhora dos dois países, a de semblante claro,
alegre entre os adornos, rica de amor, senhora
da felicidade a cuja voz o rei se rejubila,
a favorita de Amon, Nefertiti, a bela que veio,
que ela viva e floresça e fique jovem
por tôda a eternidade!"

Terminada a cerimônia, todos se dirigiram para o Templo de Amon, o rei dos deuses, o mais grandioso de todo o Egito. O acesso ao templo era constituído por uma ampla alameda ladeada por esfinges com cara de carneiro, esculpidas em pedra. Na liteira real, carregada aos ombros por quatro escravos negros, Nefertiti olhava tudo com extrema indiferença. Passou pelos dois grandes obeliscos que se erguiam diante do templo sem mesmo olhá-los. Saltou da liteira em frente do pilone, ou porta de acesso ao templo, flanqueado por duas altas torres, recobertas de hieróglifos. Precedida pelo faraó, a rainha Tii e o herdeiro, Nefertiti entrou no amplo Hall de Festas, cercado por grandes colunas com capitéis em forma de fôlhas de papiro. Atrás dela entraram os nobres, as damas e os cortesãos. Entre as colunas, destacavam-se grandes estátuas de reis de remotas dinastias. Subiram uma escadaria de mármore azul e chegaram à sala hipostila, isto é, sala sustentada por colunas de granito rosa e cujos capitéis se apresentavam em forma de flor de lótus. Era uma sala imensa, de cento e três metros de comprimento por cinqüenta de largura. O chão, forrado de lâminas de prata, e o teto de lápis-lazúli incrustado de pedras preciosas, formando estrêlas, era sustentado por trinta e quatro colunas de vinte metros de altura por quase quatro de largura. No fim da sala ficava a parte mais secreta do templo: a morada de Amon, que era mais impenetrável do que a tumba dos faraós no Vale dos Reis. Ao lado da grande porta de sicômoro via-se uma estela de pedra calcária tendo gravados os hieróglifos contendo as palavras de Path, o criador do mundo:

"Relato as quatro boas ações feitas por
meu próprio coração... para anular o mal.
Fiz quatro boas coisas no limiar do horizonte.
Fiz os quatro ventos, para que todos os seres
pudessem respirar a essência vital do ar.
Esta foi a primeira das ações.
Fiz a Grande Inundação para que o pobre
tenha todos os direitos aos seus frutos,
tal como os poderosos.
Esta foi a segunda das ações.
Fiz cada homem semelhante ao seu próximo.
Não os mandei praticar o mal; foram os

seus próprios corações que violaram
meus ensinamentos.
Esta foi a terceira das ações.
Fiz com que seus corações jamais
esquecessem o Oeste — a região da vida eterna —
para que assim pudessem ser feitas sempre
as divinas oferendas aos deuses provinciais.
Esta foi a quarta das ações."

Nefertiti desviou os olhos e contemplou a sala vizinha onde sôbre um altar de alabastro estavam miniaturas do bote dourado e da nave de cedro, que transportavam as estátuas de Amon quando saía do templo, nos dias festivos de procissão. Em volta desta sala alinhavam-se pequenas capelas destinadas ao culto dos deuses secundários; outras salas menores serviam de sacristia e também para guardar as jóias, as roupas e os objetos necessários ao culto religioso.

Todos os grandes sacerdotes de Amon, vestidos com suas longas túnicas de linho púrpura bordadas de lírios de prata, tinham sôbre o ombro esquerdo a sacerdotal pele de pantera. Imóveis e serenos, aguardavam a família real e os altos dignitários da corte. Eje, o sumo sacerdote de Tebas, adiantou-se para saudá-los, no que logo foi imitado por todos. Ouviram-se os acordes de uma música suavíssima e as Cantoras de Amon entoaram seus hinos de júbilo. Eram as mais formosas virgens do Egito, consagradas ao serviço do deus. Viviam reclusas na Casa do Canto, sob a vigilância da Grande Vestal. Cada uma tinha consigo uma noviça para servi-la. Levavam uma vida luxuosa e indolente e não raro acontecia que os sacerdotes brigavam por causa das mais belas. Era também freqüente entre elas os desvios sexuais, muitas viviam juntas como amantes e se abandonavam a este amor bizarro, assim como as algas flexíveis se abandonam às profundas e ondulantes águas...

Nefertiti olhou atentamente o grupo de cantoras, procurando distinguir o rosto de Mischerê, sua escrava favorita, que, por ordem do faraó, tinha deixado o serviço de sua real senhora e entrado como sacerdotisa no Templo de Amon. Afinal conseguiu avistá-la atrás de Marit, a Grande Vestal, que todos chamavam "a bem-amada de Osíris". Mischerê estava com uma expressão triste e longínqua nos grandes olhos escuros e úmidos como as castanhas recém-nascidas. Sua pele branca como o queijo dos pastôres de Ombos era ainda mais clara que a alva túnica de linho transparente que envolvia seu corpo delicado. A túnica era bordada aqui e ali com pequenas abelhas de ouro, que faiscavam à luz dos lampadários. Nefertiti sabia que as abelhas eram símbolos místicos, que os antigos sacerdotes chamavam de "as lágrimas do deus Rá". Representavam a alma humana em evolução e por isso eram bordadas nas roupas das sacerdotisas de Amon. Nefertiti respirou fundo e seus lábios se franziram levemente. Uma expressão misteriosa se esboçou nêles quando

ela pensou: pobre Mischerê, que ama tanto a Ounas, o filho do cirurgião real e que jamais poderá pertencer-lhe! Recordou que Mischerê não era uma escrava qualquer. Seu pai era o rei da tribo dos Bicharis. Fora raptada na Núbia por um bando de nômades, que logo a vendera a um mercador de escravos. Em Tebas, ela foi vendida ao cobrador de impostos do faraó, que, achando-a nobre e bela, deu-a de presente a Nefertiti. A filha do faraó encantou-se com a delicadeza de Mischerê e logo tornaram-se amigas. Um dia, Nefertiti quis devolvê-la à sua gente, mas Mischerê preferiu ficar ao seu lado. Ademais, amava Ounas e era amada por ele, tal como ela, Nefertiti, amava Mai e era correspondida...

Súbito as cantoras terminaram os seus hinos e por três vezes, Marit, a Grande Vestal, fez soar o sistro de prata da deusa Ísis, que emitiu um som agudo e fino, símbolo do movimento cósmico. Diziam os sacerdotes de Ísis que, como o sistro é circular na parte superior, seu arco contém as quatro coisas que se movem, porque a parte do universo que nasce e perece está rodeada pela esfera lunar, porém todas as coisas estão em movimento e mudam dentro dela por meio dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Assim que o sistro de prata emudeceu, teve início a cerimônia nupcial da princesa Nefertiti e do príncipe Amenófis Amenhotep IV.

Enquanto o sacerdote Eje pronunciava as palavras do ritual, Nefertiti desviou os olhos tristes para as brancas muralhas que cercavam o Templo de Amon. Por trás delas ficava a Casa da Vida, onde se estudava Medicina; a Casa da Ressurreição, onde se realizavam os ritos mágicos de Osíris, e a Casa da Morte, onde eram tratados os mortos durante o embalsamamento. Mais além ficavam os aposentos dos sacerdotes, das sacerdotisas, dos escribas, dos noviços, dos intendentes e dos oitocentos mil escravos. Ao norte do grande jardim habitavam as cortesãs sagradas, as amantes de Amon, que se entregavam aos homens em troca de dinheiro e jóias e, assim, enriqueciam ainda mais os cofres, já repletos, do templo...

Ao sul, sob as árvores dos sicômoros, via-se o lago sagrado com seus lótus azuis. E em algum lugar, oculto dos olhos profanos, ficava a entrada para os subterrâneos do templo, onde diziam que o próprio deus Amon iniciava seus adeptos.

Nefertiti voltou a olhar para Eje com extremo desprezo. Eje era um homem alto, espadaúdo, mais parecia um guerreiro do que um sacerdote. Seu crânio rapado luzia ungido com os santos óleos. Eje não perdia de vista a rainha Tii, que todos diziam ser sua amante. Ao seu lado Becankos, o segundo sacerdote de Amon, era todo olhares para Misherê. Nefertiti não gostou daquelas atenções. Pressentia que a moça ia sofrer por causa disto, mas nada podia fazer enquanto não fosse a rainha do país de Kêmi...

Com sua voz grave, Eje exaltava os deuses egípcios e pedia a sua proteção para o novo casal. Nefertiti teve um leve sorriso. Ela não acreditava nos poderes de Amon nem dos outros deuses secun-

dários. Para ela, desde pequenina, tal como lhe ensinara Sitka e o sumo sacerdote de On, o único deus era Aton — o Sol Divino —, divindade sem forma, que não queria sacrifícios nem derramamento de sangue de vítimas inocentes. Ah! O Egito adora deuses demais! — pensou Nefertiti. Um dia, quem sabe? Quando eu for rainha talvez possa convencer Amenófis a ser um seguidor de Aton...

* * *

Naquela noite, durante o banquete de núpcias, Nefertiti não olhou nem uma só vez para Amenófis IV. Distraiu-se vendo os convivas que bebiam alegremente o vinho da casa real e comiam figos, tâmaras, doces de sésamo, creme de lentilhas, pato assado no mel e o famoso *Eish-Saraya* — o pão do palácio —, um doce delicioso que ela tanto apreciava, mas que naquele dia não lhe apeteceu. Em dado momento chegaram quarenta bailarinas núbias e começaram a dançar a *Canção dos Quatro Ventos*, ao som da famosa orquestra síria de Amenófis III. Seus corpos jovens e bronzeados, vestidos com transparentes véus vermelhos, formavam um conjunto fascinante, cheio de gestos ondulantes e harmoniosos.

Algumas horas antes de Sírios, a estrela de Ísis, assinalar o amanhecer, as aias da rainha vieram buscar Nefertiti para levá-la ao aposento nupcial. A festa prosseguiu animadamente e logo depois o faraó e a rainha Tii, completamente embriagados, foram levados pelos escravos para os aposentos reais. Amenófis IV também se retirou. Foi, então, que a orgia se espalhou como o vento norte. *Novos convivas chegaram e seus olhos cobiçosos pareciam querer devorar as bonitas escravas que usavam apenas uma coifa dourada, um largo peitoral de faiança azul e sandálias de pele de camelo. Vários cântaros de vinho tinham se quebrado e molhavam o chão de mármore do salão como um rio dourado e borbulhante. Havia muito falatório, música e risadas. Uma mulher sentiu-se mal e começou a vomitar. Era Tauser, a jovem bela e libertina esposa do governador de Mênfis. uma escrava lhe aproximou um vaso de alabastro e todos começaram a rir. Assim que se refez, Tauser ajeitou a peruca de seda violeta e recomeçou a beber vinho. Deitada de bruços sobre a mesa, em meio às frutas esmagadas, ela entreabriu as vestes de linho fino e começou a acariciar os seios rijos e fartos. Perto dela, Ineni, um dos arquitetos do rei, gritou para uma serva:*

— Vamos, traga-me dezoito taças de cerveja, pois tenho a garganta seca como palha!

E logo, inclinando-se sobre Tauser, puxou-a para o colo e começou a sugar-lhe os seios gulosamente. Tauser ria alto e todos riam com ela. Súbito, Ineni pegou uma taça cheia de vinho e mergulhou nela o seio direito da mulher, dizendo entre risos:

— Bebe! Tu estás sedento como os beduínos do deserto!

Junto deles, Dohotep, uma das damas da rainha, obedecendo à tradição das orgias tebanas, se entregava a dois amantes ao mesmo

tempo. Mais adiante, sôbre um espesso tapete branco, um rapazinho imberbe deixava-se possuir pelo impetuoso Kurigasul, o rei da Babilônia, que, com os olhos luzindo de gôzo, parecia o deus Set tentando violentar o menino Hórus, nos campos da ilha de Chêmis, onde Ísis o concebeu...

Horembeb, o capitão da guarda real, agarrou Nofret, a pequena tocadora de flauta, que percorria a sala rindo com uma botija de vinho na mão. Com a garganta cerrada de desejo, ele falou:

— Vem, senta-te sôbre o meu falo erguido para que a minha semente te penetre na forma do divino falcão, de quem sou filho!

Nofret não se fez de rogada. Com um brilho novo nos grandes olhos verdes, soltou um longo suspiro, que a deixou aniquilada nos braços fortes daquele homem, que podiam dobrar o arco mais rijo.

* * *

Recostada num amplo leito com pés em forma de patas de touro, Nefertiti, completamente nua, como mandava a tradição nupcial, esperava o seu esposo. Apoiou o crânio liso e macio num encosto de cabeça feito de marfim e ficou pensativa. De repente, invadiu-lhe um obscuro sentimento de vergonha e ela puxou sobre o corpo o fino lençol de linho bordado com as imagens do deus Bés e da deusa Tuéris, encarregados de proteger o sono real. Pensou no corpo disforme e afeminado de Amenófis IV e teve um arrepio de asco. Dentro em pouco ele viria e ela seria forçada a suportar o seu amor...

Lágrimas silenciosas deslizaram por suas faces macias. Ouviu um leve ruído e sentiu a presença dele no quarto. Ergueu os olhos cheios de lágrimas e viu seu marido ao seu lado. Nefertiti teve um movimento de recuo.

Amenófis aproximou-se. Estava descalço e uma estreita tanga de linho fino lhe cobria as ancas arredondadas. Seu crânio comprido brilhava sob a pálida luz difusa do lampadário.

— Vim dizer-te boa noite — disse Amenófis com uma voz calma e quase rude.

Nefertiti continuou em silêncio.

— Não precisas ficar à minha espera — continuou o príncipe —, dorme e esquece, se puderes, que hoje te casaste comigo... a coroa do Egito está assegurada, a dinastia pode esperar...

Talvez porque o perigo se afastasse, Nefertiti sentiu-se mais confiante em si mesma e retrucou:

— Eu não estava à tua espera... pensava em outras coisas... não sou tão jovem a ponto de ter que dormir assim que a barca de Amon se esconde atrás das colinas. E tu, por que não foste dormir? Disseram-me que sempre te deitas cedo, a fim de levantar de madrugada para saudar o deus Amon, quando sua barca aponta no oriente,

— Sim, eu adoro Amon tôdas as manhãs. E que tem isso? Por que não fazes o mesmo?

A voz do príncipe era grave e vibrante e Nefertiti divertiu-se em ver que tinha iniciado uma discussão teológica. Ouvira dizer que seu irmão, de temperamento calmo e passivo, ficava agitado quando abordava questões religiosas e que tôda uma violência subterrânea emergia de dentro dêle.

Amenófis olhou a esposa com frieza. Afinal, que era ela para ele? Sua mulher? Ora, ela o detestava a ponto de tê-lo rejeitado sem mesmo fazer um esfôrço para compreendê-lo. Quando soube que Nefertiti fugira, Amenófis procurou a rainha Tii e falou:

— Grande Esposa Real... sei que é costume o irmão desposar a irmã... mas, no meu caso, não poderei desposar minha irmã Baketamon em vez de Nefertiti? Por que obrigá-la a desposar-me se me detesta tanto a ponto de recusar uma coroa?

Mas Tii respondeu, peremptoriamente:

— Nefertiti foi feita para ti como eu fui feita para o teu pai! Não importa que ela não te ame, tu poderás dominá-la como se domina um potro selvagem...

E Amenófis teve que curvar a cabeça e desposar Nefertiti. Mas jurou vingar-se da sua hostilidade. Entretanto, eis que Nefertiti se revela fria, inconseqüente como qualquer mulher do harém! Acaso não zombava ela do seu culto a Amon, o rei dos deuses? Isto era uma prova de que o seu espírito era frívolo como o de uma criança.

— Que sabes tu de Amon-Rá — perguntou ele com ironia. Tens a cabeça e o coração completamente vazios. Só deves pensar em luxos e frivolidades.

Nefertiti sentiu-se magoada:

— Sou uma futura rainha e sei que tenho deveres para com o meu povo. A verdade do meu coração não se alterou só porque os padres de Amon me ensinaram as palavras vãs dos textos sagrados! Isto é mais próprio de ti, Amenófis... acaso um de teus cinco nomes não significa "Amon está satisfeito"?

— Eu não vou perder tempo em te explicar a grandeza de Amon, nem mesmo em escutar as tuas palavras sem sentido. Afinal, que me importa que compreendas isto ou não? Estás aqui para me dar um filho. Não sou tolo a ponto de pensar que tu és uma mulher de valor como minha mãe...

Os dois adolescentes se olharam como dois animais prontos para o combate. Nefertiti estava irritada demais para poder falar com seu irmão sôbre Aton. Então, disse friamente:

— Disseste bem, a coroa do Egito está assegurada, a dinastia pode esperar! Vai estirar-te lá onde estão as tuas belas mulheres do harém, que derramaram mirra sôbre os seus cabelos e esfregaram

suas axilas com incenso fresco. Elas te esperam trêmulas de alegria, mas eu nada sinto por ti. Esta noite, se me possuíres, teu ato será bárbaro como uma violação!

— Hoje, eu não estou disposto a possuir-te, Nefertiti — falou Amenófis com uma raiva contida —, mas, quando eu quiser, virei aqui para isso, porque tu és a minha mulher. Se o sol não ilumina a terra, esta só gera desolação e desgraça... e tenho pena de ti, minha irmã...

E assim dizendo, Amenófis voltou-se e saiu.

OS MISTÉRIOS SAGRADOS DA CASA DA LUZ

"Equivale a aspirar a divindade, o desejo de possuir a verdade, particularmente a verdade relativa ao que concerne a Deus. Esse desejo é como uma admissão às coisas santas; ele nos estimula a instruir-nos e a buscá-las, e nos encaminha rumo a uma forma de atividade mais santificadora que pode ser qualquer espécie de purificação ou qualquer função sacerdotal."

Plutarco, em *Isis e Osiris.*

Pela manhã, depois de ter dormido mal à noite, Tii acordou. Sentia-se entediada, com desejo de não começar o dia. Preocupava-a a situação matrimonial de seu filho. Corriam rumores no palácio de que Amenófis e Nefertiti não se entendiam bem. Ademais, sete luas já tinham se passado e o ventre de Nefertiti permanecia infecundo. Tii não tardou em saber a razão: Nefertiti ainda era virgem...

Indignada, Tii chamou Amenófis IV e ordenou-lhe que cumprisse o seu dever para com a esposa, a fim de assegurar um herdeiro para o trono. Amenófis mostrou-se hesitante. Não queria possuir sua esposa à força. Mas, diante da cólera de Tii, intimidou-se e cedeu. Prometeu à mãe que naquela mesma noite Nefertiti seria sua. E assim foi. Mas Tii só se acalmou quando ele veio dizer-lhe que já tinha cumprido a promessa.

— Agora só nos resta esperar que a tua semente frutifique — disse ela.

— Assim será — respondeu Amenófis. Eu e Nefertiti somos de boa raça.

Foi ao crepúsculo daquele primeiro dia do quarto mês de Khoiak, que todo o país de Kêmi festejou o renascimento do deus Osíris. Era o começo da primavera e o povo acorreu pressuroso até as margens do Nilo, para apreciar os festejos. A imagem de Amon, pintada de puro azul e resplendente de jóias dentro do seu bote dourado, foi carregada aos ombros pelos sacerdotes através das ruas de Tebas, para que todos vissem o seu deus supremo. À frente do cortejo, cantavam e dançavam as formosas cantoras de Amon. Espalhavam pétal de flôres pelo chão e uma delas segurava o Tu-

riferário, fazendo oscilar o incensório, que espalhava o aroma do incenso aromático especialmente confeccionado para este fim, estabelecendo uma linha de enlace com as fôrças dos planos internos da mente. Atrás da imagem divina de Amon vinham as imagens de Ísis, de Osíris, de Hórus, de Toth e de Anúbis. Em seguida, vestido de púrpura, caminhava o sumo sacerdote, sob um pálio pomposo, acompanhado de seu séqüito, cantando hinos em côres. Por onde passava a procissão, a multidão se ajoelhava e estendia as mãos rente ao chão, para orar aos seus deuses.

Depois, Amon e as outras divindades foram levados através das águas do Nilo em sua grande nave de cedro, resplendente como um trono, onde se erguia um altar de trinta metros de altura, maravilhosamente engalanado de flôres e primorosos bordados. A popa daquela fantástica nave era de ouro puro; de púrpura, as suas velas impregnadas de suaves perfumes. Os remos eram de prata e os remadores faziam o seu trabalho ao som de flautas e de liras. De toda a embarcação exalava um vapor perfumado, com que se embriagavam os cais mais próximos, vibrantes de multidão. Ao lado do altar, sob um pavilhão forrado de malha dourada, estavam as cantoras de Amon, que serviam de ornamento ao barco com as graciosas curvas de seus corpos envoltos em transparentes véus coloridos. Em volta delas, formosas meninas nuas agitavam grandes leques de plumas brancas para refrescar o ambiente, enquanto que duzentos incensórios de ouro lançavam nuvens de fumaça perfumada, que, voando sôbre o rio, levavam seu aroma até a Terra do Poente.

Antes de iniciar o festival do renascimento de Osíris, o sumo sacerdote entoou um hino a Amon-Rá, que dizia:

> *"Os deuses Te adoram e Te saúdam, oh! Tu, Única Verdade Enigmática, Coração do Silêncio, Mistério Oculto, o Deus Interno que se assenta no sacrário, Tu, Gerador dos seres, Tu, o único Ser. Adoramos as almas de Ti emanadas, que de Teu Ser Participam e são Tu mesmo. Oh! Tu, que estás oculto e não obstante manifesto, adoramos-Te ao saudar cada alma divina que de Ti surgida vive em nós."*

Em seguida, as cantoras de Amon começaram a representar quadros vivos, referentes à lenda de Ísis e Osíris. Súbito, ouviu-se a voz grave e macia do Guardião do Manuscrito Secreto, narrando a remota lenda divina:

— "Rá, o Criador do mundo, teve por descendentes a Geb, o deus da terra, e Nut, a deusa do céu, em cujo corpo navegam os astros. Por algum tempo, Nut e Geb governaram os homens. Mas, desanimados com a sua ingratidão, voltaram ao reino celestial. Então, seus filhos Ísis e Osíris vieram continuar a árdua missão. E conta-se que, um dia, Pamiles, a vestal de um templo de Tebas, quando

ia buscar água na fonte sagrada do Templo de Amon, ouviu uma voz celestial, que dizia:

— Ísis e Osíris, os enviados dos deuses, acabam de nascer nas terras de Kêmi. Tu serás encarregada de nutri-los e criá-los. Vai, proclama entre o povo que Osíris é o grande rei e benfeitor da terra! Diz que Ísis será a Mãe Divina do povo egípcio e seu símbolo será Hathor, a vaca sagrada, que virá do céu para dar-lhes o seu leite...

E, assim, Ísis e Osíris cresceram em graça, beleza e sabedoria. O deus Osíris ensinou os homens a cultivar o trigo, a cevada e a vinha, que brotavam incultos pelos campos. Ísis ensinou as mulheres a fiar e a tecer o linho. Iniciou-as na vida social e intelectual. Ensinou-as também a moer os grãos, a curar enfermidades e acostumou-as a viver em família, instituindo o matrimônio. Osíris aboliu a antropofagia e comunicou aos seus súditos, ainda em estado selvagem, a técnica necessária para fabricar ferramentas, o pão, o vinho e a cerveja. Regulou as cerimônias dos primeiros templos, inventou as flautas, edificou cidades e ditou leis justas a seu povo. Por isto foi chamado *Unofris*, o "Bondoso Ser". Uma vez terminada sua tarefa civilizadora no interior do país, Osíris quis que o resto do mundo também desfrutasse de tais benefícios. Nomeou, pois, regente a Ísis, sua irmã e esposa, e partiu para a conquista da Ásia, acompanhado por Toth, seu grão-vizir e seus dois principais oficiais, Anúbis e Ofois. Por ser contrário a toda violência, ele conquistou todos os países sem outra arma a não ser a sua bondade. E só regressou após ter percorrido toda a terra, deixando nela sua semente civilizadora.

De regresso ao Egito, Osíris encontrou seu reino em perfeito estado, porque tinha sido governado por Ísis em sua ausência. Mas não tardou em cair vítima de seu irmão Set — o deus das trevas. Set, que ambicionava apoderar-se do trono, valeu-se das grandes festas que se celebravam em Mênfis para festejar o regresso vitorioso do "Bondoso Ser". Contando com a ajuda de setenta e dois cúmplices, convidou o irmão para um banquete, no transcurso do qual ordenou que trouxessem um grande cofre de ouro, maravilhosamente lavrado. Uma vez o cofre em sua presença disse, sorrindo:

— Este cofre maravilhoso será presenteado a quem couber exatamente dentro dele!

Todos experimentaram, mas a medida não correspondia a nenhum, até que chegou a vez de Osíris, que se ajustou perfeitamente dentro do cofre. Mal Osíris se havia deitado, Set fechou a tampa de repente e, sem perder um momento, jogaram-no nas águas do Nilo, cuja corrente levou-o até o mar e dali passou à cidade de Biblos, onde ficou encalhado junto de um pé de tamarindo. Este cresceu com muita rapidez e ocultou inteiramente o cofre no interior do seu tronco. E quando a árvore foi cerrada por ordem do rei de Biblos, Malcandro, que queria fazer dela uma das colunas para sustentar seu palácio, desprendeu um aroma tão maravilhoso que

sua fama se estendeu por todo o país e chegou aos ouvidos de Ísis. Esta compreendeu imediatamente do que se tratava e sem perda de tempo dirigiu-se a Biblos, acompanhada por Toth e Anúbis. Ali, a rainha Astarté confiou-lhe seu filho recém-nascido, ao qual Ísis teria conferido a imortalidade se sua mãe não gritasse, rompendo o encanto, ao ver que a deusa passava a criança pelas chamas purificadoras de um braseiro. Ísis tranqüilizou Astarté e revelou o motivo da sua estada no país. Em seguida, a rainha indicou-lhe a coluna milagrosa, de cujo interior Ísis retirou o cofre que continha o corpo de seu esposo. Banhando o precioso ataúde com suas lágrimas, Ísis levou-o de volta para o Egito e depositou-o, oculto, nos pântanos da ilha de Buto. E uma noite, graças aos poderes mágicos de Ísis, Osíris deixou o mundo das sombras, visitou sua esposa e tornou-a mãe de Hórus."

No barco sagrado, as cantoras de Amon representaram a cena do nascimento do menino deus e mostraram sua imagem ao povo comovido.

E o sacerdote continuou a narrar:

— "Mais tarde, Set, o maléfico, durante uma caçada, descobriu o corpo de Osíris. Na ausência de Ísis, Set retalhou a sua vítima em quatorze pedaços, dispersando depois os fragmentos.

Desolada, Ísis, na sua barca de papiro, percorreu os sete braços do Nilo que desembocavam no mar e somente conseguiu encontrar treze dos quatorze pedaços em que havia sido dividido seu divino esposo; o que faltava (o falus) havia sido devorado pelos peixes. Ísis não desanimou e substituiu-o por um membro de cera, juntou todos os pedaços do corpo de Osíris e, com a ajuda de sua irmã Neftis, de seu sobrinho Anúbis, de Toth, o vizir do rei defunto, e de seu filho Hórus, efetuou pela primeira vez o rito do embalsamamento. Foi Anúbis quem enfaixou e vendou o corpo de Osíris para preservá-lo do contato com o ar e evitar assim a corrupção. Isto lhe valeu ser chamado mais tarde "o patrono dos embalsamadores", o grande deus funerário que vela nos cemitérios, sob a forma de um bonito cão negro, de pêlo macio e veludoso. Este rito presidido por Ísis, no mesmo instante devolveu a vida ao deus assassinado. Osíris poderia ter voltado a reinar na terra, mas, possuidor dos segredos do *Amenti* — o mundo do além —, preferiu voltar à Mansão Secreta do Reino das Sombras, onde reina, ainda, sobre os mortos, acolhe e julga todas as almas.

Por algum tempo Set apoderou-se do trono de Osíris e Ísis retirou-se para a ilha de Chêmmis, a fim de, com a ajuda de Toth, educar seu filho Hórus até que ele chegasse à idade de vingar seu pai. E, finalmente, um dia, ajudado por Toth e por Anúbis, Hórus atacou Set de surpresa. Durante o terrível combate, Set transformou-se num javali negro e arrancou um olho de Hórus. Anúbis curou-o logo, aplicando-lhe a sua mágica saliva, e Hórus venceu a luta, recobrou o seu olho e ofereceu-o como precioso talismã a seu

pai Osíris. Este olho passou a ser o símbolo da visão clara, que dá a compreensão de tudo. É o olho que tudo vê, que representa a Mente Universal, na forma do amuleto *Oudjat,* que todo o Egito conhece...

Horus foi proclamado rei universal da terra. E, assim como foi vizir de Osíris, Toth o foi também de Hórus. Quando este último mostrou desejos de afastar-se do poder, Toth sucedeu-o no trono dos humanos. Durante três mil duzentos e vinte e seis anos, Toth foi um modelo de soberano pacífico. De posse da mais perfeita sabedoria, ele inventou os hieróglifos, a Medicina, a Matemática e a Magia. Temendo chamá-lo pelo nome, devido a sua grande sabedoria, o povo chamou-o *Pare* (a grande casa) e depois *Per-áa* (a porta dupla), termo que designava o palácio real, de onde provém o nome faraó, com que desde então foram chamados os reis do Egito. Um dia, quando acabou de escrever sua obra máxima, o *Livro dos Mortos,* Toth compreendeu que sua missão na terra estava finda. Então, como o povo ainda não estava preparado para conhecer aquela obra, Toth encerrou as folhas de papiro numa caixa de ouro. Meteu a caixa de ouro numa de prata, a de prata numa de marfim, a de marfim numa de bronze, a de bronze numa de cobre, a de cobre numa de couro e esta última, contendo o livro e as demais caixas, depositou-a no fundo do rio Nilo. Então, com a idade de trezentos anos — diz a lenda —, Toth voltou ao seio do invisível e foi ao encontro de Ísis, Hórus e Osíris. Passaram-se os tempos e, uma tarde, a sacerdotisa Sarai estava sentada às margens do Nilo, quando viu uma estranha caixa flutuando sobre as águas serenas. E quando ergueu os olhos o deus Toth estava diante dela. Flutuava numa auréola de luz prateada que circundava sua formosa cabeça de íbis, coroada por um crescente lunar. E falou:

— Sarai... naquela caixa estão as lâminas que compõem as páginas do Livro dos Mortos, compêndio e essência da sabedoria hermética. Chegou o tempo destas páginas serem conhecidas... leva-as, tu, aos sacerdotes para que elas sejam a base de seus ensinamentos...

Em seguida o escriba celestial desapareceu. Sarai fez o que Toth lhe ordenou e desde então a sabedoria de Toth brilha sobre o Egito com o fulgor sereno com que Cânope, a estrela do Nilo, prateia as águas do rio sagrado no encanto inefável das noites.

E o Guardião do Manuscrito Secreto, retirando a máscara do deus Toth, que lhe cobria o rosto, entoou um hino a Osíris, que dizia:

"Salve ó grande deus, Senhor da Palavra Perdida,
Tu que foste dividido em muitas partes és sempre
o príncipe dos imortais, dono da coroa altiva e branca.
Louvor a ti, Osíris, dono eterno, o multiforme,
o dos atributos majestosos que venceu a morte
e renasceu puro e branco como a luz!"

O sacerdote calou-se. De repente, um coro de vozes entoou um hino, as portas do templo abriram-se e surgiu um grupo de noviços carregando uma grande vaca talhada em madeira dourada, tendo entre os chifres um sol de ouro. Todos sabiam que aquela vaca simbolizava a deusa Ísis em busca do corpo de Osíris. A vaca dourada foi levada solenemente e deu sete voltas ao redor do templo. Então, milhares de pessoas acenderam seus lampadários, que deveriam arder a noite toda junto à porta de suas casas, em homenagem a Osíris e às almas de todos os mortos.

Na noite seguinte os festejos continuaram, pois deviam durar dezoito dias. Assim que a lua surgiu no céu, os sacerdotes de Amon saíram do templo carregando um caixão de ouro. Dentro dele derramaram um pouco da água do lago sagrado e mel. Então, o povo começou a gritar alegremente que Osíris tinha sido encontrado. Logo os padres de Amon abriram o caixão e mostraram a todos uma imagem humana feita de lodo e terra vegetal, perfumada de incenso, benjoim e mirra. O rosto da imagem era amarelo-pálido e as faces estavam pintadas de verde-claro. Representava Osíris mumificado com a coroa branca do Alto Egito colocada na cabeça. Aspergiram esta imagem com um pouco da água da última inundação do Nilo e depois semearam-na com sementes de linho e de cevada. Em seguida a imagem voltou ao templo.

Durante dezessete dias, exatamente na oitava hora da manhã, a imagem modelada em terra, acompanhada de outros trinta e quatro deuses, fez uma viagem misteriosa em trinta e quatro pequenas barcas de papiro, iluminadas com trezentas e sessenta e cinco luzes.

Finalmente, na noite do décimo-oitavo dia, os sacerdotes se dirigiram ao Santo Sepulcro, onde a imagem de Osíris mumificado foi depositada. Depois, a efígie, feita e sepultada no ano anterior, foi retirada e colocada sobre ramos de sicômoro. Os grãos tinham germinado e saíam belos e tenros do corpo de Osíris, o que era um bom presságio, pois, segundo a tradição, isto causava o crescimento das colheitas: o deus-cereal produz o cereal de Si mesmo. Ele dá seu próprio corpo aos homens. Ele morre para que os homens vivam!

Quando os sacerdotes saíram do Santo Sepulcro, pela porta oriental, deixando lá dentro, sobre a areia fina, a imagem recém-modelada, cantavam hinos em louvor de Osíris e terminaram dizendo:

"Alegrai-vos todos, Osíris ressuscitou
e está em nós e nós estamos nele como
raios de uma mesma luz!"

Em seguida, os sacerdotes voltaram ao templo, a bordo da nave sagrada de Amon. Os festejos do mês de Koiak terminaram com um hino de louvor do rei dos deuses, que dizia:

"Misterioso em sua forma, de aspeto resplandecente
é o deus maravilhoso de muitas formas.
Todos os deuses alardeiam sua pessoa,
para magnificar-se a si mesmos mediante
sua beleza, pois tão divino êle é que
o próprio Rá está unido ao seu corpo, e
é êle o grande e único que está em On, a
cidade dos obeliscos. Chama-se Tatenen (de Mênfis)
e Amon que saiu de Num, e Oceano Primordial...
Outra de suas formas são os deuses primitivos
de Hermópolis...
Sua alma, dizem êles (os outros deuses), é a que
está no céu, porém é êle quem está no mundo subterrâneo
e preside o Oriente. Sim, sua alma está no céu e
seu corpo no Ocidente, sua estátua em Hermóthis,
anunciando suas aparições à humanidade...
Amon é o deus único, e se oculta nos demais deuses,
de modo que sua própria cor é desconhecida.
Está também afastado do céu, está ausente do
mundo subterrâneo, e nenhum outro deus conhece
sua forma verdadeira...
Todos os deuses são três: Amon, Rá e Ptah, e não
há um segundo. Oculto está o nome de Amon, sua
face é Rá e seu corpo é Ptah... apenas ele é:
Amon com Rá e Ptah: os três juntos."

• • •

No amplo balcão da aparição da Casa Dourada, a família real contemplava os festejos. A figura frágil e hierática de Amenófis IV inclinava-se pensativa e grave, banhada pelo luar. Seu olhar vago seguia como uma visão de sonho o barco de Amon com suas velas rubras, que, levado pela brisa, sulcava as águas tranqüilas do Nilo sagrado. Que enigma atormentava seu coração de poeta? Que íntima inquietação agitava os seus pensamentos? No fundo da sua mente, ressoavam as palavras de Eje, o profeta de Amon, que naquela manhã, no templo, lhe explicou o sentido oculto da lenda de Osíris:

— "Escuta, ó príncipe, neste engenhoso mito está simbolizada a vida física do vale do Nilo. Ísis representa o solo fértil do Egito, fecundado anualmente pela inundação do Nilo, isto é, Osíris, de quem está separada por Set, o deserto árido. Os cúmplices de Set são os setenta e dois dias de secura. Set destrói os podêres fecundantes de Osíris, por isto Ísis não encontra os seu órgão genitais que desaparecem nas águas do Nilo. Mas seu filho Hórus — o fresco outono — expulsa Set e restitui o poder a seus pais. A morte de Osíris é apenas um longo sono, pois êle vive no mundo subterrâneo, julgando a alma dos mortos e despertando-a para uma vida nova.

Enquanto isto, Hórus sobe ao trono do Egito como o último dos seus reis divinos.

Amenófis recordou, ainda, que Osíris era a divindade que dava ao homem a esperança certa da ressurreição, de uma vida além-túmulo, que seria vivida no corpo terrestre. Esta crença foi que levou os antigos egípcios ao uso da mumificação. Daí as cerimônias funerárias serem cópias do executado com o deus morto. Desde então foi costume chamarem os defuntos de Osíris e colocarem entre as pernas da maioria das múmias pequenas efígies de deus, modelada em terra e semeada de grãos de cereais, cuja germinação significava a ressurreição do deus. O corpo material devia ser conservado, e enquanto êste corpo durasse, o ser ao qual havia pertencido, continuava a viver no mundo das sombras, como Bá, a alma itinerante do defunto, capaz de uma ação material e que tem a forma de um pássaro com cabeça humana. Enquanto isto, seu Ká, ou espírito, ficava independente do Bá e do Akh, ou corpo etéreo, que pertence aos planos superiores da existência. O *Ká,* o *Bá* e o *Akh,* unidos ao corpo material, formam os três corpos de todo ser humano.

* * *

Após regressarem ao templo e colocarem os deuses em seus santuários, os quarenta sacerdotes que regiam o Templo de Amon em Tebas, reuniram-se para uma função secreta, numa vasta sala subterrânea, semelhante a uma grande catedral. O chão era de mos preto e branco e o altar ficava no centro de um quadrado. Este último era de pedra obsidiana, de aspeto vítreo, de tom verde-escuro. Na superfície deste altar oco, havia uma abertura, fechada por uma portinhola de duas folhas, que podiam abrir-se deslizando de modo a que aparecesse uma luz brilhante. No teto, sobre o altar, havia uma grande Estrela Flamígera de seis pontas. Era toda de cristal e iluminada interiormente por candeias, feitas com miolo de junco do rio sagrado e óleo fino. Esta estrela representava os sete poderes peculiares do homem perfeito.

Cada um dos sacerdotes trazia uma luz sua, numa lanterna escura. Era uma pequena caixa de cerâmica azul, que tinha um tubo correspondente ao de uma lanterna de lente circular convexa, de modo a poder lançar uma poderosa réstea de luz, que se projetava claramente no ar perfumado de incenso.

Ao lado do Grão-Sacerdote, chamado Venerável Mestre, havia um menino e uma menina, de uns doze anos de idade, escolhidos entre os mais nobres e mais formosos de todo o Egito, e tinham prestado o sagrado juramento de Amon de nada revelar do que ali ocorresse.

Após pronunciar as palavras do ritual que dava início à reunião secreta, o Venerável Mestre deu um golpe numa mesa com um malhete ou dupla acha, feito de arenit , produzindo um ruído, respondido como de costume, e disse:

— Irmãos, reunimo-nos hoje para cumprir nosso maior dever, que é o de levantar, no infinito, com o poder de nossa mente, o Templo do Ser Supremo, O Grande Arquiteto, O Grande Geômetra, o Altíssimo.

Ao pronunciar o primeiro título, todos os presentes levantaram a mão direita com o dorso na altura da testa, e ao pronunciar os demais títulos, saudavam com um misterioso sinal. A seguir, o Venerável Mestre continuou:

— Que sejamos considerados dignos de servi-Lo. Que sua sabedoria guie a nossa obra; que sua força nos inspire; que nossa obra manifeste Sua beleza e seja aceitável à Sua vista.

Após uma pausa, continuou:

— Preparemo-nos durante uns poucos minutos de meditação.

E a um sinal seu, apagou-se a Estrêla Flamígera, deixando a sala em completa escuridão, pois cada sacerdote ocultou a luz de sua lanterna.

Após alguns minutos de meditação na obscuridade, o Venerável Mestre deu um golpe na mesa com o malhete. Então, o Primeiro Venerável, que estava perto dele, disse:

— É de vossa vontade que roguemos ao deus Rá que desvende a Luz Oculta?

E o Venerável Mestre respondeu:

— Rá desvenda Sua luz quando nós desvendamos a nossa. Assim, dai para que possais receber.

Dito isto, deixou o seu posto na obscuridade e se dirigiu para o altar, acompanhado por dois sacerdotes. Permaneceram junto ao altar de costas para o seu posto, com sua lanterna na mão. Ergueu-a para o altar, dizendo:

— Dou a Luz da Sabedoria.

Em seguida, entregou a lanterna a um dos sacerdotes, deu uma volta em redor do altar e colocou-se no lado oposto.

Depois o Primeiro Venerável disse:

— Dou a Luz da fortaleza.

E, imediatamente, descobria a sua luz e erguia-a em direção do altar. Logo, o Segundo Venerável falou:

— Dou a Luz da Beleza.

Então, os outros sacerdotes também descobriram a sua lanterna e fizeram o mesmo gesto.

Após este ritual, o Venerável Mestre exclamou:

— O círculo está completo. Que brilhe a Luz Divina!

Ao pronunciar estas palavras êle abriu as portinholas que havia na mesa do altar, de modo que no teto se projetasse um poderoso raio cilíndrico de luz branca.

Deste modo, cada um contribuiu com sua cota de luz e obteve a devida resposta. Desempenharam sua parte respectiva e constituíram o homem perfeito, com sua mente clara e harmoniosa. Ouviu-se, então, os acordes de harpas e de liras e todos cantaram um hino de ação de graças ao deus Rá.

Terminado o hino, os dois acólitos apresentaram ao Venerável Mestre duas taças de ouro finamente lavradas. A menina trouxe uma bandeja redonda, também de ouro, com uma tampa cupulada e primorosamente cinzelada. Em seguida, o menino trouxe um curioso triângulo de ouro, com um olho humano gravado no centro. Uma ligeira repressão semi-esférica no ápice do triângulo permitia que o oficiante o usasse como colher. O Venerável Mestre estendeu as mãos sôbre êstes objetos sagrados, dizendo:

Ó Altíssimo, Fortíssimo, Sapientíssimo,
Perpétua Luz de quem tôda luz irradia sempre.
Nós Te restituímos aqui a vida e a luz que nos deste.
Nesta oferenda está nossa vida. A Teus pés a depositamos e diante de Ti a depomos!
Assim como Te leva nossa vida, assim também possa esta oferenda trazer-nos Tua vida. Inunda nossa oferenda com Tua preciosa vida para que ela possa despertar-se em nós!

Todos estenderam suas mãos, pronunciando uma misteriosa palavra que só êles conheciam.

O Venerável Mestre se revestiu, então, de uma túnica de malha de ouro, que o menino trouxe de um pedestal; e, voltando-se com os braços estendidos em direção às três colunas que sustinham a sala subterrânea, disse:

— Haveis vos entregue a nosso Senhor-Rá. Agora Osíris-Rá se vos entregará.

Em seguida, ele destampou o prato. Nele havia uma espécie de torta chata, de uns trinta centímetros de superfície e doze milímetros de espessura, cortada em quadrinhos; mas não tôda, e sim meio cortada por seis linhas paralelas a cada par de lados, de modo que se pudesse partir fàcilmente a torta em pedacinhos quadrados. O corte era mais profundo ao redor dos nove quadrados do centro. Esta torta era feita de puríssima farinha de trigo, tinha um sabor adocicado e era coberta por uma leve camada de um caramelo claro. A taça continha um líquido perfumado e incolor.

Tão logo o Venerável Mestre destampou as taças, ergueu os braços para a Estrela Flamígera e disse:

— Ó Senhor, desce!

Nisso uma grande torrente de luz caiu sobre as oferendas e efetuou-se uma transmutação química, sem dúvida pela ação da luz, que mudou em carmesim a cor clara do caramelo. Outra mudança semelhante ocorreu nas taças, cujo líquido incolor ficou rosado.

Efetuou-se a troca de cor evidentemente para simbolizar a descida da Vida Divina, e uma vez completada a mudança, o Venerável Mestre deu sete golpes seguidos com o malhete, repetidos pelo Primeiro e Segundo Veneráveis. Em seguida, falou:

— O Senhor se nos entregou; demos graças ao Senhor.

Todos repetiram estas palavras, cantando-as várias vezes.

Efetuada esta cerimônia em cada um dos nove altares, o último fragmento, que era o do centro da torta, foi depositado no altar do Chefe dos Seres Celestiais.

O menino e a menina trouxeram do pedestal um jarro com água e o Venerável lavou cuidadosamente o prato, a taça e o triângulo, deitando logo a água na escudela onde havia posto as colherzinhas de cerâmica azul, enxugando os objetos com a toalha que sustinham os dois jovens acólitos. Em seguida, o Venerável passou pelos nove altares e, cuidadosamente, recolheu deles o pratinho com o pedaço de torta, e os colocou na escudela. Depois, tomou a toalhinha quadrada de linho que lhe estendeu a menina e limpou com ela a superfície do altar.

Deste modo, supunha-se que cada entidade celestial tinha extraído da oferenda o que desejava, de maneira que bem se podia retirar o símbolo externo.

Depois de feito o precedente, o Venerável Mestre voltou para sua cadeira, com os dois acólitos, e todos se sentaram.

— Irmãos — disse ele —, o corpo de Osíris está quebrado e sepultado em vosso interior. Como ressuscitará?

Houve uma pausa e todos meditaram na morte e na vida de Osíris.

Súbito, do silêncio brotou uma música tranqüila e ditosa. E uma voz cantou:

"Osíris é imortal e imutável. Osíris está
quebrado e dividido em milhares de partes, e
contudo, sempre reunido. Ainda que possa ser
muitos, é sempre Um. Nós somos Osíris; por
meio de nós Ele ressuscitará e será reunido.
Porque nós somos um, tal qual Ele é Um.

A música das harpas fez-se ouvir acompanhada pelos sistros de prata, e a voz continuou a cantar:

Brilha intensamente a luz de Osíris-Rá!
Que esta luz divina emanada do seu Olho
que Tudo Vê, brilhe também sobre
toda a humanidade!

A música terminou em maravilhosos acordes finais e o coro de vozes masculinas repetia louvores a Osíris, Ísis, Hórus e Amon.

Terminada a cerimônia, todos saíram e a sala subterrânea voltou a ser fechada. Momentos depois o Grão-Sacerdote, seguido por dois outros, embarcou num bote, vogando até chegar ao centro do rio Nilo, onde o conteúdo da escudela de ouro foi esvaziado na profundeza das águas. Em seguida, a escudela foi lavada cuidadosamente e restituída ao santuário.

• • •

Os festejos de Osíris trouxeram Mai à corte. Nefertiti ficou muito emocionada ao vê-lo. Todo o seu amor reprimido voltou a brotar do fundo de seu coração. Todavia, Mai estava indiferente. F. durante a grande caçada real, Nefertiti descobriu a razão: havia um idílio entre Mai e Ourel, a mais bonita dama da corte da rainha Tii.

Naquela noite, sem poder dormir, Nefertiti recostou-se no leito e recordou amargamente os meigos olhares de Mai e Ourel, durante o trajeto de volta. Nefertiti teve ímpetos de atiçar contra eles os dois grandes cães que o faraó lhe tinha dado de presente. Parecia ainda ouvir as palavras gentis que Mai disse a Ourel...

A presença de Amenófis, que acabara de entrar no quarto, cortou o fio dos seus pensamentos.

— Estavas dormindo? — perguntou ele timidamente.

— Ora, deixa-me em paz! — respondeu Nefertiti. Por que não vais procurar as mulheres do teu harém?

Os olhos dele umedeceram-se de emoção:

— Eu pensei que...

— Não devias pensar nada a meu respeito, cortou ela friamente. Eu não te amo, Amenófis! Tu és feio e disforme. O contato das tuas mãos me repugna. Sim... eu vou ter um filho teu... mas, peço-te, não me toques mais!

Com o desespero na alma, o príncipe voltou-se e saiu em direção ao jardim. Sentou-se num banco perto do lago Tjajrukha, o lago dos prazeres, que seu pai tinha mandado construir para Tii, a Grande Esposa Real.

Junto ao lago havia um pequeno santuário do deus Aton, a quem o faraó e a rainha dedicavam uma devoção particular. Amenófis aproximou-se e olhou a pequena estátua do deus. Era de bronze, tinha olhos brilhantes, de obsidiana, e seu rosto revelava meiguice e beleza. Em sua cabeça via-se a dupla coroa dos faraós, de lírio e de papiro. Quem sabe se Aton o ajudaria a ser amado por Nefertiti? Ouvira dizer que ela amava Aton como deus único e desprezava o esplendor de Amon. Uma doce esperança invadiu seu coração amargurado e aos lábios de Amenófis vieram as palavras do seu primeiro hino dedicado ao Senhor do Disco Solar:

Aton, Tu és brilhante, claro e forte!
Aton, teu amor é grande e poderoso.
Salve ó Tu que te ergues no horizonte e
que iluminas o céu. Salve, ó deus maravilhoso da paz!
Vê como os homens erguem as mãos suplicantes.
Eles oram quando acordas, ao surgires
do teu leito noturno...

Súbito, o príncipe calou-se. Um suor frio gelou o seu corpo magro. Por um momento ele tentou lutar contra o poder formidável que o esmagava, mas seu cérebro foi vencido, a sua vontade ani-

quilada. Sentiu os pavores de uma convulsão terrível. E com um grito estridente caiu sôbre a relva. Seu corpo estava hirto, sua face pálida, sua respiração ruidosa, sua bôca contorcida. Os polegares enterravam-se na palma das mãos e seus dentes rangiam. Um pesado torpor tomou o seu corpo. Amenófis já tivera outros ataques semelhantes, mas, desta vez, à medida que o corpo entorpecia, o seu espírito alava-se nos espaços infinitos. No seio do silêncio havia um som, e no meio dêsse som uma Voz que dizia:

"Filho meu, presta ouvidos à Voz Interior. Falo, muitas vêzes, sem que me escutem meus discípulos. Tudo o que queiras fazer, faze-o com nobreza e fé, com absoluta confiança e plena certeza na presença de Aton. Eis as normas que te dou: mostra-te, todos os dias, qual espelho límpido e brilhante, em que teu povo possa perceber sua imagem tal como a vejo Eu. Eleva-te qual Lâmpada de chama clara e esplendente, a fim de que tua Luz possa guiar os passos dos que se poderiam transviar no caminho.

Ergue-te como guardião do meu Amor, a fim de que êle possa, através de ti, expandir-se em bênçãos sobre teu povo. Não sigas o sussurro da voz humana; segue Minha direção, escuta Minha voz e contigo Eu estarei, ao longo de tua jornada.

Filho meu, nada temas... Percorre teu caminho, animado de fé inquebrantável. Eu estou contigo, e as pedras que ora te magoam já me feriram os pés antes de magoarem os teus.

Farei brilhar diante de ti uma luz para te guiar, a fim de que, escolhendo o lugar de teus passos, possas seguir fielmente as minhas pegadas. Que o Amor seja o teu fanal e te indique a boa direção! Que o Amor te assinale o raio de luz em cujo seio deves progredir.

Eu estou sempre à espera. Meus passos te abrem o caminho para que menos pungentes te sejam os espinhos.

Eu estou sempre à tua direita.

Ó discípulo que me és tão querido, abre teus olhos e reconhece-me quando me inclino para te tocar a fronte!

Escuta: dentro de ti estão todos os tesouros de teu ser e, no entanto, do lado de fora, vês estendidas as mãos vazias dos que choram para obter o consôlo que lhes poderias dar se volvesses para Mim o teu rosto. Minha bênção é especialmente dirigida àqueles cuja fôrça pertence aos fracos; cuja alegria é para os sêres que têm o coração dolorido; cujo amor é o tesouro dos que não são amados. Põe-te em guarda, toma teu lugar no meio dêles.

O caminho que escolheste é escarpado, mas são potentes os meus braços para te sustentar. As pedras são, ali, cortantes, mas Eu porei um bálsamo em tuas feridas. Minha bênção é para os que seguem este caminho; toma teu lugar no meio dêles.

Eu me aproximo de ti pelas sendas obscuras do silêncio e pelos caminhos ocultos do sofrimento. Eu reclamo de ti um ouvido que ouça e um espírito aberto; muitas vêzes estive lá, à espera, mas não

ouviste minha voz... Teu coração estava tão ocupado em outras coisas, filho meu...

É na profundidade íntima do ser que Eu faço ouvir o meu chamado; só o ouvido interior pode recebê-lo. Oxalá possas estar, filho meu, entre os que escutaram minhas palavras..."

A voz calou-se e das ondas do ar saiu uma música incorpórea e terna, e vozes longínquas de seres celestiais chegavam aos seus ouvidos em cadências radiosas. Em seguida, Amenófis viu um ser imenso e luminoso, sem forma determinada, que o chamava pelo nome. Dêle brotou uma fulguração de luz cegante e por um rápido momento o príncipe viu um disco dourado e luminoso, cujos raios terminavam em mãos diáfanas segurando a cruz ansata, símbolo da vida eterna. Logo... tudo desapareceu. Amenófis soltou um gemido alto e dolorido.

Bem neste instante passou Sitka em direção aos aposentos de Nefertiti. Ao ver o príncipe caído junto ao santuário de Aton, exclamou, assustada:

— É um acesso do mal sagrado!

E saiu correndo em busca de auxílio.

* * *

Quando voltou a si, Amenófis percebeu que a noite reinava em volta dêle. Sentia-se alquebrado, fraco, com a cabeça doendo e a boca amarga. Olhou por muito tempo sem nada ver. De quando em quando, seu corpo era tomado por um leve tremor. Por fim, vagamente, julgou ver, na penumbra, mover-se a figura de um homem que lhe pareceu ser o médico do faraó. Depois, distinguiu, ao seu lado, a figura de uma mulher. Vestia uma túnica branca, ampla e pregueada. Seu pescoço fino parecia a haste de uma flor. Seus olhos imensos velavam imóveis. À sua volta, moviam-se sombras humanas que segredavam à meia voz:

— Afinal ele acordou dêste longo sono de sete dias!

Alguém aproximou-se e colocou-lhe sôbre a fronte uma fresca compressa de ervas. Atônito, Amenófis reconheceu Nefertiti. Seu rosto bonito e sereno estava inclinado diante dêle:

— Aton há de curá-lo — disse ela baixinho.

— Sim... eu sei... — respondeu Amenófis —, eu vi o rosto de Aton em todo o seu esplendor. Em suas mãos brilhava a cruz ansata... Erguerei templos em honra de Aton e mandarei aos reis de todas as terras o símbolo da vida eterna... Sim... Aton se manifestou ante os meus olhos!

O rosto pálido do príncipe voltou-se para as bandas do Ocidente e através da ampla varanda, contemplou o céu estrelado com uma expressão de êxtase.

Eje, o profeta de Amon, franziu o cenho quando ouviu as palavras de Amenófis. Urgia afastá-lo de Aton e para isso nada melhor do que apressar a iniciação do príncipe nos segredos da Casa

da Luz. Era preciso falar com o faraó e pedir-lhe permissão para levar o príncipe a Mênfis. Lá, no santo dos santos, diante da grandeza de Amon, Amenófis esqueceria aquelas loucas visões...

E acariciando sua face escanhoada, Eje saiu em busca de Amenófis III.

Mas, o profeta de Amon não contava com o apoio de Nefertiti às idéias de Amenófis. Ignorava que ela iria incentivar no esposo aquela súbita devoção ao Senhor do Disco.

Durante os dias da convalescença de Amenófis, Nefertiti continuou a falar-lhe em Aton. E, à medida que falava, Nefertiti foi descobrindo um novo semblante em Amenófis. Um semblante cujos traços se transformavam, se embelezavam, se iluminavam de uma estranha luz interior. Aquele rosto febril que olhava para ela com uma expressão deslumbrada, já não lhe parecia comprido como a cara de um cavalo. Aos poucos, ela foi se esquecendo de Mai. Seus sentimentos para com Amenófis se transformaram numa serena amizade.

— Afinal o que é a beleza física? — pensou Nefertiti. Que importa que a matéria seja disforme quando o espírito é belo?

E olhando a frágil figura de seu esposo, pálido e fraco, estendido no leito real, Nefertiti ficou cheia de remorsos por ter lhe dito um dia:

— "Tu és feio e disforme, Amenófis!"

Ah! como ele devia ter sofrido! Ele que tinha uma alma tão sensível, tão poética...

Nefertiti suspirou fundo e uma doce ternura invadiu o seu coração. Talvez fôsse devido a sua próxima maternidade... mas o fato é que ela sentia-se inclinada a amar seu esposo.

Alguns meses depois, recuperado da crise, Amenófis veio procurá-la certa manhã:

— Vou cumprir minha promessa — disse ele com um brilho nôvo nos olhos amendoados. Parto hoje para a Núbia, onde erguerei um templo dedicado ao culto de Aton. Levarei comigo Amenhotep, filho de Hapu, o arquiteto real e os escultores Beck, Auta e Tutmés. Eles saberão ajudar-me a exaltar a glória do Senhor do Disco.

Nefertiti sentiu um apêrto no coração. E falou:

— Desejo-te uma boa viagem e um pronto regresso.

— Voltarei a tempo de ver nascer o meu filho — retrucou Amenófis. Venho também dizer-te outra coisa: grato por teres sido a incentivadora do meu amor por Aton. Tudo farei para continuar sendo digno da minha mestra.

Nefertiti encolheu os ombros e sua boca tremeu um pouco quando ela disse:

— Não me agradeças nada, Amenófis. Sou eu quem devo agradecer a Aton a graça de teres sido iluminado com a sua luz...

Após a partida de seu esposo, Nefertiti viveu uma vida calma e indolente. Estava um pouco temerosa do parto. O conhecimento de certos acidentes que se dão no período da gestação, tirava-lhe a tranqüilidade. Padecia de náuseas e desfalecimentos e Pentou, o médico da rainha, receava um parto prematuro. Certa manhã, ele veio vê-la. Examinou-a e disse:

— Mais algum tempo e a criança nascerá bem. Deverá vir ao mundo no dia do Ano Nôvo. É preciso abster-se de carnes e de excitante. Procurai alimentar-vos apenas com cereais, legumes e frutas. É nestes alimentos que a saúde está contida. É preciso reagir contra esta indolência, Majestade! Lembrai-vos de que o poder formador, a fôrça cósmica que constrói o vosso filho, está a trabalhar em consonância com vossas idéias e emoções. Vivei alegre, cheia de viço e confiança, ó Radiosa Senhora!

E com uma reverência, Pentou retirou-se, tendo antes dito a Sitka que o procurasse na Casa da Vida, a fim de buscar um remédio para Nefertiti, feito com ervas medicinais, colhidas na quinta hora da tarde do primeiro dia da lua cheia.

Durante os longos dias de espera, Sitka foi ensinando a Nefertiti que é a mãe quem modela a semente depositada nela pelo pai, mediante sua atitude mental durante a gestação. Todos os seus pensamentos, desejos e emoções, se transmitem facilmente ao feto durante a gestação. Daí, a enorme responsabilidade da mãe, que deve ser extremamente cuidadosa de tôdas as suas atitudes mentais enquanto forma um filho no seu ventre.

Na manhã do trigésimo dia do mês de Toth, a rainha Tii estava em seus aposentos, quando sua aia Houia entrou apressada.

— A jovem espôsa do co-regente está começando a sentir as dores — exclamou.

— Ah! — disse Tii — manda chamar o médico Pentou. Enquanto isso, irei para lá em seguida.

Tii recebeu a notícia com alegria. Ela e o faraó estavam ansiosos pelo nascimento do filho de Amenófis. Não temia pela saúde de Nefertiti. Era jovem sadia, e feita para ter filhos.

A sala principal dos aposentos da princesa estava cheia de escravas e algumas damas do harém real. Como Nefertiti era a espôsa do herdeiro do trono, o parto se revestia de uma especial dignidade.

Assim que Tii entrou, todos se ergueram respeitosamente. Na sala ouviu-se o murmúrio de uma saudação.

— Como está a princesa? — inquiriu de Gilukhipa, que tinha saído do quarto da filha quando ouviu a comoção da chegada da rainha.

— Tudo está bem — disse Gilukhipa. Creio que será um menino, pois Nefertiti trazia-o bem alto no ventre.

Nisso ouviu-se a voz de Nefertiti, soltando repentinamente gritos, e Sitka saiu a correr para junto dela. Tii e Gilukhipa entraram juntas nos aposentos da princesa. Nefertiti jazia no leito. Estava

muito pálida e um suor frio corria por suas faces. As duas damas aproximaram-se, uma de cada lado, e seguraram-lhe as mãos.

Pentou, o médico real, saudou a rainha, cruzando os braços sobre o peito. Em seguida, tirou alguns instrumentos médicos de uma caixa de ébano e purificou-os numa chama.

— Mãe... — ofegou Nefertiti.

— A Real Senhora não deve falar — disse o médico. — Chegou o momento de a criança forçar as Portas da Vida.

Nefertiti aferrou-se à mão pequena e delicada de Gilukhipa e à mão grande e firme da rainha Tii. O cheiro de sangue quente encheu o quarto. Súbito o médico se pôs a trabalhar rapidamente.

— Ele vem, o futuro dono do país de Kêmi! — exclamou Tii, a velha ama-de-leite de Amenófis IV e Nefertiti. — Vejo-lhe a cabeça.

Nefertiti estremeceu, gritou e apertou fortemente as mãos que seguravam as suas. Nenhuma cedeu. Ela jogou a cabeça para trás e dobrou o corpo num arco doloroso. Abriu muito a boca e soltou um longo gemido que culminou num grito agudo. Foi então que a criança deslizou do ventre de sua mãe para as mãos do médico.

Ao vê-la, Sitka e Tii se entreolharam em silêncio.

— É uma menina — disse Pentou. Como se o tivesse ouvido, a criança, que aspirara o ar, expeliu-o com um grito seguido de um choro alto.

Gilukhipa sorriu para o rostinho vermelho e furioso.

— Parece com a mãe — disse com ternura.

Tii empalideceu. Não disse nada, mas todos sabiam que ela estava muito decepcionada. A um sinal seu, Sitka tomou-lhe o lugar e a rainha saiu dos aposentos de Nefertiti, sem mesmo olhar para a neta.

— Como se sente? — perguntou Sitka com carinho.

Nefertiti nem a ouviu. Estava livre da dor, e de olhos fechados jazia no leito, como uma flor de lótus caída no chão, depois da tempestade. Em seguida adormeceu, sem perceber a decepção de todos.

* * *

Amenófis IV chegou a Tebas, quinze dias depois. Quando Nefertiti soube que a grande nave real estava chegando, sentiu um curioso aperto no coração. Chamou as escravas. Mandou que a banhassem e ungissem com óleos aromáticos. A Superintendente dos Cosméticos pintou cuidadosamente os seus olhos com um traço fino de *kohl,* avivou-lhe a côr das faces e dos lábios e terminou passando-lhe no rosto uma pluma de cisne embebida em pó de lírio branco. Nefertiti contemplava-se no espelho de prata polida. Observou que seus olhos tinham uma expressão mais grave... seu rosto era menos infantil... sua boca mais firme... e uma serena alegria inundou seu coração quando certificou-se que estava ainda mais bonita. Sorriu e constatou que o seu sorriso tinha adquirido uma

doçura misteriosa, a secreta firmeza de uma alma já formada, em plena maturidade.

Uma escrava apertou-lhe o ventre com uma longa faixa de linho fino. Vestiu-lhe a alva túnica pregueada e Nefertiti sentiu-se fresca e elegante como um cipreste nôvo, na primavera. Sôbre a peruca de sêda violeta colocou um diadema de ouro em forma de pequenas folhas de papiro, separadas por uma grande ametista, redonda e faiscante. Pendurou longos brincos de ouro e ametistas nas orelhas delicadas e foi ao encontro da família real, na sala do trono.

O faraó e a rainha Tii ocupavam tronos de ouro maciço, no alto de alguns degraus e junto dos quais velavam dois leões domesticados que Amenófis III trouxera de uma de suas caçadas no deserto da Líbia. Próximo dos soberanos agrupavam-se os portadores dos abanos de plumas, o Vizir, o Grande Conselho dos Velhos, os sacerdotes de Amon, dignitários, nobres e, finalmente, formando grande semicírculo na sala, oficiais e soldados da guarda real, perfilados e imóveis.

Súbito ouviu-se um retinir de armas. Os oficiais da escolta real enfileiraram-se ao longo da galeria e todos viram aparecer entre as colunas a figura alta e magra de Amenófis IV a caminhar rapidacolunas a figura de Amenhotep, o Ministro arquiteto, dos escultores Beck, Auta e Tutmés, do sumo sacerdote de Aton em Heliópolis, dos dignitários e das pessoas que formavam o séqüito do príncipe herdeiro.

O rei recebeu o filho de braços abertos, e Nefertiti e as princesas, suas irmãs, passaram em tôrno de seu pescoço colares de gala.

As jovens princesas, cada uma trazendo na mão direita o bastão cerimonial e na outra o sistro de ouro, dançaram a dança solene da deusa Hathor, ante o príncipe Amenófis IV, saudando-o pela sua volta. Suas vozes puras se elevaram bem alto entoando o "Cântico em Louvor de Hathor":

Glória a ti, Hathor de belas formas,
ouro dos deuses que floresce nas acácias,
Senhora do céu, flor de mandrágora feita
de gaze e de sândalo, deusa do amor,
mulher jovem e amável dona dos cetros,
do colar mágico e do sistro,
a de ancas de linho fino
que guardam o sêmen de Rá — a Alma Universal!

Ó grande Senhora de Punt — a pátria
dos perfumes — Dama do Sicômoro,
Guardiã do Vento Norte, deusa da música
e da dança, que se alimenta de cânticos,
Senhora do Ocidente, a de seios copiosos
e olhos como turquesas encastoados em prata.
Vaca celestial que nutres os deuses
com a essência dos astros.

Ó Hathor, bem-amada de Hórus — o falcão verde —
deusa universal dos cornos dourados que
sustentam o disco solar, Tu que atendeste
as nossas preces, celebra comigo
este belo dia na praia oriental do céu
e nos quarenta nomus onde vivem os deuses
do Conselho de Osíris!

Quando as vozes se calaram, o príncipe agradeceu com um sorriso e voltou o olhar para o trono onde estava sentado seu pai. O faraó tinha encorajado o filho no seu culto a Aton, como um dissimulado protesto contra a altivez e o poderio dos sacerdotes de Amon, que extraordinariamente enriquecidos pelas doações de inúmeros reis de outras dinastias e saciados de terras, gado e pedras preciosas, pretendiam dirigir todo o Egito. Velho e alquebrado, Amenófis III já não tinha forças para lutar contra êles, por isto ajudava o príncipe na sua rebeldia. A fundação daquele magnífico Templo Gem-Aton (lugar onde se acha Aton), na cidade de Napata, era o início de uma guerra-fria contra Amon e seus sacerdotes, na própria cidade dominada por ele...

Amenófis IV saudou Nefertiti delicadamente e felicitou-a pelo nascimento da princesinha. Em seguida, teve início o festim e êle afastou-se para junto do faraó e dos dignitários da côrte.

Naquela noite, junto ao berço da princesinha, Nefertiti viu o desapontamento nos olhos do esposo por ela não lhe ter dado um filho homem. Mas havia ternura em sua voz, quando êle disse:

— Como ela é pequena!

— É uma criança normal... apenas seu crânio é um pouco alongado...

O príncipe sorriu e retrucou:

— Seu nome será Meritaton.

Nefertiti, que estava ansiosa para saber qual o nome que Amenófis escolheria para a filha, ficou encantada.

— Meritaton... repetiu ela docemente — *"A bem-amada de Aton"*... sim, é um belo nome, meu esposo.

Ao som de suas vozes a menina mexeu-se no berço.

— Psiu... — disse Nefertiti acariciando-lhe a cabecinha — dorme tranqüila!

E fazendo um sinal para Amenófis, deixaram a princesinha dormir aos cuidados das aias e foram até a varanda dos aposentos de Nefertiti, que ficavam pegados aos da criança.

Acercaram-se da balaustrada e contemplaram em silêncio o panorama soberbo que se desenrolava a seus pés. Dali se descortinava

RAINHA TII

Cabeça de ébano da rainha Tii, Grande Esposa Real do faraó Amenófis III e mãe de Akhnaton. Foi encontrada por egiptólogos alemães na região de Fayoum e hoje está no Museu de Berlim. O intenso realismo desta escultura confirma plenamente a origem núbia da rainha e sua personalidade marcante.

a grande cidade de Tebas, com seus palácios, seus templos, obeliscos, muralhas fortificadas, o Palácio de Inverno de Luxor, recoberto de buganvília; mais além, o Vale dos Reis e o Vale das Rainhas. A oeste, aparecia silencioso e branco, o túmulo da rainha Hatxepsut e, na estrada, dois gigantes de pedra sentados representavam o mais opulento soberano egípcio e sua rainha, Amenófis III e Tii. Cada um com vinte e um metros de altura e o peso de setecentas toneladas, esculpidas num só bloco de pedra. Em redor, na vasta margem do Nilo, a Cidade dos Mortos. Brilhando ao luar, o rio sagrado deslizava calmo e majestoso, refletindo nas águas inumeráveis palmeiras e edifícios marginais.

A varanda estava recoberta de trepadeiras floridas, cujo doce perfume embalsamava de odores aquela noite outonal. Amenófis, num gesto delicado, colheu uma flor vermelha e ofereceu-a a Nefertiti.

Ela agradeceu sorrindo, acariciou a flor com seus dedos longos e finos e disse:

— Que tal o templo que estás construindo em Napata?

Sabia que aquele era o assunto preferido de Amenófis e ela queria agradá-lo.

Com o rosto banhado por uma expressão mística, o príncipe respondeu:

— É um grande templo, cheio de pátios e pilones, e o santuário é aberto, abrasado de luz solar. A penumbra opressiva dos santuários de Amon foi abandonada por mim. Neste novo templo, os raios de Aton penetram até os mais afastados rincões das espaçosas salas. Consagrei a construção caminhando em procissão ao seu redor, golpeando a porta principal doze vêzes com um malhete de ouro e purificando o recinto com incenso, mirra e benjoim. Depois compus um hino em louvor de Aton, que diz:

"Aton quando te deitas no horizonte do céu,
o mundo permanece nas trevas como os mortos...
Cada leão sai do seu antro, as serpentes se empestam,
a escuridão reina e o mundo fica em silêncio,
pois aquêle que o fez foi repousar no horizonte."

Ela ficou muito séria ouvindo-o, com os grandes olhos negros perdidos na lonjura. Parecia uma gazela tímida e curiosa a quem as palavras do príncipe pareciam enfeitiçar. Mas ele, perdido num sonho divino, não percebeu o encantamento de Nefertiti.

— E depois de pronto, como ficará o templo? — perguntou ela.

Amenófis, desperto do seu sonho, envolveu a esposa num olhar benevolente e falou:

— Êle será em pedra calcária muito branca e fina. Ficará sôbre um pedestal quadrado, ao qual chegaremos através de duas esca-

das laterais. Do pedestal subirão dezesseis pilastras que suportarão a construção e um grande terraço, o qual se abrirá para um enorme jardim. As pilastras serão decoradas com hieróglifos dispostos em colunas verticais. As faces interiores das pilastras serão cobertas de baixos-relevos, feitos por Auta. Uma grande avenida, ladeada de sicômoros, conduzirá ao lago sagrado, de forma quadrangular. Perto dêste lago haverá uma estátua minha, que amanhã mesmo Beck começará a esculpir. Esta estátua será diferente... fugirá dos modelos hieráticos até agora conhecidos e me mostrará ao mundo, através dos séculos, tal como eu sou... feio e disforme...

Nefertiti baixou os olhos desconcertada. Viu que êle ainda não lhe perdoara aquelas palavras ditas num momento de raiva. Sentiu-se inquieta e perturbada. Pensava que após a volta de Amenófis êles pudessem viver juntos uma vida tranqüila e harmoniosa, dedicada ao culto de Aton. Mas... eis que Amenófis se mostra distante, magoado e indiferente. Sua sensibilidade feminina ressentiu-se e ela assumiu também uma atitude de fria reserva.

Pouco depois, Amenófis, pretextando cansaço, retirou-se para os seus aposentos, casto como a luz, grave como a eternidade...

Na manhã seguinte, quando o faraó entrou no Templo de Amon para a cerimônia diária do Rito da Casa da Montanha, Eje, o sumo sacerdote, veio ao seu encontro com uma expressão singular no rosto liso e redondo.

Como de costume, o soberano foi banhado com água trazida do lago sagrado, simbolizando, assim, que êle tinha renascido para a vida espiritual; foi ungido com os santos óleos e investido de nôvo com as insígnias reais, por dois sacerdotes que usavam a máscara do deus Toth e a máscara do deus Hórus. Em seguida, saíram da sacristia em silêncio. Eje segurou a mão direita do rei e levou-o reverentemente até o Santo dos Santos. Lá, ambos se prosternaram diante da estátua velada do deus Amon e recitaram em voz alta o hino da adoração matinal. Depois, abandonaram o santuário, saindo de costas para a porta e apagando a marca de seus passos com uma grande fôlha de palmeira.

Entregaram as fôlhas a um sacerdote e foram andando rumo à sacristia, onde já os esperavam os quarenta religiosos que regiam o templo e os nobres do séqüito real. Durante o trajeto Eje falou:

— Ó poderoso Filho do Sol, aproxima-se o momento do príncipe herdeiro entrar no reino da Verdade. Êle precisa compartilhar quanto antes do contato com os iniciados nos mistérios, a fim de esquecer as suas loucas visões...

O faraó pareceu hesitar:

— Receio que as provas para ingressar nos mistérios sejam muito duras para êle.

— Na verdade, as preparações são terríveis e perigosas, ó favorito de Amon, mas bem sabeis que o risco é apenas imaginário. Ade-

mais é costume que todos os reis e príncipes do Egito sejam iniciados nos segredos da Casa da Luz. . .

Amenófis III viu que era impossível recusar a sua permissão. Soltou um suspiro e respondeu:

— Tens razão, Eje. Providencia tudo para que meu filho seja iniciado no primeiro dia da próxima Lua Cheia.

Eje assentiu com a cabeça e em sua face brilhou um sorriso triunfante. Assim que o faraó deixou o templo, Eje saiu em busca do príncipe herdeiro.

Amenófis IV estava no *atelier* do escultor Beck. Era um amplo aposento que ficava na ala norte do palácio real, para onde Beck se mudara desde que começou a trabalhar para o co-regente. Por todos os lados viam-se montes de argila e blocos de pedra de diferentes tamanhos e várias estátuas em vias de execução; no centro, junto de grande estátua de Osíris, estava uma bonita mulher de pé próxima de um cavalete de madeira, ocupada em esculpir um baixo-relêvo num bloco de pedra calcária. Era a escultora Auta que, inteiramente absorvida no trabalho, parecia nada ver nem ouvir. Por trás dela, o príncipe examinava o trabalho com uma expressão alegre no semblante.

— Sim, é exatamente isto que eu quero, Auta! Parece até que presenciaste a minha visão do divino Senhor do Disco.

— A vossa descrição foi por demais perfeita, majestade — respondeu Auta com um sorriso.

— Sem dúvida — retrucou Beck, que modelava a cabeça de Amenófis num bloco de argila —, as palavras do nosso príncipe têm o dom de desenhar logo em nossa mente o que êle deseja que façamos.

Beck era um homem alto e esguio. A cabeça rapada, as finas rugas ao canto da boca, o tom escuro dos olhos grandes e alegres, o queixo largo e firme davam-lhe ao rosto um aspecto nobre e saudável.

Aproximando-se de Beck, Amenófis parou um instante e ficou a olhar o trabalho que saía das mãos finas e longas do artista.

— Creio que farei a vossa imagem talhada num só bloco de granito com vinte metros de altura — disse Beck. — Vossos traços terão a nobreza e a beleza do deus Aton.

Diante destas palavras, Amenófis ficou branco como os calcários das minas de Tourah. Estranho e grave sorriso descerrou os lábios grossos do príncipe.

— Acaso eu tenho traços nobres e belos?

Sua voz estava tão mudada, tão rouca que Beck ficou atônito. Logo percebeu que o príncipe estava pensando na sua fealdade.

— Vossa alma tem os traços mais puros e mais belos que já vi, Majestade! — retrucou Beck delicadamente.

Estas palavras lograram acalmar o co-regente.

— E qual a forma que darás a esta alma que pretendes esculpir?

— A forma de um rosto iluminado, pela luz interior.

Auta ergueu a cabeça do seu trabalho e olhou para Beck com admiração e ternura. Ambos estavam muito apaixonados e aquela demonstração da sutileza de Beck encantou-a.

Amenófis olhou-o fixamente e retrucou:

— Meu rosto é comprido como o de um cavalo, meus olhos são baços e um pouco vesgos, tenho a boca grossa demais e um nariz sem expressão. Meu corpo é desgracioso e de formas afeminadas. Ah! meu caro Beck, como poderás fazer com este material humano a estátua de um deus?

O escultor mostrou-se embaraçado. Franziu a testa ampla e morena e falou:

— Eu poderia esculpir. . .

O príncipe cortou-lhe a frase:

— Não te preocupes, Beck. Faz a minha estátua tal qual eu sou! O naturalismo deve substituir as convenções ritualísticas. Cria uma arte nova, mais natural, mais próxima da verdade. Nada de posições rígidas e hieráticas! Vamos, toma um pedaço de calcário e desenha a minha imagem feia e disforme como ela é!

Beck obedeceu. Momentos depois mostrou ao príncipe o resultado do seu trabalho.

Os olhos do príncipe cintilaram de modo pouco habitual.

Amenófis tinha se tomado de uma admiração exagerada por sua própria degenerescência física e Beck foi levado a lisonjear esta concepção pervertida da beleza. Sabia que essa perversão contrastava singularmente com as idéias religiosas e filosóficas do príncipe e mais ainda com a sua poesia, mas fora obrigado a obedecer e o desenho que acabara de fazer era quase uma caricatura.

Diante daquela perfeição do horrível, Amenófis IV exclamou:

— Isto mesmo, assim é que eu sou, assim é como os outros me vêem! Esta expressão disforme eu jamais esquecerei!

E dando uma palmada amigável no ombro de Beck, o príncipe voltou-se e saiu do *atelier*.

Pouco adiante, no Pátio das Acácias, encontrou-se com Eje, que vinha à sua procura. Assim que o viu, Eje exclamou:

— Salve o amado Filho do Sol, Guardião da Verdade! Que a deusa Ísis estenda suas asas protetoras sôbre vós!

Um amargo sorriso descerrou os lábios do príncipe:

— Bem-vindo seja o profeta de Amon!

Amenófis tinha no rosto esguio e moreno uma expressão de alerta. Sabia que os padres de Amon estavam desgostosos com ele e aguardou tranqüilamente as queixas de Eje.

Eje sorriu de modo equívoco e rogou que se sentassem no jardim, à sombra dos sicômoros e das palmeiras. Naquela manhã radiosa, banhada de luz, gazelas mansas vagueavam por entre as acácias floridas e um bando de garças brancas contemplavam-se imóveis, nas águas límpidas do lago Tjajrukha.

Após algumas palavras triviais, Eje foi direto ao assunto. Encarando o príncipe por entre as pálpebras quase cerradas e medindo com cuidado as palavras, o sacerdote falou:

— O faraó, vosso pai (a ele paz e prosperidade!), acaba de decidir vossa partida para Mênfis.

— Como? — indagou o príncipe surpreso.

— Vossa Majestade, por ordem do faraó, será iniciado nos remotos segredos da Casa da Luz...

— Ah! — exclamou Amenófis.

Por um instante ficou em silêncio, com o olhar parado ao longe. Era um pouco cético quanto a este assunto, mas a curiosidade e o desejo de conhecer os antigos mistérios tão célebres em todo o Egito decidiram-no a enfrentar as perigosas provas iniciáticas.

Sua resolução estava tomada e respondeu com veemência:

— Pois então seja cumprida a vontade de meu augusto pai!

Eje sorriu, ergueu as mãos, despedindo-se, e disse, de acordo com o costume:

— Será prêmio da vossa firmeza a glória e a felicidade nas Terras do Poente!

* * *

Os dias foram passando e cada vez ficava mais próxima a partida de Amenófis. Até que uma tarde o príncipe entrou na barca real acompanhado por Eje e mais dois grandes sacerdotes de Amon. Do convés êle acenou um adeus para a família real que assistia o embarque do alto do Balcão da Aparição. A bordo da nave balouçante, Amenófis olhava o formoso semblante de Nefertiti, enquanto o vento lhe trazia o aroma do trigo maduro e das eiras. Assim, com suas velas rubras, a nave real deslizou rio abaixo. E Tebas foi ficando para trás. Muralhas, cúpulas de templos, obeliscos, estátuas gigantescas, casas e palácios foram desaparecendo numa névoa e finalmente até mesmo as Três Colinas, eternas guardiãs da cidade, ficaram invisíveis.

Havia dor no coração de Ounas, o filho do real cirurgião de crânios, quando se dirigiu ao Templo de Amon, após o embarque do príncipe. Desde que Mischerê entrara para a Casa do Canto, que Ounas nunca mais teve sossego. Embora se amassem apaixonadamente, Ounas sabia que Mischerê estava perdida para ele. Há três anos que Ounas estudava na faculdade teológica da Casa da Vida, a fim de colher conhecimentos para a sua carreira de médico. Naquele dia, escalando a longa escadaria de pedra que conduzia à Casa da Vida, Ounas pensou:

— Lá no alto estão os aposentos das Cantoras de Amon. Como é triste pensar que Mischerê está tão perto e ao mesmo tempo tão longe de mim, enclausurada atrás daquelas portas!

Ounas não podia se conformar com a possibilidade de perder para sempre a sua amada, e um plano audacioso foi se delineando

no seu cérebro. Sabia que os sacerdotes de Amon tinham espiões disseminados por toda parte. Uma palavra inadvertida, um simples gracejo entre os seus colegas eram logo levados ao conhecimento dos sacerdotes; e o acusado chamado para inquérito e punição. Muitos até já tinham sido expulsos da Casa da Vida, que, desde então, ficava fechada para êles eternamente, tanto em Tebas como em todo o Egito.

Mas Ounas era jovem e corajoso. Tinha a audácia estampada na face lisa e morena.Era um rapaz alto e vigoroso. Rosto comprido e ossudo, olhar vivo, penetrante e sonhador ao mesmo tempo. Confiava em Hathor, a deusa do amor, de quem era devoto. Após muita reflexão, Ounas decidiu arriscar-se para salvar Mischerê. No dia anterior, tinha surpreendido uma conversa entre dois sacerdotes que falavam na paixão de Becankos pela virgem que tinha sido escrava da princesa Nefertiti.

— De hoje a três dias — dissera um dêles —, quando os astros forem propícios, Becankos vai levar Mischerê até a pedra do desvirginamento que há no jardim sagrado, onde as vestais são defloradas...

Ounas ficou atônito. Foi como se alguém lhe enterrasse um dardo no coração. Tragou a sua dor e esperou em silêncio o momento de realizar o que pensava.

Nessa noite Ounas não conseguiu dormir. Sua imaginação estava excitada demais com a execução do seu plano. Hora após hora ficou deitado, pensando e escutando os ruídos da noite. No quarto ao lado, seu pai ressonava. Um grilo cantava no jardim. Pouco depois ouviu o coaxar de um sapo. Já próximo do alvorecer, compreendeu que qualquer esperança de repouso desaparecera completamente para ele; que estava desperto e, o que é mais estranho, com curioso pensamento de que alguma coisa ia acontecer. Tão intenso se tornou êsse pressentimento que Ounas levantou-se e acendeu a lanterna de óleo. Súbito, sentiu que havia alguém no quarto. Voltou-se bruscamente para a porta e ali estava Mischerê, muito pálida, olhando para ele com uma misteriosa fixidez. Vestia a leve túnica branca das vestais, de um linho tão transparente que êle podia ver a beleza de suas formas por baixo. Usava uma coifa dourada e um largo colar de pedras verdes, com uma pequena efígie de Amon pendente no meio. Ounas ficou tão abalado que nem pôde falar. Ela continuou imóvel, olhando-o fixamente. Seus lábios não se moveram e, no entanto, ele a ouviu dizer baixinho, porém claramente:

— Na gruta, Ounas! Não me abandones! Procura-me amanhã na décima hora da noite, na gruta onde as vestais são desvirginadas!

Ounas deu um passo à frente, mas Mischerê desapareceu rapidamente. Perplexo ele correu até a porta. Estava fechada e aferrolhada. Mas ela passou como se a porta não existisse. Meio desorientado Ounas pensou que tinha tido uma alucinação ou então que realmente vira algo sobrenatural e inexplicável para êle. Cansado

de pensar em vão, Ounas voltou para a cama e ficou pensando no que acontecera ou parecera acontecer momentos antes. Não era homem dado a fantasmagorias, mas estava certo de que vira a sombra de Mischerê.

O dia continuou aproximando-se da noite. E Ounas preparou-se para a grande aventura. A barca de Amon desapareceu no poente atrás das colinas, os guardas tocaram pela última vez as trombetas de prata e os portões do templo foram fechados como de costume.

Corria a oitava hora da noite quando Ounas deslizou silenciosamente como um fantasma, através do bosque sagrado, agachando-se e abrigando-se atrás de todas as moitas que encontrava. Afinal, achou-se diante da gruta onde diziam que as vestais eram defloradas. A gruta era grande e parecia uma espécie de túnel aberto na pedra. À frente da entrada havia um lampadário e um grande bloco de pedra calcária, lisa e redonda. Ounas escondeu-se sob a densa folhagem e aguardou impaciente.

Tempos depois abriu-se a porta lateral de um pavilhão que dava para o jardim sagrado. Dela saiu o vulto esguio e delicado de uma mulher, vestida de linho transparente. O vulto andava ràpidamente. O luar brilhou sôbre o seu rosto e Ounas reconheceu Mischerê. Pôde verificar, ainda, que ela estava caminhando adormecida, como uma sonâmbula. Sentiu que ela estava sendo arrastada por uma fôrça estranha que agia com mais intensidade sobre a sua vontade adormecida, à medida que ela se aproximava da gruta. Por um momento perdeu-a de vista, na sombra das grandes árvores. Depois, de repente, tornou a vê-la imóvel, perto de uma clareira. Agora, porém, não estava mais sozinha, porque avançando em sua direção vinha um homem, que Ounas reconheceu ser o sacerdote Becankos, o Segundo Profeta de Amon. Seus olhos pretos fulguravam e havia um sorriso triunfal em seus lábios sensuais.

Ounas correu silenciosamente ao longo da orla da clareira, mantendo-se na sombra e ao mesmo tempo empunhando uma faca recurva que seu pai usava para abrir os crânios. De repente Ounas avançou e colocou-se entre Mischerê e Becankos.

Nem uma palavra foi trocada entre êles. Ambos estavam inconscientemente ansiosos por não despertar a môça adormecida, sabendo que se o fizessem seria perigoso para ela. Mas, súbito, os olhos de Mischerê começaram a mudar de expressão. Era como se a alma se erguesse dentro do seu corpo vazio. Afinal falou com voz hesitante:

— Ounas!

Depois se desfez em soluços. Foi, então, que Becankos, recuperado do seu espanto, gritou:

— Acudam guardas! Um estranho violou o bosque sagrado!

Continuou gritando enquanto atracava-se com Ounas numa luta de morte. Becankos era um velho forte e foi um adversário difícil para o jovem. Em dado momento Ounas conseguiu ferir Becankos no braço direito e o sangue jorrou logo da profunda ferida.

Nisso ouviu o ruído dos guardas que se aproximavam empunhando lanças e tochas. Empurrando Becankos violentamente, Ounas, de um salto, galgou o parapeito de um muro e mergulhou num matagal de erva gigante e de espinheiro que crescia perto. Ali, com assombrosa rapidez, ele desapareceu e os guardas não puderam encontrá-lo.

* * *

Na manhã seguinte Nefertiti estava distraída, brincando com sua filha pequenina, quando Sitka, a aia de sua mãe, entrou apressada.

— Senhora, chegaram más notícias da Casa do Conto...

— Que aconteceu? — perguntou Nefertiti assustada.

— Descobriram uma ligação amorosa entre Mischerê e um nobre egípcio, cujo nome os sacerdotes ignoram.

— Oh! Pobre Mischerê! — exclamou a princesa.

— Esta noite ele tentou raptá-la — continuou Sitka —, conseguiu entrar no bosque sagrado onde Becankos os surpreendeu. O rapaz fugiu, mas Mischerê está presa num calabouço, e, se conseguirem capturar seu amante, ele será julgado sem piedade, porque não só transpôs os muros sagrados como ergueu a mão contra o venerável Becankos, ferindo-o num braço com uma faca. Quanto a Mischerê... será enterrada viva...

— Oh! Infeliz Mischerê! — exclamou Nefertiti, tapando o rosto com as mãos — que coisa horrível! Enterrada viva, sentir-se sob uma abóbada de pedra, asfixiar-se na escuridão tremenda... só de o pensar estremeço de horror... que poderei fazer para salvá-la?

Uma voz profunda e metálica falou:

— Infelizmente nada, ó Real Senhora!

— Ounas! — exclamou Nefertiti surprêsa.

O filho do real cirurgião de crânios dobrou um joelho e, inclinando-se para ela, acrescentou:

— Perdoa-me, ó herdeira favorita, mas o amor me perdeu.

E com a voz embargada de emoção, Ounas narrou-lhe tudo o que tinha acontecido e terminou dizendo:

— Dai-me um conselho, Radiosa Princesa, porque eu já nem posso mais pensar!

Nefertiti estimava sinceramente o jovem Ounas. Tinham crescido juntos entre as crianças do palácio e resolveu, de pronto, fazer tudo para salvá-lo.

— Ouve-me — disse ela, após meditar um momento —, é preciso que fujas o mais depressa possível, porque nada podes fazer em favor de Mischerê. Amanhã cedo sai uma caravana para a fabulosa terra de Punt, região da mirra fresca, nas costas da Arábia e da África sobre o mar Vermelho. O chefe é irmão do intendente do palácio; prepararei tudo para partires com esta caravana. Hoje, poderás ficar escondido nos aposentos de Meritaton.

Ounas baixou a cabeça em silêncio. Seu coração ferido parecia imerso num mar de sal.

Com infinita tristeza, Nefertiti aproximou-se e pousou a mão fina e delicada sôbre o ombro de Ounas.

— Pedirei ao faraó para interceder por ela junto aos sacerdotes — disse Nefertiti com brandura.

Neste instante entrou uma escrava e entregou à princesa um rolo de papiro, trazido momentos antes por um emissário do Templo de Amon. Nefertiti desenrolou o papiro e empalideceu. Com a voz trêmula, leu alto a mensagem de Becankos:

"...a vontade de Amon já foi cumprida e o Anjo
Exterminador já guiou o meu braço! Mischerê,
aquela que foi vossa escrava e que mereceu a
honra de representar a deusa Ísis nos últimos
festejos de Osíris, traiu os seus votos de castidade,
introduziu um amante no bosque sagrado e agora está
morta e amaldiçoada pelos deuses.
Esta manhã, ela foi inumada num lugar secreto,
desconhecido dos profanos, dentro de uma coluna
em forma de vaca..."

A voz de Nefertiti se lhe extinguiu num soluço e as lágrimas rolaram grossas por suas faces morenas.

— Regozija-te, Mischerê! — pensou Sitka, que tudo ouvira.—No ventre da vaca repousarás tranqüila como a filha do rei Menkauer no seio do eterno!

E tristemente recordou a lenda da infeliz princesa da quarta dinastia:

"Quando morreu sua filha mais querida, na flor da beleza e da juventude, Menkauer cheio de desdita e dor mandou enterrá-la de modo singular. Colocou o corpo embalsamado da princesa no ventre da vaca Hathor, esculpida na posição ajoelhada, em madeira de sicômoro, ornada de ouro e púrpura e tendo entre os chifres o disco solar todo em ouro puro. Colocou-a num aposento penumbroso do palácio real em Sais, iluminada por centenas de lanternas de prata. O povo oferecia-lhe incenso todos os dias e uma vez por ano, nos dias da lamentação de Osíris, levavam-na ao pátio dos papiros e abriam uma portinhola no lombo da vaca, de modo que os raios do sol caíssem sôbre a múmia; porque também os mortos gostam de contemplar o sol dos vivos. Dizia o povo que Menkauer fora culpado pela morte da filha, pois a desejara como mulher e que se unira a ela contra a vontade da moça. Depois, ela se enforcou devido ao desgosto, e a rainha, sua mãe, mandou cortar as mãos de tôdas as escravas que haviam traído a princesa dizendo ao pai onde ela se escondera, quando êste a procurava cheio de desejo."

Os lábios de Sitka se franziram e uma expressão indefinível se esboçou nêles, quando olhou para Ounas, que continuava ajoelhado

aos pés de Nefertiti. Por um momento, Ounas ficou como que petrificado. Logo exclamou com a voz rouca de emoção:

— Onde estiver Mischerê, quero estar igualmente! — e enterrou um punhal no coração, caindo fulminado.

Nefertiti deu um grito, cambaleou e nada mais viu, senão que as fôrças a abandonavam, os ouvidos zumbiam e tudo rodava em volta dela. Teve a impressão de que rolava para um abismo sem fundo. Depois, perdeu completamente os sentidos.

* * *

Na manhã do sexto dia de viagem, Amenófis IV chegou a Mênfis. Andorinhas ondulavam com chilreios graciosos por sôbre as águas tranqüilas. A embarcação aproximou-se de um cais de pedra junto ao jardim do Templo de Amon, e, quando os pés do príncipe tocaram as pedras cálidas do desembarcadouro, seu coração palpitou feliz. Sôbre a plataforma rochosa de Giseh, ao norte de Mênfis, se elevavam as Três Pirâmides da quarta dinastia. Próximo, avistou a Esfinge, que os sacerdotes chamavam de "Templo de descanso do deus Harmakhis".

Ao encontro de Eje e de Amenófis vieram Nebamon, o Grande Profeta de Mênfis, e vários sacerdotes de alta categoria. Todos saudaram o príncipe cruzando os braços sobre o peito, como era costume fazer para com os membros da família real. Nebamon era um homem idoso, de porte elevado, vestido de branco e carmesim. Rosto calmo e regular, expressão melancólica e ascética, mas nos grandes olhos escuros brilhava uma inteligência tão viva e um magnetismo tão grande como o príncipe jamais havia visto.

Nebamon rogou aos recém-chegados que o seguissem. Atravessaram então vários pórticos e amplas galerias, pátios sustentados por altas colunas papiriformes, chegando, afinal, a um aposento circular, luxuosamente mobiliado. Na porta estavam dois guardas gigantescos, armados de longas espadas. Mais tarde o príncipe soube que se tratava do Vigilante e do Arauto dos Mistérios.

— Aqui começam as provas — disse Nebamon. — Neste aposento Vossa Majestade deverá repousar até amanhã, sem falar com ninguém.

E com uma reverência Nebamon retirou-se acompanhado por Eje e os outros sacerdotes.

Amenófis despiu as insígnias reais e pôs-se a caminhar de um lado para outro, pensativo; por fim, sentou-se numa cadeira e, tomando tabuinhas de argila de sobre a mesa e um estilete, começou a escrever uma poesia. Quando terminou, apoiando os cotovelos nos braços da cadeira de ébano, pôs-se a pensar com ar sombrio e cenho carregado.

Os raios da aurora douravam o horizonte cintilando como rubis nas águas do rio, quando Nebamon entrou nos aposentos do prín-

cipe. Amenófis já estava de pé e olhava o sol através da ampla janela. Após a saudação usual, o Grande Profeta falou:

— Breve começará um jejum de oitenta dias, durante os quais sòmente bebereis água. Reflete, pois, ó príncipe, no que ides fazer, nas provas que vos esperam, e se a vossa coragem não fôr bastante, então renunciai ao vosso empreendimento! Depois... já não podereis recuar...

— Estou pronto para enfrentar o que fôr necessário! — respondeu Amenófis com firmeza.

Nebamon olhou o príncipe. Seu olhar perfurava como um punhal. Amenófis enfrentou-lhe o olhar. Após uma breve pausa, Nebamon disse:

— Então, segui-me, ó favorito dos deuses!

Caminharam através de um longo corredor penumbroso. Logo penetraram num vestíbulo escuro, sem saída aparente. Ao clarão de um archote empunhado por Nebamon, Amenófis viu nas paredes baixos-relevos de rostos divinos. Ao fim do vestíbulo, deparou com uma múmia e um esqueleto, ambos colocados de pé ao lado de uma abertura singular que dava para um corredor. Este era tão apertado que não se poderia entrar nêle senão de rastros.

— Podeis ainda voltar sobre vossos passos, Majestade — falou o Grande Profeta de Amon.- Não se cerrou por enquanto a porta do santuário. Reflete, uma vez mais, ó príncipe!

— Eu fico! — retrucou Amenófis.

— Entrai, pois, na Sala dos Passos Perdidos e fazei o que vos disse.

Nebamon entregou-lhe a tocha acesa e recuou, desaparecendo em seguida atrás de uma porta oculta na parede.

Durante um momento Amenófis hesitou. Depois, entrou na estranha abertura. Após algum tempo chegou a um poço fundíssimo, olhou para ele através da débil claridade da tocha e só viu um abismo e uma escuridão profunda. Seu aspecto gelava de horror e conteve um pouco a audácia do príncipe. Resolveu descer. Colocou um pé sôbre um degrau de metal e entrou todo no poço. Encontrou outro degrau e depois outro e foi descendo. Contou sessenta degraus até encontrar uma janela que guiava a um caminho cavado na rocha e que descia em linha espiral a muitos metros de profundidade. Havia trevas em cima e trevas embaixo. As paredes do estreito conduto pareciam que se fechavam sobre ele, num supremo abraço da terra. Súbito ouviu uma voz dizer no fundo do poço:

— "Aqui perecem os loucos que apeteceram a ciência e o poder."

Devido a um maravilhoso efeito de acústica, aquela frase foi repetida sete vezes por ecos distanciados.

Amenófis não se deteve. O poço alargou-se gradualmente, mas descia em rampa, cujo declive se tornava cada vez mais precipito-

so. Chegado ao último degrau da escada, o olhar do príncipe mergulhou num precipício horroroso.

— Que fazer? — pensou Amenófis.

Para cima, era quase impossível retroceder; embaixo, era a queda na escuridão, na noite medonha.

À luz fraca da tocha percebeu que à sua esquerda uma fenda se abria. Aferrado com uma mão na escada de metal, estendendo a outra com a tocha, sondou-a. Uma escadaria! Precipitou-se para ela. A escadaria, furando a rocha, subia em espiral. Amenófis foi subindo devagar. Súbito, um braço potente o deteve.

— Venceste a primeira prova penetrando no Poço da Verdade – disse uma voz amável e varonil. – Agora segue-me, eu sou o Guardião dos Símbolos Sagrados!

Retrocederam pelo poço e alcançaram uma outra galeria, após haver transposto uma enorme porta giratória. Finalmente, o príncipe encontrou-se diante de uma grade de bronze, dando para uma larga galeria sustentada por enormes colunas. Amenófis pensou na maravilha daqueles vastos subterrâneos, impenetráveis aos homens, exceto os sacerdotes e os iniciados.

— Isto aqui é obra dos homens ou dos deuses? — perguntou ele curioso.

— É obra de nossos reis — respondeu o outro — e do suor e da fadiga de seus vassalos.

E abrindo a grade de bronze levou-o até uma capela que servia de entrada a misteriosas salas subterrâneas. Uma estátua de Ísis, em granito rosa, de tamanho natural, encobria e disfarçava uma porta. Sentada, a deusa tinha sôbre os joelhos um papiro enrolado; seu belo rosto revelava uma expressão de meditação e recolhimento. Estava velado por um véu de musseline branca. Sob a estátua, gravados em caracteres negros sobre uma placa de mármore branquíssimo, lia-se a seguinte inscrição:

"Todo mortal que caminhar sozinho e sem susto por este tenebroso recinto voltará a ver a luz, será purificado pelo fogo, o ar e a água e iniciado nos sagrados mistérios da deusa Ísis."

— Esta é a porta do santuário oculto – disse o hierofante. – Olha estas duas colunas. A vermelha, representa a ascensão do espírito para a luz de Osíris; a negra, significa sua sujeição à matéria, pecado esse que pode ir até o aniquilamento. Quem quer que procure a nossa ciência e a nossa doutrina joga a vida. A loucura e a morte, eis o que o fraco aí encontra. Só os fortes e os bons encontram nela a vida e a imortalidade.

Após estas palavras, o hierofante abriu uma porta que dava acesso para uma abóbada estreita, na extremidade da qual crepitava uma fornalha ardente. No seu interior Amenófis viu ramos de

bálsamos arábicos, cedro, acácia e tamarindo. O fumo saía por uns largos tubos.

— Vai, atravessa a fornalha! — disse o hierofante.

— Mas isto é a morte! — exclamou Amenófis atônito.

— A morte só apavora as naturezas fracas, ó príncipe! Eu atravessei outrora estas labaredas como quem atravessa um campo de rosas...

E dando-lhe as costas o hierofante saiu cerrando a grade da galeria dos mistérios atrás de si.

Por um momento Amenófis ficou imóvel. Depois, aproximando-se, viu no espaço que deixavam os ramos das árvores uma linha intermediária que não ardia. Era tão estreita que só dava passagem se ele pusesse um pé atrás do outro, com muito cuidado e atenção, porque todo o resto era fogo de verdade. O príncipe não titubeou e foi caminhando com passos firmes. Assim que saiu daquela prova são e salvo encontrou-se diante de um rio, cujas águas corriam com estrépito, de maneira que unido ao ruído das chamas que crepitavam dava uma impressão aterrorizadora. Na outra margem do rio, viu, debaixo de uns arcos, uma tosca escada de pedra que se perdia na escuridão. Sentiu que aquele é que era o caminho que devia tomar. A um canto havia uma lanterna a óleo. O príncipe tirou a túnica de linho ficando apenas com uma sunga. Atravessou o rio, nadando com um braço e com o outro, segurando no alto a lanterna acesa. Subiu a tosca escada de pedra e encontrou-se diante de um pavimento com três grandes concavidades. A um lado, uma pesada porta de cedro incrustada de marfim. Tentou várias vezes abrir a porta, mas em vão. Afinal, viu no alto da porta duas grandes argolas douradas. Segurou nas argolas com força e, súbito, a porta começou a se abrir vagarosamente. A lanterna caiu no chão e apagou-se. Amenófis continuou segurando fortemente as duas argolas. Afinal, quando a porta abriu-se por completo, o príncipe viu um grande salão iluminado por muitas luzes.

Amenófis entrou rapidamente no aposento. Respirou aliviado. Através de uma grande grade de metal viu o boi Ápis no seu estábulo e compreendeu, com surpresa, que sua saída era por debaixo do pedestal da tríplice estátua de Ísis, Osíris e Hórus no grande santuário do Templo de Amon, chamado "A Grande Loja de Mênfis". Foi recebido por quarenta sacerdotes que regiam a Loja. Usavam uma túnica carmesim e tinham a cabeça rapada e luzidia, exceto alguns que usavam um alto capacete, com uma infinidade de olhos pintados sobre a seda azul. Soube, depois, que aqueles eram os sacerdotes de Osíris e os olhos representavam os raios do astro luminoso e o olho que tudo vê.

Viu também alguns sacerdotes que usavam apenas uma sunga de linho e um avental triangular feito de pele de cordeiro. O avental estava com a ponta levantada. Amenófis percebeu que se tratava dos sacerdotes noviços.

Nebamon recebeu o príncipe com um sorriso benévolo e felicitou-o pela sua coragem. Em seguida, trouxeram uma taça de ouro, cheia de água fresca. Nebamon, estendendo-lhe a taça, falou:

— Esta água fará com que olvideis todas as falsas máximas do mundo.

Amenófis pegou na taça e bebeu a água. Em seguida, mandaram que êle se ajoelhasse ante a tríplice estátua, e Nebamon, apoiando sôbre a cabeça do príncipe as suas mãos, disse:

— Ó grande deusa do Egito, ilumina com tuas luzes aquele que superou as provas iniciais e torna-o vitorioso nas provas da alma, para que mereça ser admitido em teus mistérios!

Todos repetiram em côro esta oração e depois Nebamon deu a Amenófis uma outra taça com água fresca, dizendo que aquela água lhe traria à memória as lições de sabedoria que ia receber. Esta cerimônia foi seguida de uma música muito suave e harmoniosa; alguns sacerdotes cantaram hinos em louvor de Ísis e, acabado o canto, levaram Amenófis para um amplo aposento, de onde não poderia sair senão depois de iniciado.

Soube, em seguida, que, se tivesse fracassado nas provas iniciais, teria sido agarrado e levado a certa sala subterrânea, onde ficaria encerrado para tôda a vida ou, então, seria envenenado. Teria de escrever, ao faraó, as seguintes palavras:

"Os deuses justos e misericordiosos castigaram a minha temeridade; recebei, pois, esta despedida eterna. Estou para sempre separado do mundo, mas o meu retiro é doce e sossegado. Temei e respeitai os deuses!"

Desde então passaria por morto e nem mesmo os membros da família real escapavam desta punição.

Passados os umbrais da iniciação, começaram para Amenófis IV os longos meses de estudo e de aprendizagem. Antes de se elevar a Ísis Celeste deveria conhecer a Ísis Terrestre, instruir-se nas ciências físicas e espirituais. O seu tempo repartia-se entre as meditações na Sala dos Passos Perdidos, o estudo dos antigos hieróglifos nas salas e galerias do templo subterrâneo, tão vasto como uma cidade, e as lições dos profetas de Amon. Aprendia, entre outras coisas, a ciência dos minerais e das plantas, a história do homem e dos povos, a medicina, a arquitetura e a música sagrada.

Nessa longa aprendizagem não devia, apenas, conhecer, mas adivinhar, conquistar a fôrça pelo poder da ciência.

Os sábios antigos criam que o homem não possuía a verdade senão quando esta se tornava uma parte do seu ser íntimo, um ato espontâneo da sua alma.

Todavia, neste trabalho de assimilação, os mestres deixavam Amenófis completamente entregue a si mesmo. Não o auxiliavam em coisa alguma e, a maior parte das vêzes, êle se espantava com aquela indiferença. Mas era vigiado com atenção; sujeitavam-no a

regras inflexíveis; exigiam-lhe uma obediência absoluta; mas nada lhe revelavam além dos limites.

Às suas inquietações, às suas perguntas respondiam-lhe apenas: "Espera e trabalha!"

Vinha-lhe, então, uma revolta íntima, suspeitas incríveis. Ter-se-ia ele, o príncipe herdeiro, tornado escravo de impostores audaciosos ou de magos negros que subjugavam a sua vontade com fins infames? A verdade fugia-lhe; até mesmo Aton o abandonara; sentia-se só e prisioneiro no templo.

O jejum era rigoroso. Nos dois primeiros meses teve pão, mel e frutas. Depois o pão foi diminuindo e as frutas também. Dormia apenas seis horas sobre uma cama simples, coberta com uma esteira de junco, embora ao meio-dia pudesse repousar meia hora sentado. Isto tinha por fim a purificação do corpo e fazia parte da primeira das três fases da iniciação. As outras duas eram a purificação da alma e a manifestação dos deuses. Assistia a duas conferências por dia. Pela manhã, um sacerdote lhe explicava a noção de um deus único, que só com seu pensamento deu vida e movimento à matéria, e que poderia, se quisesse, destruir o mundo e fazer voltar o caos; que sua imensidade não está ao alcance da nossa visão comum, porém, que para mostrar-se à nossa fraqueza surge diante de nós sob a imagem do Sol e dos planetas; que ele próprio é quem é a primavera. Sob o nome de Ísis, estende sobre a terra um magnífico tapete de plantas e de flores, faz brotar o trigo e os cereais, as frutas e tudo o mais que existe sobre a terra.

A palestra da tarde era de uma hora e meia e versava sobre a moral. Amenófis tinha liberdade para entrar nas celas dos sacerdotes destinados a instruções sagradas. Estava proibido ao príncipe falar e até mesmo fazer um gesto de saudação. A todas as cortesias não lhe era permitido corresponder de modo algum.

Devia observar o mais absoluto silêncio. Em caso de doença, faria um sinal, colocando a mão direita sobre o coração. Em tal caso, seria tratado cuidadosamente pelos sacerdotes médicos; porém, logo depois de curado, voltaria a praticar a purificação, até terminar o tempo prescrito. Deram rolos de papiro e tabuinhas de argila, bem como tinta, pincel e um estilete para que escrevesse o que quisesse. Durante as suas meditações, o príncipe compreendeu o sentido simbólico das provações que atravessara ao penetrar no poço sombrio onde ele supusera cair. Este era menos negro que o sorvedouro da verdade insondável; o fogo que atravessara era menos terrível que as paixões que ainda queimavam a sua carne; a água tenebrosa do rio em que mergulhou era menos fria do que a dúvida em que o seu espírito se afundava durante as horas más. E pensava: "A verdade não se dá. Ou nós a encontramos em nós mesmos ou nunca a encontramos."

Decorrido o tempo necessário, vieram buscar Amenófis para responder às perguntas do Grande Profeta de Amon. Para estar con-

venientemente vestido, colocaram-lhe sôbre a sunga de linho real um avental triangular, feito de fina pele de cordeiro, símbolo da brancura da alma ainda não senhora dos segredos da Casa da Luz.

Tal como ele vira antes em alguns noviços, seu avental também estava com a ponta levantada, significando, assim, que a alma ainda não podia dominar o corpo. Na porta do santuário oculto, o Vigilante perguntou, como era costume:

— Quem sois?

E Amenófis respondeu como lhe ensinara Nebamon:

— Shu, o suplicante, que vem das trevas em busca da luz.

Então, a porta, que era um triângulo equilátero de pedra, girou em torno de um eixo em seu próprio centro.

Ao entrar, o príncipe pisou num grande quadrado de alabastro e ao fazê-lo sabia que estava trilhando e transpondo o quaternário inferior, com a personalidade do homem, a fim de desenvolver o Eu Superior. Fizeram-no dar sete voltas em redor do imenso salão circular e, após ter respondido a diversas perguntas, foi conduzido ao centro do salão, onde teve que pisar primeiro com o pé esquerdo.

— Que desejas? — perguntou uma voz.

— Luz!

Então, dois sacerdotes vieram ao seu encontro. Um usava a máscara do deus Toth e outro a máscara do deus Hórus.

Aproximaram-se e disseram-lhe ao ouvido a secreta palavra de passe:

— *Maat-Heru!* (Aquele cuja voz tem que ser obedecida.)

Nisso, de trás de um altar, surgiu Nebamon suntuosamente vestido e usando por cima da túnica branca um avental triangular, feito de pele de cordeiro orlado de azul, ouro e incrustado de jóias preciosas. Na mão direita tinha um ramalhete, ou dupla acha, insígnia de Hórus. Era um formoso instrumento de jade verde incrustado de ouro. No seu peito, pendia de uma grossa corrente de ouro a flecha de Rá, o deus Sol, também de ouro, símbolo da evolução espiritual. De todos os lados surgiram sacerdotes empunhando espadas desembainhadas apontando para o peito nu de Amenófis IV. O príncipe permaneceu sereno. Sabia que aquelas espadas, como centenas de milhares de outras que se achavam ocultas, estavam prontas para acudir em seu socorro, se ele fosse um bom adepto, respeitador das Leis do Templo, mas também seriam as vingadoras da Ordem e da Virtude, se ele se tornasse culpado e perjuro.

Nebamon sentou-se numa espécie de trono, diante do qual havia uma mesa de ébano tendo em cima um triângulo e um quadrado geométrico de ouro. O triângulo representava a vontade espiritual, o amor intuicional e a inteligência superior do homem. O quadrado era o símbolo do corpo físico, com sua parte densa e seu Bá, Ká e Ahk. Unidos, o triângulo e o quadrado simbolizavam o homem setenário ou ser superior.

NEFERTITI

Amenófis foi conduzido até o trono de Nebamon. Este veio ao seu encontro e, encostando as pontas do triângulo sobre o peito do príncipe, falou:

— Aprendei a ser exato e justo como as pontas deste triângulo. Dirigi sempre para o bem os movimentos do vosso coração.

Depois, pegando numa espada, cuja lâmina parecia uma chama, Nebamon encostou-a de leve sobre a cabeça do príncipe. Em seguida, com o malhete de jade bateu três pancadinhas sobre cada ombro de Amenófis, declarando-o aprendiz dos mistérios.

O príncipe saudou o mestre, ficando na posição de sentido. Deu três passos à frente e depois colocou o calcanhar do pé direito junto ao calcanhar esquerdo, com os pés abertos nas pontas, formando a esquadria. A mão direita espalmada no peito formava um ângulo com os dedos polegar e índice comprimindo levemente a garganta, o cotovelo ligeiramente levantado, formando outro ângulo.

Amenófis sabia que esta posição significava, de cima para baixo, os dedos na garganta: "que mais fácil será ser degolado do que revelar os segredos iniciáticos". O braço: "que a sua força, naquele momento representada pelo braço direito, está toda ao serviço da Sublime Ordem". O dos pés, terceiro ângulo inferior, significava: "que o iniciado deve ter sempre uma vida reta, assentados todos os seus atos sobre o quadrado cujo nome era *neka*".

A seguir, Nebamon perguntou:

— Está provada a existência do Criador?

— Sim, do mesmo modo que a luz prova a existência do Sol e nosso pensamento prova que existimos.

— Em que consiste a liberdade?

— Em dominar-se e em não temer a nada senão a sua própria consciência.

Nebamon ficou satisfeito com estas respostas. Em seguida, Amenófis foi reconduzido aos seus aposentos subterrâneos e mandaram que ele estudasse e orasse. Amenófis amou o encanto austero daquela solidão em que passava como que um sopro do Supremo Arquiteto do Universo. Um dia vieram buscá-lo. O príncipe passou por diversas purificações e lhe foi conferido o grau de Companheiro dos Iniciados. Mais alguns dias se passaram e chegou, afinal, a terceira e última parte da iniciação do príncipe. O jejum foi rompido e lhe serviram vinho e manjares suculentos; porém, como durante três meses o príncipe não havia provado daqueles alimentos, os sacerdotes médicos presidiram a sua refeição, a fim de orientar a sua nutrição.

Depois, Nebamon veio ao encontro de Amenófis e falou:

— Aproxima-se a hora em que a verdade vos será revelada. Ides entrar agora na grande, na inefável comunhão dos Mestres Iniciados, pois que disso sois digno, pela pureza do vosso coração, pelo amor à verdade e à renúncia. Mas ninguém franqueia o limiar de Osíris sem passar pela morte e pela ressurreição. Vamos, portanto,

acompanhar-vos ao lugar secreto. Não tenhais receio, porque já sois um de nossos companheiros.

E pelo crepúsculo, os sacerdotes acompanharam, entre tochas acesas, o novo adepto a uma cripta baixa, sustentada por colunas cujas bases eram formadas por esfinges. O herdeiro ajoelhou-se diante da estátua tríplice e o Grande Profeta de Amon consagrou-o a Ísis, em nome da sabedoria; a Osíris, benfeitor dos homens, e a Hórus, deus do silêncio e das coisas secretas. Depois, com o malhete de jade na mão, Nebamon pronunciou o juramento que foi repetido por Amenófis IV:

"Juro não revelar jamais a nenhum profano nada do que meus olhos virem no santuário secreto e, se chegar a ser perjuro, chamo para que venha sôbre mim a vingança das divindades do céu, da terra e dos infernos!"

Feito este juramento, abriram-se as misteriosas portas de pedra dos subterrâneos. Como de costume, deram-lhe como guia o último egípcio iniciado no templo. Logo que entraram, a porta se fechou atrás dêles e o príncipe ouviu chôro de crianças. Soube que eram os filhos dos sacerdotes, que as mães iam dar à luz naquelas paragens. Havia dois motivos para aquele retiro. O primeiro, o de acostumar as crianças à obscuridade daquelas salas, em que haviam de passar parte de suas vidas. O segundo, de que nenhum ruído distraísse os sacerdotes de suas meditações e seus estudos. O guia só permitiu que o príncipe visse de longe aquêles aposentos.

Os sacerdotes de segunda categoria — disse o guia — formam juntamente com suas mulheres e seus filhos um povo numeroso de ministros subalternos para as cerimônias religiosas, para criados dos sacerdotes superiores ou das grandes sacerdotisas, para operários de toda a espécie e para tôdas as necessidades das Três Grandes Lojas de Amon, porque nenhum estrangeiro é ali admitido.

Amenófis soube que as sacerdotisas de segundo grau se distinguiam das outras pela túnica de linho carmesim. Tôdas as artes mecânicas, encerradas nos subterrâneos, ofereciam uma larga série de curiosidades. O príncipe e o guia caminharam bastante tempo e chegaram a um aposento onde deviam repousar. Como não podiam percorrer aquêles vastos caminhos de uma vez, foram fazendo várias etapas, em diversas celas, para comer e repousar. No quarto dia chegaram ao campo das lágrimas, que era o lugar onde se castigavam as faltas dos sacerdotes ou sacerdotisas de segunda categoria. Ali ficavam êles, nus até a cintura, em absoluto silêncio, trabalhando para o templo e estudando. Para os que tinham violado algum segrêdo, estava destinado o suplício de abrir-lhes o peito e arrancar-lhes o coração, que jogavam depois para as aves de rapina, a fim de que o devorassem.

Andaram algum tempo mais e chegaram a um jardim maravilhoso, com oito alamedas paralelas, cheias de flôres raras e árvores

odoríferas, pássaros, garças e cisnes nadando num lago. Entraram num grande labirinto, cujos caminhos tortuosos conduziam a um bosque onde pastavam branquíssimos cordeirinhos. Ao sair do labirinto, deram com um amplo canal, cuja água, lenta e pacífica, era a imagem da vida de um sábio, cujos dias correm no centro da tranqüilidade. Do outro lado do canal havia um vasto parque formado por árvores copadas. O parque estava adornado de inúmeras estátuas de mármore branco.

— Estas estátuas — disse o guia — são a de nossos Grandes Profetas, que nos governam há trinta e quatro mil anos...

— Tão velho é o mundo? — perguntou Amenófis, com uma certa dúvida no olhar.

— Que são trinta, quarenta ou cinqüenta mil anos comparados com a rápida sucessão dos séculos?

— Vamos atravessar aquele canal? Vejo uma ponte sobre ele — disse o príncipe.

— A ponte está guardada por leões — respondeu o guia.-Ademais ali é o lugar das almas bem-aventuradas e não temos permissão para ir até lá...

— Ah! — murmurou Amenófis.

O sol, debilitado pelo espessor das sombras que projetavam as copadas árvores, rodeava tudo de um suave resplendor. E como o jardim estava situado a cinqüenta metros de profundidade, nele não entrava o sol senão quando estava na metade da sua carreira.

Algum tempo depois, Amenófis foi levado a uma gruta em cujo centro havia um pequeno lago. O príncipe foi lavado, ungido com essências raras e vestido com uma alva túnica de linho real. Dois sacerdotes conduziram-no a uma outra gruta, onde tudo estava escuro e só se avistava um leito macio, misteriosamente iluminado pela meia luz de um lampadário, suspenso no teto. Deixaram-no só, depois de lhe terem dito:

— Repousa e espera o Grande Profeta de Amon.

Amenófis distendeu os membros fatigados sobre as cobertas de púrpura do leito. Após a longa caminhada, aqueles momentos de calma eram deliciosos. Súbito, do fundo da gruta começaram a sair os ruídos vagos de uma música lasciva. Eram sons leves e indefiníveis, de um langor triste e incisivo. Roçava-lhe pelos ouvidos um tinir de sistros, misturado com harpas e sons fugitivos de flautas. Como que embalado por aquela música, Amenófis fechou os olhos. Quando os abriu, avistou, a alguns passos do seu leito, uma sedutora mulher. Estava nua, envolta numa gaze de púrpura transparente. Pendia-lhe do colo moreno e formoso um colar de amuletos. Os seios firmes estavam pintados de dourado. O rosto era de feições puras e belas. Na cabeça, usava uma peruca de cabelos naturais, negros e sedosos. Seus olhos escuros, pintados com malaquita verde, faiscavam na penumbra.

Amenófis ergueu-se surpreso. A mulher aproximou-se a passos lentos e macios.

— Tens medo de mim?— perguntou docemente.— Eu sou a recompensa dos vencedores, o esquecimento das tristezas, a taça da alegria, o repouso dos fortes...

Amenófis permaneceu em silêncio. Vivera nos últimos meses numa castidade total, rodeado de um ambiente tão místico que para ele o sexo estava morto.

A mulher sentou-se no leito, ao seu lado. Dela se desprendia um aroma de âmbar e de sândalo que o fez lembrar-se de Nefertiti. A imagem da esposa bem-amada veio-lhe à lembrança e com um gesto delicado, Amenófis afastou a mulher e disse:

— Não, não tenho medo de ti... volta para onde vieste. Meu coração está cheio de amor divino...

Assim que terminou de dizer estas palavras abriu-se uma porta na parede da gruta e dela saíram doze sacerdotes empunhando tochas acesas, que o rodearam cantando hinos e o conduziram triunfalmente ao santuário de Ísis, onde os quarenta regentes do templo o receberam com alegria nos umbrais da terceira iniciação.

Após uma noite repousada, o príncipe continuou a andar através dos subterrâneos, conduzido pelo guia que estava à sua disposição. Soube, então, que se tivesse sucumbido à tentadora aparição, não poderia atingir as alturas do espírito e do conhecimento divinos. Ficaria preso no templo e jamais poderia abandoná-lo.

Dois dias depois chegaram a um conjunto de passagens e de câmaras combinadas de maneira sutil.

— Vem! — disse o guia.

Amenófis seguiu-o através de uma passagem de entrada e subiram dezesseis degraus de pedra. Em seguida, enveredaram por uma passagem descendente. Continuaram andando em silêncio e depararam com uma grande pedra triangular destinada a ocultar a existência de uma passagem ascendente. Finalmente chegaram a uma pequena passagem horizontal, que terminava numa Câmara Subterrânea. Sua altura era de cerca de um metro e trinta e dois por um metro e seis de largura. Á Câmara Subterrânea era uma fossa muito funda. Tinha o teto liso e unido, mas o solo era de pedra bruta e bastante desigual. Parecia ter sido construída ao contrário.

— Esta câmara — explicou o guia — simboliza a loucura e aqui tudo tem um sentido duplo.

Dali passaram a uma passagem estreita e bastante baixa que terminava numa outra câmara.

— Chegamos à Sala da Verdade na Sombra. Representa a época do renascimento espiritual da humanidade.

Ao saírem desta sala, o príncipe observou que o teto se elevava bruscamente a uma altura de uns oito metros e meio. Subiram vinte e seis degraus e penetraram numa Grande Galeria, que, embora longa, era um pouco estreita. A galeria tinha uma rampa que

terminava num alto degrau de pedra, bastante largo. Transposto o degrau, chegaram a uma antecâmara com duas passagens para outros aposentos. A partir da primeira passagem, a altura do teto elevou-se bruscamente. As paredes estavam revestidas de granito em forma de entalhes verticais. O príncipe seguiu o guia pela primeira e pela segunda passagem; esta última era toda de granito vermelho.

– Estamos na Câmara do Tríplice Véu – disse o guia.– Abaixa-te, ó príncipe, e testemunha a tua humildade diante da última passagem desta sala, que simboliza a Humilhação Final.

Amenófis obedeceu e penetrou na última câmara. Tratava-se de uma vasta sala, de uns dez metros por mais de cinco de largura. Do teto, muito alto, pendia uma Estrela Flamígera, de cinco pontas, toda em cristal transparente. No centro do aposento via-se um grande sarcófago de granito vermelho, sem tampa. Era largo e fundo.

– Esta é a Câmara do Mistério e da Tumba Aberta – disse o guia, fitando Amenófis com seus calmos olhos escuros.– Aqui a morte é vencida e subjugada na luz divina... O conjunto destas passagens e câmaras – continuou o guia – corresponde ao número secreto 286,1022, que é a cifra-chave dos mistérios. Ela permite determinar exatamente o valor do ano sideral e solar, a distância do sol à terra, a lei da gravitação em relação à terra e sua órbita e os limites de variação da excentricidade da órbita terrestre, bem como muitas outras coisas mais.

Assim que o guia terminou de falar entrou Nebamon. Saudou o príncipe e disse:

– Nenhum homem escapa à morte e toda a alma vivente está destinada à ressurreição. O adepto dos mistérios passa vivo para o túmulo para entrar noutra vida, na luz de Osíris. Deita-te, pois, nesta tumba aberta, ó príncipe, e espera a chegada da luz. Tu franquearás esta noite a porta do terror e atingirás os umbrais do mestrado!

Amenófis deitou-se no sarcófago de granito vermelho. Nebamon espalmou sobre ele a mão direita em bênção e afastou-se em silêncio, seguido pelo guia.

Amenófis pareceu ouvir ao longe um coro de vozes profundas, baixo e velado. O canto expirou e a luz que havia no interior da Estrela Flamígera também se extinguiu. Amenófis ficou sozinho, pensando, nas trevas. Caiu sobre ele o frio do sepulcro, que lhe gelou todos os membros. Gradualmente, sentiu todas as sensações dolorosas de uma morte violenta, até que tombou na letargia. Sentiu que seu corpo se dissolvia, e o seu Bá, em forma de pássaro com cabeça humana, foi se desprendendo. Seria a magia dos sacerdotes que produzia tudo aquilo? Um ponto brilhante se acendeu ao longe. Uma rosa branca desabrochou ante os seus olhos fechados. A rosa foi crescendo e transformou-se numa roseira, coberta de rosas. Ele viu formarem-se suas folhas, suas pétalas diáfanas, que foram ficando rosadas e logo de um púrpura brilhante. Era a flor de Ísis, a rosa mística que encerra em seu coração o amor universal. Mas eis que

a roseira se desvanece numa nuvem perfumada. E Amenófis sentiu-se bafejado pelo sopro de uma brisa fresca; logo viu formar-se, no espaço infinito, o disco luminoso de Aton, com seus raios dourados que terminavam em forma de mãos etéreas segurando a cruz ansata.

— Aton! — murmurou Amenófis extasiado.

— Ergue os olhos e olha! — falou uma voz sem som.

Então Amenófis viu um espetáculo maravilhoso passado no espaço infinito, no céu estrelado, que o envolvia em sete esferas luminosas.

— Agora escuta e compreende — prosseguiu a voz:

"Quando houveres recolhido as sementes (pois não te dou senão a semente da tua transformação pessoal) e houveres colhido os grãos, retorna ao mundo e cumpre ali a tua missão, até que a terra onde tenha germinado a semente floresça e produza para mim seus frutos.

Não pretendas ensinar aos outros antes de haveres, tu mesmo, recebido as sagradas lições, para que a teu irmão não ofereças fórmulas vãs. Mas, se no âmago da instrução que te for dada descobrires, por ti mesmo, pérolas de luz, reconhece, nisso, que já terás muito que dar e não receies ensinar por ti mesmo. Não fiques triste quando me mantenho silencioso, nem te alegres quando ouvires a minha Voz, porque, sabe-o bem, Eu sou o silêncio e Eu sou o som. Tenha a certeza de que Eu não te abandono jamais, embora conservando-me oculto.

Não procures escapar das lições da experiência; fugir da tentação não é vencê-la.

Não te separes, com asco, do ser impuro e do malvado; fugir ao contágio outra coisa não significaria senão aproximá-lo. E se em tua rota não puderes avançar intacto e puro, sabe que a tentação e a própria queda proporcionar-te-ão os mais proveitosos frutos, desde que ponhas um sulco entre ti e a experiência que te houver feito cair.

Avança e encontrarás preparado o lugar para o passo seguinte; apesar de te envolverem as trevas. Mais seguro, no entanto, é que um braço potente te sustenta. Segue o caminho trevoso que conduz à Luz.

Consagra-te humilde e alegremente ao meu serviço; não há ação, por modesta que seja, que não te ligue a Mim; pois, obedecendo assim à Lei, teu próprio corpo chega a ser inseparável do meu. Eu sou teu pai e tu és meu filho, aquele que vive da Verdade.

Filho meu, compreende minhas palavras. No centro do mundo existe uma energia vivificadora e ponderadora que, diante dos seres vivos, joga o papel de Providência. Essa Energia é, ao mesmo tempo, Vida, Calor, Pensamento, Vontade, Atividade e Sabedoria. Bus-

ca estar sempre em harmonia com esta Sabedoria Iniciática das Idades! Busca o permanente, mas não evites o transitório. Penetra em meu silêncio, procura, ali, o que julga sem palavras. Dá-me a tua confiança total e Eu te iluminarei o Caminho. Dá-me a tua fé e onde outros tiverem caído ela te sustentará, pois a tua fé é a única que abre Minha Senda a teus passos. Procura no teu íntimo a verdadeira união com o TODO. É, então, que serás Uno comigo e Eu serei UNO contigo; é, então, que meu coração pulsará no palpitar do teu; é, então, que TUDO é UM e UM é TUDO.

Quando tiveres alcançado esta unidade, terás palmilhado o caminho que conduz até Mim. Ofereço-te a minha Paz, a minha Paz te deixo.

Que minha Paz seja contigo...

Para sempre..."

Súbito tudo ficou silencioso e a visão se desfez. Amenófis sentiu-se precipitado em seu próprio corpo, que jazia deitado no fundo do sarcófago de granito vermelho. Caiu num estado de letargia consciente. Afinal... despertou e, de pé, na sua frente viu Nebamon acompanhado pelos grandes sacerdotes da Casa da Luz. Rodearam-no cantando hinos em surdina. Deram-lhe a beber uma taça com hidromel misturado com um suco de ervas aromáticas e ele levantou-se forte e alegre em plena posse da ciência misteriosa da Casa da Luz.

— Vossos olhos contemplaram a visão divina? — indagou Nebamon, olhando-o fixamente.

— Sim! — respondeu Amenófis IV.

—.Que os deuses sejam louvados! — exclamaram todos.

Com sua voz grave e macia Nebamon falou:

— Ei-vos ressuscitado. Agora Vossa Majestade celebrará conosco o festim dos iniciados. Guarda no fundo do vosso coração a viagem astral que acabais de fazer. De hoje em diante sois um dos nossos.

Em seguida, Nebamon conduziu o príncipe até a Câmara Inconclusa, que terminava no teto, por uma plataforma. Ali, onde somente o Grande Profeta de Amon podia penetrar, Nebamon fêz ao príncipe a grande revelação, explicando-lhe os sinais simbólicos de uma estela da cripta secreta que só ele conhecia. A sua explicação era transmitida oralmente aos novos iniciados:

— Ouve, ó príncipe, o texto do escriba Masoudi, que em seu remoto manuscrito chamado *Akbar-Ezzeman* diz o seguinte:

"...Surid... um dos reis do Egito, antes do Grande Dilúvio, construiu a grande pirâmide... ele ordenou também aos sacerdotes que depusessem ante sua real pessoa a soma de sua sabedoria e seus conhecimentos nas diferentes artes e ciências... ao mesmo tempo que os escritos secretos contendo as ciências da matemática e da geo-

metria, de maneira que pudessem permanecer como testemunhos, para o benefício daqueles que pudessem compreendê-los. Na Grande Pirâmide foram escritas as esferas celestes e as figuras representativas das estrelas e dos planetas."

Com os olhos muito abertos, absorto, Amenófis escutava. Nebamon fez uma pausa. Inclinou a cabeça para a frente e uma vez mais o príncipe sentiu-lhe o olhar perscrutando-lhe o íntimo. Ao termo de instantes, prosseguiu:

"E o rei quis saber ainda a posição das estrelas e seus ciclos; e, ao mesmo tempo, a história e a crônica dos tempos passados, os do futuro e de cada um dos acontecimentos futuros que marcariam o Egito. Aqui, na Casa da Luz, há uma câmara secreta que durante muitos milênios permanecerá inviolada. Sobre os seus muros estão escritos os mistérios da ciência, da astronomia, da geometria, da física e grande quantidade de conhecimentos preciosos, que todos os que compreenderem a nossa escrita poderão ler. Encontra-se, nesta Câmara Inviolada, o segredo dos segredos: a desintegração da matéria, que é a pedra filosofal de nossos tempos. Perto desta Câmara Inviolada há uma outra, que um dia será descoberta por homens vindos de terras longínquas. Dentro dela há a múmia de uma rainha, que outrora foi a Suprema Vestal de Amon. Adorna o seu colo um colar de cornalina, a pedra do conhecimento interno, e há em sua mão direita um espelho de ônix, símbolo do reflexo da Divindade. Esta rainha veio de uma região misteriosa chamada Hoggar, que é o berço da civilização egípcia e existiu há muitos séculos na África Central. Futuramente, vários estudiosos pensarão que se trata da múmia da filha do rei Quéfren, da IV dinastia, mas a verdade é bem outra. Mas... só os ensinamentos que estão gravados nas paredes de pedra da Câmara Inviolada poderão revelar, à humanidade futura, estes segredos que fazem parte da Sabedoria Inicíática das Idades..."

A emoção punha nos olhos de Amenófis um brilho novo. No rosto ascético de Nebamon havia um misto de doçura, energia e serenidade, quando ele prosseguiu, dizendo:

— Toda a verdadeira iniciação é um processo interno e não externo. A cerimônia externa é morta e de utilidade apenas como símbolo e ilustração para o neófito, esclarecendo, assim, a mudança dos seus sentimentos internos. Lembrai-vos sempre, ó príncipe, que iniciação e regeneração são palavras sinônimas.

Após o rito da entrega da Palavra Perdida, que Nebamon murmurou reverente ao seu ouvido, Amenófis foi levado a uma espaçosa sala brilhantemente iluminada. Suas paredes eram revestidas de alabastro e pedras preciosas. No centro havia uma grande mesa de ébano, coberta de frutas, vinhos e manjares delicados. À direita da sala via-se uma escada de sete degraus, ligando o chão da sala com o teto, que era um docel nublado, sobre o qual brilhavam as

constelações. Apontando para a escada de ouro maciço, Nebamon falou:

– Esta é a Escada de Rá, por onde subiu Osíris em demanda do céu. Representa, ainda, a ascensão da alma à Mansão da Glória Celestial. Seus sete degraus, começando pelo inferior, representam a Temperança, a Fortaleza, a Prudência, a Justiça, a Fé, a Esperança e a Caridade.

Assim que Nebamon terminou de falar, ouviu-se uma música suavíssima vinda de algum lugar secreto e logo entraram na sala todos os membros do Conselho Secreto dos Magos, que vinham celebrar juntos a vitória do novo iniciado.

* * *

Terminadas as celebrações, Amenófis foi despojado do seu avental de pele de cordeiro orlado de azul índigo. Vendaram-lhe os olhos e, após descerem muitos degraus, Nebamon levou-o através de um caminho sinuoso, que conduziu a uma grande porta dando acesso ao exterior. A porta abriu-se silenciosamente e, pela primeira vez, após três meses de provas e estudos, Amenófis IV pôde sair das câmaras subterrâneas. O príncipe respirou com prazer o ar puro e fresco, enquanto Nebamon lhe retirava a venda dos olhos. E... ó surpresa! Amenófis viu que se encontrava aos pés da Grande Pirâmide, com seus cento e quarenta e sete metros de altura e suas quatro faces voltadas para os quatro pontos cardeais. Perplexo, indagou:

– Então é aqui a Casa da Luz? Foi no silêncio deste colossal templo geométrico que eu morri e ressuscitei?

Nebamon sorriu e assentiu com a cabeça. Depois, afastou-se alguns passos e, apontando para o colossal monumento, falou:

– Olhai a forma destas três pirâmides, ó príncipe. Significa Poder, Sabedoria e Amor. A maior de todas, esta que muitos pensam ser o túmulo do rei Khufu, é a Casa da Luz do Supremo Arquiteto do Universo. Em suas câmaras não há nenhuma estela funerária, nenhuma pintura que revele ter sido ela um túmulo...

Por um momento ambos ficaram em silêncio. Amenófis olhou o céu azul, onde águias voavam serenamente. Sob a luz rosada do crepúsculo, a areia, as pirâmides e a Esfinge de Giseh tinham uma cor cinza-dourada. O ruído das rodas de um carro puxado por velozes cavalos cortou o fio dos seus pensamentos.

– O sacerdote Eje foi avisado e vem ao vosso encontro – falou Nebamon.–Vossa iniciação terminou. Ide, ó príncipe, e que a bênção do Grande Arquiteto do Universo acompanhe os vossos passos!

E após despedir-se de Amenófis, Nebamon reentrou no seio da grande pirâmide e a porta fechou-se silenciosamente atrás dele.

Pouco depois Eje parou o carro diante do príncipe. Saltou e saudou-o com respeito e alegria. Amenófis retribuiu a saudação, pegou nas rédeas, entrou no carro e disse:

— Vamos, meu caro Eje, voltemos a Mênfis! Preciso repousar um pouco no Templo de Amon. Amanhã cedo partiremos de volta para Tebas!

Quando o carro partiu, Eje estava alegre e feliz. Pensava que após a iniciação Amenófis não pensaria mais nas suas loucas visões de Aton. Ignorava que Aton tinha se manifestado a ele em todo o seu esplendor, no próprio santuário secreto de Amon...

AKHNATON OU A GLÓRIA DE ATON

"Tu estás no meu coração, ó Aton!
Tu és meu Pai, eu sou Teu filho
Nascido de teu próprio seio!
Tua carne, teu corpo na Terra: Akhnaton!

(De um dos hinos de Akhnaton)

Chegou o tempo das cheias do rio sagrado e com êle a barca real que trouxe Amenófis IV a Tebas. O príncipe observou com alegria que a terra tinha germinado toda em brotos novos, que as andorinhas tinham voltado de outras terras e as flores de lótus se entreabriam nos lagos, à sombra dos sicômoros e das acácias perfumosas. O novo iniciado, assim que pisou o cais real, foi levado ostentosamente para o palácio numa rica liteira, carregada ao ombro por doze chefes da Casa Militar do faraó. A música brotava bela e sonora das trombetas de prata, das flautas, dos sistros e dos oboés, tocados pelos músicos que seguiam atrás da liteira do príncipe. As insígnias reais estavam sobre grandes almofadas de púrpura, levadas à frente do cortejo por dois eminentes sacerdotes de Amon. Em seguida, vinham os nobres e os capitães da guarda do faraó, levando os estandartes com os símbolos da realeza egípcia: a abelha, o lótus, o carneiro e o escaravelho.

Todos pareciam contentes com a volta do príncipe. E até mesmo Nefertiti, que desde a morte trágica de Mischerê vivera triste e arredia, parecia alegre quando foi saudá-lo e jogar sobre ele um punhado de pétalas de rosas. Durante o festim, Amenófis só teve olhos para Nefertiti. Como era bom rever o seu rosto formoso, o seu corpo flexível com as duas pequenas colinas dos seios repontando sob as finas vestes de linho branco. Como era bela a linha esguia do seu pescoço, realçada pela alta coifa de brocado, verde-esmeralda, ornado de pedrarias.

— Mandarei Beck esculpir um busto de Nefertiti tal como ela está hoje! — pensou Amenófis. Ah! a graça impressionante daquela

cabeça imperial e melancólica... Nefertiti... mulher, flor, sonho de arte que viverá para sempre através da escultura de Beck.

Enquanto estava sentada ao lado de Amenófis, sentindo seu olhar pousar sobre ela, Nefertiti perguntou:

— Como se sente o novo iniciado nos segredos de Amon?

Amenófis sorriu e Nefertiti surpreendeu em seus olhos um fulgor distante. Até que disse, quase num murmúrio:

— Não foi Amon que se revelou a mim, mas sim Aton, em todo o seu esplendor!

Nefertiti ficou radiante, pois no íntimo ela temia que a fé de Amenófis em Aton fraquejasse, após a iniciação na Casa da Luz. Mas tal não se deu e ela rejubilou-se.

— Que disseram os padres de Amon? — indagou interessada.

— Eles não sabem ainda que eu vi Aton... quando me perguntaram se eu tinha tido a visão divina, respondi afirmativamente e senti que não devia dizer mais nada...

— E como foi que Aton se manifestou na Casa da Luz?

Os olhos do príncipe desviaram-se para longe e suas sobrancelhas franziram-se de leve, como se a explicação estivesse muito além da sua capacidade descritiva. Por um momento Amenófis ficou em silêncio, acariciando com a mão direita o *ureaus* que lhe ornava a frente do capacete azul de Osíris. Afinal, contou a Nefertiti as palavras sublimes que ouvira de Aton e que tinham ficado gravadas em sua mente. Ambos estavam tão absorvidos nesta conversa que nem perceberam a presença de Eje, perto deles. O sentido das palavras de Amenófis IV penetraram lentamente no espírito de Eje. Com dificuldade ele se controlou, enquanto refletia um modo de vingar-se do príncipe. Ficou em silêncio, ruminando o seu plano, e, quando seu olhar encontrou-se com o de Amenófis, nele o príncipe julgou ver a expressão fria e cruel de um animal pronto para atacar. Até então Amenófis não percebera ainda quanto Eje era perigoso. Sentiu um calafrio na espinha, mas não lhe deu atenção. Confiava no poder de Aton para livrá-lo de todos os males.

Assim que Nefertiti voltou-se para conversar com o vizir Ramoses, Eje aproximou-se de Amenófis IV, seguindo pelo general Ay. Os três conversaram animadamente e, súbito, Nefertiti ouviu o general dizer ao príncipe:

— Senhor, quando fôr ao vosso harém, encontrará dez mulheres esplêndidas que eu trouxe do reino de Punt e só então sabereis como as mulheres de Punt têm a carne petrificada de incenso!

Estas palavras foram como um punhal no coração de Nefertiti. Eje observou a palidez da princesa e alegrou-se. Sabia que Nefertiti é quem incentivara o culto de Aton no coração de Amenófis e ele queria feri-la também em seus sentimentos.

Naquela noite Amenófis não foi procurá-la em seus aposentos e Nefertiti não pôde dormir. Pensava em seu espôso abraçando os

corpos perfumados das mulheres de Punt e as lágrimas corriam pelo seu rosto.

Na manhã seguinte começou a soprar uma forte tempestade de areia e todos diziam que jamais tinham visto uma *khamsin* tão grande. Tudo começou com um imenso murmúrio vindo do Sudoeste, o ruído foi aumentando até se transformar num uivo selvagem, vibrante de ameaças e de morte. O céu ficou mais vermelho que o suco das cerejas. O turbilhão de areia batia nas portas e milhares de folhas arrancadas das árvores dançavam no ar.

Nefertiti sentiu um pouco de medo e agitou-se no grande leito de cedro. Não queria levantar-se ainda. Sentia-se triste e de certo modo à vontade na tristeza. Súbito, Nefertiti compreendeu que amava seu marido com um amor estranhamente doce e possante. Ela tinha necessidade de revê-lo, para estar certa de que não se enganava em seus sentimentos, que realmente amor era o nome daquilo que ela sentia por ele no fundo de sua alma.

Correu os olhos por um momento. Quando voltou a abri-los viu na penumbra um vulto impreciso.

— Quem é? — perguntou Nefertiti, sentando-se na cama.

— Sou eu, teu marido — disse Amenófis docemente.

— Ah! — retrucou ela com uma certa ironia — ainda não estiveste aqui depois que voltaste da Núbia... acaso ainda não podes esquecer as palavras que eu te disse um dia num momento de raiva?

Amenófis sentiu um aperto no coração.

— Meu espírito amadureceu — continuou Nefertiti.—Hoje eu sei que a beleza interior vale muito mais do que a forma física... a beleza deve ser sentida... respirada como um aroma delicado... talvez por isso as mulheres de Punt sejam muito belas, porque dizem que até a alma destas asiáticas tem o cheiro do incenso e da mirra fresca...

Amenófis permaneceu mudo, com o rosto grave. Parecia embaraçado diante da sutil ironia da esposa. Não compreendia a razão daquelas palavras sobre as mulheres de Punt. Acaso teria ela ouvido as palavras do general Ay? O príncipe encarou Nefertiti e sentiu que ela estava preocupada e nervosa.

O embaraço de Amenófis pareceu devolver a Nefertiti toda a sua presença de espírito.

— Eu estava pensando em pedir-te perdão por aquelas palavras rudes que te disse um dia... lembras?

A respiração de Amenófis fez-se mais rápida. Ele baixou os olhos e assentiu com a cabeça. Amenófis não conseguia pensar em nada para dizer. Sentiu calor no rosto e percebeu que estava vermelho. Mas, mesmo assim, ergueu os olhos e olhou para Nefertiti, para seus grandes olhos escuros pintados de *kohol*. Sentiu um desejo súbito de tocá-la. Era como se bastasse o toque para que os dois se desmanchassem num entendimento que varreria para longe as amarguras, numa ternura que dispensaria as palavras.

Nefertiti mordeu os lábios e as lágrimas anuviaram os seus olhos. Ela hesitava em confessar seu amor porque, súbito, sentiu medo de parecer ridícula aos olhos daquele a quem amava e de quem não estava certa de ser amada ainda.

— Amenófis... eu te amo! — disse ela enfim, envergonhada.

Temendo ter ouvido mal por causa do ruído da tempestade, ele indagou estupefacto:

— Como?

— Sim... eu queria dizer-te que te amo, não como uma irmã ama seu irmão... mas totalmente, como uma mulher ama seu marido...

Ela hesitou diante do ar perplexo do príncipe. Ele não tinha a expressão de um homem apaixonado, mas a de uma criança amedrontada. Talvez ela tivesse se enganado... Nefertiti mordeu os lábios e as lágrimas embaciaram seus olhos. Houve uma pausa. Convencida de que tinha dado um espetáculo triste diante dele, Nefertiti disse, entre soluços:

— Sim... eu te amo... por que não ris? Não é mesmo ridículo?

E como ela se voltasse como para fugir, Amenófis acordou de seu estupor. Uma alegria imensa invadiu seu coração. Pegou docemente a mão de Nefertiti. A bondade do seu deus tinha iluminado os olhos do seu servidor... Se Aton não permitisse que ele transbordasse de amor por Nefertiti e fosse correspondido, era porque ele tinha visto muito mais do que o sofrimento de seu coração. E se tinha permitido este sofrimento, era porque seu amor tinha de ser purificado antes de seus espinhos, para que fosse precioso como o ouro fino da Núbia e cálido como o perfume da rosa mística de Ísis que vira em suas visões. Aton não era ciumento... e vinha abençoar o amor de seus filhos!

Seu rosto partiu-se num sorriso e Amenófis ergueu o rosto aflito de sua esposa. Como ela era bela, apesar dos traços de pintura que manchavam seus olhos e suas faces veludosas!

— Não estiveste esta noite com as mulheres de Punt? — indagou Nefertiti.

Olhando-a com imensa ternura, Amenófis respondeu:

— Estive orando e meditando sòzinho, pedindo forças a Aton para resistir ao ataque dos padres de Amon. Até hoje, os faraós tinham haréns, porque Amon aprovava a poligamia. Mas Aton quer que seus faraós sejam puros e amem apenas uma só esposa e um só Deus... Nefertiti, desde que nos casamos nunca mais tive outra mulher e nunca mais quero ter outra... Tenho apenas uma esposa e és tu, bem o sabes, tu que eu amo como sempre amei...

Com um tremor de lágrimas nos olhos, Nefertiti pôs a boca na dele e descansou em seus braços, e ele sentiu o animal surgir dentro de si, faminto e impetuoso, e teve vergonha da sua grosseria. Mas logo lembrou-se de que o amor é uma força divina. O sexo é uma das coisas mais naturais e sublimes que o Criador nos confiou. É o

poder motor das atividades cósmicas... e, levados por esta idéia, uniu-se a Nefertiti em pensamento, vontade e ideal. Seus corpos unidos pareciam duas árvores com uma só raiz...

* * *

Corria a nona hora da noite, quando Eje penetrou na Câmara do Extermínio, nos subterrâneos do Templo de Amon, em Tebas, acompanhado pelos sacerdotes Becankos e Semut. A sala era ampla e tinha ao fundo um nicho escavado num grande bloco de pedra, onde jazia a estátua velada de Amon. A um canto via-se uma tosca mesa de pedra, sobre a qual estavam diversas peças de metal. Eje colocou em cima da mesa uma sacola de couro e falou:

— Semut, pega naquela vasilha de cobre e despeja dentro o barro virgem que trouxemos dos penhascos de Wadi.

— Que vais fazer com este barro? — indagou Becankos.

— Modelar pequenas figuras de Amenófis IV — respondeu Eje, com uma expressão cruel no olhar.-Depois da preparação ritualística, elas serão revestidas de cera de abelha derretida e colocadas em seus devidos lugares...

— Ah! Então vais invocar os *affrits?*

— Sim... há um mês que espero esta lua propícia ao encantamento. O príncipe traiu a nossa confiança e, após ser iniciado nos arcanos secretos de Amon, despreza o rei dos deuses e continua fiel ao deus Aton, que é uma divindade secundária e sem importância. Hoje, o herdeiro do trono do Egito terá o castigo que merece...

— Os efeitos desta magia serão imediatos?

Eje teve um breve sorriso e respondeu:

— Não, Becankos. Teremos que esperar ainda algum tempo. Mas os *affrits,* estes espíritos demoníacos e perversos, não falham quando são invocados por quem sabe dominá-los. Cedo ou tarde a vitória será nossa...

Rodando a chave das relíquias entre as mãos, Eje encarou Becankos bem nos olhos. O Segundo Profeta devolveu-lhe o olhar e ambos soltaram uma gargalhada.

— Que queres que eu faça para ajudar-te? — indagou Becankos.

— Vamos amassar o barro com o necessário veículo! — disse Eje. E durante algum tempo os três sacerdotes trabalharam em silêncio. Purificaram no fogo de um braseiro alguns instrumentos de ouro e colocaram a massa de barro em pequenas fórmas de cobre. Chegaram as fórmas ao calor de uma chama para secar. Quando viram que o barro já estava bastante resistente, retiraram-no das fórmas, colocando-o em cima da mesa de pedra.

— Estas figurinhas, dentro em pouco, representarão a réplica de Amenófis IV — disse Eje com um brilho novo no olhar.

Os dedos hábeis dos sacerdotes trabalharam ràpidamente e, após algum tempo, encontravam-se sobre a mesa sete figurinhas de barro estranhamente parecidas com o príncipe-herdeiro. Em suas cabeças viam-se a coroa vermelha e a coroa branca de papiro e de lírio usada pelos faraós.

Com estiletes de ouro, gravaram no peito das imagens o nome do príncipe. Depois, cobriram tudo com um saiote de linho, recentemente usado pelo príncipe, que Eje mandara subtrair do palácio.

— Agora, vamos colocá-la no unificador mágico, para que a sensibilidade do original passe para as suas réplicas. Assim, tudo quanto fizermos a estas figurinhas será como feito ao próprio Amenófis.

E assim dizendo, Eje fez incidir sobre a mesa o raio de uma grande pedra azul, que iluminou todo o recinto com uma luz deslumbrante.

— Está pronta a união entre as réplicas e o original — falou Eje, com um riso cruel nos lábios grossos.

— Vamos fazer a primeira sagração? — indagou Semut.

— Sim — respondeu Eje —, podem começar!

Cada sacerdote tomou de uma figurinha e, imergindo-a num recipiente de pedra cheio de água consagrada, foram dizendo:

"Em nome de Ísis, Hórus e Osíris, dou-te o nome de Amenófis Amenhotep IV, pelo qual serás conhecido entre os profanos. E também o teu nome secreto que só nós conhecemos desde que nasceste!"

E segredaram um nome ao ouvido das figurinhas.

Em seguida, invocaram Uert-Heken, a grande divindade dos sortilégios. Isto feito, colocaram as sete figurinhas sobre uma grade de bronze e esta sobre um incensório também de bronze, onde queimavam, lentamente, ervas e resinas aromáticas. Algum tempo depois, retiraram as figurinhas e recobriram-nas com uma grossa camada de cera de abelha derretida. Depois, riscaram um círculo vermelho no chão e dentro colocaram as figurinhas, desenhando em volta vários signos estranhos, feitos também com tinta vermelha, a cor de Set, o deus maléfico que matou Osíris. Semut trouxe uma caixa de ébano cheia de pregos longos e finos. Foi, então, que Eje começou a invocação, oficiando como o recitador da fórmula secreta. Becankos e Semut serviam como os executores do rito, os que manipulavam os instrumentos mágicos. Olhando fixamente as figurinhas, ou corpos subsidiários de Amenófis IV, Eje pegou um tambor feito de pele humana, sentou-se num banco de pedra e começou a tocá-lo e a cantar:

"Aat-Jeru, guardião da sétima divisão
do submundo, vem, acode ao meu chamado!
Ó Tu, Amemet, monstro triforme, devorador

dos mortos, acode; traze a falange dos teus
demônios e teus rápidos malefícios!
An-á, deus da mão espaçosa, apodera-te
daquele que deixou cair sua veste real sôbre
o fogo dêste braseiro! Penetra no coração
de Amenófis IV e dilacera-o, ó falcões de garras
curvas, meus fiéis gênios, em nome de Tar
abrasa a sua mente e confunde os seus
pensamentos!"

Assim que Eje acabou de pronunciar estas palavras, Semut e Becankos espetaram um prego em cada um dos sete pontos vitais de cada figurinha. Em seguida, trouxeram quatro colunetas Djed. Eram de calcário branco, listradas de vermelho e azul-escuro. A um sinal de Eje, eles colocaram as colunetas em volta do círculo. Esta coluneta que, segundo os casos, podia representar Osíris e Ísis, o positivo e o negativo, tinha, de acordo com as côres e o feitio, um enorme poder de irradiação, capaz de alterar o ritmo normal de qualquer organismo vivo, e de carregar, até a saturação, qualquer objeto inanimado, com suas irradiações positivas ou negativas, conforme fôssem invocadas pelo mago branco ou pelo mago negro.

Semut e Bekancos orientaram as colunetas em direção dos quatro pontos cardeais, ou Pilares de Shu, como lhe chamavam os padres de Amon. Formavam, assim, uma cruz de irradiação no centro da Área Intocáveis, ou círculo mágico, onde estavam colocadas as figurinhas. Bastava esta irradiação para desequilibrar todo o estado normal da vítima ou consumi-la cedo ou tarde. No momento em que Eje enviasse os focos de luz apropriada a cada uma das colunetas Djed, estas começariam a irradiar negativamente e a destruir a vida do príncipe-herdeiro.

Havia calma e serenidade imperturbável no rosto de Eje e indiferença nos de Semut e Becankos. A um sinal do sumo sacerdote, Becankos retirou do altar de Amon uma estranha lanterna. Súbito, toda a sala tomou uma côr verde-mar, enquanto a atmosfera foi se tornando cada vez mais pesada e angustiante.

O ritmo do tambor se fêz ouvir mais forte e a voz de Eje ecoou fúnebre por todo o recinto:

"Acudam, demônios! Acudam prontamente, venham
atender o meu chamado! Eu sou Ur, vigoroso sôbre
a terra e nos mundos inferiores. Eu ordeno e tudo
é feito. Em nome de Tar, eu vos conjuro, ó sete
príncipes do mal. Venham todos, ajudem-me a
destruir o atual herdeiro do país de Kêmi!
Eu ordeno que Amenófis Amenhotep IV seja
destruído junto com o seu Bá, seu Ká e seu Akh.
Que sua bôca não receba trigo,
que jamais possa se refrescar nas águas

purificadoras de Hapi, o deus do Nilo,
que não participe de nenhuma oferenda
nem dos vivos nem dos mortos.
Minhas palavras contra ti estão
carregadas de eficácia.
Perece, pois, tu que repousas
na sombra..."

Eje fez uma breve pausa. Logo, a um sinal seu, Semut iluminou as colunetas Djed com uma luz verdácea. Em seguida, traçou no ar vários sinais estranhos e, súbito, uma grande nuvem negra se elevou de um incensório de bronze que estava à sua esquerda. A nuvem rodeou as figurinhas e depois dissolveu-se no ar. O repique entrecortado do tambor preludiou, ampliando-se num sombrio volume e o cântico unânime subiu apoiado no ritmo antigo. Ressuscitou da noite dos tempos a potência tenebrosa dos velhos demônios egípcios ao som da voz de Eje:

"*Eu sou aquele que ordena!*
Eu sou Arethikasathica,
a essência espiritual do deus Amon.
Eu sou o que imponho a minha vontade
e quero que tu, criatura de argila,
sejas sempre sensível a minha voz
quando eu pronunciar o teu nome secreto,
onde reside o segredo da tua força.
Ó tu que és Amenófis Amenhotep IV!
De agora em diante deixarás de sê-lo,
porque eu te afasto de ti mesmo,
eu te retiro o sopro da vida,
eu te aniquilo com as emanações
maléficas de Un-Nefer, a alma oculta,
Ó filhos de Keb deixai passar Apopi,
a serpente do mal vem se apossar de ti,
Amenófis Amenhotep IV.
Já começas a asfixiar-te!
Já começas a perder a vista!
Já começas a perder a noção das coisas!
Toth, abre caminho aos affrits!"

Assim que terminou a nefasta salmódia, o sumo sacerdote de Amon recolocou o tambor perto do altar e, aproximando-se de Becankos, falou:

— Vamos retirar-nos para repousar e aguardemos. Mais tarde, quando a alma da aurora nascer sobre o rio sagrado, irás com Semut esconder quatro destas figurinhas em determinados lugares da Casa Dourada...

— E as outras três? — indagou Becankos.

— Ficarão aqui, por tempo indeterminado, dentro da Área Intocável, para que o ritual seja repetido, caso haja necessidade.

* * *

Amenófis IV estava sentado numa cadeira de ébano, no seu gabinete de trabalho. Seu rosto tinha uma expressão dura e severa. Diante dele estavam quatro figurinhas de cera que pareciam pequenos escorpiões venenosos sôbre a mesa de marfim. Os escravos tinham encontrado, naquela manhã, as quatro figurinhas com o seu nome gravado no peito, colocadas nos quatro pontos cardeais do palácio.

Surpreso, Ramose, o vizir do faraó, tinha levado ele mesmo ao co-regente aqueles objetos de cera que lhe pareciam queimar os dedos. E dissera ao príncipe, com a voz trêmula:

— Majestade, sois bom e generoso para com vossos amigos, magnânimo e justo para com vossos inimigos... contudo, um coração maldoso, amadurecido à sombra do ódio... mandou sobre vós este encantamento para destruir-vos.

Amenófis ficou perturbado e pensou em tudo o que aquelas figurinhas representavam de ódio e hostilidade. Sentiu que o inimigo estava no Templo de Amon. Somente o clero de Amon tinha razões para desejar a sua morte. Sua mãe, a rainha Tii, dissera-lhe que os padres de Amon já sabiam que ele tivera uma visão de Aton no santuário secreto, e estavam magoados. Um sorriso amargo descerrou os lábios do príncipe. Agora ele tinha um pretexto para vingar a morte de Mischerê e de Ounas, seu companheiro de infância, a quem tanto queria! Nefertiti lhe contara, entre lágrimas, toda a tragédia e ele lhe prometera tomar uma providência contra Becankos, assim que se apresentasse uma oportunidade. E ali estava ela! Por algum tempo Amenófis ficou pensando no que deveria fazer. Recordou os ensinamentos de Aton e uma imensa paz ungiu o seu coração. Quando o príncipe pensava em Aton, seu rosto se iluminava com uma expressão de êxtase, seu olhar brilhava tanto que surpreendia a todos. Somente Nefertiti podia compreendê-lo; ela tinha recebido os ensinamentos de Aton com uma paixão igual à sua. E um dia lhe dissera:

— O fogo consome a alma assim como consome a madeira do incenso, porque, como esta madeira, a alma é feita para ser consumida pelo amor divino. Somente o seu perfume escapa e embalsama aqueles que estão próximos.

Como Nefertiti aprovava sem reservas todas as suas idéias, Amenófis IV sentia-se capaz de vencer as dificuldades, de destruir todas as magias com o simples poder da sua vontade, apoiada no poder de Aton. Os padres de Amon tinham dado os passos que os separavam do abismo onde seriam engolidos! Aquelas figurinhas, recobertas de cera, se voltariam contra os que as tinham fundido, pois a Lei do Retorno é inexorável...

Súbito, o príncipe levantou-se, decidido a tomar uma enérgica providência. Mandou trazer o seu carro, estalou o chicote no ar e os cavalos partiram velozmente rumo ao Templo de Amon. Com passo ágil e rápido, Amenófis entrou no templo e foi direto aos magníficos aposentos do sumo sacerdote, onde Eje estava sendo vestido pelos neófitos. Perto dêle estavam Becankos e Semut.

Todos se inclinaram respeitosamente diante do príncipe.

— Sinto vir interromper o seu rito matinal — disse Amenófis, com uma voz dura e irônica.

Os olhos de Eje brilharam perigosamente...

Sem mais palavras, o príncipe colocou sobre uma mesa as quatro figurinhas de cera.

— Aqui estão elas, meu caro Eje. Como vês, não conservei comigo nenhuma destas maravilhosas obras de arte!

Eje refletiu rápido. Amon era misericordioso e haveria de ajudá-lo.

Encarando o príncipe com seus olhos fulgurantes, a fim de melhor persuadir Amenófis da sua franqueza, Eje falou:

— Estes objetos nada têm a ver comigo, nem com os padres de Amon. Não tenho a menor idéia a quem pertencem estas figurinhas e suplico que vossa visão divina desperte e veja a nossa inocência.

Amenófis teve um breve sorriso:

— Eje, chegou o momento de refutar as acusações que lanço contra ti! Neste mesmo momento eu desafio o teu poder mágico e o do teu deus Amon, aquele que pede tudo aos homens e não lhes dá nada em troca. Creio que vou refrescar teus pensamentos com estas palavras do sábio Ipu-Wer: "Um dia virá o Salvador. Ele jogará água sôbre a chama. Será considerado o pastor de todos os homens. Mal nenhum existirá em seu coração. Ele destruirá o mal. Onde está esse homem hoje? Dormindo, por acaso? Atenção, o seu poder é invisível."

— Ipu-Wer disse ainda "seu rebanho não será numeroso!" — exclamou Eje, com uma voz cheia de ódio.-E eu posso vos confirmar isso, pois, na noite de vosso nascimento, eu consultei os astros, li nos signos dos deuses e fiquei desolado com o vosso destino. Chorei quando as potências celestiais vos chamaram de "traidor, herético, louco!" Tempos virão — disseram as estrelas do vosso horóscopo — em que o povo vomitará o nome de Amenófis Amenhotep IV! Este nome será execrado por tcdo o Egito e martelado sôbre as pedras dos templos e da vossa tumba. Será banido do livro dos vivos e do livro dos mortos...

Eje calou-se. Um pesado silêncio caiu sobre todos. Era um silêncio cheio de ameaças concentradas e de violências terríveis. Então, a voz de Amenófis elevou-se estranhamente calma:

— Os deuses talvez estejam contra mim, Eje, mas Aton está sempre comigo. Talvez um dia eu seja chamado de herético, criminoso

e louco, mas meu dever é não ter medo do furor do clero, não agir nunca buscando uma recompensa. Estou certo de que meu povo abomina, como eu, o crescente mercenarismo do seu leito de dor e adotará um monoteísmo universal para todos os habitantes da terra, sem discriminação de raça ou de côr. Escuta, Eje, se eu conseguir realizar este ideal, não me importo em ser chamado mais tarde de herético, criminoso e louco!

— Vosso nome será maldito... — falou Eje friamente.

— Que o seja! — retrucou Amenófis. Sinto que breve o nome de Amon também o será. No fundo do meu ser cresce a semente da verdade, plantada por Aton, e uma voz me diz: "Tu não nasceste em vão!"

O rosto do jovem príncipe irradiava uma tal expressão de convicção e de fôrça que Eje sentiu um choque. Subitamente, o sumo sacerdote de Amon sentiu uma certa inquietação. Pela primeira vez, desde que resolvera lutar contra o co-regente, Eje temeu não obter a vitória.

Amenófis estalou no ar o seu chicote, e olhando para os três servidores de Amon com extremo desprêzo, deixou o templo.

Quando partiu de volta para o palácio, o príncipe estava taciturno. Sabia que enfrentar os padres de Amon era algo muito perigoso, ciente de que êles possuíam uma longa prática de intrigas e mentiras. Amenófis soltou um longo suspiro e murmurou:

— Aton! Aton! Dá-me forças para cumprir a minha missão, não me deixes duvidar nunca do teu poder! Fala-me, diga-me que teu reinado não começará em meio ao sangue do povo revoltado... irmão contra irmão... pai contra filho...

Ao descer do carro às portas do palácio, Amenófis sentia-se mais calmo. Sabia que cedo ou tarde Aton se manifestaria e, assim pensando, dirigiu-se ao santuário de Aton, junto ao lago dos prazeres, onde, pela primeira vez, ele rezara ao Senhor do Disco.

Andou lentamente pelo enorme jardim, respirando fundo o ar fresco da manhã. Aproximou-se do santuário e olhou a imagem do deus no seu nicho cavado na pedra. Não, pensou êle, Aton não é assim. Êle não tem forma humana. Êle é uma força celeste desconhecida que se manifesta através do disco solar visível, o Aton de Rá. O disco brilhante é simplesmente a visível emanação da divindade, que dispensa calor e vida a todos os viventes por seu intermédio. O disco é a janela do céu, através da qual o Deus Único, o Senhor do Disco, envia uma parte do seu esplendor ao mundo. Esta é a verdade, a crença verdadeira, que tanto difere do amontoado de superstições irreconciliáveis que formam a crença nacional do Egito. O sol é a fonte da vida, por isto mandarei que os escultores reais façam o disco solar com os raios de mãos segurando a cruz ansata, a fim de representar Aton. Atrás deste disco há uma divindade a quem nunca se poderá dar um nome, pois é excelsa demais para ser definida...

Amenófis estava todo entregue a estes pensamentos, quando ouviu um ruído de fôlhas pisadas. Súbito, alguém soltou um grito. O príncipe virou-se rapidamente e, atrás dele, a alguns passos, jazia um homem com a bôca aberta, os olhos arregalados... perto, um outro homem estava de joelhos e olhava para o príncipe com uma expressão de mêdo. Sua voz soou ligeiramente imaterial:

— Meu Senhor... ele estava escondido entre as folhagens com um punhal entre os dentes... Eu vinha do Templo de Aton trazer-vos uma mensagem dos sacerdotes de On... quando vi este homem aproximar-se traiçoeiramente de vós. Corri prontamente antes que ele cravasse o punhal em vossas costas. Puxei a minha adaga e defendi a vossa vida... foi então que ele gritou e eu vi o punhal cair de suas mãos...

Amenófis aproximou-se do homem caído no chão. Abaixou-se e ergueu-lhe o rosto. Tinha o crânio rapado à maneira dos padres de Amon e de seu peito pendia a imagem do rei dos deuses.

— É um sacerdote de Amon. Êle veio para oferecer minha alma ao sol...

O príncipe recordou sua prece a Aton e soube que seu deus estava velando por êle. Erguendo as mãos para o céu, Amenófis exclamou:

— Aton, teu poder é imenso! Quem faz o mal recebe o mal... é a eterna Lei do Retôrno... êste homem teve o castigo que merecia!

E fazendo um sinal para o emissário de On, Amenófis falou:

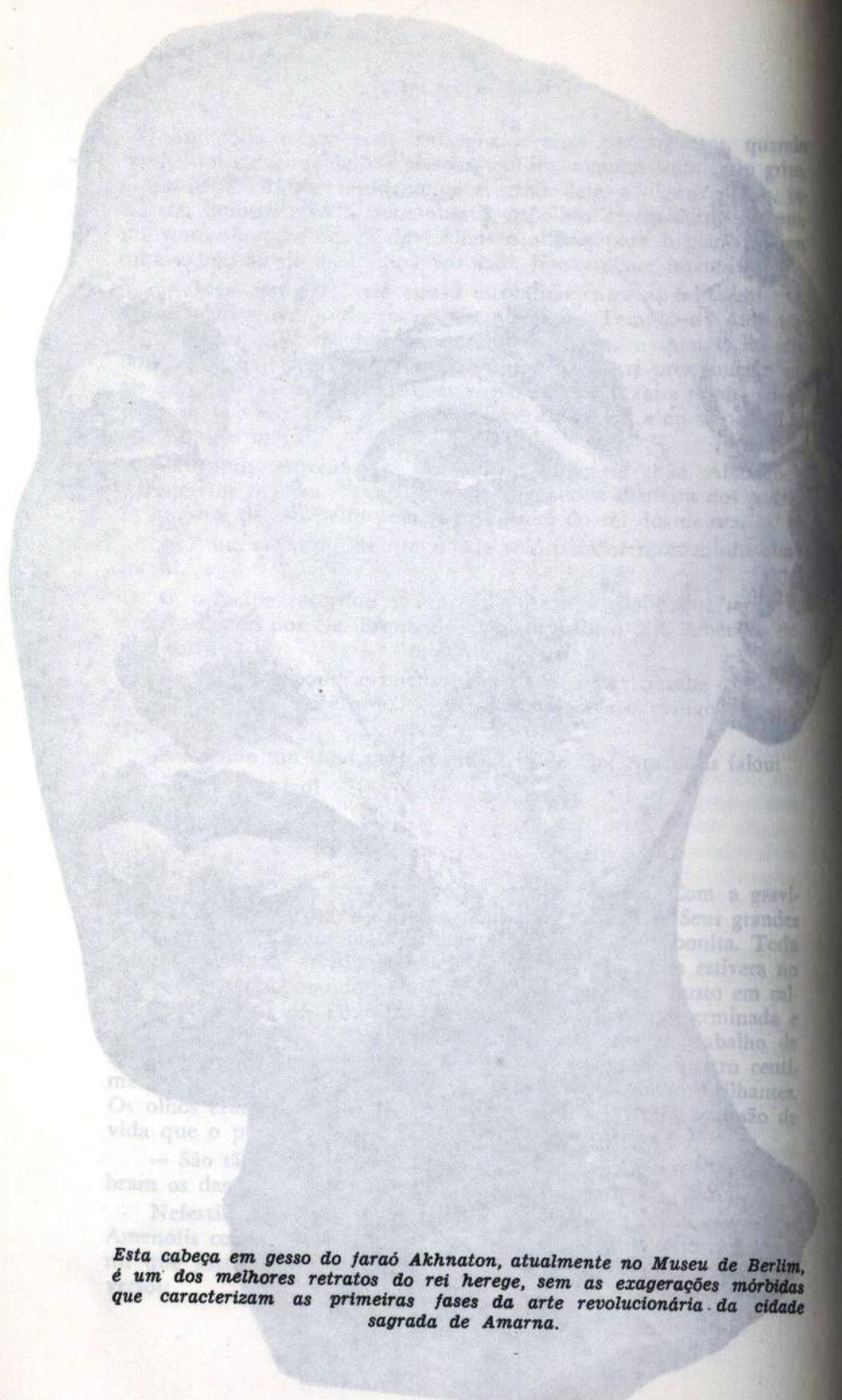
— Vem comigo!

• • •

Nefertiti estava repousando nos seus aposentos. Com a gravidez recente, a lassitude tornava-a mais meiga e suave. Seus grandes olhos escuros estavam mais brilhantes e a pele mais bonita. Tôda ela era formosa e irradiava felicidade. Momentos antes estivera no *atelier* de Beck, posando para que êle lhe fizesse um busto em calcário das minas de Tourah. A escultura estava quase terminada e Nefertiti e Amenófis IV estavam encantados com o trabalho de Beck. Era um busto pequeno, tinha apenas trinta e quatro centímetros de altura e estava sendo pintado de côres vivas e brilhantes. Os olhos eram de cristal de rocha e tinham uma tal expressão de vida que o príncipe-herdeiro dissera:

— São tão belos como os do modêlo, a herdeira favorita, e lembram os das gazelas que pastam flôres nas regiões do Nilo...

Nefertiti gostara muito daquela comparação poética e olhou Amenófis com imensa ternura. Compreendia o êxtase nôvo e juvenil que sustentava o príncipe seu espôso e se orgulhava dos seus versos:

AKHNATON

Esta cabeça em gesso do faraó Akhnaton, atualmente no Museu de Berlim, é um dos melhores retratos do rei herege, sem as exagerações mórbidas que caracterizam as primeiras fases da arte revolucionária da cidade sagrada de Amarna.

"...A Terra fica clara quando te ergues
no monte da luz: quando brilhas como Aton
durante o dia, as Duas Terras se rejubilam.
Elas acordam, põem-se de pé,
porque tu as ergueste.
Elas se banham e se vestem,
seus braços levantados cantam louvores
ao teu esplendor.
Toda a nação te responde com seu lavor:
o gado se alegra com o capim,
os pássaros esvoaçam entre as árvores e
as hastes verdes das plantas,
suas asas o louvam,
e pululam os cordeiros,
eles vivem porque lhes nasceste.
Os barcos navegam a montante e a jusante,
as estradas se abrem porque tu brilhas,
os peixes do rio saltam diante de ti,
teus raios se infiltram nas profundezas do mar..."

Nefertiti fechou os olhos por um momento e parecia escutar a música dos versos de Amenófis. Súbito, uma voz disse junto dela:

— Estás muito preguiçosa, minha rainha. A manhã já vai alta e ainda estás deitada!

Reconhecendo o marido, Nefertiti sorriu e estendeu-lhe os braços macios e perfumados.

— Eu já saudei Aton assim que seus raios inundaram a terra — disse ela —, estive posando para Beck e agora pensava em teus versos.

— Ah! — exclamou Amenófis abraçando-a ternamente e escondendo o rosto no doce calor do seu pescoço esguio. Nefertiti era o elo secreto de sua paz, a fonte de onde provinha a sua fôrça; quando ela estava em seus braços êle tinha a curiosa impressão de que estava cercado por uma muralha que o isolava dos ruídos e dos furores do mundo.

Passados os momentos de ternura, Amenófis contou a Nefertiti o caso das figurinhas, seu encontro com Eje no templo e a tentativa de assassinato daquela manhã.

— Tenho medo que os padres de Amon não desistam de matar-te.

— E por que tens medo, ó bem-amada? Não vês que esta tentativa foi frustrada pelo poder de Aton? Êle está sempre velando por todos os seus filhos. Aton é o Criador de quem depende tôda a vida sobre a terra e tôdas as coisas deste mundo; está presente no cogumelo que nasce junto da pedra, no peixe que salta fora da água, na brisa que enche a vela do barco.

— Sim... é verdade, Amenófis — retrucou Nefertiti. Para êle, as flôres desabrocham porque absorvem o calor que dêle irradia;

para ele, os pequenos pássaros voam alegremente no ninho; é a ele que adoram, com graciosos movimentos de asas. Ele próprio se alegra com toda a alegria que proporciona.

Com os olhos perdidos na lonjura, o príncipe falou:

— Aton ouve até o pintinho pipiar dentro do ôvo, minha amada! E rejubila-se ouvindo-o cantar com todas as suas forças, depois de nascido. E gosta também de acariciar com o olhar os pássaros que voam roçando a crista das vagas ou ver os carneiros dançar sôbre as perninhas tenras...

Tomando entre suas mãos a cabeça de seu esposo e pousando seu terno olhar nos olhos dele, Nefertiti indagou:

— E qual a providência que vais tomar?

— Não sei... falarei primeiro com o faraó e com a rainha.

— Então vamos procurá-los! — falou Nefertiti saltando da cama, decidida.

— Sim, vamos — retorquiu Amenófis.

E de mãos dadas os dois saíram do quarto.

Com passo rápido e leve atravessaram o Pátio das Acácias, que brilhava ao sol como uma jóia. Cada seixo do calçamento fino que cobria o solo do pátio era tão branco como se o tivessem lavado cuidadosamente minutos antes, e parecia que todos os seixos haviam sido escolhidos por um artista, pois eram do mesmo tamanho, muito redondos e polidos. As proporções perfeitas do pátio eram tão singelas que produziam o efeito dum recanto de repouso.

Momentos depois, chegaram à sala das audiências, onde o faraó conferenciava com o grande Conselho dos Velhos. Ao lado do faraó estava o sábio ministro Amenhotep, filho de Hapu, cuja face venerável parecia preocupada. Com a chegada do príncipe e da princesa, os ministros se levantaram e o saudaram, cruzando os braços sôbre o peito.

Nefertiti observou que seu pai estava muito envelhecido; tinha o dorso curvo e sua vista parecia já não distinguir os caracteres escritos num papiro que lhe estendia o vizir Ramose. Amenófis III estava adornado de ouro e pedras preciosas, mas sua cabeça parecia um pouco afundada por causa do peso da dupla coroa do Alto e do Baixo Egito. Sorriu ao ver os filhos e falou:

— Ramose informou-me o que aconteceu esta manhã. O atentado daquele cão maldito será julgado pelo tribunal supremo.

— Mas... meu augusto pai — retrucou Amenófis IV —, para que abrir um longo processo? Esta manhã fui ao Templo de Amon e devolvi a Eje as figurinhas de cera e a esta hora o corpo do jovem fanático já deve estar sendo esvaziado de suas vísceras; enchido de mirra pura e preparado para mergulhar num banho de natrão!

— Meu filho, tu és louco! — exclamou o faraó, com um vigor pouco habitual. —Ouviste, Ramose? Que podemos fazer se agora as provas do crime de Eje foram destruídas? Farei um golpe de Es-

tado... vou mandar reunir minhas tropas guerreiras e a polícia. Os generais fecharão os templos de Amon...

— Calma, meu esposo — falou a rainha Tii, que, sentada ao lado do esposo, ouvia tudo em silêncio.—Por que castigar o deus Amon pela falta cometida pelos seus sacerdotes? Amon nada fez ao príncipe-herdeiro. Que importa que êle continue sendo adorado nos templos?

Os olhos do príncipe brilharam.

— A Grande Espôsa Real está certa... Amon não deve pagar pelo êrro de seus seguidores. E eu que sou enviado de Aton, o deus único e absoluto, que tem pena da superstição e da confusão dos homens, peço-vos que por enquanto não fecheis os templos de Amon. Aton, que é todo bondade, amor e tolerância, prefere ver seus filhos levar oferendas a ídolos vazios do que ser causa de um ato injusto. Deixai que o povo continue adorando Amon em seus santuários... ainda não chegou o tempo de compreenderem as palavras sublimes de Aton.

O faraó suspirou e disse:

— Faze, o que quiseres, tu és o co-regente.

* * *

Eje sabia, agora, que só restava uma coisa: deixar o tempo correr fluindo como um grande rio, pois cada fato viria em sua hora exata e tudo se realizaria conforme êle tinha previsto. Tinha no palácio uma grande aliada: Tii, a Grande Esposa Real, e uma vez tendo-a convencido da sua inocência tudo iria bem..

O rosto do sumo sacerdote permaneceu impassível. Malgrado a emoção e o nervosismo que sentia, Becankos não deixava um só instante de observar, com intensa curiosidade, o rosto de Eje. Nenhuma sombra, nenhum tremor mínimo lhe alteravam a expressão absolutamente calma e pensativa.

— De onde virá o monoteísmo dêste príncipe revolucionário? — indagou Becankos. Parece tão oposto a todas as tradições egípcias que não posso compreender como tal idéia pode germinar sozinha, na consciência de um homem.

Eje ergueu um pouco a mão direita acima do joelho e considerou:

— Sempre existiu no vale do Nilo uma corrente monoteísta, muito bem guardada em segredo pelos que eram seus depositários. Uma religião esotérica, monoteísta, sempre estêve subjacente a todas as lendas de animais com corpos humanos e homens com cabeças de animais, que se apresentam como a religião oficial das terras de Kêmi. Nestas doutrinas, ligadas a crenças mitanianas, o nome de Aton tem um sentido misterioso que nunca consegui compreender...

— Afinal, por que os egípcios representaram os deuses desde os primeiros tempos em formas tão curiosas? — indagou Becankos, que era um sacerdote muito mais ligado à política do que à religião.

Eje levantou-se da cadeira onde estava sentado, andou pela sala do seu gabinete secreto, voltou para defronte de Becankos e disse:

— Os antigos egípcios sempre consideraram estas divindades-fetiches como as envolturas apropriadas para o espírito vital do deus a quem estavam dedicadas. Tinham uma mente concreta. Desejavam que seus deuses assumissem formas que pudessem ser logo reconhecidas. Por que não ia adorar um escaravelho, se estava admitido que o escaravelho era uma das formas de Rá? Aliás, o desejo de imaginar o objeto de adoração em formas tangíveis é comum à maior parte das religiões. O espírito vital é variável, se transforma a si mesmo, sem esforço, em multidão de formas.

Becankos sorriu e falou:

— Estou contente, pois vim vê-lo e, afinal, o amigo sempre aliviou as minhas preocupações.

— Por enquanto pouco posso fazer, Becankos. Só nos resta esperar. Mas estou certo de que cedo ou tarde os *affrits* começarão a agir...

* * *

Nefertiti partiu com Amenófis para Napata, onde o príncipe estava terminando a construção de um templo em homenagem a Aton. A nave real desceu o Nilo em meio ao doce enlevo do príncipe e da princesa.

Do séqüito real faziam parte Mérira, o sumo sacerdote de Aton na cidade de On, a aia Sitka, várias damas de honra da princesa e inúmeros nobres e cortesãos. A nave real desceu tranqüilamente o rio de margens misteriosas, junto às quais, como tapetes de esmeralda, viam-se campos e prados, jardins, casas e palmares; aldeias semelhantes a ninhos de pássaros escondidos entre as ramagens. Os pântanos onde abundavam os juncos e os papiros estavam repletos de caça e pesca, e ali os egípcios encontravam o seu alimento e a sua diversão. As complexas emoções que lhe inspiravam o rio estavam bem sintetizadas nas canções que o povo cantava nas margens e que o vento trazia para dentro da nave real:

"Louvado sejas, ó Nilo!
Saudado sejas, ó Nilo!
Que provéns de terras longínquas,
para conservar vivo o Egito!
Quando teus dedos descansam,
os mortais morrem na maior
miséria... os animais enlouquecem
e toda a terra é presa de mais
atroz suplício.
Mas quando acolhes benigno a
súplica dos homens, ó tu
Gigante de alva barba,

de lótus e juncos coifados,
surge a Estação do Brotamento,
os depósitos se enchem e os bens
dos miseráveis se multiplicam!"

Era o comêço de novembro e o rio já tinha realizado o seu milagre anual nas terras do Egito. As águas voltaram ao seu antigo ritmo e a lama negra da fertilidade deixara a terra revitalizada, pronta para a semeadura do trigo, do linho e da cevada. Aquela fora a vigésima-quinta temporada de cheia do reinado de Amenófis III, o Magnífico, Senhor das Duas Terras, Falcão de Ouro, Filho do Sol, Neb-Maat-Ra Nimúria, o Senhor absoluto de um império, venerado por centenas de milhares como o Bom Deus, o Divino Faraó que habita no horizonte.

A nave real, com sua vela quadrada, de púrpura escarlate como a flor de salva, não era a única nas águas. Ao sôpro leve do vento enfunavam-se as velas brancas das pesadas faluas egípcias e vários barcos mercantes deslizavam sôbre o Nilo rumo às costas fenícias em busca de madeiras, essências, tributos da Síria, da Núbia e das preciosas resinas da terra de Punt. Uma galera cretense agitou o seu galhardete saudando a barca dourada de Amenófis IV. Através do porto de Ugarit, o Egito mantinha um comércio florescente com a ilha de Creta. Os mercadores cretenses tinham chegado até a formar colônias em Ugarit e em outros lugares do país de Kêmi. E eram sempre bem-vindos devido a sua simpatia, habilidade e constante bom-humor.

De pé, no tombadilho, Nefertiti e Amenófis, abraçados ternamente, contemplavam a paisagem. Ao este e ao oeste se estendia a brilhante imensidão dos desertos do Sinai e da Líbia. Ao sul se levantavam os pilares rochosos de onde caíam as seis cataratas do Nilo e, ao norte, se abria o horizonte azul do Mediterrâneo. O capitão do barco dourado surpreendeu-se ao ver que o rosto de Amenófis IV perdia tôda a sua melancolia na presença de Nefertiti e que, ambos, prescindindo da sua presença no tombadilho, arrulhavam como um casal de íbis nas margens de um rio. Nefertiti sorvia o ar puro com um prazer renovado. Uma súbita rajada de vento a invadiu e projetou em sua face um doce mistério, cheirando a sopro de pomar. Por sôbre êles o céu era azul e o sol brilhava. A princesa logo se acostumou com o balouço da nave e não sentiu enjôo, pois Pentou, o médico da rainha, lhe preparara uma beberagem de ervas para evitar êste incômodo.

A viagem prosseguiu serena e agradável. Passaram pelas cidades de Edfu, Assuã, perto da Primeira Catarata, por Abu-Símbel, Bouhen, Ouadi-Halfa, na Segunda Catarata, e de lá avistaram o oásis de Sélima, com seu lago bordeado de palmeiras e tamareiras. Dezoito dias após terem deixado Tebas, atingiram os limites do Alto e do Baixo Egito. Daí a mais cinco alcançaram o delta do Nilo.

Cruzaram a Terceira Catarata, as terras de Amã e Uat, na Baixa Núbia, e pararam uns dias em Kerma, a última cidade antes de Napata.

* * *

Conforme se ia vagarosamente aproximando o dia da chegada dos príncipes, preparações em vasta escala estavam tendo lugar no palácio de Rekhmara, o vice-rei da Núbia, também chamado os "Dois Ouvidos do Rei que Estão no Sul", onde os príncipes e seu séqüito ficariam hospedados.

Preparar uma recepção digna dos futuros Senhores dos Dois Países era sempre uma tarefa delicada, e Tanhiri, a primeira esposa do vice-rei da Núbia, estava um pouco nervosa. Ágil e pequenina, de feições ovaladas e formosas, Tanhiri, que era filha de um nobre etíope, pensara em todos os detalhes. Durante vários dias ouviu-se a sua cálida voz dando ordens aos escravos, ditando aos escribas listas de ornamentos ou falando com a jovem Iset, a segunda esposa, a conveniência de fazer esta ou aquela coisa.

Ao cabo de uma semana, tudo estava pronto. Lentamente amanheceu o dia definitivo. No desembarcadouro do palácio, nave após nave foram chegando os assistentes do vice-rei, embaixadores de outras terras e nobres egípcios que vinham saudar os futuros reis do Egito. Belas escravas ofereciam jarras com água perfumada para lavar as mãos dos que chegavam. Logo, havia também servos distribuídos no jardim, oferecendo, abundantemente, o doce vinho de tâmaras.

Rekhmara recebia todos com extrema amabilidade. Era um homem alto, de rosto largo e curto, um olhar vivo e jubiloso, um corpo gordo e um sorriso claro. Vestia uma túnica do mais fino linho e usava um colar de deslumbrantes pedras preciosas. Ao seu lado, Tanhiri, pequena e graciosa, parecia o baixo relevo de uma deusa. Seu corpo fino e delgado estava envolto numa túnica verde bordada a prata, à maneira etíope. Os longos cabelos negros estavam trançados numa só trança, que ia quase aos tornozelos e muitas damas egípcias olhavam com inveja aquela cabeça formosa que não usava peruca.

O palácio de Rekhmara era cercado de jardins, vinhedos, hortas e pomares cheios de frutas deliciosas. Como o vento dominante soprava do Mediterrâneo, o palácio estava voltado para o Norte. Todos os aposentos eram amplos e luxuosamente mobiliados. As grandes portas externas eram sombreadas de pórticos, construídos sobre colunas de madeira pintadas de vermelho-cereja com capitéis papiriformes. As amplas janelas davam para frescas galerias sombreadas de trepadeiras floridas, através das quais o sol difundia uma suave luminosidade.

No vale despido que ficava além das tênues colinas, um mensageiro de Rekhmara aguardava. Tinha tomado aquele posto ao al-

vorecer. Agora o sol já ia alto e ele ainda esperava. Seus pés nus enterravam-se na terra macia das margens do rio. Seu saiote vermelho farfalhava de encontro a suas pernas escuras e robustas. O mensageiro núbio estava imóvel, com os olhos fixos na curva mais longínqua do rio onde deveria aparecer a nave real de Amenófis IV. Afinal, ei-la que surge, rebrilhando de glória e de ouro.

O homem girou nos calcanhares e correu velozmente até o palácio do seu senhor. Chegando junto do vice-rei, ajoelhou-se e anunciou-lhe que a nave real estava à vista. Todos se ergueram e se aproximaram do desembocadouro para receber o co-regente e sua espôsa.

Quando os príncipes desembarcaram foram saudados de acôrdo com o ritual e responderam como de costume. Em seguida, as reais vontades decidiram descansar um pouco no jardim. E, enquanto bebiam vinho em taças de ouro finamente cinzeladas, conversavam alegremente com o vice-rei e seus convidados.

Na tarde daquele mesmo dia formou-se o cortejo, precedido pela liteira dos príncipes, e foram todos ver o Templo de Aton, no vale de El Keb.

À passagem da liteira real, os soldados saudavam reverentes, os camponeses, os escravos e o povo de toda a região beijavam o chão, pois tinham vindo contemplar o rosto dos futuros Senhores dos Dois Países.

— Olha, pequenina — murmurou uma mulher, levantando sua filhinha bem alto, para que ela pudesse ver o régio casal.–Olha para o Filho do Sol e sua Divina Consorte! Olha para êles!

Mãos erguiam-se, as palmas para cima em adoração, e vozes exclamavam:

— Que vossas vidas se renovem, que vossos *kás* vivam para toda a eternidade!

— Salve a Bela que Veio e o Profeta de Aton!

Na frente do cortejo, sete trombeteiros, vestidos de branco, tocavam finos clarins de cobre, dos quais tombavam flâmulas vermelhas bordadas com os símbolos sagrados do país de Kêmi.

Na casa de um oleiro, uma velha falou:

— Ouve! Lá vêm êles! Lá vêm êles! Estou ouvindo os clarins!

— Depressa, meu espôso! Termina teu pão e tua cerveja, precisamos sair para ver os príncipes. . .

Na liteira real, Amenófis e Nefertiti olhavam-se e sorriam. O impacto da multidão movediça, adoradora, tagarela, através das quais passavam, divertia-os. Estar ali no meio do povo, que lhes manifestava todo o seu carinho, era como viver num nôvo mundo, alegre e sereno, que os fazia esquecer por um instante as traições dos padres de Amon, que, na distante Tebas, quiseram destruir a vida do príncipe que adorava Aton.

Em sua liteira, o escultor Beck observava o belo perfil de Nefertiti. Sua fronte plácida e morena sob o bico saliente e os olhos

de esmeralda do falcão de ouro do seu diadema, seu talhe esguio levemente arredondado pela gravidez, suas mãos finas, esmaltadas de jóias. Uma visão de beleza para as massas... escultura da parede de um templo, revivida.

"Sim... creio que consegui captar todo o seu encanto naquele busto de calcário pintado que acabo de fazer!"

E Beck sorriu, contente consigo mesmo.

Napata, com seu povo alegre, suas brancas muralhas à sombra de Gebel Barkal, a Montanha Pura, era bela como um sonho cor de ameixa, âmbar e açafrão. Bem para o Sul, próximo à jazida de granito, uma horda de homens labutava do alvorecer à noite, na construção do Templo de Aton, que já estava quase terminado. Com extrema perícia, seus malhetes, serrotes e cinzéis de cobre faziam o seu trabalho. O granito vermelho, imune ao cobre, estava sendo trabalhado com golpes feitos com bolas de diorita, que eram mais duras ainda do que o granito. O sol reluzia em suas costas suarentas, mas eles trabalhavam contentes porque, por ordem do príncipe, eram bem tratados. Tinham boa comida, alojamento e roupas gratuitas. Aguadeiros lhes traziam água fresca e vários médicos ali estavam sempre prontos para curar-lhes as feridas, as febres ou as fraturas.

Sob um dossel mantido por quatro escravos, ali estava Omífer, o arquiteto-chefe, com seus assistentes. Todos vestiam túnicas de linho fino e calçavam sandálias de fibras de papiro. Omífer era um homenzinho baixo, de pernas arqueadas, olhar inteligente e cabeça rapada, luzindo de óleo de nardo. Seu largo colar de ouro e pedras preciosas fora um presente do herdeiro do trono, e Omífer exibia-o com orgulho. Com um olhar prático e crítico examinava a construção.

— Mais dois meses e tudo estará terminado — disse Omífer, sem tirar os olhos das colunas do templo.

— E os baixos-relevos do santuário já estão prontos! — exclamou o supervisor com entusiasmo.

Omífer olhou-o friamente e continuou:

— Sim... mas como já deves saber o príncipe tem pressa. Deseja construir outro templo na Síria e, se pudermos terminar antes, será melhor...

— Mas, senhor, considere as dificuldades! Garanto que nada mais posso fazer! Se pudéssemos apressar estes homens com chicotadas, esses miseráveis trabalhariam mais rápido...

— Temos ordem de não castigar ninguém. O deus do príncipe o proíbe. Aton é o doador da alegria, prefere os pobres aos ricos... e, segundo o príncipe — que se considera seu profeta —, Aton é o deus do Amor e da Paz, o que ensina o riso a todos os oprimidos e lhes traz a liberdade. Ninguém deve temer Aton!

— Temer Aton? Como, se ele é apenas um deus secundário? Se acaso fosse Amon, o Oculto...

Os olhos de Omífer apertaram-se, surpreendidos. Inclinando-se para a frente, murmurou:

— Não ouses dizer isto diante do príncipe!

Intef sacudiu os ombros e retrucou:

— Aton ou Amon tanto se me dá! Quero apenas viver em paz, trabalhar e ganhar o meu sustento.

— Ainda bem... — retorquiu Omífer.

E, dando-lhe as costas, não quis prolongar a conversa.

Nisso, o soar dos clarins fez-se ouvir. Frêmito de excitação passou sobre a horda de homens, logo desapareceu, dando lugar a uma escuta atenta. Um cortejo cintilante, tendo à frente a liteira real com os Tronos Duplos, azul e ouro, encortinados de linho fino, vinha em direção à construção.

Omífer e seus assistentes apressaram-se em ir ao encontro dos ilustres visitantes.

Uma saudação unânime subiu aos lábios dos trabalhadores, quando os príncipes desceram da liteira, carregada por seis escravos núbios.

— Que o *ká* de Vossas Altezas vivam eternamente!

Nefertiti parou um momento. Fazendo sombra com a mão sobre os olhos, ela olhou o templo com interêsse. Ali estava ele, erguendo-se contra o chão do deserto como uma flor de pedra. Daquele ângulo, sua peculiar beleza se tornava mais aparente. O desenho das colunas era mais esbelto e gracioso visto a certa distância. O Arquiteto-chefe tinha usado espaço na construção como se usasse ouro puro, e luz, e ar e sombra, como se fôssem pedras preciosas realçando a sua estrutura.

Voltando-se para Nefertiti, Amenófis falou:

— Então, é mais belo que o Templo de Amon, em Tebas?

— Claro que sim! O Templo de Amon é imponente demais, não tem esta graça etérea, este equilíbrio de linhas, esta simplicidade...

Amenófis riu, atirando a cabeça para trás. Estava sem a coifa real e sua cabeça luzia ungida de óleos, e, de um lado, pendia-lhe a escura madeixa da juventude, pequena trança de cabelos naturais, que era usada por todos so príncipes e só podia ser removida quando este fôsse rei.

— Espere até ver o interior do templo, ó herdeira favorita! — exclamou Amenófis.

E de mãos dadas, os príncipes entraram na mansão do Senhor do Disco, seguidos pelas pessoas do seu séqüito. Um grupo de artistas decorava as paredes com desenhos e inscrições glorificando Aton. Com um gesto, Amenófis mandou que todos continuassem trabalhando normalmente. Os trabalhadores convertiam os esboços das paredes em baixos-relevos e os pintores pintavam êstes relevos com tinta verde, azul, amarela e vermelha. Quarenta colunas de granito circundavam o átrio.

Nefertiti soltou uma exclamação alegre. E as exclamações dos nobres se sucederam.

Um murmúrio seguiu as primeiras manifestações de admiração. Muitos eram os que desejavam fosse falso o que viam diante dêles.

Dentro do grande salão não havia divisões. Tudo era amplo, claro e ventilado. Nefertiti caminhou através dos pisos de jaspe, cruzou a porta incrustada de prata e entrou para uma antecâmara que ficava ao lado do Santo dos Santos, onde reinava a mais pura claridade. Em seguida, passou até o santuário secreto, em cuja parede de fundo via-se um formoso altar de alabastro. No altar, notava-se apenas um grande baixo-relevo, feito por Auta. Mostrava Aton dardejando seus raios sôbre Amenófis IV, que oficiava como sacerdote. Cada raio que saía do disco solar terminava em forma de mão abençoadora, segurando a cruz da vida. Mais abaixo, estavam gravadas as palavras de um hino de Amenófis em louvor de Aton. Nefertiti leu alto o significado dos hieróglifos:

"Belíssimo és tu por sobre o horizonte,
radioso Aton, fonte de todas
as coisas vivas!
Quando te levantas na banda oriental dos céus,
toda a terra se enche com o teu resplendor.
Belo és tu, grande és tu,
radiante por sobre o mundo.
Teus raios alcançam todas as terras
por ti criadas, e assim unidas,
juntas pelos raios do teu amor,
permanecem eternamente.
Tão longe estás, e todavia
teus raios tocam o chão;
tão alto estás e todavia
as solas dos teus pés
se movem sobre o pó..."

O semblante de Amenófis cintilava de êxtase místico e quando Nefertiti pronunciou a última palavra do hino, êle inclinou-se e beijou-lhe a fronte.

* * *

Foi ao crepúsculo que êles voltaram ao palácio de Rekhmara. Sitka estava apreensiva, receando que aquele longo passeio afetasse a gravidez de Nefertiti. Mas a princesa sentia-se forte, sadia e mais alegre do que nunca.

— Sitka! — chamou Nefertiti, assim que entrou em seus aposentos.

A aia chegou num passo rápido e leve. Entrou no quarto, com peças de roupa recentemente retiradas das arcas, ainda pendentes dos braços.

— O templo é uma maravilha! — falou Nefertiti.

Seus olhos risonhos estavam cheios de júbilo.

Nefertiti deu-lhe um rápido abraço, depois continuou a falar:

— Gostaria que tivesses ido, também!

Sitka sorriu bondosamente, e retrucou:

— Irei consigo na próxima vez, minha radiosa senhora. Mas, agora, diga-me, não está cansada?

— Um pouco, Sitka. Mas vou repousar agora dentro de um banho tépido que vais me preparar. Não ganhas nada em preocupar-te e afligir-te por mim. Durante todos estes anos ainda não aprendeste isso?

— Bem... eu...

— Não importa. Vai chamar as escravas para que venham despir-me.

Sitka saiu. Alguns momentos depois, várias escravas e atendentes do vestiário entraram nos aposentos da princesa e prostraram-se imediatamente, de corpo inteiro, no chão.

Em seguida, curvaram-se para retirar, dos delicados pés reais, as sandálias douradas. Removeram o colar de flores de lótus, recentemente colhidas que lhe ofertara Tanhiri, a esposa do Vice-Rei, bem como os braceletes, os anéis e as brancas vestes plissadas de linho fino.

Nefertiti viu-se num espelho de cobre, que ficava acima da mesa do toucador. Seu corpo esbelto e bronzeado ainda não tinha sido deformado pela recente gravidez. A cintura estava um pouquinho mais grossa e o ventre levemente mais proeminente.

Uma escrava entrou, trazendo uma salva de prata com frutas frescas.

Nefertiti escolheu uma tâmara, enquanto uma serva envolveu seu corpo num manto transparente, que estava sobre uma cadeira de ébano.

— Vamos para a sala de banhos, minha senhora; hoje é a noite de recepção no palácio do Vice-Rei, e temos que torná-la a mais formosa entre todas as mulheres — falou Sitka quedamente.

Meia hora depois Nefertiti reentrou em seus aposentos, seguida pelas servas. Deitou-se sobre a mesa das fricções e deixou que lhe esfregassem o corpo com óleo de nardo e de sândalo.

Fechou os olhos por um momento. Depois, rolando sobre o estômago, arrancou uma rosa vermelha de um vaso de bronze que estava sobre uma mesinha e aspirou docemente o seu perfume. O aroma lhe fez recordar o cheiro dos cabelos de sua filha Meritaton.

— Meritaton, meu tesouro — pensou ela —, breve terás um irmãozinho... Na próxima cheia do Nilo ele virá... e um dia será o rei do Egito!

Nem por um momento passou-lhe pela cabeça de que poderia dar à luz uma outra menina. Estava certa de que seu filho seria varão, e este pensamento acentuou a sua alegria.

As escravas prepararam-na com esmero para a refeição da noite. Vestiram-lhe uma alva túnica pregueada, bordada com mariposas de ouro, através da qual o bronzeado pálido do seu corpo aparecia tépido e belo. Sobre a cabeça, usava uma peruca de cerimônia, que lhe tombava pelas costas em sedosas madeixas escuras, em elaborado arranjo de pequenas tranças, estreitamente tecidas com fios de contas de coral. No pescoço esguio, brilhava um largo peitoral de turquesas, tendo no centro um escaravelho de ouro. Sobre a peruca de Nefertiti, as escravas colocaram um cone de bálsamo perfumado que se derretia lentamente, embebendo os cabelos de um suave aroma primaveril.

No grande salão com piso de lápis-lazúli, o cheiro do incenso e da mirra que queimavam nos grandes incensórios de bronze misturava-se no ar com as notas das flautas e das harpas. Respeitosas servas faziam circular bandejas de prata com pato assado e recheado de tâmaras, pastelão de galinha com creme de lentilhas, peixe frito coberto com um espesso molho cor de topázio, guisado de carne com purê de amoras, bolinhos de cevada cobertos de mel, frutas e vinhos.

Durante a refeição, lindas meninas nuas vieram adornar os convivas com guirlandas de flores de jasmim. Em seguida, veio um grupo de bailarinas núbias, vestidas apenas com um saiote de linho amarelo, preso à cintura por um largo cinto de pedrarias multicores. Todas eram jovens e bonitas, de seios firmes e redondos, pernas ágeis e perfeitas. Bailavam acompanhadas pela música de um harpista cego, um flautista e um tocador de tambor. Suas longas tranças escuras tinham presas nas pontas bolas de prata, que balançavam graciosamente ao compasso da dança.

Nefertiti olhava-as com prazer, oprimindo contra o seio um lótus azul que Tanhiri lhe ofertara. Após a dança, as bailarinas se foram e o harpista cego, acompanhado pela flauta e o tambor, começou a cantar uma velha canção síria:

"Aos corpos esbeltos como palmeiras,
às cadeiras ondulantes como juncos,
preferimos a haste reta de nossos estandartes
no alto dos quais flutua dócil nossa bandeira
branca como o dia,
dourada como nossas adagas
quando refletem o brilho deslumbrante da luz.
Aos cabelos sedosos, vermelhos como brasas
ardentes, aos cabelos sedosos, negros como
carvões apagados, aos cabelos que põem a
aurora ou a noite sobre as cabeças femininas,
preferimos a lança que flutua nos combates,
cuja ponta é formada pelas crinas douradas ou negras
que arrancamos da cauda de nossos fogosos cavalos.

Aos seios brancos e resplandecentes das virgens,
e duros como o metal temperado três vezes,
e redondos como uma taça de ouro,
de onde escapam perfumes sutis e embriagadores,
preferimos o brilho de nossos sabres
e o fulgor de nossos escudos redondos como
imensas taças.
Às flechas assassinas de uns belos olhos negros,
mais negros ainda realçados pelo traço escuro
do khol, *cujos prazeres amorosos circundam*
as pálpebras, marcando assim uma voluptuosidade
dada e recebida, preferimos as flechas que
soltam nossos arcos na refrega das batalhas.
A flecha destes olhos negros tem na ponta
uma carícia que não está reservada senão
aos corações amorosos e muitas vezes os mata
lentamente, mas as flechas de nosso arco
são reservadas apenas para os inimigos e só
entre êles semeiam a morte rapidamente.
Às cinturas nuas que se dobram sob os abraços
amorosos e languidescem sob o fogo vermelho
dos beijos, preferimos nossas éguas ajaezadas
de ouro e prata, nossas éguas indomáveis
que se encabritam e saltam à vista
do sangue dos guerreiros."

Nefertiti não gostou da canção. Achou-a demasiado bárbara e comentou isto com Amenófis, que estava ao seu lado. O príncipe, que parecia alheio a tudo, com o olhar perdido na lonjura, pareceu voltar a si mesmo, ao som das palavras da esposa.

— Que dizes, ó herdeira favorita?

Nefertiti compreendeu que Amenófis estava novamente imerso em seus sonhos místicos. Sorrindo, ela pousou de leve a mão fina e macia no rosto do príncipe e falou:

— Amenófis, em que estavas pensando?

Por um instante o rosto dele mostrou-se confuso.

— Em que estava pensando? — repetiu. Em que poderia estar pensando senão na glória de Aton?

— Sim, meu querido, tua mente está sempre unida a Aton, e não poderia ser de outra maneira. Acaso teus membros não são irmãos gêmeos do Senhor do Disco?

Como toda resposta, Amenófis sorriu e beijou-lhe de leve a mão fina e perfumada.

Um leve sorriso foi repuxando os cantos da boca de Nefertiti, enquanto ela recostava-se no alto espaldar da cadeira. Encontrando à mão a taça de vinho, esvaziou-a lentamente, olhando para Amenófis, escrutando-lhe o rosto com os olhos graves e belos. Aquelas pa-

lavras de Amenófis IV iam começando a sugerir uma obsessão diante da qual até mesmo ela estava começando a sentir-se surpresa e apreensiva.

Rekhmara fez uma pergunta ao príncipe, e este teve dificuldade em trazer sua mente de volta para o que se passava em torno de si. Na verdade, sentia que estava ficando muito abstraído e sua cabeça pesava muito e doía terrivelmente. Se acaso era fadiga ou um próximo acesso do mal sagrado, não sabia.

Mexeu-se delicadamente em sua cadeira, sentou-se mais ereto e fêz um esfôrço para responder as amáveis palavras do vice-rei e para fixar a mente na festa que se realizava em sua homenagem.

— Minha filha mais velha, Neit — disse o vice-rei.

Inclinou-se a moça diante do régio casal, pronunciando breves palavras de saudação. Em seguida, foi sentar-se junto do escultor Beck, que conversava com Iset, a segunda esposa de seu pai.

Neit tinha quinze anos. Era miúda, ágil e bonita como sua mãe Tanhiri. Geralmente, nunca ficava até o fim dos banquetes. Quando a festa começava a animar-se, sua mãe fazia um sinal e sua aia Wisi vinha para acompanhar Neit aos seus aposentos. A moça estava preocupada. Naquela noite ficaria mais tempo do que de costume? Com a presença dos príncipes, certamente não haveria orgias. Todos sabiam que o casal real não gostava desses excessos.

Neit olhou para Beck com interesse e admiração. Sabia que ele era o melhor escultor de todo o Egito e sua fama de conquistador chegara até Napata. Quando êle voltou-se para conversar com ela, Neit ficou radiante. Em dado momento, ela perguntou:

— Conheces a Núbia?

— Sei apenas que aqui se bebe um bom vinho e as mulheres são belas.

Neit sorriu. Trincou um bolinho de amêndoas e olhou para Beck, com uma expressão de encantamento. Ele observou que sua pele macia, sob as vestes de gaze violeta, tinha a cor do mel silvestre que os caçadores traziam do reino de Punt. Emanava dela um doce aroma de rosas misturado com almíscar. Beck sentiu-se invadido por uma onda de desejo. Ficou contente quando Neit falou:

— Gostarias de acompanhar-me amanhã num passeio à ilha de Sahel? Fica perto de Abatã, o território inacessível onde Osíris dorme o seu sono...

— Amanhã? Sim... estarei livre até a segunda hora da tarde. Creio que será um passeio interessante.

— Assim o espero — falou Neit, com um brilho indefinível no olhar.

* * *

A antemanhã cintilava como uma jóia sobre o Grande Verde. Colinas distantes emergiam das brumas, quando Beck foi ao encontro de Neit no embarcadouro do palácio, onde se erguiam contra o horizonte os finos perfis das galeras de passeio do vice-rei. Neit

preferiu um pequeno barco de papiro e Beck desamarrou-o com cuidado.

Os remos afundaram-se nas águas levantando reflexos macios e sedosos. Era sensível o perfume de lótus nas margens e Neit ergueu a cabeça morena para respirá-lo. As asas do seu pequeno nariz palpitavam levemente. Beck remava e ouvia Neit com prazer. Ela sabia uma história interessante para cada momento. Seu pensamento brincava com as nuvens, as nuvens corriam alegres pelo céu e eles sorriam em paz.

O pequeno barco foi avançando. Súbito a ilha de Biggeh irrompeu na paisagem e logo mais adiante avistaram Sahel, que parecia irisada por matizes de sonho, cingida por uma onda de reflexos azuis e rosados como uma grande ave aquática.

– Olha, Beck! Ali está o Templo de Satit e Anukit, as deusas esposas de Knhum, que protegem as cataratas do Nilo!

Beck olhou na direção indicada e viu uma pequena e discreta construção de pedra calcária, que mais parecia uma jóia de estilo primitivo.

– E aquela gruta ao lado do templo, está dedicada a alguma divindade?

– Não, ali mora Tamit, o Grande Vidente, guardião do santuário das Sete Hatores, que predizem o destino. . .

– Tu o conheces?

– Sim. . . ele é extremamente sábio, conhecedor de muitos mistérios que só ele tem a chave. Aprendeu a ver no âmago das coisas e hoje a alegria e o conhecimento brotam como um doce orvalho da sua alma.

Assim que a quilha do bote roçou a areia clara, Beck saltou e segurou o frágil barco para que Neit saltasse sem que as águas o levassem. Depois, carregou o bote e colocou-o sôbre a areia, à sombra de uma grande tamareira.

Foram andando. Os pés descalços enterravam-se na areia. O ruído das águas se misturava com o chiado das folhas das palmeiras agitadas pela brisa. Neit e Beck andaram de encontro ao templo por um caminho de esfinges de pedra que marcavam a entrada. O olhar de Beck percorreu a estrutura singela do templo. Depois dos pilones, via-se um pátio florido, marginado de pórticos de alabastro, no fundo do qual um plano inclinado conduzia a uma fresca galeria formada de altas colunas em forma de flores de lótus. Uma grande porta no meio da galeria dava acesso a uma sala hipóstila, e em seguida a um vestíbulo que precedia o santuário das duas deusas. No umbral, Neit e Beck aspiraram com delícia o aroma do terebindo que saía de dois grandes incensórios de bronze e, em silêncio, entraram no santuário. Lá dentro tudo estava penumbroso e só uma lanterna de prata iluminava vagamente as paredes cheias de baixos-relevos, onde de muitas maneiras as duas deusas estavam representadas. Sobre um altar dourado estavam as estátuas das duas esposas

de Knhum. Satit tinha o semblante de uma linda mulher, envolta em véus transparentes. Na cabeça usava a coroa branca do Sul, encimada pela deusa-serpente e por dois longos chifres de ouro. Anukit era a imagem de uma adolescente de rosto meigo e delicado, corpo frágil e gracioso. Sobre a longa peruca de cerimônia ela usava uma alta coroa de plumas brancas.

Um homem adiantou-se, saindo da penumbra do santuário.

— Que buscam aqui?

Foi Neit quem respondeu:

— Viemos reverenciar as deusas.

E tirando do dedo um anel de ouro com um grande escaravelho de esmeralda, entregou-o ao sacerdote. O rosto seco e apergaminhado do velho partiu-se num sorriso.

Sejam bem-vindos. Meu nome é Setna, o que abre a boca dos deuses, e se quiserem poderei mostrar-lhes todas as dependências do templo.

— Não é preciso, Setna — cortou Neit —, eu conheço bem este templo e sou amiga de Tamit...

Setna esboçou um gesto de reverência e afastou-se levando a preciosa dádiva de Neit.

A moça tomou Beck pela mão e falou:

— Vem!

E andaram através do templo, olhando uma coisa e outra; afinal saíram, seguindo por um estreito caminho que subia entre pedras escarpadas, onde baliam cabras e zumbiam abelhas, tal como nos antigos dias em que Osíris era amamentado pela sagrada vaca Hathor e nutrido com o mel silvestre do vale de Chemmu. Junto à entrada da gruta de Tamit erguia-se um álamo enorme, sempre verde e formoso.

— Queres entrar? — perguntou ela.

— Se este é o teu desejo... — retrucou Beck.

Neit sorriu e entrou na gruta seguida pelo escultor.

Seguiram por um comprido corredor rochoso iluminado por tochas e chegaram a uma abertura arredondada na pedra, coberta por uma cortina de fibra de papiro. Neit afastou-a e precedeu Beck num espaçoso aposento cavado profundamente na rocha. A primeira coisa que Beck notou foram as lindas esculturas em baixo-relevo gravadas nas paredes da rocha. Eram cenas místicas representando as Sete Hatores de diversas maneiras. Entre os baixos-relevos viam-se inscrições de forma inteiramente nova para ele. Não eram nem egípcias, nem gregas, nem babilônicas. Que significariam? Perguntou-se Beck, intrigado. Mas logo seus olhos se fixaram sobre uma mesa rústica de troncos lascados onde brilhava a luz de uma lanterna de prata. À sua luz, via-se um vulto impreciso, sentado sobre uma pedra. Estava de costas para eles e examinava atentamente um velho papiro. Seu crânio rapado brilhava untado de óleos finos e sua tú-

nica de linho escarlate era debruada de bordados a ouro. Sem mesmo se voltar, o vulto falou:

— Bem-vindos sejam a ilustre filha de Reckmara e o escultor favorito do Profeta de Aton!

— Como sabes que somos nós? — indagou Neit, atônita.

Tamit voltou-se lentamente e encarou-a sorrindo:

— Acaso não me chamam de o Grande Vidente? Sem dúvida não mereceria este título se não soubesse uma coisa tão simples como essa...

O riso claro de Neit ecoou pela gruta. E, virando-se para Beck, falou:

— Vês? Tamit é versado em todos os mistérios!

— Em todos, não, pequenina! — retrucou Tamit.—Conheço apenas alguns que para a maioria das pessoas são insondáveis.

— Então, diz como foi que soubeste que éramos nós! — insistiu Neit, curiosa.

— Queres mesmo saber?

— Sim.

— Eu tenho muitos métodos e um deles é este. Olha!

E sua mão ossuda e morena apontou para uma grande caixa de ébano cheia de areia fina e dourada que estava sobre a mesa.

Os dois jovens aproximaram-se e olharam. Imediatamente a areia obscureceu-se. Depois clareou e eles viram distintamente a cena do banquete da véspera onde Neit convidara Beck a visitar a ilha de Sahel. Em seguida a sua chegada à ilha e a visita que acabavam de fazer ao templo.

Neit recuou sobressaltada e olhou para Beck, que, de pé, ao seu lado, estava sério e calado.

— Não, não se trata de magia, meus filhos — disse Tamit tranqüilamente.—Não há magia, embora haja a arte de conhecer os segredos da Natureza. Essa areia dourada é o meu espelho. Revela-me tudo o que se passa desde que me dê ao trabalho de interrogá-la. Nela as Sete Hatores mostram tudo o que desejamos ver do passado, presente ou futuro.

— Então, mostra-me algo sobre o meu futuro! — pediu Neit, vivamente interessada.

Tamit passou a mão direita sobre a areia e olhou atentamente. Em seguida olhou a moça e falou:

— À tua volta arma-se uma tempestade... vejo-te às portas de um abismo. Tem cuidado, pequenina! Depende de ti mesma vencer ou fracassar...

Neit empalideceu. Mordeu os lábios polpudos e não quis saber mais nada sobre ela.

— Diga algo sobre Beck — pediu.

Tamit voltou a remexer de leve na areia dourada e, fazendo um sinal para o escultor, exclamou:

— Olha com teus próprios olhos!

Beck olhou e viu desenhar-se, na dourada superfície, inúmeras passagens de sua vida passada e presente. Logo as imagens sumiram e Beck viu-se caído no chão, em meio a uma poça de sangue, e a seu lado Becankos, o Segundo Profeta de Amon, retirando de suas costas um punhal ensangüentado. Beck empalideceu e olhou para Neit.

— Que aconteceu? Não vejo nada! — disse ela.—Parece que tenho uma névoa diante dos olhos.

— Isto passará! — disse Tamit.—São as deusas que se aproximam.

E passando de novo a mão sobre a areia, Tamit fez com que as cenas da morte de Beck desaparecessem. Então, pela boca de Tamit as Sete Hatores fizeram suas profecias e entre outras coisas disseram a Beck:

— Muito depois que o nó da tua vida for desfeito, o teu nome será lembrado por todos, ó escultor preferido do rei! E aquele busto de calcário colorido da Real Nefertiti, que fizeste em Tebas, num futuro bem longínquo, quando nada mais restar da décima-oitava dinastia, deixará para sempre o país de Kêmi. Será levado por homens brancos de olhos azuis como os da deusa Nut e cabelos dourados como a barca de Rá. Estes homens retirarão a estátua de entre as areias de uma nova cidade, que será fundada pelo Profeta de Aton e que será destruída pelos seguidores de Amon. E, então, tu ficarás célebre em todo o mundo, tão célebre como jamais nenhuma outra obra de nenhum outro artista egípcio o será. Abençoado sejas tu, ó escolhido dos deuses!

Quando Tamit se calou, uma nuvem envolveu a lanterna de prata. A gruta ficou completamente escura e o silêncio cresceu em volta de tudo. Beck sentiu uma mão gelada tocar na sua. Era muito suave ao contato e parecia feita de pétalas. A mão deixou algo entre os dedos de Beck. Foi então que a nuvem dissipou-se e a luz da lanterna voltou a brilhar. Beck viu que estava segurando um lótus branco e perfumado. Mas súbito a flor deslizou de sua mão, caiu no chão e desapareceu, deixando-o perplexo.

— Que foi isso? — indagou Beck.

Mas Tamit não respondeu. Estava sentado com as pernas cruzadas, os olhos fechados, o rosto pálido, o corpo duro e hirto como o de um morto.

— Tamit entrou em êxtase — disse Neit, baixinho.— Convém que o deixemos em paz. Agora, as palavras das deusas deslizam em seu coração como as águas de Sihor sobre as areias sedentas, onde brilha a estrela de Ísis.

E tomando-o pela mão, Neit conduziu Beck para fora da gruta.

Pouco depois estavam num vale agreste, onde espesso musgo se estendia como um brando leito muito verde e fresco. Numa ala à direita via-se uma pequena piscina onde boiavam nenúfares rosados.

— Não é lindo isto aqui? — falou Neit.

- Sim, muito. Que tal sentarmos um pouco à sombra daquele bambual?

— Não. Conheço um lugar melhor, vem!

E Neit continuou andando rapidamente. Seu corpo se arqueava, ágil, belo, com uma graça de movimentos que acentuava suas formas. A leveza do linho das suas vestes __ suas ancas flexíveis, seus seios redondos e firmes que se agitavam ao compasso apressado de seus passos.

Desceram por um declive até encontrarem uma lagoa cavada na rocha.

Neit deixou cair aos pés a túnica plissada e rápida como uma gazela mergulhou na água clara. Pouco depois sua cabeça morena emergiu das águas, olhando sorridente para Beck, que ficara em pé, junto à margem. Ela tirou a mão da água e agitou-a no ar chamando-o. Num segundo Beck despiu o *shenti* de linho branco, tirou o peitoral de ouro e mergulhou. Nadou em direção a Neit e viu que ela nadava também fugindo e incitando-o à sua captura. Mas ele nadou mais rápido, cortou a distância que os separava, estirou um braço e sua mão tocou nos longos cabelos dela. Puxou-a para si. Seus lábios, seus olhos e a água clara brilharam diante dele e seus lábios beijaram a água... os olhos... e por fim a boca de Neit. Sentiu o seu corpo contra o dele, suave, doce e profundo, cheio de calor misterioso e excitante.

Súbito, Neit desprendeu-se dos braços de Beck e nadou velozmente até a margem. Saiu nua da água, formosa como a própria Hathor, a deusa do amor. Beck foi ao seu encontro sem se atrever a romper o sortilégio que os envolvia. Sentou-se junto de Neit sobre a relva macia. Súbito ela passou-lhe os braços em volta do pescoço e Beck sentiu novamente a doçura de seu beijo. Ficaram assim abraçados e em silêncio durante alguns segundos. Ela jogou a cabeça para trás, olhando-lhe ansiosamente o rosto moreno, enquanto o seu corpo, fechado nos braços dele, procurava mais do que as palavras para transmitir-lhe a sua urgência de entregar-se.

Beck estava profundamente emocionado.

— Neit! — repetia ele com voz embargada. — Neit!

Ela permanecia numa atitude de completa submissão, com os olhos fechados e os braços em volta do pescoço dele. Os lábios de Beck eram cruéis e ardentes. A relva à beira da lagoa era macia e ondulava ao ritmo do carinho de Beck. Neit ficou repousada e quieta na relva, com o rosto de lado e os olhos fechados, na atitude de alguém confiante, toda entregue ao seu destino. Não houve mais palavras. Beck tornou a beijá-la e Neit sentiu que havia frescura de fonte em sua boca...

* * *

Quando Nefertiti despertou o sol já ia alto. Com um gesto brusco ela atirou para um lado os lençóis de linho perfumados de

âmbar. Esticou-se toda. Sentiu uma leve dor no ventre, mas não se preocupou. Sabia que aquilo era próprio do seu estado de gravidez. Há trinta dias que estava em Napata e sua saúde era excelente. Longe de Tebas e das intrigas da corte, como ela se sentia feliz!

Soltou um suspiro e virou-se na cama. Logo, ergueu a cabeça do encosto de marfim e encontrou à cabeceira, sobre uma mesinha dourada, uma bandeja com talos frescos de papiro imersos em mel. Nefertiti pegou num deles e trincou-o. Mas sentiu náuseas e cuspiu-o fora.

Respirou fundo e sentando-se na cama pegou uma das bolinhas de ouro que enchiam uma pequena caixa de ébano sobre a mesa, atirou-a para dentro de um vaso de prata ao seu lado. Ao som vibrante e puro que retiniu em seguida, uma escrava etíope entrou no quarto.

Ajoelhou-se diante da princesa e aguardou as ordens.

— Abre as cortinas — disse Nefertiti.

A escrava ergueu-se e correu os pesados reposteiros de linho vermelho-coral. A luz do sol inudou todo o aposento. Nefertiti olhou a manhã clara e sorriu contente.

— Vai chamar Sitka — falou.

— Imediatamente, Radiosa! — retrucou a escrava inclinando-se até o chão de alabastro.

Sitka entrou pressurosa, com seu passinho leve e delicado.

— Senhora, chegou um mensageiro de Tebas com uma carta da rainha Tii para vosso esposo.

— Que terá acontecido? — perguntou Nefertiti preocupada.

— Nada de mais, meu lótus-o rosto do príncipe não se alterou quando leu a carta.

— Depressa, Sitka, chama as escravas para me vestirem. Preciso saber logo do que se trata. Dize a Anuk que prepare o meu banho.

— Imediatamente, Radiosa Senhora.

Assim que Nefertiti deixou o banho, Sitka lançou-lhe um sudário de linho sobre os ombros e bateu palmas para que as escravas viessem preparar a sua senhora. Com o corpo ungido de óleo de rosas, o rosto pintado de tons suaves, os olhos debruados de *khol,* Nefertiti parecia mais bonita ainda. Uma peruca de seda azul pousava-lhe sobre a cabeça e vestiu uma túnica fartamente plissada, que caía em dobras perfeitas em torno de seu corpo já marcado pela gravidez.

Lançando um último olhar ao espelho, Nefertiti foi ao encontro de seu esposo, que já estava no gabinete de trabalho que lhe fora reservado.

— Entra — disse Amenófis ao ouvir bater à porta.

— Amenófis!

O príncipe ergueu rapidamente os olhos da mensagem que estava lendo. Ali estava Nefertiti, de pé, como uma adorável aparição.

Amenófis murmurou algumas palavras despedindo seus assistentes e o escriba que aguardava as suas ordens. Seu coração batia rapidamente, com sua maneira usual de adoração.

Nefertiti atravessou o limiar e hesitou, mais ou menos nervosa.

— Amenófis, que aconteceu em Tebas?

O príncipe caminhou para a esposa, beijou-lhe a fronte carinhosamente e levou-a para junto da mesa onde estava o papiro com a mensagem da rainha Tii.

— Não te perocupes, minha adorada... acabo de receber notícias um pouco desagradáveis, mas sei que tudo se resolverá bem.

Nefertiti baixou os olhos para o papiro onde se lia a mensagem de Tii:

"...Shubiluliuna, o rei hitita, acaba de invadir as terras de Naharim e suas tropas ocupam, hoje, a cidade Katma, cujo rei, Akizzi, pediu socorro ao faraó. Para acentuar as relações com o reino de Arzawa, que confronta com as terras ocupadas, o faraó mandou como esposa para o príncipe-regente uma de tuas irmãs, nascida de uma esposa secundária. Precisamos agora reforçar os laços amistosos com o reino de Mitani, que é o único obstáculo à fúria devastadora dos hititas, que, como sabes, são violentos, cruéis, agitados e bárbaros.

Amenófis, manda pedir em casamento a princesa Taduhipa, filha do rei Dushrata de Mitani, irmão de tua sogra Gilukhipa. Taduhipa é jovem, bela como uma deusa e poderá ser uma das mulheres do teu harém..."

Nefertiti sentiu-se invadida por uma onda de raiva contra Tii. Encarando firmemente o esposo, ela indagou:

— E o que vais fazer?

— Meu deus, Aton, só permite que eu tenha uma esposa... Nefertiti, a bela que veio...

Radiante, Nefertiti envolveu-o num abraço comovido. Não queria perder o domínio que tinha sobre o marido e não estava disposta a partilhar seu amor com ninguém.

— Escreverei à Grande Esposa Real — continuou Amenófis — e lhe direi que jamais sonhei em ter outra esposa. Taduhipa é uma princesa e não se conformará em viver como as mulheres reclusas do meu harém, que já se resignaram a ser para mim apenas tocadoras de harpa, cantoras e dançarinas.

— Sim — retrucou Nefertiti —, ela exigirá uma vida matrimonial completa.

— Direi ainda à rainha Tii — falou Amenófis — que podemos provar nossa amizade aos mitanianos enviando-lhes minas de lápis-lazúli, os melhores cavalos do estábulo real e muitos carros carregados de ouro. Que ela jamais me fale em outro casamento!

Naquele dia, todos notaram o extremo carinho com que Nefertiti olhava para o esposo.

* * *

Tii erguera-se, com as faces em fogo.

O escriba baixou os olhos e prosseguiu em tom firme a leitura da carta de Amenófis IV.

"Lamento sinceramente ter que contrariar a vossa augusta vontade, mas nada poderia fazer com que eu mudasse de opinião..."

— Basta! — ordenou Tii.

O escriba calou-se.

— Onde está o faraó? — indagou Tii de sua aia Houia, que acabava de entrar no aposento.

Houia percebeu pela voz irritada de sua senhora que não devia perder tempo com as saudações de praxe. E respondeu logo:

— O Bom Deus está no salão de paredes amarelas, conferenciando com o Conselho dos Velhos.

Houia ficou a olhar a porta, que se fechou violentamente atrás da Grande Esposa Real. Soltando um suspiro, a velha aia exclamou:

— Pelas barbas de Ptah, como a rainha está nervosa!

Quando Tii entrou no salão de paredes amarelas, decoradas de abelhas de ouro, a conferência tinha terminado. Todos se inclinaram respeitosamente, saudando a rainha, e esta, mal dissimulando o seu nervosismo, respondeu com um leve aceno de mão. Andou rapidamente pelo piso de alabastro polido, alcançou o trono ao lado do faraó e sentou-se.

— Poderoso Touro Forte — disse Tii, ligeiramente ofegante.

— Fala, minha rainha.

— Nosso augusto filho recusa casar-se com a princesa Taduhipa!

O faraó ficou gelado pela surpresa, os olhos fitos na esposa. Tii começou a falar rapidamente:

— Esse casamento resolveria tudo... tudo! Desde a morte de Gilukhipa, após o nascimento da princesa Meritaton, que estamos sem laços de parentesco com o reino de Mitani...

Amenófis III levantou-se do trono e deu alguns passos pela sala. O sufocante palpitar de seu peito fê-lo parar antes de ter dado cinco passos. Procurou apoio e Tii estendeu-lhe as mãos grandes e fortes.

— Repousa, Sublime — murmurou ela carinhosamente. — Breve o festival de Heb Seb irá restituir a tua força e o teu vigor, tal como no tempo em que eras jovem.

Com uma nova esperança brilhando no olhar, o velho faraó falou:

— Sim... o Heb Seb me dará novas forças. Todos os deuses virão a Tebas e receberei deles a saúde que me falta...

E assim dizendo, o faraó recostou-se no espaldar do trono com um suspiro. Seus velhos olhos fizeram-se profundos com as lembranças da sua juventude. Recordou suas campanhas guerreiras, suas caçadas de leões na África, suas inúmeras conquistas amorosas...

Seus dois cães da Etiópia e um leopardo trazido da África estavam sentados sobre um tapete aos pés do trono. O faraó deixou cair pesadamente a mão direita, e Antílope, um dos cães, veio lamber-lhe a mão carinhosamente.

Amenófis III sorriu e acariciou-lhe a grande cabeça sedosa e negra.

— Estás melhor?

A voz de Tii vibrava como o metal.

Ele confirmou com a cabeça.

Então a rainha continuou a falar:

— Após o milagre do Heb Seb, ficarás jovem e forte e poderás desposar Taduhipa. A grandeza das Duas Terras exige novamente o teu devotamento, meu sublime esposo... ademais, o sacrifício não será tão grande... Taduhipa é muito formosa e tem apenas dezesseis anos...

Tii não acreditava no milagre de Heb Seb, mas tinha inteira confiança nas poções afrodisíacas dos seus feiticeiros etíopes que viviam nos porões da Casa Dourada. Ninguém como eles sabia restituir o vigor masculino, em casos desesperados...

O faraó deixou-se convencer com facilidade. O sorriso de Tii alargou-se e sua voz era macia e profunda, quando disse:

— Creio que os contempladores das estrelas já poderão ir escolhendo o dia das bodas, não é mesmo, ó Divino Senhor das Duas Terras?

— Sim, minha rainha.

Vagarosamente, sob o peso da alta coroa dupla, o faraó desceu os degraus do trono e saiu acompanhado por Tii.

• • •

Durante cinco dias seguidos, todo o Egito celebrou os festejos de Heb Seb. Depois da Consagração dos Campos, no último dia dos festejos, Amenófis III, vestido como um ídolo dourado, entrou no palácio Charuk com o passo firme e o olhar brilhante. Todos atribuíram isso ao encantamento místico que acabara de se realizar. Todos, menos Tii, que durante cinco dias tinha colocado, secretamente, no vinho do faraó, as poções feitas com o suco das plantas que os deuses criaram para restaurar a força e o vigor dos homens velhos e cansados...

Dois dias depois do Heb Seb, o faraó mandou espalhar pelo país de Kêmi a notícia do seu próximo casamento com Taduhipa,

gravando-a em enormes escaravelhos de pedra cinzenta, furados de lado a lado e suspensos às colunas das ruas, por um longo fio de metal. E o povo egípcio leu reverente as palavras que celebravam a entrada da princesa mitaniana no harém real:

"Um milagre foi oferecido a Sua Majestade:
Taduhipa, filha do rei Dusharata de Mitani,
que chegou ao Egito bela como um lótus,
cercada por trezentas e dezessete aias e
damas da corte não menos jovens e formosas."

— Sem dúvida o Bom Deus tornou a receber a glória integral da juventude e da força durante o Heb Seb... — comentou um cesteiro com malícia.

— É verdade — disse o vendedor de cebolas que estava ao seu lado.

E os dois riram alto e continuaram o seu caminho.

Tebas festejou suntuosamente o casamento de Amenófis III com a jovem mitaniana. No Templo de Amon, mais de mil bois foram sacrificados no momento exato em que Taduhipa e o faraó romperam um cântaro de argila diante do santuário do deus, e seus nomes foram inscritos nos registros do templo...

"Taduhipa é do Divino Senhor das Duas Terras", dizia o papiro.

Sobre as entranhas de um dos animais sacrificados, Eje, o sumo sacerdote de Amon, em Tebas, sondou o futuro dos nubentes. E os augúrios foram favoráveis.

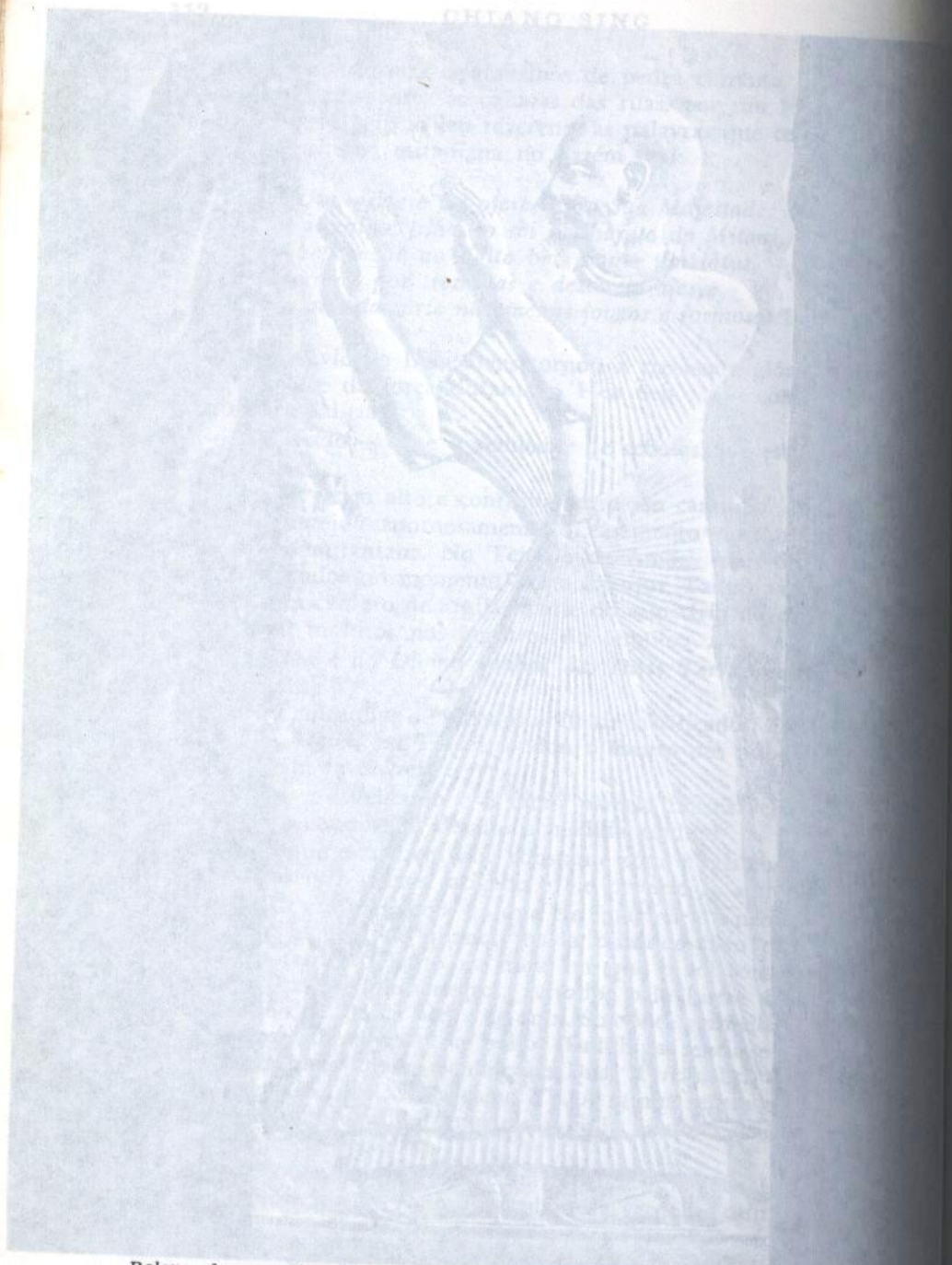
As festas se sucederam e o faraó parecia incansável. Sua vitalidade parecia lançar um desafio à medida comum.

Dir-se-ia que estava em luta constante com a existência: esgotava-se sem se sentir jamais fatigado e ele próprio se admirava...

Taduhipa era mais bela do que ele imaginara e não se parecia com mulher alguma de quantas havia possuído. Seu corpo tinha o ardor da terra do Egito na hora em que o sol toma posse do delta. Seus grandes olhos negros, avivados pelo bistre dourado, tinham o brilho úmido da pedra de ônix. Sua boca vermelha e sensual estava sempre aberta para o beijo. Taduhipa sentia-se orgulhosa em ser amada pelo Divino Senhor das Duas Terras. Era uma jovem ambiciosa e quase tão astuta como Tii. A rainha sentiu o poder da nova esposa sobre o velho faraó e diminuiu as doses do afrodisíaco no vinho que ele bebia...

As conseqüências não se fizeram esperar. Amenófis III, o Touro Forte, favorecido de Amon, guardião da verdade, caiu num abatimento singular. De nada adiantaram as poções dos médicos reais. As recentes orgias já tinham feito o seu estrago fatal.

— A febre atacou-o novamente, Majestade — disse o médico real.

PTHAMES EJE

Relevo do sacerdote Pthames, com seu precioso traje de linho fino, na postura tradicional de prece. Esta atitude suplicante é típica da época amarniana. Esta imagem forma uma das quatro faces de um pilar da cidade de Mênfis, que hoje está no Museu de Leiden, na Holanda.

Tii ficou silenciosa por um momento, olhando para as mãos fortemente cruzadas no regaço. Depois, levantou-se de junto do leito onde jazia o faraó e falou:

— Houia, diga ao vizir Ramoses que mande um mensageiro em busca de meu filho, o co-regente.

— Imediatamente, Radiosa Senhora — retrucou Houia.

E saiu para cumprir a ordem da rainha.

Eje chegou momentos depois trazendo um amuleto para o faraó. Era uma pulseira feita com fios de linho retorcido, de onde pendia o signo de ouro da cruz *ank* ou cruz da vida. Conferenciou com a rainha em voz baixa e logo, a um sinal seu, amarrou o amuleto no pulso esquerdo do faraó, a fim de ligar sua adejante alma ao corpo cansado do velho rei. Era evidente que o amuleto de nada serviria; Eje estava certo disto, mas a rainha ainda tinha esperanças.

Amenófis III sentia uma estranha sensação em sua cabeça, como se uma larga faixa de metal a rodeasse estreitamente, logo acima das sobrancelhas. Acaso o seu *ká* o teria abandonado? Estava ou não estava com ele o seu *ká* naquele instante? Era aquela enevoada incerteza que o perturbava. A febre o envolveu por algum tempo, horas talvez, talvez dias, semanas, meses. Nunca sabia ao certo. Então, certa manhã, acordou e forçou-se a pronunciar o nome de seu filho para Tii, tentando em vão manter a voz livre de tremores.

— Amenófis IV e Nefertiti chegaram ontem — falou a rainha mansamente.

— Oh! por que ainda não vieram ver-me?

— Já estiveram aqui várias vezes, Sublime, mas estavas dormindo. . .

Fatigadamente, os olhos de Amenófis III se fixaram em Tii. Desejava, também, perguntar-lhe por Taduhipa, mas não teve coragem. A rainha poderia irritar-se com o seu interesse. Recordou Taduhipa com uma certa nostalgia. Súbito, a emoção fez com que a faixa de metal apertasse mais a sua cabeça. O faraó fechou os olhos, exausto. Minutos depois adormeceu novamente.

Tii percebeu uma expressão de dor em seu rosto e inclinou-se sobre o esposo:

— Amenófis! — murmurou.

— Não adianta, Majestade. Ele voltou ao estado de coma.

Tii olhou para o médico real e falou:

— Mas ainda agora ele estava acordado! Deve estar sentindo alguma dor!

O médico sacudiu a cabeça.

— É sempre assim, Divina Consorte. Agora ele vai dormir muito tempo.

E assim foi. O faraó acordava um momento e voltava a mergulhar no reino das sombras. Vários meses se passaram. No primeiro dia do milagre anual do Nilo, Amenófis III reabriu os olhos. Tii

estava junto dele. Viu o seu rosto anguloso e felino abrir-se num sorriso. E sua voz soou lingínqua dizendo:

— Dormiu bem, Sublime?

O faraó fez um movimento muito dele, um repuxamento das narinas, acompanhado de um trejeito quase imperceptível da boca. Não queria responder diretamente à pergunta de Tii, não quis tomar conhecimento da ternura patente na voz dela. Sobre o quarto estava suspenso um silêncio profundo, mais profundo ainda do que a quietude perfeita da tarde.

— Sim... — murmurou ele, com esforço.

Tii acariciou-lhe o rosto de leve.

Amenófis III subitamente teve consciência da sua invalidez. Voltou a pensar no tempo em que era jovem e forte. Afinal, por que razão havia ele de voltar a percorrer, em imaginação, a série rápida dos acontecimentos passados que culminaram no seu estado de invalidez atual? Para quê? Mas era inevitável. Pedacinhos de frases armazenadas na sua mente saltavam de repente à consciência, impressivas como no dia em que tinham sido ditas. Mas... afinal nada lhe importava senão romper a gaiola opressiva que a doença construíra em volta dele.

— O filho de nosso filho deverá nascer hoje — disse Tii.

— Ah!

A mão magra e ossuda do faraó começou a tremer, foi preciso descansá-la um pouco em cima do lençol macio.

— Repousa, Sublime...

Tii sorriu. Êle não pôde sorrir em resposta. Fechou os olhos, já sentindo as lágrimas que iam correr. Estava muito emocionado com o próximo nascimento do neto. Tii imaginou que o faraó sentisse apenas cansaço. Ajeitou as cobertas por baixo dos seus ombros com muito carinho, muito de leve. Pôs a mão na testa de Amenófis e viu que ele ainda tinha um pouco de febre. Amenófis sabia que a rainha estava só esperando que ele adormecesse para ir-se embora, distanciar-se dele, para seu trabalho, para a sua vida própria, para governar, em seu nome, as terras de Kêmi...

Soltou um suspiro, fechou os olhos e tornou a dormir.

Naquele mesmo dia, quando a barca de Amon caminhou para o lado ocidental do céu, a criança de Nefertiti nasceu. O parto foi rápido e fácil e, tal como da primeira vez, Pentou, o médico da rainha, alongou a cabeça do bebê para facilitar o nascimento. Meio anestesiada por uma grande dose de vinho de papoulas vermelhas, Nefertiti repousava serena, num leito limpo e macio. Havia no ar um cheiro leve de cedro e de sândalo. No quarto ao lado, junto ao berço de ouro, a figura grande e pálida de Amenófis IV inclinou-se ternamente para a diminuta princesa, que gemia baixinho.

— Dorme, pequenina — disse ele acariciando o rostinho miúdo e vermelho. Dorme, minha doce Meketaton Protegida de Aton).

Era a décima hora da noite marcada pelo relógio de águã, quando Nefertiti abriu os olhos. Voltou a cabeça no descanso de marfim e viu Sitka que entrava com o bebê nos braços.

– A criança é uma filha, Radiosa – falou a aia quedamente.

Nefertiti sentiu um aperto no coração. Seu corpo, que estava até então descuidadamente apoiado na cama, enrijeceu, ficou tenso.

– Outra menina, Sitka! Meu esposo há de sentir-se decepcionado porque ainda não dei um herdeiro ao Egito...

Sitka caminhou através do quarto e colocou a criança junto da mãe. Era um bebê pequeno, mas robusto, com pernas gordas e fortes. A carne do seu corpinho era rosada e fresca. Tinha covinhas nos cotovelos e mãozinhas suaves. Nefertiti sentiu uma estranha ternura nascer dentro dela. Ofereceu-lhe o seio intumescido. A menina sugou gulosamente o leite materno. Sensação de tristeza insinuou-se em Nefertiti, ao olhar para aquele corpo pequenino e nu. Mais tarde, seria relegada ao esquecimento, nas salas das crianças reais, saindo dali uns treze anos depois para ser casada com algum nobre ou quiçá um rei que ela talvez nunca viesse a amar. Recordou sua infância, no harém do faraó... o único carinho que tivera fora de Sitka, Gilukhipa, sua mãe, sempre fora fútil e pueril, jamais dera muita atenção a Nefertiti...

Colocou suas mãos tranqüilizadoras sobre o corpinho da criança, que deixara de sugar-lhe o seio e parecia adormecida. Sorriu e falou:

– Leva-a, Sitka...

– Mas... Senhora...

– Leva-a, eu preciso repousar.

Assim que Sitka saiu, Nefertiti voltou precipitadamente o rosto para esconder as lágrimas, pois Amenófis IV acabara de entrar no aposento. O príncipe, que esperava uma explosão de lágrimas, ficou surpreendido quando Nefertiti falou-lhe numa voz impessoal:

– Deves estar muito decepcionado...

– Nefertiti, olhe para mim.

Em vez de olhá-lo de frente, enterrou a cabeça no peito dele, ficou ali escondida, chorando sem alarde, até que Amenófis IV levantou-lhe o rosto para beijá-lo. O corpo frágil de Nefertiti tremia todo, sacudido por um choro convulsivo.

– Nefertiti, fique sabendo de uma coisa. Eu nunca me sentirei decepcionado enquanto estiveres ao meu lado. Mesmo que o teu ventre um dia fique estéril ou só gere filhas...

– Amenófis – disse ela sussurrando –, nunca poderás saber como eu me sinto frustrada!

– Não penses nisso, meu lótus.

– Como não hei de pensar?

Nefertiti perdeu completamente o controle. Bateu-lhe seguidamente com os punhos raivosos no peito, reclamando, revoltada:

— Amenófis, isto é injusto! Não posso conformar-me!

Realmente, era injusto. E que isso acontecesse logo com Nefertiti, que desejava tanto dar um herdeiro ao trono do Egito. Ficou pensando uma resposta.

— Mas, querida, quem sabe se mais tarde poderemos ter um filho... mas, mesmo que depois só tenhamos filhas, estou certo de que nenhuma outra mulher conhece o amor que nos liga.

— Sim... eu sei...

Nefertiti voltou à sua quietude habitual e encostou-se de novo no peito do marido. Ficaram ali, muito tempo, unidos, até que a noite adormeceu todos os ruídos.

Dois dias depois do nascimento da pequena Meketaton, os ventos Khasem começaram os seus cinqüenta dias de atividade, enchendo o ar com seus redemoinhos de areia quente e seca. Após os cinqüenta dias, uma enorme calmaria instalou-se no solo das terras de Kêmi. Foi, então, que o *ka* de Amenótis III voltou a habitar seu corpo doente.

O velho faraó abriu os olhos vagarosamente. Sentia-se fraco, muito fraco. Acaso teria soado a hora de partir para a Terra do Poente? Pensou em Osíris, o senhor da eternidade, sentado como um rei, no seu trono celestial. Por trás dele ficavam sempre as deusas Ísis e Neftis. Ao lado delas, Maat, a deusa da justiça, que introduzia os mortos na sala do trono de Osíris. No meio da sala ficava a grande balança de ouro, em que o peso do coração é comparado ao duma pluma de avestruz, símbolo da verdade. A pesagem era sempre confiada a Hórus e ao guardião das múmias, Anúbis, o deus com cabeça de chacal. Toth, o senhor da sabedoria, o escriba celestial, anotava o resultado da pesagem dos corações dos mortos sobre uma folha de papiro, por meio de um cálamo. Quarenta e dois juízes — correspondentes às quarenta e duas províncias do Egito — assistiam sempre à operação. Diante deles, todos os mortos tinham que cumprir com o ritual que estava escrito no Livro dos Mortos.

Amenófis III sentiu uma dor aguda no coração. Apertou fortemente a mão da rainha Tii, que estava sentada junto ao leito, e procurou murmurar a Declaração de Inocência, a confissão negativa que ele teria que dizer diante de Osíris. Fez um esforço, mas sua boca torceu-se incontrolavelmente e as palavras saíram ininteligíveis:

"Jamais pequei contra os homens. Não fiz mal a ninguém. Jamais atentei contra o trono da verdade. Nenhum mal cometi. Nada fiz que mereça abominação do deus Osíris. Jamais caluniei um servidor junto ao seu senhor. Não fiz ninguém sofrer fome. Jamais fiz lágrimas correrem. Não matei. Não mandei matar. Nunca nada fiz de mal a homem algum. Nunca diminuí os repastos sacrificiais dos templos. Nunca deitei mão aos pais sagrados dos deuses. Nunca roubei os bolos dos bem-aventurados. Nunca me entreguei a orgias

antinaturais. Nunca aumentei ou diminuí as medidas dos grãos oferecidos ao povo. Sou puro! Sou puro!"

No seu delírio, o faraó pensou ver a imagem de Sekmet, a terrível leoa solar, de corpo frágil de moça, esposa do deus Ptah, de Mênfis, deusa cruel das guerras que o protegera em tantas batalhas! Sua juba era cheia de chamas, sua espinha dorsal tinha a côr do sangue, seu rosto brilhava como o sol... o deserto ficava envolto em poeira, quando sua cauda o varria...

Sekmet era como um desmentido à confissão negativa que ele acabara de dizer. Fazia-o recordar os tempos em que, à frente dos seus soldados, Amenófis III, o Magnífico, destruía impiedosamente os seus inimigos, vencendo-os em cruéis batalhas...

Num esforço desesperado para afastar a visão de Sekmet, o faraó gritou:

— Não! Sou puro! Sou puro!

Mas ninguém entendeu o que ele queria dizer, na sua língua enrolada.

A cabeça do faraó não se movia senão imperceptivelmente.

Abriu os olhos, pareceu fixar a vista num vôo de íbis que passava por cima do palácio e depois, voltando para a rainha o rosto crispado, soltou um suspiro e cerrou-os de novo.

— Chegou o momento, senhora mãe — falou Amenófis IV. Sua voz era grave, eivada de entonações roucas.

— Sim... — murmurou Tii — manda entrar o real abridor de crânios.

A rainha deixou a cabeceira do enfermo. Seus passos estalaram secamente sobre as lajes de pórfiro. Foi andando em direção dos seus aposentos num estado de prostração muda. Um cheiro de chuva quente e de poeira elevava-se dos jardins do palácio.

Tii sabia que era inútil a vinda do real abridor de crânios. Contudo, como através das idades o crânio de cada faraó era aberto em último recurso sempre que a morte natural demorava muito, assim tinha que ser feito.

Algumas horas depois, quando Amenófis III pôs de lado a sua pesada coroa de lírio e de papiro e entrou na barca dourada de seu pai Amon para ingressar no reino das sombras, o som do pranto cresceu em todos os cantos do palácio, espalhou-se pelas ruas e, breve, todo o Egito soube que o faraó estava morto. Os pesados portões do palácio foram fechados e selados, os mercadores recolheram suas mercadorias para o interior das lojas e inúmeros soldados marcharam através de Tebas anunciando a triste nova. Logo surgiram as carpideiras. Elas tinham untado a cabeça com a lama do Nilo, em sinal de pesar, e percorriam as ruas lamentando-se.

— O Bom Deus voltou ao seio de Osíris!

E o povo murmurava as palavras do ritual funerário em intenção do deus dos mortos:

"Ele nunca nos fez mal enquanto vivo.
Saciamos todos os dias nossa sêde.
Comemos aves e peixes fartamente.
Nutrimo-nos à vontade, tivemos todo
o repouso necessário."

Uma atmosfera de religioso fervor envolveu o país de Kêmi e de todas as partes da terra começaram a chegar mensageiros trazendo as condolências dos reis e dos nobres estrangeiros.

Seker, o chefe dos embalsamadores, permaneceu longo tempo numa das salas da Casa da Morte, contemplando o corpo do velho faraó, que fôra levado para ali nas primeiras horas da manhã. O Bom Deus jazia estirado sôbre uma grande mesa de mármore e estava despojado de todos os símbolos da soberania.

— A morte iguala todos os homens — disse Seker.

Seus olhos, cor de ferrugem, velaram-se com um brilho úmido, no qual Ikis, seu assistente, julgou ver uma expressão irônica.

— É verdade, senhor — retrucou Ikis —, o Grande Faraó não faz nenhuma diferença daqueles velhos indigentes que, depois de mortos, são retalhados pelos estudantes da Casa da Vida.

Seker voltou-se para seu servidor, que se encontrava imóvel, à entrada:

— Tudo já está preparado para o trabalho da preservação?

— Sim, meu senhor, os sacerdotes de Amon já chegaram e, dentro em pouco, vosso assistente Neshi os conduzirá até aqui.

— Então, apressemo-nos — disse Seker.

Ikis ajudou-o a vestir uma longa túnica de linho negro como o betume que impregna as múmias e que é o signo da ressurreição póstuma e da preservação. Em seguida, entregou-lhe uma caixa de ébano com o instrumental necessário. Seker abriu a caixa e examinou tudo minuciosamente.

Seker era o melhor embalsamador do Egito e possuía o título de Embalsamador de Anúbis. Era ele quem se incumbia da tarefa mais difícil de tôdas: retirar o cérebro pelas narinas do defunto, por meio de longas pinças de metal. Nas terras de Kêmi os embalsamadores constituíam um pessoal técnico especializado, classificado segundo os seus merecimentos. A classe mais baixa era formada pelos lavadores de cadáveres. Eram homens embrutecidos, ambiciosos e maus e muitas vêzes não tinham consciência do caráter sagrado em sua profissão. Comportavam-se rude e indecentemente; brigavam e atiravam entre si as imundícias dos cadáveres e, muitas vezes, abusavam dos corpos frescos das jovens mortas. Era um costume profissional e por isto só depois de decorridos três dias os parentes entregavam os cadáveres das jovens senhoras e moças à Casa da Morte. Estes homens eram temidos e evitados pelo povo. Muitas vezes eles roubavam e profanavam os corpos, mesmo de nobres, mutilando-os para vender aos bruxos os órgãos que estes precisavam para os seus feitiços.

Acima da classe dos lavadores de cadáveres estava a dos Senhores das Resinas Purificadoras, depois vinha a dos Donos do Segrêdo da Mumificação, a seguir a dos Embalsamadores de Anúbis e, finalmente, a dos sacerdotes leitores, que recitavam o ritual funerário correspondente às etapas da operação do embalsamamento. A mumificação dos mortos era um destes mistérios inquietantes que faziam o prestígio do país do Nilo. Mas, afinal, por que este esforço, prolongado durante milênios, para salvar da corrupção os corpos sem vida? — indagavam intrigados os estrangeiros.

E a resposta dos egípcios era sempre a mesma:

— Para nós, a morte não é um fim, mas uma passagem perigosa, durante a qual os diversos elementos que formam o ser animado se dispersam, embora conservando, individualmente, sua integridade. Se conseguimos reuni-los e introduzi-los de novo no corpo, uma nova vida será possível no Além, muito semelhante à vida que vivemos aqui na terra. Mas, para obtermos este resultado, é preciso preservar o corpo, o mais frágil, o mais corruptível de todos os elementos que acompanham o ser humano.

— E o que acontece quando o corpo não é preservado? — indagavam ainda os estrangeiros.

— Isto é o mesmo que condenar os princípios incorruptíveis da personalidade à eterna busca vã de um corpo que não mais existe...

Era assim a crença dos egípcios.

Quando Seker acabou de examinar seus instrumentos cirúrgicos, chegaram as pessoas que ele estava esperando para iniciar o embalsamamento do faraó. Os vizires Ramoses e Amenhotep, filho de Hapu, integravam o cortejo. Seker curvou-se, saudando-os reverentemente, conforme era costume. Em seguida, todos tomaram os seus lugares em volta do morto. Um dos sacerdotes leitores abriu o papiro que continha as orações funerárias do Livro dos Mortos e começou a ler:

"Ó vós, deuses do Sul, do Norte, do Leste e
do Oeste! Vinde em seu auxílio! Vinde
em seu auxílio! O pavor do rei Amenófis III
está em avançar pelas trevas onde nada vê.
O rei leva consigo a veracidade que é sua.
Escutai, ó deuses! Amenófis III, rei do Alto
e do Baixo Egito não será entregue às vossas
labaredas. Ó meu pai nas trevas, Osíris,
onipotente, colocai-o a teu lado a fim de
que como uma pequena estrela o rei brilhe
junto de ti e te guarde!

Um sopro espiritual percorreu as abóbadas da Casa da Morte, tocou o coração de todos e guiou as mãos de Seker, que já tinha começado o seu difícil trabalho. Com extrema perícia ele introduziu duas longas pinças de metal nas narinas do defunto e retirou

delicadamente parte do cérebro. Ikis adiantou-se e estendeu-lhe uma tigela de ouro, tendo gravada no fundo a imagem da deusa Imesti. A tigela foi colocada em cima de uma mesinha de ébano, ao lado do cadáver. Um outro sacerdote leitor aproximou-se e começou a orar diante da tigela:

"Imesti, protege teu filho Nimúria Nemurê
Amenhotep Amenófis III, o Magnífico, que
está a caminho do céu, levado por um
doce vento. . ."

Seker continuou trabalhando impassível. Seu rosto magro e pontiagudo tinha uma expressão fria e grave. Ao seu lado estava o velho Senedjem, o chefe dos Senhores das Resinas Purificadoras. A um sinal de Seker, Senedjem entregou-lhe uma seringa contendo um forte óleo corrosivo. Seker injetou-o no célebro do faraó e em seguida tampou-lhe as narinas e os ouvidos com mechas de linho grosso.

— Eis a faca etíope, senhor — falou Ikis, entregando-a a Seker. O chefe dos Embalsamadores de Anúbis pegou na faca com firmeza e fêz uma incisão no flanco esquerdo do rei. Era um corte que ia do umbigo à extremidade anterior da espinha ilíaca. As bordas do corte ficaram despedaçadas pela faca de pedra, que, conforme a tradição secular, servia para isso. Em seguida, Seker retirou o estômago, os intestinos, o fígado e os pulmões do rei, que também foram colocados dentro de uma tigela de ouro.

Ajudado por Senedjem, Seker banhou as vísceras do rei numa solução de natrão e vinho de palmeira, depois untou-as com uma grande quantidade de óleos aromáticos. Feito isto, Seker voltou a cuidar da incisão que fizera no corpo do faraó. Senedjem foi lhe entregando potes de alabastro cheios de mirra finamente pulverizada, açafrão, canela, sementes de lótus torradas, cássia, benjoim, sândalo, âmbar, almíscar e todas as espécies de perfumes finos — com exceção do incenso, que todos sabiam ser sagrado demais para êste fim.

Seker encheu o flanco do rei com todos estes elementos, em seguida tornou a fechar a incisão, costurando-a cuidadosamente com fios de fibras de papiro. Então, a voz de um sacerdote leitor elevou-se, grave e profunda:

"Que teu Bá, ó rei, permaneça entre os deuses!
Que teu Ká brilhe como uma estrela — a maior
entre suas irmãs. Que teu Akh, fantasma translúcido
e brilhante, perdure eternamente nas terras
paradisíacas de Ialou!"

Após uma pausa o sacerdote continuou:

"Ó deuses, Amenófis III, o rei do Alto e do
Baixo Egito, mandou estas palavras pela

minha boca: Eu sou o lótus cândido que
brota do divino esplendor das narinas do
deus Rá. Tracei meu caminho e sigo buscando
aquele que é Hórus. Sou o puro que surge
dos campos como uma flor de lótus..."

Lentamente, com gestos calmos e firmes, Seker recolheu seus instrumentos cirúrgicos e entregou-os a Ikis. Em seguida, falou:

– Que o rei repouse agora durante setenta dias no banho da preservação!

Imediatamente, adiantaram-se quatro de seus assistentes, que carregaram o corpo até a sala contígua, depositando-o numa grande banheira de pedra cheia de sal e de natrão.

Amenófis III teria que permanecer ali, serenamente, durante os setenta dias que cobriam o período da mumificação. Era o tempo exato que o separava do seu suntuoso túmulo, construído por seu vizir, o célebre arquiteto Amenhotep, filho de Hapu. Mas, afinal, por que setenta dias de repouso? Simplesmente porque Sothis, a estrela de Ísis, após ter brilhado na noite egípcia, desaparece do horizonte durante um período de setente dias. E, segundo antiga lenda, esta fase de ausência de Sothis é que separava o morto da sua ressurreição no reino de Osíris, o senhor das Terras do Poente.

Assim que o corpo do rei mergulhou na banheira de pedra, os sacerdotes leitores recitaram, em conjunto, as orações finais. Feitas as preces, sem as quais a alma do defunto estaria ameaçada de perecimento, os sacerdotes ficaram ainda algum tempo voltados para o Oeste, direção do império dos mortos. Logo, ergueram a mão direita e traçaram no ar um misterioso sinal, dando fim à primeira fase da cerimônia da mumificação do rei.

Foi, então, que todos começaram a retirar-se, em respeitoso silêncio, saindo um por um, de costas para a porta, tal como mandava a tradição.

* * *

Nefertiti não gostou quando Tii assumiu o poder, logo depois que o corpo do faraó foi levado para a Casa da Morte. Ela esperava que Amenófis IV, que já era faraó, embora ainda não tivesse sido coroado, ascendesse ao trono imediatamente. Mas o jovem rei, muito abalado com a morte do pai, declarou que desejava se purificar e realizar suas devoções perante o deus Aton, antes de assumir o poder. Nefertiti ficou decepcionada e teve que suportar a visão da rainha sentada no trono do faraó, segurando, em suas mãos, o chicote e o cajado, tendo atado sobre o queixo a barba da soberania e, em volta da cintura, a cauda de touro, que, no decorrer da história do antigo Egito, sempre constituiu um dos adornos faraônicos.

Assim que a etiqueta o permitiu, Nefertiti deixou a sala do trono e foi para os seus aposentos. Sentia-se triste e preocupada. Murmurava-se, na corte, que o faraó tinha morrido em conseqüência de seu casamento com Taduhipa. Momentos antes, Nefertiti sur-

preendeu uma conversa entre duas damas da rainha Tii. Em seus ouvidos ressoavam ainda as cruéis palavras:

— Houia contou-me que a rainha acusou o príncipe como o responsável pela morte do pai.

— Como assim?

— Ele recusou casar-se com a mitanana e o faraó foi obrigado a desposá-la devido a razões políticas. Mas... como Taduhipa é muito formosa, consta que o rei uniu o útil ao agradável e excedeu-se demais nos prazeres amorosos...

— Mas agora que o Bom Deus está morto, o príncipe herdará o harém do faraó. Todas as esposas do velho rei, com exceção da Grande Esposa Real, pertencerão ao príncipe, pois assim manda a tradição..

Nefertiti sabia que isto era verdade e também que sua felicidade estava em perigo. O amor é um ato perfeito e divino, o sentimento perfeito do homem; ele pede a fidelidade do corpo e do espírito. Se rompemos esta harmonia, esta unidade física e espiritual, nos tornamos tão impuros como o ouro fundido junto com o cobre. Amenófis IV teria fôrças para lhe permanecer fiel? Quando ascendesse ao trono, êle seria considerado um deus, por milhares e milhares de seres humanos, seria como o sol encarnado e iluminaria a vida de seu povo. Sôbre a terra do Egito seria o único que não poderia viver para si mesmo...

Para que conservar um costume tão arcaico, que estava em comtradição com os ensinamentos de Aton? Herdeiro do harém de seu próprio pai, era ridículo! Por que as viúvas do rei não seriam livres? Nefertiti sabia que era preciso convencer seu espôso imediatamente, antes que Tii exercesse, sôbre êle, a sua influência.

Naquela noite, quando Amenófis IV veio visitá-la, Nefertiti estava mais bela que nunca. A tristeza punha uma doçura infinita em seu olhar e sua voz veludosa era como uma carícia para os ouvidos do co-regente.

— É justamente por esta razão que vim falar contigo, Nefertiti. Bem sabes que para mim és a única mulher que amo. Mas... nosso pai está morto e a tradição manda que eu herde o seu harém. Eu não posso ofender Dushrata deixando de cumprir o dever de esposo para com Taduhipa. Se ela manda dizer ao pai que não recebe nenhum carinho do novo faraó... é possível que até mesmo haja uma guerra, esta guerra que eu detesto, porque ela destrói os homens criados por Aton para viverem felizes e em paz! Que me aconselhas, ó herdeira favorita?

Nefertiti expôs-lhe suas idéias, serenamente: incitou-o a quebrar com a tradição em nome de Aton. Afinal, êle era faraó...

— Escreve ao rei de Mitani dizendo que Taduhipa está viúva, que nós lamentamos muito a sua viuvez e a trataremos com todas as honras que merece... mas que ela é livre para escolher o esposo

que desejar, pois de agora em diante êste será o costume na corte do Egito.

Amenófis IV por um momento ficou em silêncio. Seus olhos fizeram-se assustados. Havia algo parecido com pânico neles.

— Quebrar a tradição? — repetiu ele.

— Sim, meu amado... acaso já não quebraste com a tradição ao seres iniciado nos segredos de Amon? Acaso não foi a visão maravilhosa de Aton que se revelou a ti no próprio santuário de Amon, o oculto?

— Sim... mas...

— Amenófis, tu és o faraó, tuas ordens não podem ser discutidas, se quiseres poderás quebrar esta e outras tradições!

— Então, que seja como dizes — murmurou o príncipe.

Nefertiti ergueu-se da cadeira com o rosto iluminado de alegria.

— Decidiste, verdadeiramente?

— Sim, decidi — disse ele, devagar.—Darei as ordens amanhã, quando se reunir o Conselho dos Velhos.

Nefertiti precipitou-se nos braços do marido num esvoaçar transparente de seus drapejados. Amenófis sentiu contra seu corpo grande e magro a maciez do corpo de Nefertiti, de uma frescura de pedra à beira de um regato. E todos os seus temores se desvaneceram.

Nefertiti era bem a associada dos grandes riscos, a colaboradora de toda a empresa. Como ela sabia mostrar-lhe o seu amor! Não estou mais sozinho! — pensou Amenófis IV. Nefertiti o ajudaria no seu grande sonho místico, que era uma aspiração elevada e pura no sentido de um govêrno e uma religião livres dos servilismos, às vezes bestiais, do politeísmo. Uma religião, enfim, para a qual Deus fôsse Deus... impessoal... informe... Criador, de quem depende tôda a vida sôbre a terra e tôdas as coisas dêste mundo.

— Ah! Nefertiti — murmurou Amenófis, escondendo o rosto em seu colo macio —, tu és aquela que faz Aton repousar com tua voz doce e tuas belas mãos sustentando os sistros...

* * *

Ahmóses, o escriba da côrte, olhou para a pilha de rolos de papiro que estava sôbre a mesa da sua sala de trabalho, no palácio Charuk. Tratava-se das inúmeras cartas de condolências que tinham chegado à Casa Dourada, desde a morte do faraó. Amenófis IV incumbira Ahmóses de respondê-las, de acôrdo com o palavreado oficial. E há um mês que ele trabalhava, incansàvelmente, escrevendo as respostas para os reis e os nobres das mais distantes partes da terra.

Ahmóses apanhou um dos manuscritos e sentou-se para ler de novo as palavras de Dushrata, rei de Mitani.

"Quando soube da morte de meu irmão Nimúria
Nemurê Amenófis III, chorei dia e noite
todas as lágrimas de meu corpo. Fiquei muito
tempo prostrado, recusando beber e comer. Por
que não morri eu em lugar dele! — exclamei.
Antes, em vez de mim, estivesse ele vivo e
feliz! Mas quando soube que Napkhururiya
Amenófis IV, o grande filho de Nimmuriya e de
sua esposa Tii assumira o poder, Nimmuriya
não morreu! Exclamei, se é seu filho Naph
Napkhururiya quem reina em seu lugar, porque
não mudará ele nada do governo do seu pai.
Não, disse no íntimo de mim mesmo, Napkhururiya
é meu irmão; quando nos queríamos — seu pai e
eu —, sabe-o ele bem, porque Tii, sua mãe, a
Grande Esposa de Nimmuriya, lhe terá dito
quanto nos queríamos, seu esposo e eu."

Ahmóses observou que os caracteres cuneiformes acadianos, que estavam sôbre a tabuinha de terracota, apresentaram-se maravilhosamente gravados por mão de mestre. Sem dúvida, tinham sido traçados por Mekefrê, seu discípulo, que hoje era o escriba principal do reino de Mitani.

Sorriu, recordando Mekefrê quando chegara ao Egito para estudar na Escola dos Escribas, onde Ahmóses era professor. Mekefrê, naquela época, era um adolescente de frágeis ombros e olhar brilhante. De pernas cruzadas sobre o estrado de madeira, o jovem mitaniano copiava, diligentemente, sôbre uma tabuinha de argila, as fluidas curvas dos hieróglifos egípcios, que continham a sabedoria de Path-hotep. "Deixa tua boca ler o livro em tua mão; toma conselho dos que sabem mais do que sabes." Ah! como ele, Ahmóses, gostava das instruções de Ptah-hotep, o primeiro-ministro de um rei da quinta dinastia! Ao deixar o cargo, ele legou ao filho um manual de eterna sabedoria. Seus olhos enevoaram-se pelo pensamento e Ahmóses recordou seu trecho favorito das instruções de Ptah-hotep:

"Não te mostres orgulhoso pelo fato de seres
instruido: trata tanto com sábios como com
ignorantes. Porque não há limites para o aprender,
nem nenhum artífice que possua toda a arte.
Linguagem clara é coisa rara como a esmeralda
no meio do pedregulho...
Teme fazer inimigos com as tuas palavras...
Não ofendas a verdade, nem repitas aquilo
que qualquer jovem, seja príncipe ou camponês,
diz quando abre o coração...
O silêncio te valerá mais do que o falar muito.

Considera como te comportas no conselho quando
um perito discorre. É loucura querer falar de
todas as coisas. . .
Se te tornares poderoso, faze-te honrado pela
ciência e pela bondade. . . Evita responder sob
o calor da exaltação; afasta isso de ti.
Controla-te.
Que nenhuma das palavras aqui postas se perca,
mas que fiquem como modelos para os príncipes.
Minhas palavras ensinarão aos homens como falar,
sim, eles se aperfeiçoarão no obedecer e se
tornarão excelentes no falar. Bênçãos cairão
sobre eles. . . serão amados até o fim dos seus
dias, e sempre terão o contentamento no coração."

De súbito, bateram à porta. Ahmóses voltou-se, seus pensamentos dispersados.

— Entra.

A porta abriu-se para mostrar um servo, carregando uma pilha de rolos de papiros.

— Cartas que acabam de ser lidas pelo futuro Senhor dos Dois Países, e ele mandou entregar a Ahmóses, o escriba, para que sejam respondidas — falou o servo.

— Pelas barbas de Ptah, quanto trabalho! — resmungou Ahmóses.

E mandou que o servo colocasse as novas cartas em cima de sua mesa de trabalho. Em seguida, começou a escrever diligentemente uma resposta para o rei de Mitani, que era o primeiro da sua lista naquele dia.

* * *

No seu *atelier,* Tutmóses Beck respirava o perfume das rosas misturado com o das tâmaras e dos ciprestes, enquanto dava os últimos retoques na máscara mortuária de Amenófis III. Era uma fulgurante máscara de ouro, de tamanho superior ao natural, que cobria o rosto e o peito da múmia do faraó. Beck empregara argonita e obsidiana para os olhos e, para as sobrancelhas e pálpebras, cristal e lápis-lazúli. A testa do soberano morto ostentava os dois símbolos reais, as cabeças da serpente e do abutre, distintivos sagrados do Alto e Baixo Egito. O faraó Amenófis III estava eternizado ali na imagem do deus Osíris; seu rosto dourado expressava bondade e serenidade. A parte que cobriria o peito era formada por um largo colar de quatro voltas, tendo como medalhão um belo escaravelho, com fórmula mágica e o retrato de uma fênix finamente cinzelada.

Com um delicado cinzel, Beck retocava a linha das sobrancelhas do rei. Seus discípulos e aprendizes estavam de pé, em respeitoso semicírculo que o rodeava, observando em silêncio o trabalho do

mestre e ouvindo as instruções que ele lhes dava, com sua voz moça e firme:

—...esta linha deve ficar bem nítida e acentuada de modo a não perturbar a expressão dos olhos. Pronto! Esta é a maneira como devem retocar a máscara de um rei. Bem, agora vamos aperfeiçoar um pouco a cabeça da serpente da vida, de modo que ela se curve mais delicadamente sobre a face do real Senhor dos Dois Países.

Manobrando firme, mas silenciosamente o buril e o cinzel, Beck avivou a curva da serpente sagrada e deu-lhe um ar mais altivo e perfeito.

— Sim, agora a mascara está pronta — falou Beck, contente consigo mesmo.–Agora, procurem em cima daquela mesa uma conta de lápis-lazúli para eu encastoar no fecho do colar.

Seneb, que estava mais próximo da mesa indicada por Beck, adiantou-se, pegou na conta e entregou-a ao mestre.

— Ah! Seneb... — exclamou Beck, alegre — vem, senta-te aqui no meu lugar e faze tu mesmo este trabalho.

Seneb, que era filho do ourives da corte e tinha mãos hábeis de artista, sentou-se e começou a trabalhar. Em pouco tempo tudo ficou como Beck queria e, dando-lhe uma palmada nos ombros, o escultor falou:

— Trabalhaste bem, amigo. Breve estarás tomando o meu lugar de escultor favorito de Amenófis IV...

Todos riram com a brincadeira de Beck e retomaram os seus trabalhos, modelando blocos de argila ou de calcário, que representavam as estátuas-vigias a serem colocadas na antecâmara do túmulo de Amenófis III. Sebe esculpia estatuetas de madeira, designadas pelo nome de *Uchabti* ou *Chawabti* — respondente —, que assumiriam as tarefas geralmente de incumbência do morto, nas Terras Escuras. Eram pequenas múmias, trazendo enxada ou saco de sementes e algumas as insígnias reais tradicionais. Com um fino estilete, Sebe gravou uma oração nas costas da estatueta:

"Ó tu, Uchabti, quando eu for chamado
para executar os trabalhos efetuados
nos infernos... quando convocado a
qualquer momento que seja para cultivar
os campos, para irrigar o terreno, para
transportar para a margem ocidental a
areia da margem oriental: aqui estou!
dirás tu, então, em meu lugar!"

Junto de Sebe, seu irmão Anáther esculpia uma maravilhosa urna de alabastro para guardar as vísceras do rei. A inscrição na borda dizia:

"Vive ó alma e que nos dês milhares
de anos, ó querido de Tebas, sentado

com o rosto voltado para o vento norte,
com teus olhos plenos de encanto."

Na sua mesa de trabalho alinhavam-se várias peças que Anáther esculpira para a Câmara do Tesouro do faraó. Entre estas estavam uma barca funerária, toda em marfim e ouro, e diversas tigelas de ungüento. A barca funerária serviria para conduzir o morto através do céu. Era uma bela e frágil peça. A proa e a popa apresentavam a cabeça, com chifres, de um bode. Atrás, no leme, estava uma menina segurando uma flor de lótus. No convés anterior estava sentada a deusa Neftis. A miniatura era de uma perfeição admirável.

– Anáther, aqui está a outra barca – falou Méhi.

Anáther levantou os olhos do seu trabalho.

– Oh! Como ficou bonita, Méhi! Fará um conjunto excelente com aquela que eu fiz.

Era uma pequena nave de madeira, delicadamente esculpida, e tendo a bordo um pequenino esquife de madeira vermelha, com uma múmia dourada, dois barqueiros remadores e as deusas Ísis e Neftis em pé, uma de cada lado da pequenina múmia que representava o faraó morto. Neftis era a deusa que protegia o renascimento do rei, e Ísis, a Grande Mãe Divina, era o símbolo da misteriosa força criadora de todos os seres vivos e da maternal ternura que amamenta as vidas novas.

– Vamos mostrar a Beck – disse Anáther.

– Sim, vamos.

E os dois saíram à procura do mestre.

• • •

No terceiro dia do vigésimo-quinto mês de Pharmuth, a múmia de Amenófis III ficou pronta para ser submetida à segunda fase da mumificação. Setenta dias já tinham decorrido, desde a sua morte e breve o faraó repousaria para sempre no seu túmulo suntuoso, ao sul do Vale dos Reis.

Nas primeiras horas da manhã, Seker e seus assistentes dirigiram-se para a sala da mumificação, na ala oeste da Casa da Morte. As mesmas pessoas que tinham tomado parte na fase inicial do embalsamamento ali estavam à espera do chefe dos embalsamadores, que estivera conferenciando com Hudge, o intendente do Tesouro Real. Hudge entregou a Seker um cofre de sândalo cheio de jóias, que a rainha Tii mandara para adornar a múmia de seu sublime esposo.

Com seu passo largo e elástico, Seker atravessou o pátio dos papiros e entrou na sala.

– Perdão, senhores, por havê-los feito esperar, mas...

– Já soubemos do teu encontro com Hudge – cortou o vizir Ramoses –, guarda as tuas desculpas.

– Grato, excelência – murmurou Seker.

E entregando o cofre de jóias a seu assistente Ikis, Seker aproximou-se da mesa de mármore, onde jazia o corpo do faraó. Após ter sido retirada do banho de natrão que a desidratara completamente, a múmia tinha sido lavada com a água sagrada da última enchente do Nilo e enxugada cuidadosamente com panos de linho fino. A pele estava um pouco avermelhada, quebradiça e cheia de rachaduras.

— Aqui estão os santos óleos — disse Senedjem, o chefe dos Senhores das Resinas Purificadoras.

Seker agradeceu e pegou no pote de marfim trabalhado em forma de um grande botão de lótus. Retirou a tampa, colocou um pouco de óleo na palma da mão direita e tornou a entregar o pote a Senedjem. Em seguida, Seker esfregou as mãos com aquele óleo grosso e perfumado, cujo segredo só Senedjem conhecia, e começou a massagear delicadamente a pele da múmia.

Nisso, os sacerdotes leitores iniciaram os cânticos do ritual:

"Sai da tua letargia; triunfarás de tudo o que te é contrário. Ptah abateu todos os teus inimigos, estão por terra e não existem mais! Tu és Hórus, Filho de Hathor, a labareda, filho da labareda, a quem foi restituída sua cabeça depois de ter sido cortada. Nunca, jamais, por toda a eternidade, tua cabeça te será tirada."

Dando um passo à frente, um dos sacerdotes respondeu pelo morto, cruzando os braços sobre o peito:

"Sou príncipe, filho de príncipe, uma labareda, filho de uma labareda, a quem sua cabeça foi restituída depois de ter sido arrancada. Ela não será decepada, a cabeça do deus Osíris, minha cabeça não será arrancada pelos maus espíritos. Levantei-me, sou jovem, sou Osíris."

Ramoses observou que, à medida que Seker esfregava o óleo na pele do corpo do faraó, esta ia ficando com um aspecto macio e rosado. As rachaduras foram desaparecendo pouco a pouco. A aparência quebradiça e desagradável foi sendo substituída por uma visão de frescor impressionante. O vizir mal podia acreditar nos próprios olhos. A múmia do rei ali estava diante dêles, com o rosto sereno e rosado, a pele macia e com um brilho igual ao do marfim recentemente polido.

— É inacreditável! — murmurou êle ao ouvido de Amenhotep, filho de Hapu.

O maxilar de Amenhotep firmou-se um pouco mais, porém, dele não veio nenhum comentário.

Os sacerdotes reiniciaram os cânticos:

"Ó rei, os servidores de Hórus te purificam,
banham-te, secam-te, pronunciam em tua intenção
a prece da ascensão. Tu tens coração, Osíris,
tu tens teus pés, Osíris, tu tens teu braço,
Osíris! Tão verdadeiramente como Osíris vive
o rei viverá, tão verdadeiramente como Osíris
não está morto, não está ele morto, tão verdadeiramente
como Osíris não está aniquilado, tampouco será
ele aniquilado. Um dos braços de teu
espírito vital está atrás de ti! Um dos pés de
teu espírito vital está diante de ti, o outro pé
de teu espírito vital está atrás de ti! Tu sobes
para o céu, tu te afastas da terra..."

Assim que Seker terminou, Hamaki, o Guardião do Segredo da Mumificação, adiantou-se. Era um homem alto e forte, de rosto quadrado, nariz comprido e queixo firme. Sobre a longa túnica de linho branco usava um manto escarlate, debruado de ouro. Trazia nas mãos um cântaro de jaspe, contendo o bálsamo da preservação, que ele próprio preparara no silêncio do seu laboratório. Seker cedeu-lhe o seu lugar junto à múmia. Hamaki untou todo o corpo do faraó com aquele bálsamo misterioso. A pele ficou coberta por uma leve película transparente, semelhante a borracha.

Em seguida, Ikis e Neshi trouxeram a grande arca de cedro contendo as preciosas faixas do mais fino linho, fornecido pelas tecelagens reais. Enquanto seus assistentes desenrolavam as peças de linho, Seker encaixou sob as pálpebras da múmia duas pedras preciosas, que deram-lhe um olhar fixo e distante. Logo, ajudado por Senedjem e Hamaki, o chefe dos embalsamadores começou a enrolar firmemente o corpo do rei, em um número vultoso de metros daquele linho precioso. O membro circunciso foi esticado e conservado erguido pelas faixas da bacia, de conformidade com as representações de Osíris, venerado desde os tempos mais remotos como a personificação da germinação das plantas. Cruzou os braços da múmia sobre o peito e envolveu-os nas faixas. Os dedos das mãos e dos pés foram separados uns dos outros e revestidos de estojos de ouro. A disposição das faixas era de uma virtuosidade que causou admiração a todos. Entre elas, Seker foi colocando grande quantidade de jóias de ouro e pedras preciosas, enviadas pela rainha. Sobre o corte no abdome colocou uma grande placa oval, de ouro.

— Dá-me o escaravelho-coração — pediu Seker.

Imediatamente Neshi entregou-lhe o amuleto. Era talhado em hematita verde-musgo e do tamanho da mão do defunto. O texto ritual gravado na face ventral do escaravelho-coração era uma fórmula mágica para que o coração do morto não testemunhasse contra ele nas Terras do Poente. Diante do tribunal de Osíris, todos os

mortos tinham que fazer a confissão negativa dos seus pecados. Para verificar a veracidade dessa confissão, o coração deles é colocado sobre um dos pratos da balança, enquanto no outro repousa o símbolo da verdade — a pluma de avestruz, tal como a usa Maat, a deusa da Justiça.

Para evitar qualquer surpresa desagradável, os padres de Amon resolveram substituir o verdadeiro coração do morto por um escaravelho-coração, que assegurará o feliz êxito do julgamento divino...

Seker colocou o amuleto sobre o coração da múmia e apertou a faixa.

— Aperta um pouco mais — disse Hamaki.

— Não será melhor nivelar as partes irregulares com algumas faixas dobradas? — indagou Senedjem.

— Sim — retrucou Seker.

Várias faixas foram dobradas e colocadas nos lugares onde eram necessárias. Sobre a cabeça, o pescoço, o busto e os membros do velho soberano foram colocados duzentos amuletos de beleza deslumbrante. Entre os joelhos ficou uma coluneta Djed, em cornalina vermelha e branca. Junto aos pés, um esquadro e um compasso em hematita, símbolos da iniciação do rei nos segredos da Casa da Luz. Nas mãos, segurava o cajado e o chicote, os emblemas reais. Sete braceletes foram colocados no braço direito e cinco no esquerdo. Oito destas doze jóias eram amuletos e o olho de Hórus aparecia em seis braceletes; o escaravelho, que assegura a proteção de Ísis e de Rá, em dois deles.

Trezentos e setenta e cinco metros de faixas de linho foram enrolados na múmia do faraó. Feito isto, Senedjem derramou em cima das vendas uma camada de goma resinosa.

— Eis a paleta dos arrebiques — falou Ikis.

Seker pegou na paleta e nos pincéis e começou a pintar, cuidadosamente, o rosto da múmia. Coloriu os lábios e as faces de um vermelho suave, alongou os olhos com um fino traço de *kohl* negro e sombreou as pálpebras com malaquita verde. Após mais alguns retoques, Seker deu por terminada a pintura da múmia. Conseguira dar ao rosto um aspecto de certo modo artístico, que fez com que todos esquecessem que estavam diante de um cadáver salgado e dissecado. Um ar de alegre vivacidade achava-se espalhado pelas feições de Amenófis III e a larga coifa raiada que lhe cobria o crânio liso e rapado tornava aquele rosto singularmente notável.

A mais fina cambráia de linho serviu para enfaixar a cabeça do rei. Em seguida, como habilidade especial, os embalsamadores enrolaram, ao redor da múmia, faixas de ouro cobertas de versículos sagrados. A última faixa tinha gravada uma bela oração, que dizia:

"A deusa celeste Nut, a grande mãe de deus, fala:
Eu sou tua mãe, que criou tua beleza, ó Osíris, rei,
senhor das nações, Nimúria-Rá; tua alma vive,

tuas artérias são fortes. Tu aspiras o ar e
sais como um deus, ao passo que te afastas como Amon,
ó Osíris Amenófis Amenhotep III. Tu sais e entras
com Rá; quão perfeita é tua linhagem, quão poderoso
é o teu trono. Teu nome está na boca dos súditos,
tua imortalidade na boca dos vivos, ó Osíris,
rei Nimúria Nemurê Amenófis III; teu coração
é eterno em teu corpo. Ele é o primeiro entre
os vivos, como Rá o primeiro no céu."

Em seguida, a múmia foi envolta numa mortalha de cânhamo vermelho como a flor de salva. Em contraste, reluzia por cima uma pomposa máscara de ouro, colocada como o elmo de uma couraça sôbre a cabeça e os ombros da múmia. Amenófis III estava pronto para ser colocado no sarcófago. A um gesto de Seker, os servos trouxeram o primeiro ataúde. Era de ouro puro. Tinha três metros de comprimento. Nos quatro cantos, achavam-se, em alto-relevo, quatro deusas protetoras: Ísis, Néftis, Neit e Selkit. Elas envolviam o ataúde com seus braços e suas asas abertas. A múmia foi colocada cuidadosamente dentro dele. Logo, três ataúdes de ouro foram encaixados um no outro. Ramoses aproximou-se e colocou, sobre a múmia, guirlandas de folhas de oliveira e salgueiro, de centáureas e flor de lótus e, novamente, uma pequena coroa de centáureas. Amenhotep fez o mesmo. Os três ataúdes foram colocados dentro de um outro, também de ouro, incrustado de pedras preciosas. Novas camadas de resinas aromáticas foram vertidas, ritualmente, por cima do morto, para purificar e consagrar o rei e aliviar sua lúgubre viagem para as Terras Escuras. Finalmente, veio o último sarcófago. Estava esculpido no mais belo cedro da Síria e era recoberto de folhas de ouro fino. Os numerosos pequenos entalhes que figuravam na coifa raiada do rei e as contas do seu largo peitoral tinham sido enchidos de uma pasta azulada feita à base de lápis-lázuli. O escultor soubera dar vida intensa ao rosto do faraó. Em tôrno do nariz e da boca desenhava-se uma expressão alegre e altiva. Os olhos formados de discos de obsidiana, encaixados em engastes de ouro, tinham uma melancolia pensativa e calma, em contraste com o meio sorriso dos lábios.

Enquanto os seus servidores colocavam os ataúdes um dentro do outro, Seker cuidava das entranhas do rei. Enrolou-as em faixas de linho branco, borrifou-as com resinas aromáticas e depois colocou-as em pequenas urnas de alabastro, depositando-as, em seguida, junto à múmia. Estes vasos eram arredondados e a tampa representava os quatro gênios protetores, os "filhos de Hórus". Um dêles, Amset, tinha cabeça humana usando a coifa real; o segundo, Duamutef, tinha cabeça de cão; o terceiro, Kebehsenuf, uma cabeça de falcão, e o último, Hapi, uma cabeça de símio. Esses gênios do umbral do Além tinham, segundo a lenda, socorrido Osíris, após sua morte, abrindo-lhe a boca para que ele pudesse nutrir-se. Desde

então, a função destes gênios foi a de assistir o defunto, que os padres de Amon identificavam com o deus Osíris, e fornecer-lhe de comer e de beber, quando as provisões colocadas ao seu lado estivessem esgotadas.

Um dos sacerdotes leitores colocou, aos pés da múmia, um papiro contendo as orações do Livro dos Mortos, lindissimamente ilustrado. E sua voz soou pela sala recitando a oração final:

"Isis vem e desce sobre a cidade celestial,
e vaga em busca das mansões secretas de Hórus
quando ele emerge das margens cheias de papiros,
e levanta o ombro de seu filho que se encontra
em apuros. Ele se converte em Hórus da companhia da
nave divina e entrega-lhe a soberania de todo o orbe.
Com poder guerreou e suas façanhas são dignas
de memória; infundiu mêdo à existência e espanto
a todos os sêres. Sua mãe, a senhora potente,
o protege, e transferiu seus dons divinos a Hórus."

Estas palavras foram pronunciadas sobre um falcão de ouro, no qual já tinham sido gravadas, o que foi colocado no colo do defunto para salvá-lo de todos os perigos e protegê-lo contínua e regularmente.

— Que seja feita proclamação do entêrro! — disse o vizir Ramoses.

— Imediatamente, excelência — respondeu Ikis.

Pouco depois, vinte trombeteiros, vestidos de branco, saíram pela cidade de Tebas, com seus finos clarins de cobre, convocando o povo para o entêrro do faraó, cujo corpo, dentro em pouco, sairia da Casa da Morte em direção ao Vale dos Reis. Neste ínterim, Amenófis III foi levado para o santuário de Osíris, no Templo de Amon, onde se aguardavam a família real e os altos dignitários da corte, para a cerimônia da despedida ao morto.

Nefertiti contemplou a máscara de ouro que cobria o rosto de seu pai e soltou um suspiro. Em seu coração nasceu uma emoção melancólica. Lançou um olhar curioso em volta dela. Amenófis IV ali estava, mudo e grave como uma estátua. Perto dele, Tii e suas filhas tinham o rosto transtornado pela tristeza. Laços comuns de consolação vieram-lhe ao espírito. "Afinal, a morte é simples como a queda de uma folha numa árvore carregada —pensou ela.— Por que sentir esta tristeza?"

Após as orações de praxe, Tii aproximou-se e colocou sobre a múmia ramos de acácia florida. Seus olhos estavam secos, mas em seu rosto duro e felino havia uma expressão de ternura quando ela inclinou-se e murmurou ao ouvido da múmia as palavras de despedida. Um a um, todos se aproximaram da múmia e fizeram o mesmo. Em seguida, Amenófis III foi colocado sobre uma eça de ouro e carregado para fora do santuário. No pátio dos papiros já

se encontrava o carro de madeira de sicômoro, puxado por quarenta touros imaculados, que o levariam até as margens do Nilo, onde a nave real já o esperava para conduzi-lo ao Vale dos Reis.

Grande multidão de todas as camadas sociais aglomerava-se junto das muralhas do Templo de Amon, à espera da saída da múmia do rei. Quando a multidão viu a eça dourada, um sussurro a percorreu; logo o povo juntou as mãos, num gesto de mágoa, enquanto brados e lamentações se elevavam de encontro ao céu. À frente do cortejo iam as sacerdotisas do templo, levando grandes cântaros de alabastro cheios de leite, com o qual regavam o caminho por onde devia passar o faraó morto. Com toda a pompa, Amenófis III foi embarcado para atravessar o Nilo.

A grande barca real, construída da madeira de acácia, era enriquecida com incrustações de ouro, prata e lápis-lazúli. Dentro dela, a imagem de Osíris presidia a cerimônia. Heru, o Chefe dos Mistérios, levava em suas mãos o cetro mágico e o látego sagrado. Em volta do seu pescoço viam-se inúmeros amuletos protetores. Perto do cadáver estavam os grandes sacerdotes de Amon e as carpideiras desempenhando o ritual de costume. Em outras barcas, não menos ricas, formando o séqüito, iam a família real e as oferendas feitas ao ente querido. Palavras propiciatórias foram recitadas, segundo a ordem e o ritmo do ritual. Primeiramente, ouviu-se um hino dedicado a Shu:

> *"Saudado sejas, ó tu carne e osso do deus Rá,*
> *primogênito saído do seu corpo, tu que antes*
> *do nascimento foste destinado a ser poderoso*
> *como o Senhor das Transformações..."*

Nefertiti, absorta em seus pensamentos, mal ouvia as palavras de Heru. Achava desnecessário todo aquele ritual. E pensava: "Não creio que todas estas palavras possam ajudar meu pai nas Terras Escuras. Para franquear o caminho que conduz à verdade só podemos contar com a nossa própria ajuda. Brevemente, quando eu for rainha, farei com que o meu povo compreenda isso e depois abolirei estes enfadonhos rituais. Amenófis IV, por certo, concordará comigo. Ele sabe que Aton não aprecia este politeísmo..."

A cerimônia continuou com fórmulas de adoração aos deuses de Hermópolis. Os oficiantes invocaram o seu poder contra as forças más e impuras que houvessem no rio. Logo, todos cantaram hinos de adoração a Amon-Rá. Os lábios de Nefertiti permaneceram mudos.

"Eu não creio no poder de Amon — pensou ela. — Não posso cantar hinos em seu louvor!"

Olhou de soslaio para seu marido. Amenófis IV também estava mudo, de olhos baixos e rosto grave. Nefertiti sentiu uma doce alegria invadir seu coração.

A voz de Tii soou alta e clara, ao seu lado:

"Mistério dos Mistérios. Ninguém conhece o teu
ser misterioso. A ti se dedicam hinos no seio
da deusa Nut. Vem a mim ó Senhor dos deuses,
afasta de mim os leões das regiões montanhosas
e os crocodilos do rio. Para trás, crocodilo Magu,
filho de Set, o maléfico! Que a virtude mágica
dos setenta e sete deuses fira os teus olhos..."

Nefertiti desviou os olhos de Tii e fixou-os na paisagem. Os cânticos e as recitações continuaram por toda a viagem. Afinal, chegaram ao seu destino, a múmia foi desembarcada e o cortejo se reorganizou. Sôbre o fundo das montanhas verdes que barravam o horizonte destacaram-se as silhuetas colossais das duas estátuas de Amenófis III que ladeavam a entrada de sua magnífica tumba. Um dos colossos — o que estava situado ao norte — era famoso pelo grito que lançava no momento em que o sol se erguia no horizonte, saudando, assim, a aparição da luz.

Nefertiti olhou com interesse o colosso cantante, com seus vinte e um metros de altura, cuidadosamente esculpido em granito cinzento das longínquas minas de Edfu. O rosto da estátua revelava uma expressão altiva e serena, emoldurado pela coifa raiada dos faraós.

— Meu pai era um belo homem — falou para si mesma.

Súbito, sua atenção foi desviada para um grupo de dançarinas funerárias que chegavam trazendo suas cítaras e seus sistros. Eram as mais bonitas sacerdotisas de Amon, vestidas como deusas e recobertas de jóias cintilantes. A música soou lânguida, misturando-se com as lamentações das carpideiras, enquanto as bailarinas de ancas flexíveis e ostentando uma flor de lótus azul sôbre a ponta de cada seio iniciavam a dança hierática de Muu, diante da porta da tumba. Terminada a dança, os sacerdotes *Sem* carregaram, com extremo cuidado, o pesado sarcófago para o interior da tumba. Somente as mãos puras destes sacerdotes podiam tocar a múmia do rei, que já fora ungida com os santos óleos. A família real e os nobres seguiram Amenófis III através da sua suntuosa Casa da Alegria. Esta fôra construída com o mais requintado luxo. Por todas as partes viam-se enfeites multicores nas pinturas e ornamentos, azulejos e estátuas, que davam às trinta e uma salas um aspecto de grande prosperidade. Inicialmente, o cortejo penetrou num amplo corredor, que dava numa ante-sala. Daí, passando por uma pesada porta de cedro, alcançaram o pátio, cujo teto de sicômoro era sustentado por doze colunas douradas. Esse pátio era a sala dos sacrifícios, o lugar do sossegado encontro com o morto. Passando pelo pátio, subiram uma escada de granito róseo, que levava a duas salas suntuosas, comunicando-se com o grande salão da Câmara Funerária. O sarcófago foi colocado sobre uma belíssima padiola funerária em forma de cão. Era de ébano, finamente incrustada de marfim.

As paredes da Câmara Funerária eram forradas de granito vermelho, muito polido, sôbre o qual relevos artísticos relatavam a vida do ilustre morto. Estavam figuradas belas cenas de caça, atos heróicos de guerra, homenagens de reis, nobres e escravos de países longínquos. A um canto erguia-se um altar de alabastro, com mais de cem estátuas do faraó. Acima do altar estava gravada uma inscrição, que dizia: "As portas do céu estão abertas para o rei em ascensão."

Nefertiti respirou fundo o ar impregnado de incenso perfumado e voltou os olhos para uma das estelas funerárias que estavam na sala, toda confeccionada no mais belo calcário das minas de Tourah. Tinha dois metros de altura por um de largura e, nela, Aúta gravara um baixo-relevo evocando a proteção de Ísis e de Osíris. Mais abaixo, Nefertiti leu os hieróglifos, que diziam:

"Uma oblação que o rei oferece a Ptah-Sokar-Osíris-kent
Amenti, o grande deus, o Senhor de Ábidos, a Anúbis,
o Senhor do Cemitério, a Min, a Har Nochit; a todos os
deuses que se acham em Ábidos, para que eles queiram
dar o sacrifício em pão, cerveja, bois, gansos, vestes,
olíbano, óleo e todas as coisas boas e puras das quais
vive um deus, para êle ser maravilhoso, forte,
bem-aventurado na terra como no céu entre os deuses
para ter água em abundância. Para ter uma alma viva.
Pão para o ka de Sekem-atef comer em frente dos altares
dos deuses.
Tu podes transpor os lagos do céu e perambular
pelas margens do império da luz, entre os grandes de Ábidos,
na magnificência do Senhor de Ábidos. Tu abres tal caminho.
Tu queres estar em paz. Braços te serão estendidos no rio
de Osíris, para o caminho da veneração. Dir-te-ão "bem-vindo,
grande Ábidos". Tu moves o leme do barco Mesehet.
Tu viajas na barca Manzet, ó Osíris Seker-Ischen Re,
o bem-aventurado.
Seja-te a vida como é preciosa, esteja ela ligada a
tua alma. Seja tua sombra luminosa. Tenha o teu corpo
pão, tua garganta água, teu nariz ar. Tu podes respirar
incenso, ungir-te com mirra, possa tua face estar aberta
na casa da treva, ó Seker-Ishem-Re, o bem-aventurado que
está em companhia de Osíris."

Um estranho ruído de passos fez Nefertiti voltar a cabeça. Eram dezenas de servos que chegavam trazendo os preciosos objetos que ficariam nas salas do tesouro. Estes objetos recordariam ao falecido suas ocupações cotidianas. Suas mãos estavam pesadas com as posses do grande rei — caixas de ébano e marfim, arcas de sândalo, repletas de roupas reais, potes e frascos de alabastro, armas ornamentais, carros de guerra desmontados, lâmpadas de cerimonial, colares de pedras preciosas, taças de ouro e prata, camas, mesas e cadeiras in-

crustadas de electro — todo o tesouro que tinha mobiliado e adornado sua Habitação Preciosa, no palácio Charuk. Cento e quarenta cestas com alimentos, frutas e comestíveis de toda a espécie. Para matar a sede do faraó no mundo subterrâneo havia cem cântaros de vinho. Uma por uma as suntuosas cargas cintilaram à luz das tochas, tremeluzindo ao seu fulgor oscilante. Encerrando o cortejo vinham dois servos trazendo o precioso trono de Amenófis III. Era todo de ouro, cornalina e feldspato. Em seu encosto estava gravado o retrato do real par, Amenófis III e Tii, num pavilhão coberto com trepadeiras em flor. Dizia uma inscrição logo abaixo: "O belo deus, o senhor das Duas Terras, Amenófis Amenhotep III, governador de On, que é igual a Rá. A grande rainha, esposa, senhora das Duas Terras, Tii, que aí vive."

Os olhos de Nefertiti fixaram-se no trono real. Seguiram-no até que êle desapareceu na sala contígua e mesmo então se conservaram fixados no ponto onde êle desaparecera. Era como se o *ka* de seu pai tivesse roçado pelo seu, quando o trono por ela passara. Curioso frêmito percorreu-a. Relanceou rapidamente o olhar pelo aposento, não desejando pensar, não desejando sentir. Nisso, cantores ergueram suas vozes acima do ressoar dos sistros. Assim que os servos saíram, os sacerdotes recomeçaram a cantar os hinos sagrados. Em volta da padiola funerária, e com verdadeira profusão, foram colocadas várias estatuetas. Eram os *ushabti*, as estátuas respondentes, que se dedicariam aos cuidados indispensáveis com o *ka* do faraó. Exatamente embaixo do sarcófago espalharam os quatro vasos de alabastro contendo as entranhas do morto. Feito isto, Nebamon, o Profeta de Mênfis, adiantou-se. Tanto ele como os outros sacerdotes *Sem* tinham se purificado e esfregado o corpo com bálsamo e óleos aromáticos. Nebamon vestia uma roupa semelhante à de Osíris, o Bom Deus, o Senhor da Alma Suprema, a quem representava. Cingia a sua testa a mitra branca, ornada com o *ureaus* que consagra a cabeça dos deuses e dos reis.

Um perfume especial foi colocado atrás de suas orelhas. Seus lábios se purificaram com natrão e seus pés foram calçados com sandálias de madeira. A imagem de Maat, a deusa da Justiça, foi pintada em sua língua com cores frescas e brilhantes.

Os sacerdotes oficiantes, os de justa voz, os cobertos de linho fino e pele de pantera formaram um círculo em volta de Nebamon. Deste modo canalizavam o fluido da vida para transmiti-lo ao *ka* e aos outros corpos etéreos do defunto. Logo, os sacerdotes, os temíveis exorcistas do *ka*, formularam as palavras dominadoras. Invocaram as forças necessárias para efetuar o desprendimento da alma, condensando-a na tumba, dando-as ao morto, para ajudá-lo a que forme, em volta de si, uma barreira infranqueável.

Sua primeira precaução foi atrair o calor para debaixo da cabeça do falecido. Para isto, colocaram no colo da múmia uma pequena efígie de ouro representando a vaca sagrada Hathor. Sobre

a cabeça do morto foi depositado um nôvo papiro, que continha uma invocação:

"Salve leão da dupla fôrça, senhor dos diademas, chefe que mandas com o chicote; tu que és o Varão vigoroso pela irradiação de sua luz ilimitada; tu que és o senhor das transformações numerosas, que proteges o desgraçado contra quem o oprime, Vem, acode ao meu chamado."

— Neste instante — disse Nebamon, repetindo as palavras do Livro dos Mortos —, um grande calor se espalhará por todo o ser de Amenófis Amenhotep III, tal como sucedia quando êle estava na terra.

A vida física continua em forma latente, de modo que retém o *ka* que não se decide a separar-se do corpo que ainda tem vida. A sombra consciente da múmia deve continuar quieta no hipogeu.

Em seguida, os sacerdotes efetuaram os gestos do ritual. Levantaram e abaixaram os braços lentamente, pronunciando as fórmulas consagradas.

Amenófis IV olhou para Nebamon com uma estranha expressão no rosto pálido. Vieram-lhe à mente várias fases da sua iniciação na Casa da Luz, em Mênfis, e de certas explicações que Nebamon lhe deu naquela época. Sabia, assim, que pela potência das palavras de Nebamon, pelo secreto acôrdo de harmonia que elas encerravam, se manifestaria, ali, na tumba de seu pai, uma dupla corrente de vida. Para fixá-la, ali estavam os amuletos sôbre o corpo da múmia e as estátuas respondentes, que participariam da vida astral do morto. Tomadas tais precauções, o *ka* ficava enlaçado com o corpo físico, em forma estável, e segura a alma, de que nada estorvaria seu vôo para o futuro, continuaria o caminho de sua evolução. Terminadas as encantações, chegou o momento de entregar ao defunto os segredos iniciáticos de Osíris. Por isto, os sacerdotes prepararam-se para a cerimônia da abertura da bôca e dos olhos.

Abrir a bôca equivalia a restituir ao morto a virtude mágica das palavras que dominam os seres dos mundos intermediários. Abrir os olhos é o mesmo que dar ao morto a visão e o conhecimento da vida espiritual dos mundos e das fôrças invisíveis.

O poder da palavra lhe será também útil para afastar de si, no Além, tôdas as fôrças más, que são dominadas pelos iniciados. Muito útil, também, lhe será ter os olhos bem abertos, a fim de que não se perca nos obscuros caminhos que conduzem às portas resplandecentes do reino de Osíris.

A voz de Nebamon elevou-se grave e profunda, mandando que Eje queimasse incenso ante a imagem de Rá, perante a qual os sacerdotes já tinham oferecido vinho, doces e aves assadas, para a viagem do morto na embarcação sagrada de Rá. Logo Eje colocou

no rosto uma máscara representando o deus Anúbis e, estendendo os braços sobre a múmia, falou:

"Abre Ptah minha boca e afrouxe o deus de minha cidade
as faixas que envolvem meu corpo, inclusive aquelas
que tapam minha boca. E Thoth, cheio de encantamentos,
venha e solte as minhas vendas, mesmo as vendas de Set,
que sujeitam minha boca, e o deus Tem, jogue-as para
quem me aprisionaria com elas e os afaste. Assim que
minha boca se abra, que minha boca seja despregada
por Shu com a faca de ferro com que abriu a boca
dos deuses. Sou a deusa Sejet, e ocupo o meu lugar
no grande vento celestial. Sou a excelsa deusa Sah,
que reside entre as almas da região de Annu. Que os
deuses resistam aos encantamentos e às palavras que
acaso forem pronunciadas contra mim e oponham-se
todos eles e cada um dos que fazem parte
da assembléia divina."

E assim dizendo, Eje pegou numa faca de ferro que lhe deu Nebamon e passou-a entre os lábios da máscara de ouro que cobria o rosto da múmia.

— A boca de Amenófis Amenhotep III está aberta! — falou.

Todos repetiram as suas palavras.

Em seguida, Eje colocou sobre o peito do morto um pequeno escaravelho de pedra verde com bordas de ouro, ungiu-o com o perfumado bálsamo de Anti e pronunciou sobre ele vários salmos.

Nefertiti recordou que, segundo a tradição, os salmos só podiam ser ditos por um homem ritualmente limpo e puro, que não tivesse comido carnes de animais ou de peixes e que não tivesse tido contato recente com nenhuma mulher. Acaso Eje podia ser considerado um homem puro? Certamente que não. Como pois levar a sério todos aqueles ritos funerários? Em seu belo rosto via-se toda a sua revolta. Mas Nefertiti teve que dominar seus pensamentos e continuar assistindo, impassivelmente, àquelas cerimônias que ela considerava desnecessárias.

Os hinos ergueram-se em júbilo. Os ouvidos de Nefertiti latejaram com os cânticos:

"Ergue-te, levanta-te, Osíris!
Eis-me aqui — teu filho Hórus em pessoa —,
vim para restituir-te a vida, para reunir
teus ossos, para juntar teus membros.
Hórus, abre a tua boca! Dá-me olhos
para ver, ouvidos para ouvir, pés para andar,
mãos para agir!"

Prosseguindo com a cerimônia, Eje abraçou a múmia, aproximou seu rosto do dela e soprou a vida em sua boca:

"Tu és um deus entre os deuses,
mas possuis ao mesmo tempo tudo
o que foi teu na terra. Tua esposa
está contigo, as crianças te cercam,
as concubinas te fazem companhia e
não faltam os dons para a tua subsistência.
Tua carne está florida, teu sangue corre
em tuas veias e todos os teus membros
estão flexíveis e sãos."

E os sacerdotes disseram em coro, respondendo pelo morto: "Eu sou! Eu sou! Eu vivo! Eu vivo!"

"Sim, meu pai está vivo — pensou Nefertiti.–Pode elevar-se na bruma da madrugada, sob a forma de um íbis ou duma andorinha. Irá refrescar-se nas fontes dos jardins de Osíris ou gozar a brisa sob as figueiras em flor dos campos de Yalu, onde os rios são de leite e mel..."

Cumprida a sua missão, os sacerdotes se retiraram. E com eles todos também se foram. Uma vez fechada a boca do subterrâneo, no silêncio augusto da suntuosa tumba, uma poderosa manifestação de vida teve início. As palavras pronunciadas pelos sacerdotes tinham vivificado o invisível e a alma do morto começou a flutuar sobre o seu corpo etéreo, que se anima.

Junto aos despojos mortais, o *kâ* está ferido. O Pássaro Inteligência e o Corpo Luminoso começam, então, a afastar-se da terra, onde nada os retém, nem atrai.

Insensivelmente, vão adquirindo vida as cenas pintadas nos muros das salas mortuárias. Banhadas por uma luz imponderável, pouco a pouco as figuras se movem e saem das paredes. Formam grupos e entram em movimento. E, nesta ocasião, constituem um vivo e sagrado cortejo para o *kâ* do rei. Todos desempenham os papéis que lhes correspondem, numa cópia fiel da vida material. Ali estão o Mestre dos segredos iniciáticos, os sacerdotes *Sem,* as bailarinas, os cantores, os músicos, os servos e os portadores das oferendas.

Cada um destes misteriosos personagens perde sua hierática imobilidade e se aproxima do trono de Osíris. As palavras dos iniciados ficaram vibrando no ar e deram vida às figuras, que se movem, absorvendo a atenção do que, em sua eterna imobilidade, as contempla atônito, embora saiba ler o que estas formas lhe mostram e encontrar nas suas danças sagradas um sentido, uma interpretação mais importantes e profundos do que há na sua artística beleza.

Em volta de Amenófis III os talismãs e amuletos irradiam uma luz maravilhosa.

O friso da sala sepulcral se transformou numa terrível barreira às más influências. Inversamente, as cruzes ansatas atraem e retêm as influências benfazejas. Tudo parece contribuir para a paz e a alegria do rei. A alma de Amenófis III, o Magnífico, sob a proteção das santas palavras, foi subindo para as esplêndidas regiões da eterna felicidade. Transpôs o Ocidente, cruzou o Amenti e os Campos de Yalu.

Assim, alcançará o Deus Supremo, o Invisível. Aquele que vive no ôlho solar, ocultando-se em sua pupila, alma radiante por seu ôlho.

"Amenófis III já não pode morrer outra vez.
Breve, será um astro brilhando no céu infinito.
Pela graça de Amon, se transformará num Deus, estável como as horas da Eternidade."

Com os olhos muito abertos, o *ká* de Amenófis III roça pela estela da execração, que está junto à porta principal da tumba e serve para amedrontar os audazes salteadores das tumbas:

". . . Que seja aniquilada a mão que se levante
contra a minha forma. Que aniquilados sejam os
que tocarem o meu nome, minhas efígies, as imagens
do meu duplo, minhas jóias, meus móveis e todos os
meus pertences. A serpente que coroa minha fronte
vomitará chamas sobre suas cabeças e suas cabeças
ficarão onde antes tinham os seus pés."

De repente, o *ká* de Amenófis III sentiu-se completamente sôlto no ar e, como um vapor cinzento, saiu da tumba, seguido por uma forma luminosa que o acompanhava, guiando a sua vontade...

* * *

Passaram-se cinco meses sobre o Egito. O poder de Tii era absoluto. Mas urgia que o nôvo faraó fosse coroado. Tii temia uma represália dos sacerdotes de Amon para com seu filho. Eje já lhe havia prevenido que Amenófis IV continuava prestando homenagens públicas ao deus Aton e a negligenciar o culto de Amon, o rei dos deuses. Mas o povo estava satisfeito e ansiava pela coroação do Divino Senhor dos Dois Países. Tii sabia o quanto isto era importante. Se as taxas eram pesadas, assim também eram as colheitas. Os deuses amavam o país de Kêmi...

— Possa o *ká* de Vossa Majestade regozijar-se — falou Ramoses, o vizir, inclinando-se diante do trono.

— Que o teu *ká* também se regozije — respondeu Tii.

Grave e relutantemente, com seus grandes olhos escuros cheios de apreensões, Tii perguntou:

— Falaste com meu filho sobre o dia da coroação?

— Sim, Majestade. Combinamos todos os detalhes.
— Todos, menos um — retrucou Tii, com uma certa ironia.
— Como assim, Radiosa Senhora?
— Amenófis IV não será coroado em Tebas...
Ramoses ficou mudo de espanto.
Tii sorriu diante dos olhos perplexos do vizir e explicou:
— Os sacerdotes de Amon estão descontentes e, para evitar que isto se agrave, aconselharei meu filho a partir para a cidade de On, onde meu irmão, Anen, Segundo Profeta de Amon, oficiará a cerimônia da coroação.
— A sabedoria fala por vossa boca, ó real senhora!
Tii sorriu, sentindo que ele tinha dito aquilo muito bem, e recostou-se, com as mãos sobre as cabeças de ouro dos leões que decoravam os braços do trono. Ela observou como o rosto de Ramoses se transformava, tornando-se circunspecto, depois prudente e por fim curiosamente aliviado.
— Amenófis IV é o único príncipe do Egito e dentro de sete dias será o faraó — disse Tii.
— Sim, Majestade, providenciarei para que tudo saia a contento.
A rainha sentiu um calor sedativo percorrer-lhe o corpo. Podia confiar em Ramoses. Sabia que tudo correria bem.
Cinco minutos mais tarde Ramoses deixava a Sala do Trono.
Enquanto a fumaça cinzenta do incenso queimava, saindo do braseiro, a mente de Tii encheu-se de pensamentos, trabalhando com a habitual precisão e vivacidade. Súbito, bateu com fôrça o gongo e ordenou a um dos guardas que fôsse procurar o intendente real e o levasse à sua sala particular.

No terceiro dia do Pakhons, dia marcado para a coroação, Amenófis IV levantou-se muito antes do amanhecer. Na véspera, êle e a família real tinham chegado a On, numa barca-templo de velas púrpura. Quando a barca entrou lentamente no pôrto, ao sul do Templo de Amon, todo o cais estava repleto de gente, que esticava o pescoço para ver o nôvo Divino Senhor dos Dois Países. E em palanquins carregados pelos escravos estavam, também, os nobres com suas esposas e filhos, reluzindo de ouro e pedrarias.
Amenófis IV olhou através da ampla janela de seus aposentos e viu o Grande Pátio rebrilhando de tochas e a procissão começando a formar-se. Camareiros, servos e escravos andavam de um lado para o outro, enfileirando as liteiras e carros de acôrdo com o grau hierárquico de seus donos.
Na Ala das Mulheres, no segundo pavimento, Nefertiti por certo já devia estar desperta e sendo cuidada para a grande cerimônia da coroação. *"Nefertiti...* — pensou Amenófis com emoção — *a meiga, a meiga bem-amada, sacerdotisa de Aton, Soberana dos Dois Países, aquela cujas palavras são ouvidas com um estremecimento de alegria..."*

— Hoje, quando a coroa-deusa repousar sobre a minha cabeça, começará a glória de Aton no país de Kêmi. Mais tarde, ao cair do sol, quando os quatro falcões forem soltos, para voar aos quatro cantos da terra, levando a notícia de que Hórus, o Filho, tinha subido ao trono do Egito, farei com que entre os meus títulos pontifique o de Shu, o calor que está no Disco, a essência divina de Aton...

Seus pensamentos foram interrompidos por uma leve batida na porta.

— Entra — disse Amenófis.

Sete sacerdotes de Ísis, regiamente vestidos, entraram para realizar a tarefa de banhá-lo, perfumá-lo, purificá-lo e vesti-lo para o ritual do dia. Suas coxas foram recobertas com um belo avental de linho fino, ornado de jóias. Seus pés foram calçados com sandálias de ouro de pontas recurvadas.

Enquanto balançavam os turíbulos cheios de incenso, os sacerdotes diziam:

"Lava-te e teu ká *se lavará.*
Unge-te e teu ká *se ungirá;*
Perfuma teu corpo e teu ká *se perfumará..."*

Amenófis conhecia o ritual e mentalmente dizia também as palavras litúrgicas do Livro da Morada Oculta. Depois, mergulhou o dedo médio da mão esquerda num pote de esmeralda, que continha a mirra dos reis.

— Lavei-me, ungi-me, perfumei o meu corpo e meu *ká* fez o mesmo. Vesti o traje de linho fino e meu *ká* também o vestiu — murmurou Amenófis.

— Sentai-vos, Majestade — pediu um dos sacerdotes.

O príncipe obedeceu.

Com uma afiada faca de sílex o sacerdote cortou, com um golpe seguro, a madeixa da juventude, que tombou ao chão como uma serpente escura e sinuosa. A madeixa era a marca de um príncipe e só devia ser cortada no dia em que este fosse coroado faraó. A faca do sacerdote trabalhou habilmente, eliminando a penugem que ficara no alto da cabeça de Amenófis IV.

O príncipe soltou um suspiro de satisfação. Aquela madeixa sempre lhe parecera deselegante e incômoda. Sentia a cabeça mais leve e mais repousada sem aquela longa trança escura a pender-lhe de um lado...

Olhou-se no grande espelho de prata polida. Na verdade sua cabeça não era nada bonita. Exageradamente comprida, era sustentada por um pescoço longo e fino.

— A forma física é efêmera — pensou êle —, o espírito é que importa. Só êle é eterno.

Terminada a toalete do futuro rei, os sacerdotes entregaram-lhe uma pequena cesta de palma trançada. Continha o precioso sal de

Edfu. Os grãos deste sal eram alongados, tinham três dedos de comprimento, e duma perfeita pureza cristalina.

Amenófis IV pegou na cesta, levantou-se da cadeira, ficou de costas para a porta e jogou um punhado de sal por trás do ombro direito, a fim de purificar os seus passos.

Em seguida, o príncipe saiu dos seus aposentos, para a manhã fresca e ensolarada, seguido pelos sacerdotes atendentes.

No Salão do Louvor, no Templo de Amon, os cânticos nasceram e morreram numa lamentação adejante e suave dos cantores. Uma após outra, rolaram as preces e as encantações. O tanger dos sistros foi ouvido, seguido de perto pelo som das harpas e das flautas. Os títulos do novo faraó foram proclamados e, entre êles, Tii acrescentou o de "Grande Profeta de Aton, Shu, o calor do Disco", certa de que seu filho ficaria radiante, o que de fato sucedeu. Em prosseguimento, Amenófis IV foi coroado duas vezes, uma pelo Alto e outra pelo Baixo Egito. O mesmo aconteceu com Nefertiti, mais bela que nunca, vestida de linho bordado a ouro. Depois, houve o rito de rodear a Muralha Branca de Mênfis, edificada por Menes, fundador da primeira dinastia. Em procissão solene, Amenófis e Nefertiti andaram três vezes em volta de um longo papiro contendo a pintura da sagrada muralha. Depois, os novos soberanos foram mostrados ao povo.

Dentro do templo, nobres, profetas, sacerdotes e sacerdotisas estenderam as mãos para o alto e cantaram hinos de louvor. Aquele era o apogeu da cerimônia, e quando os falcões foram soltos, o complicado rito da coroação terminou.

Amenófis Amenhotep IV já era rei do Egito, e Nefertiti a Imperatriz do Delta, a Senhora dos Diademas, rica de graças amáveis, grande pelo seu encanto, a que ouvira dos lábios do rei o juramento: *"Tão verdadeiro como está meu coração ligado à altíssima rainha Nefertiti e a seus filhos."*

* * *

Na manhã seguinte o Faraó saiu de seus aposentos e foi ter diretamente aos apartamentos da rainha. Nefertiti acabara de banhar-se e estava sendo vestida pelas escravas quando ele entrou.

– Nefertiti... quero falar contigo.

– Louvado seja o dia que traz o meu senhor a estes aposentos – respondeu a rainha alegremente. E com um gesto despediu as escravas, que se inclinaram humildemente, saudando o Divino Senhor dos Dois Países.

– Queres Perfumar a Boca comigo? Sitka trouxe-me figos e tâmaras frescas e aqui estão aquelas azeitonas da Núbia que tanto aprecias.

– Não, meu lótus, prefiro perfumar o meu espírito com a tua presença...

Nefertiti sorriu e, aproximando-se do marido, beijou-lhe carinhosamente a fronte meio encoberta pela coifa real.

— Ah! meu poeta... — suspirou ela.

— Escuta, bem-amada — disse o faraó, pegando as mãos da rainha —, esta noite tive uma outra visão.

— Sim? Então, conta-me depressa o que foi que viste!

Amenófis não respondeu. Seu olhar tinha fugido vagamente do rosto dela para um ponto qualquer do céu, que se mostrava muito azul e sem nuvens, através da ampla janela aberta que dava para o jardim. Afinal, falou:

— Aton veio dizer-me que breve o mundo se renovará. Então, o povo de Kêmi saberá que Amon é um falso deus, cujo trono cairá e cujo templo se desfará em ruínas. Ao lado dele, em Tebas, crescerá um novo templo dedicado ao culto do Senhor do Disco. Aton será o único deus. Ricos e pobres serão iguais perante o seu olhar...

O semblante de Amenófis cintilava de êxtase. Houve um silêncio por um momento. Nefertiti ergueu-se lentamente, olhando para o marido com uma expressão estranha, como se olhasse para dentro de um abismo profundo. As palavras de Amenófis causavam-lhe uma grande alegria e, ao mesmo tempo, uma grande tristeza. Embora fossem a síntese de seu grande ideal, ela sabia que o momento ainda não era chegado para que isto se concretizasse. Os sacerdotes de Amon permaneciam muito poderosos, e afrontá-los imediatamente seria muito perigoso. Mas... Aton se manifestara diante de Amenófis, e ele, o Grande Ser, sabia melhor do que todos o que devia ser feito. Todavia, acaso Amenófis IV sabia distinguir entre os seus sonhos e a verdadeira manifestação de Aton? Acaso o cérebro fraco e doente de seu esposo não estaria um pouco visionário demais? Era preciso ter cautela...

— Creio que teus ideais — disse ela, delicadamente — por enquanto ainda são demasiadamente elevados para a compreensão de nosso povo, meu querido.

Amenófis sorriu e retrucou:

— Dirias melhor, "nossos ideais", ó bem-amada. Acaso não foste tu quem me conduziu à compreensão de Aton?

— Sim, nossos ideais — corrigiu ela, acariciando de leve o rosto grave de seu esposo.

— Sei que me chamarão de fantasista religioso, mas...

— Não faltará, também, quem reconheça em ti um revolucionário de tendências heróicas — acrescentou Nefertiti —, aquele que libertou o Egito dos princípios imutáveis que o regiam há quase dois milênios; saberão que buscaste atrás das imagens bárbaras dos ídolos uma significação autêntica. Contudo, espera um pouco, bem-amado, pois os sacerdotes de Amon...

— Ah! Os sacerdotes de Amon! — cortou Amenófis com um brilho novo no olhar. Bem sabes que eles são os adoradores do fetichismo, os mercadores dos livros mágicos que, além de tudo, colo-

PRINCESA DE AMARNA

Cabeça em granito de uma princesa de Amarna, que talvez tenha sido uma das filhas de Nefertiti e Akhnaton. Suas feições lembram muito as da rainha Tii, o que leva alguns estudiosos a pensarem que quiçá se trate de Baketaton, irmã de Akhnaton e filha de Tii e Amenófis III.

cam a política acima do conhecimento de Deus. São mais soldados que teólogos. Esquecem que as guerras não são da vontade de Deus e nem as armas os seus instrumentos, mas o produto de tiranos frívolos. Somente a harmonia e a paz vêm de Deus. Ah! Nefertiti, mais perversidade há nas palavras dos padres do que em quantas ouvi até o ano IV. Mais perversas são elas do que as que Amenófis III ouviu.

Seu espírito moço revoltava-se contra a sordidez em que a religião e o povo tinham caído, bem como o crescente mercenarismo hierárquico da vida egípcia. Com audácia de poeta, falou:

— Incitarei meu povo à conversão! Proclamarei que os ensinamentos de deus têm suas raízes somente na verdade e no amor.

— Infelizmente creio que isto despertará pouca atenção — disse a rainha com amargura.

— Mas tentarei, meu lótus! — exclamou o faraó impetuosamente.

Nefertiti olhou a face alongada e um pouco prognata de seu esposo, onde a assimetria introduzia um encanto algo inquietante. Por entre suas pálpebras de gato projetava-se um olhar imperioso. Transparecia muita energia sob a aparência duma fragilidade misteriosa; uma insatisfação, também, um ardor inestancável.

— Que Aton ilumine a profunda noite que paira sobre o Egito! — murmurou a rainha, num suspiro.

* * *

A Avenida dos Carneiros, que levava ao Templo de Amon, em Tebas, refulgia com milhares de estandartes coloridos, e extensa multidão a ladeava, tendo acorrido ao templo para assistir ao sacrifício de um touro branco, em cujos chifres via-se um rolo de papiro com o selo sacerdotal, atestando que o animal era sem mácula.

Era o décimo-sexto dia do mês de Farmuti, dia da oferenda anual do touro branco ao rei dos deuses, e apesar do novo faraó desaprovar ritos sangrentos, a tradição se cumpriria. Amenófis IV tolerava a execução destes sacrifícios porque queria que seu povo tivesse liberdade de crença. Mas todos sabiam que, para o faraó, Aton estava acima de todos os deuses, porque dentro de si continha todos eles, como também toda a existência. Contudo, o faraó sabia que sua crença não era popular. Nem todos estavam preparados para compreender a grandeza de Aton, pois cada ser humano ocupa um degrau na escada da evolução espiritual. Era inútil querer que todos subissem depressa, por isso Amenófis IV tolerava o culto de Amon, apesar da séria oposição que lhe fazia o clero.

Corria o quarto ano de seu reinado. Ao lado do templo de Amon crescera um novo templo dedicado a Aton. Mas, raros eram aqueles que acorriam ao seu recinto, para adorar o Senhor do Disco e ouvir os hinos que cantavam os novos sacerdotes, vindos da místi-

ca cidade de On. O faraó decretara que o quarteirão onde fôra construído o novo templo se chamaria, daí por diante, "Luz de Aton, o Grandioso", e que a cidade de Tebas — a orgulhosa cidade de Amon, cuja divindade patrona tinha se tornado o deus de todo o império — seria denominada, a partir de então, "Cidade do Brilho de Aton". Dando um novo nome à capital do seu reino, Amenófis IV prestava uma homenagem pública ao verdadeiro deus de todo o Universo. Mas os padres de Amon não compreenderam sua atitude e procuraram ofuscar Aton com o brilho de suas riquezas e de seu poderio, acumulados durante séculos. Para eles, Amon era o verdadeiro soberano do Egito. Fora Amon quem tornara seus filhos, os faraós tebanos, invencíveis nas guerras e magníficos na paz. O Egito estava às portas de uma guerra civil, mas o povo de nada sabia, e naquele dia celebrava alegremente sua grande festa anual.

— Senhor! — exclamou a velha Anut, juntando as mãos esquálidas num gesto de súplica.

Um sacerdote que passava no pátio do templo voltou-se em sua direção. Era Sethi, sobrinho do pontífice Becankos, e seus olhos altivos pousaram com desdém sobre a pobre velha.

— Que queres, mulher? — indagou êle asperamente.

— Meu marido voltou às Terras do Poente e sua múmia será enterrada hoje nas areias do deserto, dentro de um saco de couro, como é costume entre os pobres...

— E que tenho eu com isto? — perguntou Sethi, erguendo as sobrancelhas.

— Senhor... — continuou a velha humildemente — que a vossa bondade não permita que ele entre no reino de Osíris sem um exemplar do Livro dos Mortos para guiá-lo na senda escura!

— Mulher — retrucou Sethi, alisando as alvas pregas de sua túnica —, só posso fazer isto mediante pagamento.

— Mas eu sou pobre! Só me restam dois debéns de prata para o meu sustento. Ademais, o novo faraó decretou que os pobres ficam isentos de pagar a espórtula de costume, em troca do Livro dos Mortos.

Sethi soltou uma sonora gargalhada.

— O novo faraó é um louco! Deve contentar-se em levantar templos ao seu deus Aton e a deixar-nos em paz...

— Então...

— Dá-me o teu dinheiro e eu te darei o que pedes.

A velha não ousou discutir. Entregou o dinheiro a Sethi e este afastou-se, dizendo:

— Espera-me aqui.

Pouco depois, voltou trazendo um pedaço de papiro, contendo algumas orações do Livro dos Mortos, muito mal copiadas.

Anut agarrou o papiro com as mãos trêmulas, balbuciou um agradecimento e afastou-se com seus passos trôpegos.

Hatiay, o escriba preferido do rei, que assistira a cena, retirou-se, também, para escrever ao faraó um relato completo sôbre o triste acontecimento.

A festa prosseguiu animadamente. O touro foi sacrificado, os sacerdotes leram os presságios nas suas entranhas e depois distribuíram pão, vinho e carne ao povo, incitando-o a derrubar o novo deus Aton. Em dado momento, alguém gritou:

— Aí vêm os soldados de Horemheb!

Houve espanto geral. O que viriam fazer ali aqueles homens armados? Logo tudo se aclarou quando viram Sethi ser preso e levado pelo próprio Horemheb, o comandante da guarda real.

— O que fêz êle? — indagavam atônitos.

De nada adiantaram os protestos dos sacerdotes de Amon e nem mesmo a intervenção dos pontífices Eje e Becankos. Sethi foi conduzido ao tribunal popular, julgado e condenado à morte por desrespeito à lei.

Este fato agravou as hostilidades do clero contra o faraó. Em todo o Egito irromperam desordens. As ruas e as praças formigavam de gente excitada.

Na Taberna do Íbis Branco, um mercador comentava:

— Breve correrá sangue pelas ruas de Tebas. Soube que o faraó licenciou suas tropas e o país se acha desguarnecido, militarmente. Meu coração teme por causa do nôvo deus. Creio que muitos perecerão por causa dêste tal deus...

O dono da taberna olhou-o de esguelha, e murmurou:

— Dizem que o faraó prepara um golpe político e pretende derrubar Amon. E isto será uma calamidade, pois são os sacerdotes de Amon quem dirigem o coração do povo.

Um outro mercador retorquiu:

— Já é tempo de sofrear Amon, amigos. Não concordo com o plano do faraó, porém consta que Aton é um deus bem maior do que pensamos, mas só através da fôrça êle será impôsto ao povo egípcio!

O diálogo terminou com a entrada de um grupo de soldados na taberna. E os mercadores começaram logo a comer o ganso frito, à moda tebana, e a beber o vinho que lhe trouxera o taberneiro.

No Salão do Louvor, do palácio Charuk, o faraó estava em audiência com o Conselho dos Velhos. Amenófis IV andava nervosamente de um lado para o outro, e todos os olhares convergiam para a sua real pessoa. Em dado momento, o faraó parou e disse:

— Deste modo é impossível governar Tebas! Bastaria que os sacerdotes de Amon se submetessem à minha vontade para que eu os deixasse em paz e não os perseguiria, pois Aton abomina a perseguição e o ódio. Mas os padres de Amon querem que haja derramamento de sangue entre Amon e Aton...

Os Senhores da Câmara do Conselho permaneceram em silêncio. O faraó aproximou-se da mesa e sentiu o contato dos do-

cumentos de couro fino que ali estavam ao alcance de suas mãos. Estava pálido e com uma obstinada decisão em seus olhos. O olhar de Amenófis IV moveu-se cuidadosamente por tôdas as faces que formavam o círculo do respeito e chegaram a pousar-se em Nefertiti. Foi a visão do rosto formoso da rainha que o fez dizer:

— Amon será deposto hoje... seu nome será apagado de tôdas as inscrições e tumbas. Transformarei os jardins dos seus templos em parques públicos e os lagos sagrados em piscinas, onde o povo possa utilizar das águas para o banho. Dividirei as terras de Amon entre os que não as possuem, para que as cultivem em nome de Aton.

E voltando-se para Hudge, o Intendente Real, o faraó falou:

— Reúne todos os altos dignitários da côrte no Salão do Trono. Que se preparem todos para ouvir uma importante proclamação!

Pouco depois, numa aura de estonteamento, todos ouviram as palavras que o faraó pronunciava lentamente, com sua voz grave que vinha do alto do trono de ouro, onde Amenófis IV estava sentado:

"Egípcios, desde que uso a coroa, examinei
tudo o que existe. Nosso povo se prende
à idolatria e venera um exército de deuses
que estão abaixo de Amon, cujo pontífice é
Eje. Eu, porém, declaro que não há nenhuma
divindade que deseje ser adorada por meio
de sangue, homicídios e sacrifícios;
afastai-vos do culto dos deuses.
Só há um deus, que paira sôbre tudo e
dirige nosso destino. Nosso deus é Aton!
Deus no sol, o próprio sol, que a todos
sustenta. Renuncieis a Amon e a seus
deuses e segui minha doutrina.
Sejamos todos iguais agora, antes que a
morte nos iguale. De agora em diante os
seminários serão fechados, os sacerdotes
de Amon nunca foram servos de Deus.
Sua doutrina é uma heresia e deve ser negada!
Fecho todos os templos de Amon, as fontes de
renda dos sacerdotes. Confisco seus navios e
estaleiros, oficinas e pedreiras, todas as
terras e celeiros, e todo o gado dos sacerdotes,
que, em raiva incontida e despotismo, constituem
um Estado dentro da nação. Os sacerdotes não são
mais imunes e podem ser levados ao tribunal. Todos
os semíticos, provenientes da Babilônia e que
introduziram costumes reprováveis no Egito, devem
ser expulsos."

Tais palavras, nunca nenhum faraó se arriscara a dizer até então. Amenófis IV, naquele momento, rompeu bruscamente com as tradições imemoriais do seu país. Rejeitando o politeísmo em que o Egito tinha vivido há séculos, o jovem rei proclamou uma divindade única, não apenas uma primazia de um deus sobre todos os outros. E isso já era espantoso para todos quantos o ouviam, menos para aqueles que o amavam e o seguiam de perto, como Nefertiti, Sitka e Mérira, o Grande Pontífice de Aton na cidade de On.

Amenófis IV ergueu bem a cabeça que ostentava a dupla coroa de lírio e de papiro. Em sua testa brilhou a serpente sagrada, cujo hálito ardente devia eliminar um inimigo demasiado audacioso.

Eje e Becankos ficaram olhando para o rei, fixamente, com os olhos parados, os lábios trêmulos, enquanto o significado de suas palavras escorregavam dentro de suas almas.

– Amon deposto? Impossível! – pensavam eles. – O faraó enlouqueceu!

Súbito, a um sinal do rei, Miamum, o marechal da corte, adiantou-se e continuou a falar em nome do faraó:

"O rei manda anunciar a todos os cantos que ele considera Tebas, a cidade dos ídolos, indigna de ser capital do seu reino, e que construirá uma nova capital em Amarna, em honra de Aton, o sol divino. Em sinal de sua submissão a Aton, o faraó decidiu mudar seu nome. De agora em diante, seus quatro nomes sagrados serão: Akhnaton, a glória de Aton, Kunaton, o amado de seu pai Aton, Atenkenaten, o Espírito do Sol, e Kuenaton, o Resplendor do Sol."

Essa troca de nome, aparentemente simples, tinha uma importância capital, pois nas terras de Kêmi o nome passava por entreter, com o ser, ligações ocultas de influência e fidelidade. Dar um nome, designar alguém por um nome, era chamar à existência. Conhecer o nome de um deus, era ter esse deus à sua disposição.

Assim, contava-se que o grande deus Rá, mordido por uma cobra, pedira à deusa Ísis, a melhor de todas as magas, que o curasse, e a deusa exigira que êle lhe concedesse seu nome oculto, segredo de toda a sua força. Banidas as longas titulaturas com o nome de Amon, Amenófis IV também desaparecia da História, e com ele, a influência oculta de seu nome. Os novos nomes jamais teriam a força dos anteriores e isto serenou um pouco a mente de Eje. Ademais, ele confiava na sua magia e esperava, pacientemente, que os *affrits* começassem a agir contra aquele rei fanático. Os dois sacerdotes mal podiam suportar a presença do rei. Assim que Miamum terminou de falar, um murmúrio de espanto percorreu a sala. Eje e Becankos, profundamente perturbados, inclinaram-se hipocritamente diante do rei e da rainha e retiraram-se em silêncio.

Indiferente à reação de seus súditos, o faraó ergueu-se do trono e falou:

— Celebremos a vitória de Aton, cantando um hino em seu louvor!

Imediatamente ouviram-se os acordes suaves das harpas e das flautas da orquestra da côrte, e o faraó começou a cantar o seu Grande Hino ao Sol. Aos poucos várias vozes foram se unindo à sua, e logo todos cantavam:

"Bela é a tua aurora no horizonte do céu,
Ó vivo Aton, Começo de Vida!
Quando te levantas no Oriente
Enches todas as terras com a tua beleza.
És belo, grande, cintilante,
Alto sôbre tôdas as terras.
Teus raios dominam tudo que criaste.
És rei, e tudo levas cativo;
Tudo unes com o teu amor.
Embora sejas tão distante, teus raios
Estão sôbre a terra; embora estejas
Tão alto, tuas pegadas são o dia.
Quando te pões no horizonte ocidental,
A terra enegrece como a morte;
Todos dormem em seus aposentos,
As cabeças se cobrem,
as narinas param de vibrar.
Um ser não vê o outro,
Todas suas coisas são roubadas
Que estão sob sua cabeça
e eles não percebem.
Cada leão sai da sua caverna,
E também todas as serpentes. . .
O mundo cai em silêncio
Enquanto o que o fez descansa no horizonte.
Brilha a terra quando de novo te ergues.
Quando de dia tu brilhas como Aton,
Expulsas para longe as trevas,
Quando nos mandas teus raios
As tuas terras entram em festa,
Alertas e de pé
Quando tu as levantas.
Seus membros banham-se, elas se despem,
Erguem os braços em adoração da tua aurora.
E em todo o mundo eles se entregam ao trabalho.
O gado descansa nas pastagens,
As árvores e plantas florescem,
Os pássaros gorjeiam nos pântanos,
As asas erguidas em tua adoração.

Todos os carneiros dançam sôbre seus pés.
Todas as coisas aladas voam.
Eles vivem quando sôbre êles brilhas.
Os barcos sobem e descem o rio.
Todos os caminhos se abrem porque brilhas.
No rio o peixe salta por ti.
Teus raios fulgem no grande mar verde.
Criador do germe na mulher,
Criador da semente no homem,
Dás vida ao filho no seio de sua mãe,
Acaricia-o para que não chore,
Nutre-o ainda no útero,
Ó Criador da alma que anima tudo o que fazes!
Quando o ser sai do corpo... no dia que nasce,
Tu lhe abres a bôca em fala,
Tu lhe supres as necessidades.
Quando a avezinha pia no ovo
Tu lhe dás o alento que viva a conserva;
Quando a levas a ponto de romper o ovo
Ela sai para cantar com todo o ímpeto.
E vai sôbre seus dois pés
Depois que nasce.
Que variadas são tuas obras!
Elas se escondem diante de nós
Ó deus único, de poderes que ninguém mais tem!
Tu criaste a terra conforme teu coração
Enquanto estavas só;
Homens, todo o gado pequeno e grande,
Tudo o que existe sôbre a terra,
Que caminha com seus pés;
Tudo o que está no alto,
Que voa com suas asas.
Os países de longe, Síria e Kush,
A terra do Egito
Tu pões cada homem em seu lugar,
Tu lhes supres as necessidades...
Tu fazes o Nilo no baixo mundo,
Tu o trazes como desejas
Para dar vida às gentes...
Quão altos são os teus desígnios,
Ó Senhor da eternidade!
Há um Nilo em teu céu para os de fora
E para o gado de cada país que está aos teus pés.
Teus raios nutrem todos os jardins,
Quando te levantas êles vivem
E por ti crescem êles.
Tu fazes as estações

Para que realizem toda a tua obra;
Inverno, para dar-lhes frio,
E calor, para que te sintam.
Tu fizeste o distante céu erguer-se
Para que olhasse tudo que fizeste,
Tu só, brilhando na forma dum vivo Aton,
Cintilante, luminoso, afastando-te e voltando.
Tu fazes milhões de formas
Através de ti somente;
Cidades, aldeias e tribos,
Estradas e rios.
Todos os olhos te vêem diante de si
Porque és o Aton dos dias da terra...
Tu estás em meu coração,
Nenhum outro te conhece
A não ser teu filho Akhnaton.
Tu o fizeste sábio
Em teus desígnios e em teu poder.
O mundo está em tua mão,
Como tu o fizeste.
Quando te ergues, tudo vive;
Quando desapareces, tudo morre;
Porque tens a vida em ti mesmo,
Os homens vivem através de ti,
Enquanto seus olhos estão na beleza
Até que desapareças.
Todo trabalho se interrompe
Quando te deitas no ocidente...
Tu formaste o mundo,
E o ergueste para teu filho...
Akhnaton cuja vida é longa;
E para a esposa real, sua amada,
Senhora das Duas Terras,
Nefer-nefru-Aton Nofretete Nefertiti,
Viva florescente, por todo o sempre."

Tii estava receosa com o gesto de seu filho, mas não pôde deixar de admirar a beleza daqueles versos, a primeira firme expressão de monoteísmo que surgira no Egito. Todavia, era preciso que o faraó permitisse que sua nobre religião fôsse lentamente vencendo os homens. Sua impetuosidade talvez fosse prejudicial à causa de Aton. — "Diz-me o coração que ele sofrerá muito com este golpe político, mas, enfim... o faraó é o faraó" — pensou Tii. E ninguém melhor do que ela sabia disso.

* * *

A revolta estourou quando os arautos leram alto nas ruas e nas praças públicas a deposição de Amon. A princípio, o povo

ouviu em silêncio; depois irromperam por todos os lados gritos de protesto.

— Amon! Amon não pode ser deposto! — gritavam todos em meio à maior excitação. Os arautos enrolaram depressa os seus papiros e voltaram logo ao palácio real. Momentos depois, os soldados de Heremheb percorriam as ruas em seus carros puxados por fogosos cavalos. Com grandes brados, avançaram contra o povo, derrubando-o. Muitos foram esmagados pelas rodas dos carros, trespassados pelas espadas dos soldados. A multidão numerosa correu para as portas do Templo de Amon, mas quando os sacerdotes viram o que se passava, fecharam imediatamente as pesadas portas dos pilones e deixaram o povo entregue à própria sorte.

Durante os dias e as noites que se seguiram, incêndios se alastraram pela cidade inteira. A plebe saqueava aqui e ali, embriagava-se, penetrava nos haréns dos ricos aos berros, e violentava tôdas as mulheres. Os cartuchos reais dos baixos-relevos, onde se alinhavam os hieróglifos do grande deus tebano, foram martelados, mutilados, destruídos pela soldadesca. Nos nomes onde figuravam suas sílabas, o cinzel passou apressado e destruidor. E assim, o nome de Amon e a palavra deuses foram apagados de cada pedra onde eram encontrados, tanto em monumentos públicos como nas tumbas. Mesmo os nomes próprios que continham o do deus tebano não ficaram inalteráveis; e, levando a sua decisão às últimas conseqüências, o faraó não hesitou em mandar apagar o nome de seu próprio pai, Amenófis III (A Paz de Amon), até mesmo das inscrições que estavam no seu suntuoso túmulo, substituindo-o por um dos nomes usados pelo extinto faraó, que também era muito conhecido como Neb-Maat-Rá. O culto de Amon e dos inumeráveis deuses e deusas do Egito, inclusive Osíris, foi abolido e suas imagens destruídas. E tudo o que os recordava, mesmo de longe, foi implacavelmente proscrito. Afinal, os sacerdotes de Amon viram que era inútil resistir e pediram trégua. Então voltou a reinar a calma em Tebas e, em nome de Aton, todos se rejubilaram. Com gestos piedosos, muitos louvaram o nome do novo deus, entraram no seu templo e receberam a cruz da vida que lhes deram os sacerdotes sobreviventes. Mas apesar da calma aparente ainda havia ódio e ressentimento no coração do povo.

E, finalmente, certa tarde, antes de o Nilo atingir seu nível mais baixo, Akhnaton debruçou-se, pensativo, na varanda dos seus aposentos particulares. Olhou Tebas, do alto do seu palácio. O grande Templo de Amon elevava-se acima de todos os edifícios da imensa cidade. Agora, ele estava fechado por sua ordem. Seus esplêndidos salões estavam silenciosos e desertos. Tinham sido precisos cem anos para construí-lo; mil anos para adorná-lo, enriquecê-lo, completá-lo. Quarenta gerações de reis tinham derramado sobre ele a riqueza do Nilo, os tesouros das terras conquistadas, o traba-

lho dos melhores artistas de todo o mundo, o que tornou o templo inigualável em sua magnificência.

De longe, Akhnaton observou que o povo ainda se inclinava diante dos portões fechados do templo do deus oculto, que êles ainda reverenciavam e temiam. O templo permanecia sendo o coração de Tebas. O rei compreendeu que Tebas nunca seria dêle. O que fazer? Destruir todos os templos com seus inumeráveis deuses? Poderia fazer isto, se quisesse. Sua palavra era a lei. Não seria difícil para êle desmontar até mesmo Karnak, pedra sôbre pedra. Não... êle não queria destruir mais nada, e sim construir para a eternidade. Olhou de nôvo para a soberba, a majestosa arquitetura do Templo de Amon, e não pôde deixar de admirar sua beleza. Desviou os olhos para o céu muito azul e sem nuvens, o luminoso regaço do Sol Divino ante o qual tôda a beleza e tôda a fealdade da terra pareciam desaparecer no nada. Se ao menos êle pudesse fazer com que o povo compreendesse a grandeza de Aton. Se o povo compreendesse isso verdadeiramente, não seria preciso pisotear os velhos cultos, pois os falsos deuses perderiam a sua importância diante do esplendor do deus único, o informe, o maravilhoso, a única realidade. Mas a visão da cidade de Amon ali estava diante dêle, com suas casas, seus jardins, suas avenidas bordadas de esfinges, e o faraó sabia que naquela cidade era impossível realizar o seu grande sonho de cultuar Aton. Os falsos deuses sempre haveriam de parecer mais importantes para o povo do que a transparente verdade que êle, Akhnaton, tinha vindo para mostrar a todos. Mas, não importava que êle ficasse pregando a vida inteira as verdades de Aton, Tebas nunca as seguiria, nem nenhuma outra cidade do Egito. No seu ímpeto juvenil, Akhnaton queria proclamar bem alto aquilo que para êle era claro como o dia e fazer com que o culto da Energia Intangível fôsse a religião oficial do Estado e do Império.

Em algum lugar, às margens do Nilo, haverá, certamente, uma terra pura e virgem, onde possa ser fundada uma nova capital, que um dia possa servir de modêlo para um mundo nôvo! — *"Eu construirei esta cidade ideal, com a ajuda dos poucos que ainda me são leais. O culto do Deus Impessoal prevalecerá na nova cidade, lá onde o nome de Amon será desconhecido desde o princípio..."* — pensou êle.

E naquele mesmo instante, Akhnaton decidiu deixar Tebas e partir em busca do seu ideal. Sabia que Nefertiti partilhava suas idéias e iria com êle. Com Nefertiti ao seu lado, o rei sentia-se mais seguro. Ela era a sua fôrça na terra, como Aton era a sua fôrça no céu.

Deixando a varanda, o rei saiu de seus aposentos, cruzou a sala de paredes amarelas, o pátio dos papiros e entrou no Salão do Louvor. Movendo-se rapidamente, bateu com fôrça o grande gongo de ouro que havia junto do seu trono e ordenou ao camareiro que o

atendeu que fôsse procurar o vizir Ramoses e o levasse ao seu escritório particular.

— Espera... manda preparar a minha nave real — acrescentou.

— Sim, Majestade.

— Então, apressa-te! Procura Ramoses, êle deve estar alhures, talvez na biblioteca ou na sala dos escribas.

Momentos depois, ouviu a voz de Ramoses:

— Que o Divino Senhor dos Dois Países viva eternamente!

— Que o teu *ká* se regozije! — respondeu o faraó.

Ramoses aproximou-se do rei, com o rosto calmo e alegre.

— Majestade, eu...

— Ramoses — cortou o faraó abruptamente —, dentro em pouco eu e a família real deixaremos Tebas... talvez para sempre. Farei uma viagem sem rumo certo... deixarei que a minha intuição me conduza até um lugar puro que possa ser consagrado a Aton. Lá edificarei uma linda cidade, que será a Cidade Celestial de Aton.

Ramoses inclinou-se, aliviado, e falou:

— Que a vossa vontade se cumpra, Majestade!

Sabia que com o faraó longe a nação ficaria mais tranqüila. O povo de Tebas ficaria à vontade e tudo passaria como passa a visão de um sonho mau. Sim, era melhor que o faraó deixasse Tebas, e quanto antes, melhor...

* * *

Foi uma viagem memorável aquela da *dahabieyh* real, a suntuosa embarcação do faraó, levando a bordo o jovem casal e um grupo de nobres, que os acompanhava de bom grado. No convés, apoiados ternamente um contra o outro, Nefertiti e Akhnaton olhavam a cidade que se distanciava aos poucos. O sonho místico que ambos sonhavam tornava-os mais maduros para a vida e para o amor.

Durante cinco dias as velas rubras da nave real se enfunaram ao sopro fresco do vento do outono. Afinal, no décimo-terceiro dia do quarto mês da segunda estação, uma planície verdejante irrompeu na paisagem. Era um lugar encantador, que ficava bem ao norte de Tebas, cerca de trezentos quilômetros da antiga capital. Em frente, havia uma pequena ilha, no meio do Nilo. Isolada, reclinada no duplo abrigo do deserto e do rio, ali estava o local que Akhnaton desejava. E ao vê-lo, o rei alegrou-se e sentiu que devia construir ali, naquele solo virgem, a cidade dos seus sonhos.

Desembarcaram todos na planície recoberta de relva e, após a costumeira oferenda de vinho, frutas, ouro, incenso e flôres, o rei entrou no seu carro dourado, puxado por cavalos brancos, e foi até os pés das colinas do norte e do sul. E Aton brilhou sôbre êle e seus súditos, revigorando seus corpos e seus espíritos. Em dado momento, todos ouviram o rei dizer bem alto e solenemente:

— "Assim como meu pai Aton vive na luz e meu coração é feliz na rainha e seus filhos, este é o meu juramento verdadeiro que meu coração deseja pronunciar. Consagro, pois, as pedras demarcadoras de norte a sul, de oriente a ocidente, como os marcos divinos de Akhetaton, a "Cidade do Horizonte de Aton". Juro que nunca mais porei os pés fora destes limites. Esta cidade pertence a meu pai Aton, com tôdas as suas montanhas, colinas, terras, águas, homens, bichos e tôdas as coisas que meu pai Aton deu vida para todo o sempre!"

Nefertiti e suas damas jogaram flores para juncar o caminho do rei, enquanto flautas e instrumentos suavíssimos, vindos das terras de Kush, tocavam em louvor de Aton. Logo o faraó reuniu seus arquitetos-chefes e lhes mostrou onde deviam ser as ruas principais, o palácio, o grande templo de Aton, as residências dos nobres e as casas populares. Seis ruas foram traçadas de norte a sul e outras seis, de leste a oeste. E chamando Beck, o faraó disse:

— Veja, naquela parte oeste da planície ficará o meu palácio. Quero que seja o mais bonito palácio de todo o país de Kêmi! Que os teus artistas criem lagos com peixes, caniços, patos mergulhadores e garças esguias de asas sedosas e...

— E um íbis rosado das terras de Mitani — falou Nefertiti, aproximando-se.

— Sim, bem-amada, um íbis rosado... um grande íbis rosado será trazido para os nossos jardins, as plantas mais raras de toda a Ásia e árvores de incenso e mirra vindas de Punt, a pátria dos perfumes...

Nefertiti sorriu ante o entusiasmo de seu esposo. Olhou para suas cinco filhas que brincavam mais adiante, e falou:

— E também uma gatinha sudanesa para Meritaton. Ela pediu-me isto esta manhã. Creio que Tahu andou lhe metendo histórias na cabeça.

O faraó olhou para os olhos largos e meio oblíquos de sua filha mais velha, e disse sorrindo:

— Ela própria parece uma gatinha...

As meninas estavam brincando distraídas junto com Tahu, um anãozinho que Mai lhes trouxera da África Central. Meritaton, Meketaton, Anksenpaaton, Neferneferuaten e Neferneferure soltavam exclamações de alegria, enquanto o anãozinho de barba vermelha dançava uma dança engraçada e no final fez uma reverência e deu uma cambalhota. Tahu conhecia todas as danças selvagens da África, sabia falar com os pássaros e imitar-lhes o cântico, e com isso granjeara a estima das princezinhas, a quem ele adorava. Elas estavam nuas, como era costume andarem as crianças egípcias. Usavam apenas um largo colar de pedrarias e um par de pequenas sandálias de púrpura, rebordadas a ouro. Seus rostinhos morenos e delicados lembravam muito o de Nefertiti e o faraó orgulhava-se da beleza e da inteligência de suas filhas.

Akhnaton e Beck afastaram-se para discutir novos detalhes da construção e Nefertiti caminhou para junto de suas filhas. Também ela começou a sonhar acordada. Sabia que a Cidade Celestial seria não só a nova capital do Egito como também o centro principal de onde se irradiaria a luz de Aton. Akhnaton faria uma cidade magnífica em pouco tempo, pois milhares de trabalhadores seriam trazidos de todas as partes do Egito. Como uma afirmação de seus pensamentos foram chegando, uma após outra, as embarcações de seu séqüito. E nelas vieram pedreiros, carpinteiros, artífices e trabalhadores em pedras. Em breve, os pastores estupefatos, viram andaimes de tijolos crus que foram se erguendo lentamente em volta da planície. Os dias foram se passando, se transformaram em semanas, meses. Veio o inverno e a estação das cheias, e o rei e a rainha não regressaram a Tebas, ficaram a bordo de sua nave dourada, que agora era a sede de seu govêrno. Aos poucos a cidade foi nascendo do solo, como uma flor esplêndida. Sob as ordens do faraó, inúmeras pedreiras foram abertas nas vizinhanças, enquanto Beck, nomeado "Chefe dos escultores dos grandes monumentos reais", era enviado para o sul do país, em busca de granito vermelho. Mármore, alabastro, pórfiro, granito de cores diversas, marfim, ouro, prata, lápis-lazúli, cedro, ébano e várias qualidades de madeiras preciosas foram trazidos do Alto Egito e da Núbia, do Sinai e da Síria, e de mais longe ainda. Todo o império contribuía para o grande trabalho que estava sendo feito, consagrado à glória de Aton.

E um dia o milagre aconteceu. Dois anos depois, templos, palácios, vilas, casas, jardins, lagos cheios de lótus, avenidas bordadas de palmeiras e sicômoros surgiram na planície deserta. Limitada ao norte pelas grandes areias e a oeste por uma faixa de terra cultivada, ao longo do Nilo, a cidade era grande e formosa, embora fôsse um pouco menor do que Tebas. Suas ruas eram largas, pavimentadas de granito polido, seus parques tinham pavilhões coloridos cobertos de flores, lagos artificiais, grutas profundas e sombrias e flores, muitas flôres, especialmente *nogus kushitas,* que eram como grandes orquídeas brancas e rosas vermelhas, vindas de Creta.

O grande templo de Aton e o palácio do rei ficavam na parte norte da cidade. Belos jardins, com lagos tranqüilos — os "Recintos de Aton" —, ficavam ao sul. Mais para o oeste, nas brancas dunas do deserto, ficava a Cidade dos Mortos, onde estavam sendo terminadas as tumbas do rei, da família real e dos nobres. Um novo estilo de arte surgiu na Cidade Celestial, sob o patrocínio do rei. Esta arte podia ser vista e apreciada nas estátuas, nas pinturas e especialmente no grande templo de Aton, na decoração do palácio real e das tumbas. Na arquitetura da nova capital a quebra com a tradição foi mais aparente do que nas outras artes. Exteriormente, os templos de Akhetaton lembravam muito os de Tebas, mas quando suas grandes portas douradas se abriam é que se notava a grande diferença. Estes templos eram abertos à luz solar, que iluminava

seus altares cheios de oferendas de cereais, vinho e frutas. Não havia estátuas de nenhum deus, e Aton era representado apenas por um enorme disco solar dotado de raios que terminavam em mãos abençoadoras, segurando a cruz da vida. Em certas horas do dia, nuvens de incenso e notas de uma música suavíssima elevavam-se em busca de Aton e desapareciam no espaço infinito, e diluídas na luz dourada do sol. Todos se sentiam em presença de um culto inteiramente nôvo; de um espírito completamente novo. Contudo, a maioria dos seguidores do rei não compreendia a grande mensagem da sua fé. Em geral, abraçavam o nôvo credo por motivos inteiramente materiais. Sitka comentou isto com sua real senhora e Nefertiti respondeu-lhe:

— É possível que o rei saiba disso, Sitka, mas assim mesmo aceita esta adesão, na esperança de que tarde ou cedo eles se tornam seus verdadeiros discípulos...

— Sim, Radiosa — falou Sitka, com uma certa tristeza no olhar —, mas um dia o Deus Rei chegará à conclusão de que é difícil criar altas aspirações em sêres que não as possuem...

— O rei não ignora a enormidade de sua tarefa — falou Nefertiti.

Sitka balançou a cabeça e permaneceu em silêncio.

* * *

Foi no oitavo dia do primeiro mês da segunda estação do sexto ano do seu reinado que Akhnaton inaugurou a Cidade do Horizonte de Aton e repetiu, solenemente, o mesmo juramento que fizera dois anos antes, ao chegar diante das pedras demarcadoras da futura cidade. Para esta cerimônia foram abertas estradas pavimentadas de ladrilhos azuis nas quatro direções da região, de modo que o faraó e a rainha pudessem percorrer os limites em sua carruagem dourada. Logo, suas filhas e os membros da corte os acompanharam em carros e liteiras engalanadas de flores. E milhares de pétalas de rosas vermelhas, as rosas que Nefertiti tanto amava, juncaram tal percurso, enquanto os sistros e as flautas tocavam hinos em louvor de Aton.

Mas a alegria do faraó estava toldada pela ausência de sua mãe aos festejos comemorativos. Pretextando doença, Tii recusara-se a deixar Tebas e a Casa Dourada que Amenófis III construíra para ela. Preferia ficar em Tebas, sentada no trono de seu esposo, distribuindo justiça ao lado do general Ay, que agora era o seu nôvo favorito. Ante as insistências de Nakht, o novo vizir de Akhnaton, Tii respondera:

— Jamais abandonarei Tebas para viver no deserto...

— Mas... Majestade — atalhou Nakht delicadamente —, a nova capital é quiçá mais bela do que Tebas, com suas palmeiras ondulantes, suas figueiras e romãzeiras de frutos saborosos, suas casas lindas e frágeis, e o palácio real...

– Ah! o palácio real! –exclamou Tii, com desdém.– Não creio que seja mais suntuoso nem mais bonito do que este aqui...

– É um estilo diferente, Radiosa... mas estou certo de que vossos augustos olhos se deslumbrarão com os tesouros de arte que ele encerra. O Deus Rei construiu um palácio imenso, magnífico, decorado com cenas da vida natural. Nos apartamentos reais há pinturas representando campos verdejantes, cheios de papoulas vermelhas e onde brincam gazelas. Em suas paredes azul-turquesa, vêem-se ainda bandos de patos selvagens prontos para levantar vôo, enquanto milhares de pombas brancas e cinzentas cruzam o céu azul, leves e aéreas como nuvens fugitivas. Na Câmara do Conselho, o chão de basalto negro é decorado com borboletas multicoloridas, voando sobre lagos cobertos de lótus azuis e rosados. Nunca a arte egípcia foi tão verdadeira como agora!

– E talvez jamais o seja depois do reinado de Akhnaton! – falou Tii, com uma certa amargura estampada na face.

– Oh! não permita que este pensamento viva em vossa mente! – falou a princesa Baketaton, que ouvia interessada as palavras de Nakht.

Os dedos de Tii começaram a tamborilar no braço de seu trono e sua voz soou fria, como uma lâmina de prata:

– Aton não o permitirá, podes estar certa disso, minha filha... Ele iluminará minha mente com a sua luz e talvez...

– E talvez muito breve a Rainha Mãe visite Akhetaton, não é mesmo, Majestade? – insistiu Nakht.

Tii apenas sorriu, tranqüilamente.

Interrompendo a partida de *cães-e-chacais,* que estava jogando com sua meia-irmã, Sitamun, filha de Amenófis III com uma princesa da Babilônia, Baketaton levantou-se e aproximou-se de Nakht. Em sua fronte tranqüila a cobra real se curvava, enquanto na da bela Sitamun havia apenas uma tiara de ouro com um botão de lótus azul, recentemente colhido, símbolo de que, apesar do sangue dos faraós correr em suas veias, ela não era tão nobre como Baketaton, pois não era filha do rei com a Grande Esposa Real. Baketaton parou diante do trono de sua mãe e disse para Nakht:

– Fala-me, ainda, sobre o palácio do rei, meu irmão!

Sua voz era fresca como a brisa do deserto ao entardecer.

O queixo comprido do vizir enrijeceu de satisfação, e seus olhos miúdos brilharam com mais intensidade.

– Com prazer, ó Divina! – retrucou Nakht, e continuou dizendo: –de todos os aposentos do palácio o mais formoso é o Salão do Louvor. Tem trinta metros de comprimento por vinte de largura e é sustentado por quinhentas e quarenta e duas colunas em forma de folhas de palmeira, com capitéis de ouro maciço. Fragmentos de lápis-lazúli, coral, turquesa e muitas outras pedras preciosas marcam os intervalos entre as folhas. O pavimento é de cornalina vermelha, completamente recoberto com as mais curiosas representações

da vida animal e da vida vegetal, que brilham com esplendor iridescente. É neste salão que o rei recebe os embaixadores das terras mais longínquas como Hati, Fenícia, Babilônia, Filistia e outras nações menores. Recentemente, surpreendi uma conversa entre dois diplomatas, que diziam: "*No Egito o ouro é tão comum como a poeira das ruas.*"

A voz de Nakht era persuasiva, sugestiva e ondulante, e tanto a rainha como as princesas ouviam-no com bastante interesse. Afastando de si o tabuleiro de ébano onde repousavam as peças de coral e de marfim, Sitamum levantou-se e veio para junto de Baketaton e da rainha. Ela era serena, tinha os movimentos calmos e lentos e todo o seu corpo respirava quietude. Nakht sentiu que a serenidade daquele rosto jovem e bonito, tão semelhante a uma flor, confortava sua alma, e prosseguiu falando animadamente:

— É incrível a magnificência do rei, quando ele recebe estes diplomatas estrangeiros! Adornado com os ornamentos reais: largos peitorais de ouro e pedrarias de desenhos novos e sugestivos, anéis cravejados de diamantes, braceletes com o símbolo de Aton, ele é a imagem da prosperidade. Parece-me vê-lo agora, com a alta coroa dupla repousando sobre a cabeça, com a cobra sagrada projetando-se sobre a sua fronte; vestido elegantemente, com o mais fino linho branco, que parece tecido com o ar, pois é tão transparente que deixa entrever a pele bronzeada do Deus Rei. Acima dele, nas costas do trono, há um enorme falcão de ouro com as asas abertas, e ao lado do rei e da rainha (a eles paz e prosperidade!) ficam duas princesas da Líbia que agitam leques de plumas brancas, numa cadência estudada. Os estrangeiros mal podem acreditar em seus próprios olhos, quando, seguido pelos portadores dos leques, o faraó dirige-se lentamente para a Sala do Louvor, sobe os degraus e senta-se no trono. Na força de sua juventude, cheio de sonhos, esperanças e ilusões, o Divino Senhor dos Dois Países tem uma certa graça feminina que aumenta o seu encanto. Ele é sábio, e acima de tudo está em harmonia com a Essência de todas as coisas. Akhnaton não é apenas o rei do Egito, a cabeça do império, mas, também, o Profeta e o verdadeiro filho do Sol. O brilho do ouro e das pedrarias que o cercam desaparece ante a radiância de sua face voltada para a eternidade. Seus grandes olhos escuros são cheios de bondade infinita, inteligência e paz. Uma luz divina brilha sobre eles. O corpo do jovem rei está cercado por um halo de raios invisíveis, como o corpo do Sol. Podemos senti-los quando nos aproximamos do Deus Rei. Eles enchem o imenso salão de uma luz celestial, e todos que se aproximam desta luz nunca mais podem esquecê-la.

A voz de Nakht soou mais e mais. Não ousou falar muito sobre Nefertiti, porque sabia que Tii não gostaria. A influência que a rainha exercia sobre o faraó era cada vez maior, e tanto ele como Tii sabiam que fora ela a grande incentivadora de Akhnaton não

só para que mudasse de nome como também para que desse o golpe de Estado contra Amon e fundasse a Cidade do Horizonte de Aton. Nakht sabia que precisava ser cauteloso com Tii e continuou falando, exaltando as qualidades do rei e envaidecendo o coração de sua mãe. Afinal, o tempo correu rapidamente, até que chegou a hora da refeição da noite.

Foi, então, que Nakht despediu-se da família real e deixou a Casa Dourada. Saiu um pouco preocupado, pois não conseguiu demover Tii da sua negativa de ir morar na nova capital. Nenhuma das maravilhas de Akhetaton a entusiasmou suficientemente. Tebas era a sua cidade, e em Tebas ela ficaria. Contudo, Nakht sabia que podia contar com uma importante aliada: a princesa Baketaton. A Divina irmã do Deus Rei o ajudaria a demover Tii. A princesa tinha uma inteligência rápida, que sabia tocar o coração de sua mãe. Alta, ereta e elegante, ela era a filha preferida de Tii. Muitos não a consideravam bonita, mas ele apreciava suas feições delicadas, o nariz altivamente delineado, o queixo pequeno, mas teimoso, os largos olhos cor de avelã, sabiamente pintados de malaquita verde.

"Ah! não é sem razão que Horemheb, o grande general do faraó, está apaixonado por ela!" —pensou Nakht.— "Mas, creio que o general está erguendo os olhos alto demais... Baketaton é uma princesa, em suas veias corre o sangue divino dos faraós e Horemheb é um plebeu... Mas... como hoje tudo está tão mudado, é possível que um dia esta união se realize. Enfim... não me cabe julgar este caso" — concluiu Nakht após um momento de reflexão, desceu lentamente os largos degraus de granito vermelho que conduziam ao jardim e saiu rumo ao pátio dos papiros, cujos tijolos coloridos e vitrificados cintilavam à luz das tochas. No meio do pátio havia um grande lago em forma de meia-lua, onde monstros marinhos, esculpidos em ouro, deixavam jorrar água perfumada de suas fauces. Os servos de Nakht haviam-se postado ali e esperavam seu senhor, junto da rica liteira de cedro forrada de púrpura.

A LUZ DE ATON MORRE NO POENTE

"O reino eterno não pode ser colocado dentro dos limites terrestres. Tudo retornará ao antigo. O médo, o ódio e a injustiça voltarão a reinar e os homens sofrerão novamente. Teria sido melhor não ter nascido, para que não visse todo o mal que há sobre a terra."

(Palavras do rei Akhnaton)

Passaram-se duas vêzes trinta dias e foi então que Nakht viajou de volta para a nova capital. De pé, na proa de sua nave, junto do grande mastro azul onde tremulava o estandarte com o símbolo de Aton, êle sorveu o vento fresco com delícia e olhou Akhetaton com os olhos cheios de júbilo. Nakht era um grande entusiasta da Cidade do Horizonte de Aton e da religião do nôvo deus. Foi com verdadeira emoção que pousou os olhos nas colinas relvosas, onde o gado pastava ao longo; nas cúpulas douradas do palácio real; nos majestosos pilones do Templo de Aton; nos amplos canais recentemente abertos; nos lagos tranqüilos com suas margens brilhantemente floridas. Ao sul de Akhetaton ficava o pequeno templo dedicado ao Sol Poente, onde tôdas as tardes a rainha Nefertiti presidia os ritos sagrados. Perto dêle, viam-se as suntuosas vilas dos nobres, com seus jardins e seus pomares pesados de frutos. Mais além, destacava-se a grande fábrica de vidro e faiança, da qual o rei tanto se orgulhava e que já começara a exportar suas mercadorias para terras distantes. A vista que dali se divisava era realmente esplêndida. Nakht podia ver a cidade inteira e também os vilarejos habitados pelo povo, com suas graciosas casinhas de alvenaria cozida ao sol.

De May, o Capitão de Carros, que fazia parte do grande séqüito de Nakht, veio o comentário que quebrou o silêncio:

— Olhe, Excelência, ali naquela rocha à sua direita, como brilham as palavras do rei!

Nakht voltou os olhos para a direção indicada. Mais uma vez apreciou os grandes pilares trabalhados em forma de lótus, que sus-

tentavam a enorme estela de pedra que o rei mandara erigir, por ocasião da fundação de Akhetaton. Gravados na pedra, os hieróglifos pintados de dourado resplandeciam à luz da manhã. E May leu alto:

> *"...Para mim será feito um sepulcro nas colinas orientais; meu enterro será feito lá, na multidão de jubileus que Aton, meu Pai ordenou para mim, e o enterro da rainha Nefertiti também será feito lá, na multidão dos anos. E o enterro das filhas do rei também será feito neste mesmo lugar. Se eu morrer em qualquer outra cidade do norte, sul, leste ou oeste, meu corpo deverá ser trazido para aqui, e meu enterro será feito em Akhetaton. E a tumba de Mnévis — o touro sagrado de On — também será feita nas colinas orientais e lá êle será enterrado. As tumbas dos sacerdotes de Aton deverão ser erguidas nas colinas orientais e lá êles serão enterrados, bem como os nobres e os altos dignitários da minha côrte..."*

Quando May se calou, Nakht bateu-lhe no ombro amigavelmente, e disse:

— Tal honra também nos será dada, meu caro May, e um dia repousaremos aqui em Akhetaton, para todo o sempre...

— Sim — respondeu May, curtamente.

O Capitão dos Carros era um homem baixo, atarracado, com a musculatura rija e o rosto plano e chato de um camponês. Trazia em volta dos rins uma tanga de linho engomado, ajustada por um cinturão de couro com placas douradas, cada uma das quais era incrustada de pérolas e rubis. Seu magnífico peitoral de ouro e turquesa fora um presente do próprio rei, a quem May servia com respeito e veneração.

A nave do vizir foi se aproximando cada vez mais da cidade celestial. Em dado momento passou em frente da "Vila Operária", que o rei mandara construir para seus servidores. Nestas casas singelas e alegres, os lavradores ribeirinhos, os pastores e os camponeses compartilhavam, com a família, uma boa sala, uma cozinha, dois ou três quartos, um pequeno quarto de banho e uma área coberta para abrigar animais e cargas. Apontando para estas construções, Nakht falou:

— E pensar que nestes lares humildes o povo ainda continua cultuando o falso deus!

A voz de Nakht estava pejada de uma súbita tristeza.

— Soube que as paredes destas casas — continuou Nakht — estão decoradas com pinturas dos falsos deuses, que ainda gozam dos favores do povo egípcio em pleno território sagrado de Aton.

O escriba obedeceu, e após saudar os Senhores da Corte, saiu fechando a porta atrás de si.

Foi então que o rolar dos comentários teve início e Nakht soube que quinze dias antes a rainha Nefertiti tinha dado à luz a sua sexta filha.

— Seis meninas e nenhum varão! — exclamou Nakht.

— E o pior — disse Mahu — é que a rainha passou muito mal e os médicos dizem que ela jamais poderá ter outros filhos.

Nakht olhou para ele por um momento, depois inclinou-se para a frente, cruzando as mãos sobre a mesa e disse:

— Bam... mas o faraó ainda é muito jovem e as sementes da sua raiz ainda não estão secas. Quem sabe se um dia ele resolve plantar sua semente no corpo de uma de suas irmãs? Sitamun, por exemplo, é uma bela princesa e por suas veias também corre o sangue divino de Amenófis III...

Panehesi coçou o queixo, inquieto. Por um momento nada se ouviu na sala a não ser o leve estalar dos grandes leques de plumas que os escravos, parados aqui e ali, sacudiam lentamente.

— Não seria mais sensato olharmos esta possibilidade? Assim, o Egito teria um herdeiro... — insistiu o vizir.

— Sim, seria mais sensato — falou Panehesi, finalmente. Mas esqueces que o rei ama profundamente a Grande Esposa Real e ambos vivem numa rigorosa monogamia, tal como mandam os ensinamentos de Aton...

Nakht sorriu. Depois disse, quedamente:

— Então, isto está fora de nossas mãos. O rei fará o que quiser e o divino Aton iluminará a sua mente. Não é mesmo, meus amigos?

— Exatamente — responderam todos, em uníssono.

Panehesi ficou mais tranqüilo. Aos poucos, seu rosto negro e anguloso apaziguou-se. Suas narinas fremiram, com um rápido sorver de ar. E para acabar com a tensão reinante, ele falou:

— Que tal tomarmos mais uma taça de cerveja para aplacar o calor?

Nakht aceitou e todos seguiram o seu exemplo.

* * *

Meritaton levantou os olhos brilhantes para o rei, seu pai, quando os dois se sentaram no banco de jaspe do esbelto quiosque que havia no centro do grande jardim do Palácio de Verão.

— E será que a borboleta azul era encantada mesmo? — indagou com sua vozinha de pássaro.

Akhnaton sorriu para o rostinho miúdo e formoso da menina e respondeu:

— Não sei, pequenina. Não foi Sitka quem te contou esta história?

— Foi — disse Meritaton —, mas ela não me explicou direito...

ESTELA DE AMARNA

Esta estela em pedra calcária, possivelmente pertenceu ao Grande Templo de Aton, em Amarna. Representa o faraó Akhnaton, sua esposa Nefertiti e três princesas suas filhas, iluminadas pelos raios divinos de Aton.

Ouviu-se um pequeno ruído, quando a rainha Nefertiti se moveu em sua cadeira de ébano, no outro lado do pavilhão. Akhnaton trocou um olhar com Nefertiti e os dois riram gostosamente com a resposta da filha. Nefertiti, ainda sorrindo, ergueu-se, sacudiu seus drapeados e veio para junto dêles. A rainha caminhava com graça e leveza. Seu rosto, delicadamente modelado, embora um pouco abatido pelo parto recente, apresentava sua habitual expressão de serenidade e majestosa beleza. Seu longo pescoço esguio destacava-se do colo, realçado pelo barrete de sêda azul-turquesa, ornado de pedrarias.

Meritaton tinha atirado os bracinhos roliços em tôrno dos joelhos do pai e pedia:

— Conta uma história, conta! Há muito tempo que não me contaste nenhuma...

A mão do rei estendeu-se para tocar de leve o crânio liso e macio da menina.

— Muito bem — disse êle —, então vai chamar tuas irmãs.

Meritaton levantou-se rapidamente e saiu correndo ao encontro das outras quatro princesinhas, que brincavam despreocupadamente com os nenúfares do lago, à sombra dos tamarindeiros.

Nefertiti e Akhnaton ficaram olhando a sua graça alada e se extasiaram vendo a bondade de Aton derramar-se sôbre suas filhas. Em seus passeios matinais, quando o orvalho ainda brilhava nas fôlhas e nas flôres do jardim real, Nefertiti e Akhnaton, tocados pelo seu idealismo religioso, costumavam iniciar as princesinhas nos segredos da Natureza por meio de histórias singelas de um mundo de maravilhas.

Houve um movimento desusado no jardim, quando as cinco princesinhas voaram pelos degraus do quiosque até chegar junto dos pais. Tendo nos braços sua gatinha sudanesa, Meritaton foi a primeira a se instalar perto do rei, aconchegando-se aos seus joelhos.

— Agora, conta, senhor meu pai! — pediu ela, ansiosa.

O rei emergiu lentamente da profundeza de seus pensamentos, e começou a falar:

— Bem longe, lá pelas bandas do Eufrates, perto das terras de Shutarna, rei de Mitani, vivam sete sábios muito velhos, na côrte de um rei muito bom e muito rico. Um dia, os sábios se reuniram no palácio e o rei contou-lhes que uma estrêla maravilhosa lhe aparecera em sonhos, sob a forma de uma donzela, formosa como a primeira névoa da manhã. E ela disse ao rei:

— "Gostaria de viver entre o teu povo, ó rei, pois amo a tua terra e a tua gente. Pergunta aos sete sábios da côrte qual a forma que devo tomar e onde devo surgir para viver tranqüila entre aquêles a quem amo!"

— E o que foi que êles disseram? — indagou Neferneferuaton, sumamente interessada.

— Os sábios pensaram um pouco — continuou Akhnaton — e responderam:

— "Deixemos que a donzela estrela faça a escolha. Ela será bem-vinda sob qualquer forma e em qualquer lugar onde apareça.

— E naquela noite, o rei olhou para o céu, tentando distinguir qual daquelas estrelas tinha lhe aparecido em sonhos. Como era impossível saber, ele rezou para a donzela estrela e foi dormir. E assim, naquela mesma noite, a estrela desceu do céu e pousou mansamente sobre as águas frias do lago que havia no palácio real. Na manhã seguinte, quando o rei acordou e olhou para o lago, ficou deslumbrado. Seu coração bateu descompassadamente e seus olhos encheram-se de lágrimas. O lago estava todo florido de lótus brancos, azuis e rosados. Os pássaros cantavam. As borboletas voavam alegres por entre os juncais e o ouro das acácias, mas nenhuma ousava pousar nas flores de lótus, cujas pétalas delicadas lembravam a forma de uma estrela. As raízes destas flores celestiais estavam fincadas no lodo que havia bem no fundo do lago, mas suas hastes verdes atravessavam o cristal sereno das águas, suas folhas se abriam para o beijo da brisa e suas flores emergiam na superfície para receber a benção dos raios divinos do Sol, o Divino Aton, de quem eram mensageiras.

— E eram lótus iguais àqueles? — indagou Meketaton, apontando para as flores que boiavam placidamente na superfície do lago, em frente ao quiosque de jaspe.

— Exatamente, pequenina — respondeu o rei, com ternura.

Mas logo, levado pela emoção, Akhnaton esqueceu de que estava falando para um público infantil e sua memória evocou as palavras iniciáticas da Casa da Luz:

— A estrela-flor era o emblema dos Poderes Criadores, da Ideação Divina do Senhor do Disco. Representava, também, o ser humano que, enraizado no lodo de suas paixões, eleva a haste dos seus ideais acima das águas nebulosas do astral e da atmosfera diáfana de sua mente, para abrir a corola de seu coração aos eflúvios da Essência Divina do Cosmos.

— Toda a existência da estrela-flor se desenrolou no fundo das águas, numa espécie de sonolência, até o momento nupcial, em que passou a viver uma nova vida. Então, a estrela-flor desenvolveu lentamente a larga espiral de seu pistilo, subiu, emergiu das águas, e abriu-se na superfície clara do lago. Da margem vizinha, assim que a viu, um lótus-príncipe sentiu-se enamorado, atraído para um novo mundo de sonhos pela mágica sucessão daquela estrela-flor. E o lótus-príncipe foi se aproximando, mas, no meio do caminho, teve que parar porque o talo que o sustentava era curto, não lhe permitindo chegar até onde resplandecia maravilhosamente a estrela-flor. E seu coração sentiu o drama terrível do desejo inatingível, da fatalidade transparente... Semelhante drama era quase tão insolúvel como o nosso próprio drama sobre a terra. Mas eis que de

repente surge uma nova e inesperada circunstância. Com um esforço galante, rompeu heroicamente o laço que o ligava à vida para voar até as alturas do seu ideal sublime. Cortou a sua própria haste, e num incomparável impulso, entre pérolas de alegria, suas pétalas surgiram na superfície das águas... feridas de morte, porém livres e rutilantes, elas flutuam um instante ao lado de sua amorosa esposa. A união das duas flores se realiza, depois da qual a lótus-príncipe desmaia sôbre as águas e morre, enquanto a brisa leva o seu corpo até a margem do lago. Mas a estrela-flor, já fecundada pelo amor do lótus-príncipe, cerra suas pétalas, onde ainda pairam os amantes eflúvios do lótus-príncipe, enrola seu pistilo e volta a descer até o fundo do lago, para chorar sua mágoa e amadurecer o fruto de um amor heróico e sem limites... E existem homens que, tal como esta estrela-flor, fazem descer os frutos do espírito até o lodo de sua vida inferior. Todo homem,e toda mulher, é uma estrela...

Akhnaton calou-se. Seus olhos sonhadores estavam fixos no horizonte, onde brilhavam os raios divinos do Sol. O coração da rainha e das princesinhas ficou penetrado por um dardo leve e fragrante como o espinho de uma rosa. Também elas eram flores do palácio encantado das margens do Nilo — pensou Nefertiti —, e quem sabe se lhes esperava o destino triste da estrela-flor?

Os dedos de um tocador de alaúde voltaram a tanger de leve o seu instrumento e o ruído da música despertou a rainha de sua abstração melancólica. A gatinha de Meritaton pulou do colo da menina e saiu correndo pelo jardim. Imediatamente, as meninas saíram todas correndo em seu encalço. Seus semblantes morenos e seus corpinhos delgados e ondulantes pareciam dançar ao som das liras e dos alaúdes que os músicos cegos do Templo de Aton tangiam docemente.

— Se o Bom Deus me permite... — disse uma voz respeitosa.

Akhnaton voltou-se e deparou com o chefe dos camareiros inclinado ao seu lado.

— Que queres, Uah? — indagou o rei.

— Majestade — falou o homem —, Suas Excelências o vizir Nakht e Panehesi, o Superintendente dos Campos e dos Trabalhos de Aton, esperam obter alguns momentos da vossa augusta atenção.

— Leva Suas Excelências para o Pavilhão de Prata ao sul do Portão dos Lírios — disse ele ao camareiro.

E erguendo-se do banco onde estava sentado, o rei virou-se para Nefertiti e disse, estendendo-lhe a mão:

— Vem comigo, bem-amada!

Enquanto andavam de mãos dadas pelo jardim, Nefertiti recordou as palavras que um dia o rei lhe dissera, em Tebas: "Dá-me as tuas mãos e faze com que eu receba o dom do teu espírito e que eu viva para ele." Nunca um rei e uma rainha tinham se amado tanto em toda a história do Egito — pensou Nefertiti.

Akhnaton olhou para Nefertiti e os dois sorriram felizes.

* * *

Durante muitos meses a vida correu serena em todo o país de Kêmi. Em Tebas, a Rainha-Mãe e o general Ay governavam em paz. O faraó deixara nas mãos de Ay os deveres administrativos, que lhe eram monótonos e desagradáveis. Ay regia tudo quanto dizia respeito à vida do povo em comum, gente das províncias e das cidades. Instalado em Mênfis, Horemheb, Governador militar do Egito, mantinha a ordem e a segurança e servia bem ao rei. Na Cidade do Horizonte de Aton, o povo parecia feliz e via, com freqüência, a família real na sua carruagem dourada, puxada por cavalos brancos, passear tranqüilamente pelas ruas e praças, semeadas de obeliscos, de estátuas gigantescas, de casas, de templos grandes e pequenos, de parques floridos e amplas avenidas sombreadas de palmeiras e sicômoros. O rei e a rainha gostavam de falar com o povo e abençoá-lo. Mostravam-se a todos com simplicidade, sem mistérios, com suas seis filhas encantadoras e buliçosas, que não raro brincavam com as longas caudas sedosas dos cavalos líbios, enquanto seus pais riam divertidos. Akhetaton era uma cidade rica e próspera, opulenta de uma arte renascida e livre da tradição secular. O espírito alegre e vital da nova religião veio insuflar cada vez mais a arte nova, liderada por Beck. O rei pedia sempre aos seus artistas favoritos que esquececem as convenções antigas e revelassem as coisas como elas eram realmente. E os artistas seguiram alegremente o conselho real. Nutmés pintou o próprio rei de uma maneira nova — quase tímido de expressão, algo afeminado e frágil e com a cabeça exageradamente dolicocéfala. E, seguindo nesse rumo, seus discípulos passaram a fazer pinturas e esculturas da família real, recreando-se nas cerimônias públicas, derramando colares preciosos sobre seus favoritos do alto do Balcão da Aparição, acariciando gazelas no jardim ou mesmo o rei e a rainha durante um banquete comendo pedaços de pato assado com a mão, tal como o faziam as pessoas comuns.

Akhetaton era uma ilha de paz no mundo inquieto. Mas o rei sabia que, apesar dos seus esforços, a nova capital ainda não era perfeita. Na escuridão das noites ele se detinha nos jardins olhando as estrelas refulgentes e dizia a Nefertiti:

— O próposito do homem não é gozar e sim conhecer. A felicidade tem o seu fim. É um erro supor que o prazer é a meta, pois tanto o prazer como a dor são seus mestres e tanto se aprende através do bem como do mal. Em certas ocasiões a desgraça é melhor mestre do que a felicidade.

— Como aprendeste isto? — indagava Nefertiti.

— O que um homem "aprende" é, em realidade, apenas aquilo que ele descobre ao tirar as envolturas de sua alma, a qual é um depósito inesgotável de conhecimento. Aliás, o conhecimento que o

mundo possui como um tesouro provém da mente; a grandiosa biblioteca do universo está oculta em nossa própria mente. Em muitos casos, o conhecimento mental e o espiritual permanecem ocultos, até que a cobertura vai se retirando pouco a pouco e, então, dizemos que estamos aprendendo... O progresso no conhecimento é o resultado do processo de descobrir. O homem em que se vai levantando este véu é o que mais conhece; naquele em que o véu se mantém caído, é ignorante, e quem conseguiu erguê-lo de todo, chegou a onisciência. Ah! Nefertiti, a consciência do eu é uma coisa fácil de compreender, mas difícil de definir!

E firmando os olhos nos astros, Akhnaton prosseguia:

– *"Quando o homem fica inteirado da existência da sua Mente Espiritual e começa a reconhecer as suas inspirações e ensinamentos, fortalece o seu laço de comunicação com ela e, conseqüentemente, recebe luz mais intensa. Quando aprendemos a confiar na Voz Interna, esta responde sempre aos nossos pensamentos, enviando-nos mais freqüentes resplendores de iluminação e sabedoria. À proporção que o homem adquire maior grau de Consciência Espiritual, tem mais confiança nesta Voz Interna, e é capaz de distingui-la mais facilmente dos impulsos dos planos inferiores da mente. Aprende a seguir os impulsos da Radiante Energia Divina e aceita com alegria a mão guiadora que esta lhe estende. Aquêles que já experimentaram ser conduzidos pela Voz Interna, não precisam que lhes digamos mais, porque reconhecerão exatamente o que queremos dizer. Aquêles que ainda não sentiram isso deverão aguardar até que o tempo chegue para êles, porque não podemos descrever esta experiência, pois não há palavras para expressar as coisas que estão além das palavras."*

Nefertiti ficou em silêncio, meditativa, pois havia nela qualquer coisa que amadurecera e estava pronta para receber a beleza daquela mensagem. O rei compreendeu o que se passava com ela, e murmurou docemente:

– O conhecimento espiritual é o único que pode destruir nossas aflições para sempre; os demais só satisfazem as necessidades por algum tempo. O conhecimento do espírito é o único que consegue destruir para sempre o desejo; assim, o auxílio espiritual é o mais elevado auxílio que se pode oferecer a um ser humano. E é isto, bem-amada, que devemos oferecer ao nosso povo.

Naquele momento, Nefertiti teve a consciência de que estava ante a presença de uma vívida manifestação de Aton. O rei nunca sentia cansaço algum nem desejo de dormir quando falava sobre estes assuntos místicos que lhe eram tão caros ao coração. E Nefertiti compartilhava do seu encantamento. As palavras de Akhnaton conduziam-na a um mundo além do mundo onde ela se sentia plenamente feliz.

Súbito, os primeiros raios da alvorada começaram a tingir o horizonte.

— Oh! Já amanheceu? — disse Akhnaton. — Vamos dar um passeio até os Recintos de Aton.

E, assim, terminavam muitos períodos destes ensinamentos noturnos, nos quais a alma do rei e da rainha se faziam unas com o grande Cosmos.

E o tempo deslizou manso como as águas de um rio. No outono, depois das colheitas, quando o Nilo começou a crescer, a rainha Tii desembarcou em Akhetaton com outros membros da corte. Estava apreensiva com as revoltas que estalavam na Síria, e viera na esperança de convencer o filho a mandar reforços militares para defender as colônias egípcias na Síria e nas terras de Kush. Akhnaton e Nefertiti receberam-na com cerimônias, banquetes e desfiles festivos. O faraó mandara construir um templo para ser usado como residência de sua mãe e para cultuar Aton. Este templo ficava perto do palácio imperial, e chamava-se "Templo à Sombra do Sol", e continha magníficas estátuas de Akhnaton, de seu pai Amenhotep III e da própria rainha Tii, bem como de Nefertiti e suas filhas. A Rainha-Mãe foi recebida com músicas e coros de cânticos sagrados pelas virgens de Aton. Nefertiti e as princesinhas tocaram os sistros de prata e jovens dançarinas expressaram, com atitudes simbólicas e sugestivos movimentos, a sucessão das estações e o curso do Sol no horizonte.

Nos templos da nova capital vivia um clero masculino, liderado pelo rei — Primeiro Profeta de Aton —, e cujo suplente era Merira, o Grande Vidente, sumo sacerdote de On designado por Akhnaton; bem como um clero feminino, composto pelas "reclusas de Aton", escolhidas entre as jovens das melhores famílias da corte. A rainha Nefertiti encontrava-se à frente desta hierarquia feminina, e possuía o título de "Grande Sacerdotisa do Sol". Na prática, ela possuía também uma suplente, chamada "Primeira Sacerdotisa", cargo exercido por sua dama Sitka, que fora sacerdotisa de Aton na cidade de Wasukani, capital do Império Mitaniano, de onde Sitka era oriunda.

A Rainha-Mãe ficou comovida com todas aquelas manifestações, e por um momento deixou que sua fronte se desanuviasse. Esperou prudentemente que se passassem alguns dias para falar com o rei o assunto que tanto a preocupava. Afinal, quando a ocasião foi propícia, Tii foi ao encontro do filho e disse:

— Nossas colônias na Síria estão muito desguarnecidas, meu filho. O rei Aziru está fomentando o ódio contra o Egito e consta que breve haverá revoltas. Que pensas fazer, Akhnaton?

— Acho isto muito improvável, senhora mãe. Aziru é meu amigo. Ergueu um belo templo a Aton na terra de Amurru e venera com respeito a cruz da vida. Escreve-me constantemente pro-

curando saber mais e mais sôbre o Senhor do Disco. Por isso creio que Aziru nunca trairá o país de Kêmi.

Tii teve um riso zombeteiro e respondeu friamente:

— É uma correspondência astuta e falsa que esse Aziru te envia, Akhnaton. Soube que as tribos do sul já estão tocando os seus rebanhos para dentro das demarcações, para pastagens existentes na Síria e na terra de Kush. Aziru mandou incendiar as aldeias de palha de nossos aliados negros e só um tolo não vê os verdadeiros propósitos belicosos desta gente... Akhnaton, meu filho aloucado, manda Horemheb defender nossas colônias e ajudar nossos aliados. As tropas de guarnição que tu dissolveste estão desnorteadas, reduzidas à maior pobreza. Roubam e saqueiam os lavradores, atacando-os a pauladas e isto é a guerra que se aproxima!

Mas Akhnaton continuou inabalável em sua resolução:

— Aconteça o que acontecer, o Egito jamais recorrerá à guerra. Quero seguir uma política de clemência e de justiça. Não quero derramar sangue, pois o Amor está acima de tudo. Se todos acreditassem em Aton saberiam que as guerras não são da vontade de deus e as armas não são seus instrumentos, mas o produto de tiranos frívolos. Somente a harmonia e a paz vêm de deus.

— Teus olhos estão cegos para a realidade, para o que se passa ao teu redor e pelas necessidades da nação — disse Tii com amargura — e isto provocará a tua infelicidade e quiçá a queda do teu reinado.

— A felicidade e a infelicidade são coisas muito relativas, senhora mãe. O poder está dentro de cada homem, da mesma forma que o conhecimento. As ações são golpes que o despertam e o fazem surgir. Temos direito ao trabalho, porém não ao seu fruto. "Não penseis nos frutos" — disse-me Aton. Por que preocupar-me com os resultados? Se necessitamos realizar uma grande missão, não devemos inquietar-nos com o resultado. Aton ensinou-me que não devemos oferecer resistência ao mal, que a não-resistência é o mais alto dever de moralidade.

Tii olhou para o rei com ironia, e falou:

— Sempre que tentamos pôr em prática estes ensinamentos, o edifício social cai em pedaços, os malvados tomam posse de nossas propriedades e de nossas vidas. Tu libertaste os escravos obedecendo ao teu ideal de liberdade para todos, mas hoje os cativos não sabem o que fazer com a liberdade obtida tão repentinamente. Faltam-lhes um dirigente, uma firme unidade e um objetivo. Não possuem a compreensão necessária para firmar e defender esta liberdade. Se agora devem aprender a ler e a escrever, reclamam; preferem entregar-se à ociosidade e imitar a vida dos ricos. As mulheres do povo, principalmente, querem ser distintas; pintam-se com malaquita verde, empoam-se, passam cremes e ungüentos em sua pele. Suas roupas imitam as das damas nobres. Os navios que buscavam essências aromáticas e óleos de Punt estão paralisados, mas os marinheiros sem

soldo estão descontentes e os padres de Amon, em Tebas, estão se aproveitando disso...

E a um gesto de Tii, sua filha Baketaton entregou-lhe um pergaminho que ela desenrolou, enquanto dizia:

— Eis aqui a resposta que um poeta de Amon escreveu para o teu Hino ao Sol, e que foi distribuído secretamente ao povo em todas as ruas de Tebas:

"Ai daqueles que te atacam, ó Amon!
A cidade de Tebas sofre, mas aquele
que te ataca será derrotado...
O Sol daquele que não te conhece
está no ocaso, mas o do que te conhece
brilha sempre maravilhosamente.
O santuário do que te ataca
está envolto em trevas, mas
toda a Terra se acha iluminada!

Inteiramente confundido, Akhnaton balançou a cabeça, com uma expressão triste na face longa e aquilina. E Tii continuou gravemente:

— Meu filho, gostaria de dar-te um conselho ditado por um grande rei da Décima-Segunda Dinastia, cuja amarga experiência poderia ser aproveitada por ti...

— Amenemhet? — falou Akhnaton.

— Sim... Amenemhet, que governou o Egito numa época tão perturbada como a de agora, que protegeu nosso país com força e coragem contra inimigos internos e externos, e recebeu como pagamento a traição daqueles em quem confiara. Guarda para ti estas palavras e medita sôbre elas: *"Os que usaram o meu linho fino olhavam para mim como para uma sombra. Ungiram-se com a minha mirra, profanaram-me."* Amenemhet foi destruído porque revelou-se homem e não Deus-Rei, porque admitiu outros como irmãos em seu coração. Os reis são os mais solitários... Comporta-te como rei, Akhnaton, e salva o país de Kêmi da destruição! O destino quer que a paz, a liberdade e a verdade só sejam conquistadas a sangue e defendidas com a própria vida. Sobre esse lema repousa a existência do mundo até os nossos dias.

Tii fez uma breve pausa e prosseguiu:

— Aprendi com os sábios de On que aquele que socorre os famintos afasta muitas vêzes o aguilhão que desperta uma consciência animal à atividade humana; aquele que pratica a caridade dando abrigo aos escravos deveria, antes, ensinar os ignorantes a controlar os seus instintos; e aquêle que oferece emprego indiscriminadamente a um desempregado o mais das vezes interrompe uma fase de deslocamento que leva um ser humano a descobrir sua verdadeira vocação e vontade. Por isto não devemos auxiliar o povo, mas fazer com que êle aprenda a auxiliar a si próprio.

– Como poderei ser feliz, se para salvar o Egito eu decrete a guerra e extermine os meus semelhantes? – perguntou Akhnaton, com os olhos anuviados de tristeza e um leve tremor nos lábios grossos e sinuosos.

Revoltada, Tii exclamou, abruptamente:

– Donde te vem, ó Akhnaton, esta pusilanimidade? Esta fraqueza, indigna de um homem e de um rei? Não te entregues a ela! Sacode de ti esta cisma desprezível!

– Oh! caríssima senhora mãe, como posso eu atacar e combater o rei Aziru, quando o respeito e estimo? Como poderia eu gozar a riqueza e o poder, sobre os quais há manchas de sangue dos meus irmãos? Se for da vontade de Aton que percamos a Síria, quem sou eu para me opor aos seus desígnios?

Ao ouvir isto, Tii sentiu que jamais convenceria seu filho e que sua viagem tinha sido inútil. Retirou-se da Sala do Trono com a cabeça erguida e o coração amargurado. No dia seguinte deixou a Cidade do Horizonte de Aton e regressou a Tebas.

* * *

Mérira, o sumo sacerdote de Aton, deixou a cripta dourada de Mnévis, o touro branco que fora trazido da mística cidade de On, e fechou a porta atrás de si.

Como sempre fazia todas as manhãs após a saudação ao Sol Nascente, Mérira fora à cripta de Mnévis levar-lhe flores e relva fresca das pastagens do sul. Para os sacerdotes de Aton, Mnévis representava a força da energia solar e da fertilidade. Pelo tratamento especial que dava a este touro sagrado, o faraó Akhnaton desejava lembrar aos seus seguidores que a bondade dos homens deve estender-se por todos os animais. Procurava, ainda, despertar na mente dos devotos as idéias divinas abstratas, simbolizadas por coisas concretas, pois sabia que certos símbolos ritualísticos conservam uma expressão do pensametno religioso da humanidade.

Acompanhado por Tuto e Mirtaba, os Chefes da Administração Financeira e Jurídica da Cidade Celestial, Mérira caminhava serenamente, com passo elástico e firme, rumo ao Salão das Colunas de Alabastro, onde a rainha Nefertiti o aguardava para a costumeira palestra iniciática. O sumo sacerdote de Aton era um velho venerável de profundos conhecimentos, com uma barba branca e sedosa, que lhe vinha até o peito. Era alto, de corpo magro e ágil, com um rosto ascético emoldurado por cabelos brancos macios e anelados, pois, ao contrário dos padres de Amon, os seguidores de Aton não rapavam as barbas nem os cabelos. Os olhos de Mérira eram cor de mel selvagem de Creta e tinham um olhar vivo e penetrante. Sua fisionomia era pálida e de contornos um tanto angulosos. A alta figura de Mérira contrastava grandemente com a de seus dois acompanhantes, que eram baixos, cheios de corpo e de rosto vulgar. Os três sacerdotes vestiam idênticas túnicas de linho fino,

que lhes ia até os pés, calçados com sandálias de fibras de papiro. No peito, via-se um suntuoso bordado de pedrarias, representando o radioso símbolo de Aton.

O cântico suave e melodioso do "Salmo da Manhã", cantado pelas virgens de Aton, chegava docemente aos ouvidos de Nefertiti De pé no meio do salão, envolta nos tênues drapeados de sua longa túnica branca, que envolviam como lianas o seu corpo esbelto e gracioso, Nefertiti parecia a estátua de uma deusa contemplativa. Desde que Mérira, por ordem do rei, começara a iniciá-la nos segredos do Eu Superior, que Nefertiti sentia uma nova sensação em sua vida, pois nunca antes sua inteira alma e ser desejaram tanto o conhecimento dos infinitos mistérios da sabedoria integral, de auto--realização. Seus grandes olhos escuros deleitavam-se com a maravilhosa visão do Nilo fulgurante com os raios solares espalhando-se em direção ao Delta. Por um longo momento olhou em silêncio para além da balaustrada de mármore rosado. A voz de Mérira veio despertá-la do seu alheamento:

— Que a Grande Esposa Real se regozije!

Nefertiti sorriu e, caminhando através dos pisos de jaspe, aproximou-se de Mérira e estendeu-lhe as mãos. Mérira tomou as mãos da rainha entre as suas e beijou-as. Os outros dois sacerdotes vieram até Nefertiti, curvando-se reverentes. Em seguida, retiraram-se deixando a rainha em companhia de Sitka e de Mérira.

— Vamos caminhar até o Pavilhão da Calma Profunda? — falou a rainha.

— Como quiser a Divina Consorte — respondeu Mérira.

E os três saíram para a luz do sol. Andaram pelo jardim, em direção do pavilhão, agora tão coberto de trepadeiras floridas que quase não se viam as colunas de calcário pintadas de azul e vermelho. Através dos gramados esmeraldinos, duas gazelas brincavam junto à borda do tanque dos nenúfares. Mais além, um pavão branco abria a sua cauda cintilante como uma jóia. Nefertiti entrou no pequeno pavilhão florido, sentou-se num banco de pórfiro, e com um gesto falou:

— Sentai-vos.

Enquanto Mérira e Sitka se moviam para obedecer, a rainha relanceou os olhos em torno do jardim.

— Mérira...

— Sim, Radiosa Senhora.

— Sitka falou-me que tiveste um sonho estranho esta noite.

— Muito estranho, em verdade, senhora, mas não foi bem um sonho.

— Como assim?

— Pareceu-me mais uma visão, uma viagem astral do meu *ká* através das regiões das esferas cristalinas, onde Aton nos olha, dando-nos generosamente o seu cálido sangue.

O rosto de Nefertiti iluminou-se com um agudo interesse. Olhando o ancião bem nos olhos, a rainha falou:

— Conta-me a tua visão, Mérira.

Cuidadosamente, e com a sua habitual serenidade, o sumo sacerdote começou a falar:

— Na meia-luz cinzenta que antecedeu o alvorecer desta manhã, fui, como de costume, até o altar de pedra do Santuário da Purificação saudar a grande e dourada órbita de Aton. Como sabeis, ó Divina Consorte, este altar fica no alto daquela montanha, numa região secreta, afastada de toda a civilização e nele se conserva a chama perpétua que simboliza um dos quatro princípios da Natureza. Em frente ao altar há um muro baixo, também de pedra, que contorna a margem de um precipício. Eu estava de pé sobre um dos degraus do altar olhando os picos abruptos que surgiam das nuvens e o sol nascente que acariciava a paisagem com o seu cálido brilho. Olhei para o Este, abri os braços, estendi as mãos com as palmas viradas para cima, indicando que recebia agradecido a Luz Divina e quando comecei a repetir o mais sagrado salmo a Aton, o grande hino do deus de todos os deuses, senti que seus quentes raios se tornavam calmantes e suaves como uma pluma. Fechei os olhos comovido. Nisso, minha visão interna percebeu uma coisa singular...

Mérira fez uma pausa e olhou o horizonte claro e sem nuvens, puro como o linho fresco. Nefertiti aguardou atenta, assistida pela rápida inteligência que nunca deixava de encantar o sumo sacerdote de Aton. Ao seu lado, Sitka mal ousava respirar.

Com a voz levemente velada pela emoção, Mérira prosseguiu:

— Atrás de mim, minha sombra projetada sobre a terra formava a cruz astronômica dos sábios egípcios, a sagrada Tau. Abri os olhos e encarei o Disco Solar. Então, no centro do disco vi que se formava claramente uma linda rosa vermelha. Por um momento meus olhos deslumbrados viram que ela refulgia como um rubi precioso. Logo... desprendeu-se docemente da órbita dourada e veio pousar entre os braços da cruz formada pela minha sombra...

— Ah! Que beleza! — murmurou Nefertiti. A rosa sobre a cruz... bonito símbolo para a Ordem dos Templários de Aton que o rei pensa em fundar brevemente! Que achas, meu bom Mérira?

Mérira teve um breve sorriso e respondeu:

— Sim... é um belo símbolo, minha rainha. Um símbolo que tem um duplo sentido. A simples cruz formada por uma barra vertical atravessada e por outra horizontal expressa o conhecimento de um princípio divino com a Natureza. Cada um de seus braços representa uma polaridade diferente da dualidade universal, e o lugar de sua união é assinalado pela rosa vermelha.

— Sim, a rosa vermelha — falou Nefertiti entusiasmada —, o hieróglifo universal que unirá o Oriente e o Ocidente... o símbolo

do Caminho que conduz à Meta Divina... o símbolo entronizado no coração de homens e mulheres.

— E como será a Ordem dos Templários de Aton? — indagou Sitka, sumamente interessada.

Foi Mérira quem respondeu:

— Será uma ordem séria e secreta, dedicada ao alto propósito de assegurar a liberdade individual e o avanço de seus membros em Luz, Sabedoria, Compreensão, Conhecimento e Poder, através da Beleza, Coragem e Juízo, na fundação da Fraternidade Universal. Nas mãos de um grupo de iniciados ficarão concentrados a sabedoria e conhecimentos secretos de todas as Ordens Místicas Orientais, e será a primeira das Grandes Ordens do Egito a aceitar a Lei emanada de Aton, a qual é: *"Faze o que tu queres; há de ser tudo da Lei."* Por ordem do rei, esta Ordem ensinará a Ciência do Conhecimento Oculto, a Pura e Santa Mágica da Luz, os segredos da consecução mística e todos os ramos da Sabedoria secreta dos antigos.

— O Amor será a nossa lei — disse Nefertiti.

— Sim, Radiosa, mas *o amor sob vontade* — retrucou o sumo sacerdote, com uma expressão indefinível no olhar.

E após uma breve pausa, Mérira prosseguiu:

— A Ordem dos Templários de Aton será uma organização de homens e mulheres que se moverão de acordo com suas próprias Vontades, que são cada qual única e entretanto coerente com a vontade universal. Todos compreenderão, conhecerão e sentirão um amor, que é, ao mesmo tempo, único e universal. Aliás, todos os membros da Ordem estarão de posse das fórmulas de consecução, tanto místicas quanto mágicas. Eles serão treinados para possuírem uma completa experiência de ambos estes caminhos. Estarão ligados por um Juramento original e fundamental da Ordem, e por esta razão devem devotar suas energias a assistir o Progresso de seus inferiores. Aqueles que aceitarem as recompensas de sua emancipação para si próprios não estarão mais dentro da Ordem, que será regida pelo rei, como o Mestre da Lei de Insubstancialidade.

— O rei falou que te conferirá o grau de Mago Supremo — disse Nefertiti.

— Isto muito me honra, Majestade — respondeu Mérira, humildemente.-Espero poder corresponder à confiança que o rei depositou em mim.

— Qual é a característica essencial deste grau? — indagou Sitka.

Mérira teve um breve sorriso e respondeu:

— Bem... o seu possuidor deve saber pronunciar uma certa Palavra Mágica Criadora, que transforma o planeta em que ele vive pela instalação de novos oficiantes para presidir a iniciação planetária.

— Por esta razão — acrescentou a rainha —, disse Akhnaton que um Mago só pode aparecer completamente como tal, ao mundo, apenas a intervalos de alguns séculos, quando o trabalho da

evolução humana é submetido a uma mudança das condições vibratórias do contínuo espaço-tempo. Seu trabalho é criar um novo Universo, de acordo com a vontade de Aton, que é a sua Vontade. Mérira será o Mestre da Lei da Mudança. Para atingir os seus objetivos, ele deverá realizar três tarefas principais: renúncia de seu deleite no Infinito, para que ele possa formular-Se como o Finito; aquisição dos segredos práticos da iniciação e do governo de Seu proposto novo Universo; e identificação de si mesmo com a idéia impessoal do Amor.

— Não é preciso dizer mais para que eu saiba que tal coisa é a mais sublime e mais terrível responsabilidade que se pode assumir — falou Sitka, gravemente.

Pousando os grandes olhos escuros na luz cálida do sol que dourava a paisagem, Nefertiti falou:

— Eu serei a Mestra do Templo de Aton e minha tarefa será a consagração de mim mesma como veículo puro para a influência da Ordem à qual aspiro. E quanto a ti, minha querida Sitka, o rei reservou-te o grau de Adepta Menor, a Senhora da Luz, pois necessitas pouco auxílio ou direção mesmo de seus superiores. Teu trabalho será o de manifestar a Beleza da Ordem ao mundo, da maneira como os teus superiores prescreverem e o gênio de Aton ditar.

— Deverás ainda — acrescentou Mérira — manter silêncio, enquanto pregares teu corpo à árvore da tua vontade criadora, na atitude daquela Vontade, deixando que tua cabeça e braços formem o símbolo de Tau, como que para jurar que todo o teu pensamento, palavra e atos expressem a luz derivada de Aton, com o qual identificarás tua vida, teu amor e tua liberdade, simbolizados pelo seu coração que habitará na rosa vermelha.

— A rosa sobre a cruz... — murmurou Sitka, comovida.

— Sim, a rosa sobre a cruz, tal como se manifestou na visão de Mérira! — exclamou Nefertiti, entusiasticamente.

Havia um sentimento de equilíbrio e realidade em Nefertiti, que a tornava menos vulnerável que Akhnaton aos sonhos e às ilusões. A Grande Esposa Real esperava concretizar com entusiasmo e fervor o sonho da Ordem dos Templários de Aton, porém não se iludia com a dificuldade que teriam em selecionar os seus membros. Com Mérira, Sitka, Nakht, Hatyai, May e Panehesi ela sabia que podia contar, mas com os outros discípulos de Akhnaton não tinha certeza... Era preciso que o rei pensasse seriamente a este respeito. Mas para isto havia tempo mais que bastante.

* * *

A vida na Casa Dourada se renovou, como sempre acontecia no fim do verão. A Ordem dos Templários de Aton foi fundada. Na quietude do Grande Templo de Aton, o rei e seus seguidores se reuniam para cultuar o Deus único, e Akhnaton passou a ser considerado como o primeiro patrono dos Colégios Iniciáticos de Aton, no Oriente.

Ao Arquivo Real da Cidade do Horizonte continuaram chegando as tabuinhas de argila contendo as cartas dos reis aliados, cheias de renovados apelos de ajuda imediata. Mas, a religião de Amor do faraó lhe proibia derramar sangue e, repetidas vezes, ele se negou a defender com armas os reis asiáticos vassalos do Egito. Assim fez com Ribbadi de Biblos, com Addudain de Judá, com Dagantakala de Orontes e até mesmo com seu amigo Dushrata, rei de Mitani. Esta correspondência era o melhor testemunho da perda gradual do poderio egípcio. Mas Akhnaton recusava-se obstinadamente a acreditar na realidade destes fatos. Em Tebas e em diversas outras cidades egípcias, o rei passou a ser chamado pelo povo de "O criminoso de Akhetaton", porque, perdido num grande sonho místico, deixava que o Império se esfacelasse, o Estado se degradasse. Enquanto isto, o poder secreto dos padres de Amon aumentava em todo o país de Kêmi, à sombra da benevolência do rei.

E assim muitos meses se passaram. O Nilo cresceu, transbordou e baixou. O vento ardente, que no terceiro mês do ano sopra de Suleste, continuou a levantar turbilhões de poeira opaca misturada com a areia fina do deserto. Depois, vieram os orvalhos claros da primavera e com eles uma estranha doença, que se instalou no corpinho frágil de Meketaton, a segunda filha do rei. Seu semblante, onde se aninhavam os tons suaves de um bosque no outono, ficou devastado pela febre.

Meketaton, que aos nove anos era uma criança alegre e cativante, ficou apática, confusa e terrivelmente calada. Foi em vão que os médicos da corte lhe receitaram os mais diversos remédios, inclusive uma poção preciosa tida como excelente para os casos de febre, e que consistia num pó feito com quarenta pérolas grandes, esmagadas, sete smaragditas, sete colheres de ouro, quatorze colheres do doce vinho de tâmaras e sete fios de linho, puro e fresco. O faraó e a rainha estavam desolados, porque ninguém conseguia curar Meketaton.

Após muitas semanas de imobilidade na cama, a rainha começou a mostrar à filha coisas familiares e queridas, num esforço para vencer-lhe a letargia:

— Olha, pequenina, o teu cãozinho amarelo das terras de Karie!

Pela primeira vez em semanas um leve sorriso iluminou o rosto pálido da criança.

— Como ele é engraçado abanando o rabinho! — ouviu-se a voz que havia tanto estava emudecida.

Depois, como fazia antes de adoecer, Meketaton estendeu a mãozinha para fora do leito e acariciou-lhe a cabeça sedosa e alegre.

Era um cãozinho pequeno, de pêlo longo e macio, cor de âmbar e branco, que viera de Karie, o nome egípcio para a terra legendária dos homens amarelos, onde se fazia toda a seda.

O cachorrinho ficou alguns momentos junto da dona. Depois, foi deitar-se em cima de um grosso tapete vermelho, aos pés do

suntuoso leito da princesa. Meketaton olhou-o enroscar o corpo até ficar como um novelo macio. Depois, fechou os olhos fatigadamente e não mais voltou a abri-los. No dia seguinte, morreu, após um violento acesso de febre.

A notícia correu célere entre o povo. As carpideiras rasgaram suas vestes e saíram chorando alto pelas ruas, em direção ao palácio, derramando pó nas próprias cabeças. Por toda a cidade ouviu-se um zunir de vozes:

— Meketaton morreu! Pobre princesinha!

O povo aglomerou-se nas ruas e caminhou em direção ao palácio, cujos grandes portões de bronze tinham sido fechados e selados. Foi então que um arauto do faraó mostrou-se. Saiu do palácio real, precedido por sete trombeteiros que tocavam seus longos clarins de prata. Atravessaram a turba ruidosa que, abruptamente, cessou o seu falatório. E a voz do arauto soou clara e forte, lendo a mensagem do rei:

— *"Rezai pelo* ká *da princesa Meketaton. Não choreis, nem vos lamenteis, ó povo do Egito! Ninguém ainda afugentou a morte com lágrimas. Em lugar de rasgar vossos vestidos, ó carpideiras, e de vos abandonardes aos gritos de desespero, rogai ao Senhor do Disco, ao Divino Aton, que guie os seus três corpos nos caminhos do além!"*

Todos se olharam incrédulos, assim que o significado destas palavras começou a ser compreendido. O rei estava mandando embora as carpideiras! Não queria que ninguém chorasse, nem se lamentasse! Era inacreditável!

Um cortador de papiros voltou-se lentamente, inteiramente estupefato, a fim de olhar para sua mulher. Ambos se lembravam ainda de uma tarde em Tebas, havia muito tempo, quando o avô de Meketaton morrera. Ah! como tudo fora diferente nos tempos de Amenófis III, o Magnífico!

— Amenu, ouviste?

— Sim, ouvi. Não se pode mais nem chorar pelos mortos! — retrucou a mulher, com azedume.

Nisso, enquanto o arauto enrolava o seu papiro e preparava-se para voltar ao palácio, um alvoroço de conversas levantou-se por todos os recantos da cidade. Os pontos de comércio eram um verdadeiro burburinho. Mesmo passados doze anos do reinado de Akhnaton, o povo ainda não se acostumara com a supressão do velho culto mortuário, com todo o seu complicado formalismo centralizado em Osíris. Estranhavam e revoltavam-se porque as orações e fórmulas não mais se dirigiam a Osíris ou a Anúbis, mas sim ao próprio rei Akhnaton e, através dele, a Aton. Até mesmo as pequenas figurinhas *ushebti,* as estátuas-respondentes colocadas nos túmulos para que servissem ao morto na outra vida, continham agora apenas o

nome do morto, sem nenhuma profissão de fé mortuária. Eram meras oferendas dedicadas ao falecido.

— Ainda bem que o rei não aboliu o rito da mumificação! — comentou um barbeiro, enquanto fazia a barba de um cliente.

— Isso seria uma monstruosidade teológica! — respondeu o outro.

— Mais outra... das muitas que o rei já fez... — disse o barbeiro, com malícia.

— Mas creio que isso seria o abalo mais agudo que o povo sofreria.

— Sem dúvida, senhor — concordou o barbeiro.

Um silêncio desconfortável atestou a veracidade daquela afirmação. Vagarosamente, o povo voltou-se surda e tensamente ao trabalho cotidiano.

Setenta dias depois, no fulgor dourado de uma manhã, a múmia da princesa Meketaton deixou a Casa da Morte e foi levada para a sua tumba, nas colinas ocidentais. O povo aglomerou-se nas ruas. A maioria ficou em silêncio, vendo o cortejo passar. Todos os ouvidos aguçaram-se para ouvir o som dos hinos que estavam sendo cantados pelos sacerdotes de Aton. O incenso começou a arder, queimado em grandes tutíbulos de bronze, que os sacerdotes agitavam de um lado para o outro. Depois, o tanger dos sistros foi ouvido, tocado pela rainha e pelas princesinhas.

Nos seus suntuosos sarcófagos de cedro e ouro, colocados sobre uma padiola funerária, também de ouro, sustentada ao ombro por dezesseis sacerdotes neófitos, Meketaton foi levada até a sua Morada da Alegria, na encosta das colinas ocidentais. Sua tumba constava de três grandes salas, cujas paredes de jaspe vermelho eram decoradas com pinturas representando cenas de sua infância, de sua morte, de seus pais orando junto ao sarcófago, seguidos pelas quatro princesas e uma aia carregando um robusto bebê, que era a mais nova filha do faraó e da rainha. O rito funerário era mostrado em várias fases, e Nefertiti e Akhnaton contemplavam a pequena múmia, com uma expressão triste no olhar. Ao lado de Meketaton, viam-se as quatro urnas de alabastro, contendo suas vísceras embalsamadas, e, acima de tudo, o Disco Dourado do Divino Aton recebia as preces de todos.

A vóz de Mérira elevou-se cantando:

— *"Ó Tu, Aton, que te elevas no horizonte do céu*
iluminando a terra e os seres que nela habitam..."

Depois, o som dos cânticos de muitas vozes femininas e masculinas uniu-se à de Mérira. Logo, o som foi diminuindo, até que cessou por completo. Então o povo viu a família real, seguida pelos sacerdotes e pelos nobres, sair da tumba, que foi fechada e selada com o selo do rei. E, por fim, voltaram todos para as suas moradas, deixando a princesa Meketaton sozinha, na paz e na solidão das colinas ocidentais.

* * *

Na grande sala dourada da mansão de Panehesi, Nakht, o vizir de Akhnaton, andava de um lado para outro, nervosamente. Seu rosto estava pálido de consternação. Em dado momento, parou no meio da sala e olhou para a cadeira onde o nobre etíope estava sentado, pálido e com o rosto negro marcado pela tristeza.

— A queda de Jerusalém e de Jopa é uma verdadeira catástrofe para o Egito! — exclamou Nakht.

— Sim, Jerusalém era a última das cidades fiéis ao Egito — retrucou Panehesi. Juntamente com Jopa, formará, agora, uma aliança com o rei Aziru, e então será a ruína total do poderio do rei.

Encarando-o por entre as pálpebras pesadas, Nakht falou:

— O pior de tudo é que os hititas invadiram Mitani, massacraram os mitanianos e o reino de Mitani já não existe mais. Burnariash, o rei da Babilônia, está atemorizado e já começou a arregimentar tropas de defesa. O futuro agora depende dos hititas. Depois desta vitória sobre Mitani, eles certamente atacarão a Babilônia ou, quiçá, o próprio Egito, que é uma presa mais fácil, pois está desamparado e sem defesa.

— A nação de Hati é um aliado traiçoeiro, perigoso e desagradável — ponderou Panehesi.

— Mas, mesmo assim, Aziru preferirá aliar-se a eles contra o Egito do que enfrentar o poderio hitita do rei Shubiluliuna. Enquanto isso, Akhnaton, o Divino Senhor dos Dois Países, parece que enlouqueceu de repente. Chega a esquecer que fala com alguém, tão distante anda o seu pensamento!

Nakht sentou-se perto de Panehesi e continuou:

— Desde que Meketaton morreu — e quanto a isto já se passaram seis meses — que o rei só pensa em gozar as alegrias da vida. Tem horror que lhe falem na morte e vive cercado de bailarinas e tocadores de alaúde. Canta dia e noite e olha a luz do sol com avidez, como se ela fosse desaparecer para sempre. O bem e o mal já não lhe importam, e também não lhe interessam mais os problemas psíquicos, a política e a moral austera que sempre o caracterizou. Viver intensamente a vida material, é a nova obsessão do rei. Nem mesmo a rainha Nefertiti compreende mais estas atitudes do rei, que todos nós conhecemos grave, austero, sonhador, melancólico e místico.

— Talvez haja uma explicação para isto — falou Panehesi.

— Como assim? — indagou Nakht, curioso.

— Esta manhã estive conversando com Mérira e, segundo ele, o rei Akhnaton terá que passar pelo fogo da ilusão e entrar de novo em contato com o mundo material, para ser tentado e posto à prova. Terá que sentir os pezares da alma humana, bem como as alegrias mais exuberantes, porque somente quando conhecemos e dominamos estes extremos da paixão humana, podemos sentir verdadeiramente a compaixão necessária para os que querem cooperar para a elevação da humanidade.

— E acreditas nisso? — perguntou Nakht.

— Acho que sim — suspirou Panehesi.–Nós todos acreditamos naquilo que desejamos acreditar. Ademais, Mérira fez-me uma estranha revelação sobre Aton. Aprendi que durante milênios o Grande Arquiteto do Universo escolheu o país de Kêmi para sua bênção especial, e deu aos egípcios o conhecimento sagrado das verdades iniciáticas. Mas, com o correr dos tempos, a raça vermelha que aqui vivia foi degenerando. Voltaram o rosto a Aton e passaram a adorar os falsos deuses, mergulhando suas almas num abismo sem fim. Então, Aton apiedou-se deles e comentou, amiúde, esta loucura com o filho que habitava o seu seio. O nome sagrado do filho de Aton era Shay, que significa destino, em sua suprema realização de tudo. Afinal, Aton decidiu mandar seu santo filho à terra, para redimir a raça vermelha e dar-lhe consciência do seu destino. Mesmo sabendo que iria deixar a eterna beleza das regiões cristalinas, Shay desceu à terra do Egito e entrou no corpo do homem que estava mais próximo das coisas divinas: Amenófis IV, rei do Alto e do Baixo Egito. Isto ocorreu no quarto ano do seu reinado, e quando o rei soube disso, trocou o seu nome para Akhnaton, declarando-se consagrado a Aton. Mas agora Shay voltou para o reino de seu Pai e os deuses do ódio e da escuridão retornaram ao país de Kêmi. Akhnaton está sucumbindo ao poder maligno do Conde Kamósis, que é um perigoso emissário das Lojas Negras do Oriente, num dos seus constantes assaltos àqueles que estão em contato com as forças brancas do Infinito. O trabalho insidioso do Conde Kamósis, aliado à magia dos padres de Amon, está surtindo efeito sobre a mentalidade do rei. E se o Eu Superior de Akhnaton não reagir, ele estará irremediavelmente perdido...

— Mas, nós, os Templários de Aton, não poderemos fazer algo para ajudá-lo? — indagou Nakht.

Panehese baixou os olhos e respondeu:

— Não. É o rei quem deve lutar sozinho contra as forças negras e vencê-las. Ele está sendo provado e não devemos interferir nas suas provas.

— Temo que ele sucumba! — falou Nakht, com amargura.

— Aguardemos os acontecimentos, meu caro — disse o etíope, pensativamente.

* * *

Akhnaton abriu os olhos, relutantemente, para a noite fria e ventosa daquele quinto dia do mês de Atir. Por um momento, ficou deitado, imóvel, com os olhos muito abertos, fixos no teto pintado de azul e decorado de estrelas. Sua cabeça repousava sobre o descanso de marfim esculpido em forma de dois leões deitados, que personificavam o "Ontem e o Amanhã". Entre eles, ajoelhava-se um ser etéreo, que elevava, com os braços, a abóbada celestial. Era nesta abóbada que o rei apoiava a cabeça, para que ela brilhasse

no firmamento como uma estrela. Após um momento de indecisão, o rei sentou-se à beira do leito e esfregou a cabeça fatigada.

A luz macia de um candeeiro de prata iluminava fracamente o aposento. Akhnaton levantou-se e deu alguns passos pelo quarto. Súbito, sentiu que sua virilidade dava-lhe uma sensação impaciente e dolorosa. Um estranho fogo brilhava em seu cérebro, destruindo tudo o que ele aprendera de Aton. Suas ânsias de espiritualidade há muito tinham desaparecido e em seu lugar havia uma sede inesgotável de prazeres sensuais. Desde a morte de Meketaton que Nefertiti fizera-se esquiva e arredia, mas isso pouco lhe importava. Mulheres não faltavam no seu harém. E havia também os jovens efebos de Creta e Babilônia que não lhe desagradavam...

Pegando um macio manto de lã negra de Tróia, que estava sobre uma cadeira, o rei jogou-o sobre os ombros e saiu, fechando a porta atrás de si. Passou pelos guardas sonolentos e silenciosos, que logo se inclinaram reverentes, e continuou andando rumo à Mansão da Beleza.

Akhnaton parou diante da alta porta dourada e olhou para os dois eunucos negros que ficavam ao lado dela e tinham caído de joelhos.

— Abre a porta — disse secamente.

Os dois eunucos deram um salto para a frente, e logo a grande porta dourada abriu-se de par em par. O rei cruzou o umbral, entrando para o suntuoso salão principal da Mansão da Beleza.

Era um aposento amplo, sustentado por colunas de ouro e as paredes de jaspe rosado eram decoradas com pinturas mostrando o faraó rodeado pelas senhoras do harém, ouvindo música, aceitando frutas ou lótus da mão de uma, sorrindo para outra.

Parou entre duas colunas e viu Sitamun que tocava alaúde, recostada, negligentemente, num coxim cheio de almofadas. Sitamun não se curvou diante do rei. Também ela tinha o sangue divino de Amenófis III correndo por suas veias, e sua mãe era uma princesa, filha do mais poderoso rei da Babilônia.

A jovem olhou-o, com seus doces olhos de gazela, sorriu e disse, gentilmente:

— Que vossa vida seja longa como a do seixo quando se transforma em rochedo coberto de musgo...

Akhnaton olhou para Sitamun e achou-a bela e desejável. Devia ter uns quinze anos, e sua pele morena era dourada como o âmbar e macia como a polpa madura duma ameixa. As pernas morenas e cheias, sob uma veste de linho transparente, os seios curvos mal escondidos sob uma rede de pérolas, com seus brincos e colares de ouro e pedrarias, eram alvo de excitamento e desejo.

Deixando de lado o alaúde, Sitamun caminhou ao encontro do rei. Ela andava com graça e leveza e havia uma expressão atrevida em seu olhar.

Quando a mão do rei tocou a sua carne, Sitamun sentiu o coração disparar selvagemente. Uma estranha languidez percorreu-a toda, enquanto as mãos de Akhnaton voavam por suas costas, suas nádegas, suas pernas, com violência e avidez. Seus lábios se encontraram, e sentindo a pressão daquele corpo maduro e delicado na sua feminilidade, o rei murmurou:

— É uma bebida inebriante para mim o ouvir a tua voz. Meu coração fica suspenso quando sinto o teu corpo e tu fazes aquilo que se procura...

E com a violência de uma corrente muito tempo contida, Akhnaton submergiu Sitamun no seu amor. Mas ele interessava-se por ela apenas momentaneamente, para plantar no seu corpo jovem a sua semente real. E passado o primeiro momento de embriaguez amorosa, o rei voltou a ser indiferente a tudo e a todos. E o tempo passou rápido como o vento norte...

* * *

— Não sei o que faça, Sitka — disse Nefertiti —, Akhnaton está muito transtornado e já não me ouve mais...

— Calma, Radiosa — falou Sitka docemente.

As duas caminhavam lentamente, ao longo dos corredores de pedra do Templo do Sol Poente, onde a rainha tinha acabado de oficiar os ritos da tarde. Sitka levou a rainha até a espaçosa cela que habitava, na ala norte do templo. Entraram, e a Grande Sacerdotisa fechou a porta, delicadamente. Nefertiti foi até a varanda cheia de rosas que dava para o pomar, e ali ficou olhando o crepúsculo. Súbito, virou-se para Sitka e falou:

— Entre os Senhores da Corte o mau-humor aumenta com cada dia que passa e os seus rostos se mostram apreensivos. A carestia se alastra pelas terras egípcias e é impossível saber o que nos reserva o futuro. Nosso trigo é insuficiente. Os depósitos do império estão vazios e a terra de Kush já não nos paga tributos. Soube que os camponeses estão fugindo dos campos temendo a cólera de Amon. Dizem que foi o deus do faraó quem trouxe este sofrimento para o povo. E enquanto isto o rei se diverte com as favoritas. Às vezes, Akhnaton volta a ter momentos lúcidos, então chora amargamente porque suas visões de Aton desapareceram, pois sabe que o Senhor do Disco abandonou-o.

— Ele está sendo o instrumento de terríveis forças sinistras, Radiosa...

— Eu sei, Sitka — retrucou Nefertiti —, mas, embora eu nada possa fazer para salvá-lo, tudo farei para impedir que o Egito seja destruído! Tii remeteu todo o seu ouro a Horemheb para ele negociar a paz com Aziru. E soube hoje que Aziru assinou um Tratado com o Egito. Mas, bem sei que esta paz é efêmera, tudo depende de como agirão os hititas. Sinto que devo estar atenta ao meu dever. Eu que sou uma rainha descendente de guerreiros valorosos tenho por

dever combater o mal com resolução e heroísmo. Se desistir pela luta em prol da verdade, cometerei um grande crime, tal como está fazendo o rei. Nossos inimigos espalharam má fama a respeito de Akhnaton; com burla e desdém, falam dele e da sua falta de coragem. Poderia acontecer-lhe coisa pior?

— Quem um dia já atingiu a consciência divina, é capaz de elevar-se acima dos resultados bons e maus — ponderou Sitka.

Nefertiti olhou-a com seus grandes olhos brilhantes e disse:

— Mas, infelizmente, o rei não quer saber mais disso. Ah! minha querida Sitka, como eu gostaria de poder dizer ao rei: *"Sê livre dos contrastes das forças opostas da Natureza, que pertencem à vida finita e às coisas sujeitas à mudança. Procura, para teu descanso, a consciência do teu Eu Real, a Verdade eterna de Aton. Deixa longe de ti os cuidados mundanos. Concentra-te em ti mesmo, e não te entregues às ilusões do mundo finito. Aquele que achou o seu Eu Real dentro de si, é livre de toda a tentação que desaparece rapidamente como a espuma sobre as ondas."*

— E por que não o dizes, senhora?

Nefertiti encolheu os ombros e redargüiu:

— É inútil, Sitka! O rei não me ouvirá jamais... Desde o nascimento do filho que o rei teve com Sitamun que o elo de harmonia que havia entre nós quebrou-se irremediavelmente.

Sitka olhou-a confusa, de início, depois consternada.

— Amanhã partirei para Tebas — disse Nefertiti.—Irei levar meu apoio a Tii e ao general Ay.

— Não está o rei, neste momento, esperando a chegada de um segundo filho seu com Sitamun? — indagou Sitka.

— Sim...

Nefertiti estava perturbada. Suas mãos cruzavam-se tensamente sobre o regaço; seu belo perfil mostrava-se pálido e triste, na obscura luz do crepúsculo, e ela não olhou para Sitka.

— Então é isso que está vos perturbando e não apenas a situação do país e a necessidade de ir a Tebas...

— Realmente, isto faz parte do que me perturba. O pequeno príncipe Smenkharê é um legítimo pretendente ao trono do Egito e se nascer um outro filho de Sitamun, minhas filhas terão o mesmo problema que eu tive para ser rainha...

— Não vos preocupeis, Radiosa. Fazei, pois, o que deve ser feito, minha rainha, porém sem egoísmo e sem considerações pessoais. Quem age assim cumpre com o seu dever e atinge aos planos superiores da evolução espiritual. Toda ação tem sua origem em Aton. Se Smenkharê tiver que ser rei do Egito e também se um outro filho que por acaso venha a nascer do rei e da Esposa Menor subir ao trono, é porque o Divino Arquiteto do Universo assim o quis. Tende fé em vosso Eu, Radiosa! Lembrai-vos, senhora, que Aton ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos.

— Aton guiará os meus passos em Tebas — falou a rainha.

Sitka meneou a cabeça como toda resposta.

* * *

Tii leu a mensagem recém-chegada de Mênfis, sem que nenhum traço do seu rosto se alterasse.

Depois, com o papiro na mão, saiu da Sala do Trono, atravessou o Pátio das Acácias, e foi até os aposentos onde estava a Grande Esposa Real, desde que chegara à Casa Dourada, em Tebas.

Sentada diante do seu toucador, Nefertiti acabara de ser vestida e penteada pelas servas e olhava-se num espelho de prata polida, quando Tii entrou. Sem uma palavra, e com uma expressão dura e severa, Tii jogou o papiro em cima do toucador.

Nefertiti fez um gesto despedindo as servas e depois pegou tranqüilamente o papiro e leu a mensagem de Horemheb, na qual ele comunicava a Tii, respeitosamente, sua decisão de colocar suas tropas à disposição dos padres de Amon.

Nefertiti sentiu um aperto no coração. Olhou para Tii e disse, procurando aparentar calma:

— Este general já deu provas de grande lealdade para com o rei, senhora mãe. E agora, une-se aos padres de Amon contra a família real. Diante disto que posso eu pensar da razão humana?

— Tu sabes muito bem porque Horemheb fez isto! — exclamou Tii, rudemente.-Quantas vezes eu mesma disse a meu filho: *"Envia tropas para defender a Síria, Mitani e Jerusalém!"* Mas Akhnaton seguiu a política de uma paz indolente, que tu também apreciavas. E eis o resultado! Não estamos mais na época de sonhos estéreis, mas de ação, e ação rápida, Nefertiti!

A Grande Esposa Real soltou um suspiro e refletiu intensamente, durante o espesso silêncio que se seguiu às palavras de Tii. Não sabia o que fazer. Todos estavam descrentes do poder do rei. Todos, até mesmo ela!

— Acabo de saber também — acrescentou Tii — que Sitamun morreu ao dar a luz a outro filho de Akhnaton. A criança é um varão e chama-se Tutancaton...

— Tutancaton — murmurou Nefertiti, com amargura —, a Imagem Viva de Aton...

Tii não lhe deu tempo para pensar no assunto e já estava perguntando, com aquele seu jeito rude:

— Talvez May nos pudesse ajudar com suas tropas... mas as tropas são necessárias nas fronteiras.

— Creio que May poderia dominar este punhado de rebeldes — falou Nefertiti.

Tii soltou uma gargalhada e comentou:

— Como estás equivocada, Nefertiti! Os rebeldes não são um punhado, mas formam três quartos da população do país, e a guerra civil só servirá para enfraquecer ainda mais o nosso poder.

— Aton nos dará a vitória! Nós combateremos não só contra os rebeldes egípcios, mas contra o mundo inteiro!

A velha rainha riu zombeteiramente, e retrucou:

— Acordas tarde demais, minha leoa! Ah! Nefertiti, que fizeste depois que eu coloquei a coroa na tua cabeça? Dize-me, o que fizeste? Olhaste teu marido ternamente nos olhos e engendraste fi-lhas! Seis filhas e nenhum varão! Tal como a simples mulher de um camponês! A partir do dia em que tiveste a má idéia de amar o teu esposo, esqueceste que eras insolente, orgulhosa e corajosa, lúcida e violenta, tal como eu escolhi para que pudesses contrastar com a fraqueza de meu filho. Por causa do teu amor, o reinado de Aton está por se acabar no país de Kêmi!

Nefertiti sentiu-se dolorosamente ferida com as palavras de Tii mas sabia que ela estava com a razão e que ela tinha agido como uma tola. Em paga do seu amor, Akhnaton lhe dera a indiferença e a traição.

Implacável, Tii prosseguiu:

— O rei da Babilônia acaba de comprar a paz aos hititas e Aziru também se fez aliado deles. Dizem que o número de suas tropas na Síria iguala a areia do mar. Astutos como são, os hititas devem estar tramando a invasão do Egito. Ainda é tempo de mandarmos soar as trombetas, reunir bandeiras e declarar guerra. Horemheb poderá convocar todos para pegar em armas e até mesmo os padres de Amon o farão para salvar o Egito. Poderemos fazer isto se todos os recursos do Egito forem colocados à disposição das tropas de Horemheb, o Filho do Falcão. Mas, antes disso, Akhnaton tem que se reconciliar com os padres de Amon.

Nefertiti olhou-a com ar aturdido.

— Como? Renunciar a Aton? Isto nunca!

— Seja conforme dizes —falou Tii.— Que a loucura prevaleça! Morrerei em Tebas, sem nenhum temor, quando os hititas pisarem a nossa Terra Negra.

E assim dizendo, Tii saiu tão abruptamente como entrara.

Nefertiti baixou vagarosamente a cabeça, entrefechando as pálpebras pintadas de dourado. Sentia o coração repleto de tumultuosa revolta ante a sorte dura e cruel que aguardava o seu país. Por um momento ficou imóvel e aturdida. Mas logo reagiu. Sua mente refletiu com rapidez e ela viu que o passo seguinte consistia em procurar a ajuda do general Ay. Ele, que já fora sacerdote de Amon e que depois abraçara sinceramente o atonismo, decepcionado com o clero do falso deus, na certa encontraria uma solução para o caso. E, voltando-se rapidamente, a rainha saiu rumo à Sala dos Despachos.

Assim que entrou, Nefertiti viu o general de pé atrás de sua grande mesa de ébano incrustada de madrepérola. Ele estava ligeiramente de lado, mexendo num rolo de papiros. Era um homem alto e corpulento, de meia-idade. Seu rosto largo respirava força,

audácia e matreirice. Um largo colar, cintilante de pedrarias, pendia do seu peito proeminente, sobre a vistosa túnica branca ornada de púrpura. O general voltou o rosto para a rainha e logo lhe dirigiu uma reverência e um sorriso de boa acolhida. A porta se fechou atrás de Nefertiti, mas o som de uma doce música entrava no gabinete porque as grandes janelas atrás da mesa do general estavam abertas para o parque das gazelas. A um canto, as chamas de um braseiro de bronze se erguiam retilíneas, deixando escapar o suave aroma do terebinto.

— Meu caro Ay — falou Nefertiti —, já soubeste da mensagem de Horemheb?

— Sim, Majestade, a rainha Tii acaba de enviar-me a carta.

Não obstante o nervosismo, Nefertiti procurou manter a melhor presença de espírito.

— Ora muito bem! Que me dizes da decisão do nosso comandante-em-chefe dos exércitos?

— Confesso que estou estupefato, Majestade...

— Acreditas que se possa fazer alguma coisa para impedir esta loucura?

— Talvez, Majestade, mas é arriscado.

Nefertiti pôs-se a rir.

— Pois bem, Horemheb se arriscou, por que não faremos o mesmo para salvar o culto de Aton? Responda com sinceridade, tu que és um atonista fervoroso!

— Bem... — Ay tinha uma expressão hesitante, ergueu ligeiramente o maço de papiros e o deixou cair de novo sobre a mesa.-Claro é que antes de mais nada fiquei consternado. Consternado por Vossa causa, Radiosa... Permiti-me dizer que o rei fez mal em licenciar o exército e deixar o país sem defesa. Um trono sem soldados é como uma cadeira sem pernas...

A rainha observou que o olhar de Ay tornava-se agora metálico e impenetrável.

— Com a proteção de Aton podemos transpor todos os obstáculos — insistiu Nefertiti.

Ay encarou a rainha e disse:

— Desejo sinceramente ajudar-vos, Radiosa.

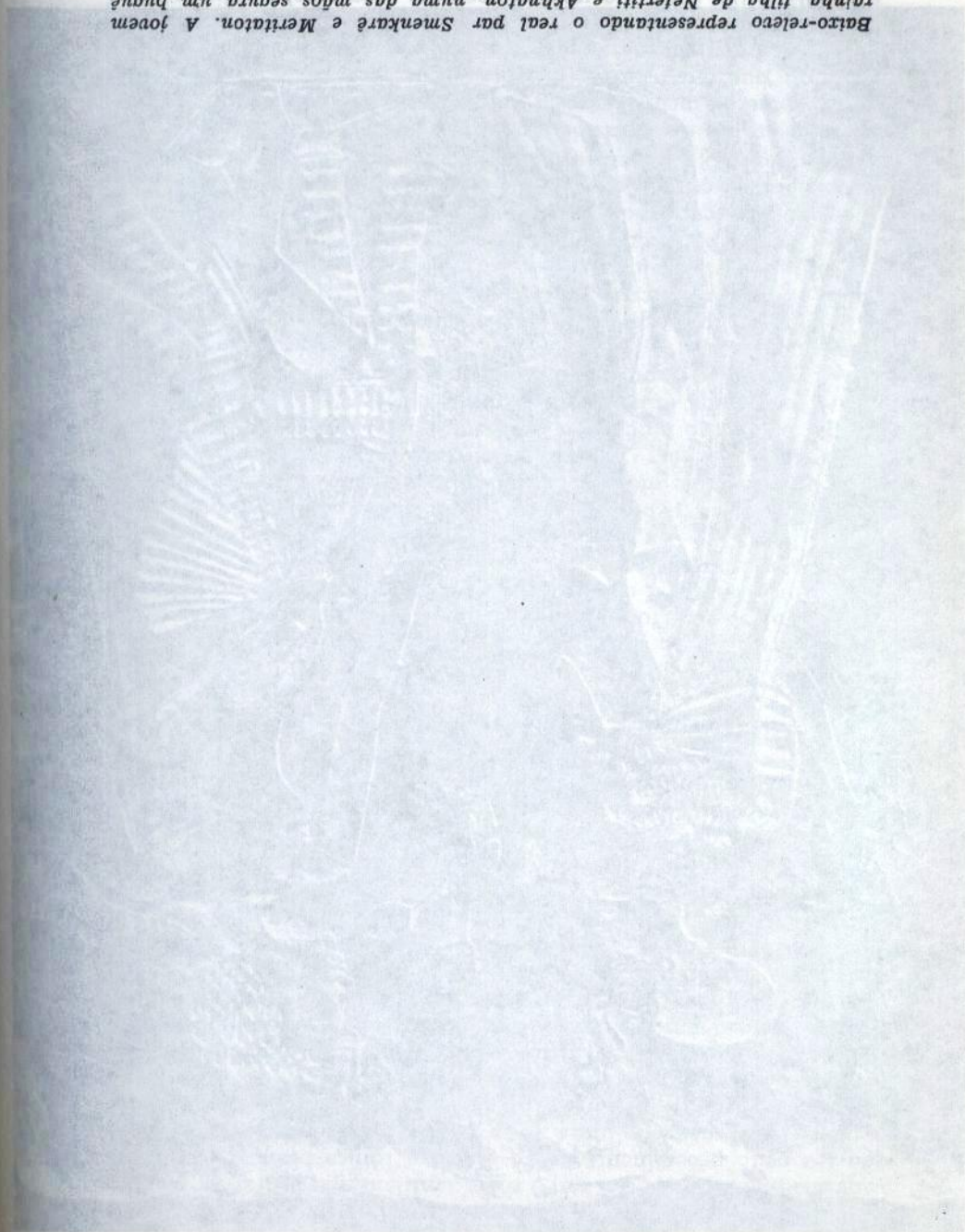
A rainha sentiu positivamente seu coração se dilatar e um doce calor invadir seu corpo todo. Compreendeu que se sentira muito mais ansiosa do que seria capaz de confessar.

— Com isso me livras de um grande peso, meu amigo.

O general inclinou quase imperceptivelmente a cabeça para significar que tais palavras o contentavam.

— Não vos enganastes depositando confiança em mim, Majestade — respondeu com sinceridade.-Tentarei vencer as dificuldades e mandarei um emissário imediatamente a Horemheb, pedindo que reflita melhor sobre o assunto. O que ele deseja fazer irá deflagrar uma guerra civil em todo o Egito e, certamente, nossos inimigos

SMENKARÊ E MERITATON

Baixo-relevo representando o real par Smenkarê e Meritaton. A jovem rainha, filha de Nefertiti e Akhnaton, numa das mãos segura um buquê de mandrágoras, oferecendo-as a seu esposo como um convite ao amor que devia uni-los. Na outra mão segura um buquê de lótus — emblema heráldico do velho Egito.

se aproveitarão disso para invadir o nosso país. Horemheb não ignora isso, mas, certamente, os padres de Amon devem ter querido comprá-lo com o seu ouro e Horemheb fraquejou. Ademais, suas tropas estão cansadas da inatividade e o próprio comandante-em-chefe está ansioso para lutar, mas suas espadas serão como cera contra os hititas e vou empenhar-me com tanta veemência junto a Horemheb para que ele desista da sua decisão, como se tratasse de salvar a minha própria vida, Majestade!

Nefertiti ficou radiante, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se esgotada e zonza. De fato, uma conclusão assim tão fácil e tão feliz a deixava estupefata, mas, também, desconcertada e sobremaneira inquieta. Podia realmente acreditar nas palavras de Ay? E acaso Horemheb acataria os conselhos de Ay? Era preciso confiar na proteção de Aton!

Durante um momento Ay nada disse e fixou seus olhos num ponto distante da sala. Depois, olhando o chão entre os joelhos, começou com frases precisas, bem pensadas, falando depressa, à medida que progredia na exposição do seu plano. Ay sentia mover-se o olhar do belo rosto erguido para o seu; sentia esse olhar percorrer sua face, como um pássaro assustado e ao mesmo tempo corajoso.

— O governo tem sido conduzido maciamente demais, Majestade — disse ele. — Todos sabemos que o faraó, vosso esposo, já não é como outrora...

— Sim — disse Nefertiti, quedamente —, o rei é agora apático e inofensivo, de espírito esmagado e com toda a personalidade obliterada. Sua saúde vem declinando sem pausa. Sofre de cruciantes nevralgias, acessos de tonteira, dormência e fôlego curto. Feios rumores amadurecem no palácio e o coração dos nobres se perturba.

— Confiemos em Aton, Radiosa. O Senhor dos Dois Horizontes afastou-se do seu Profeta, mas ainda está dentro de nossos corações...

— É verdade, Ay, nós somos o Templo do Deus Vivo! O maior erro que cometemos contra essa chama interna que queima em nosso coração é dobrar o joelho diante de qualquer relicário que não seja este relicário interno.

* * *

Quando o relógio d'água marcou a segunda hora da noite, Eje e Becankos, os dois profetas de Amon, entraram no complicado labirinto que dava para uma larga escadaria de pedra. Silenciosamente, eles desceram a escadaria que conduzia aos escuros subterrâneos do templo do falso deus em Tebas, sobre os quais corriam tantas lendas tenebrosas, mas que nenhum leigo ainda conseguira ver.

Caminharam cautelosamente pelo amplo corredor iluminado apenas pela luz da lanterna levada por Eje. Em dado momento, Eje parou e disse:

— É aqui. Ajude-me!

E depositando a lanterna no chão, ajoelhou-se e apertou de modo especial um dos degraus da escada. Imediatamente o degrau afastou-se, deixando ver uma grande pedra encimada por uma argola de metal. Os dois sacerdotes puxaram a argola com força e a pedra foi cedendo, até deixar descoberta a boca do alçapão.

— Entremos — falou Eje.

E pendurando a lanterna na longa corrente de ouro que lhe pendia do peito, o sacerdote esgueirou-se até o chão de pedra da "Câmara do Extermínio", onde, ultimamente, ele e Becankos iam cada vez com mais freqüência.

Em seguida, Eje tratou de acender as tochas laterais, que iluminaram todo o recinto com seu estranho fulgor. Logo, puxando uma alavanca à sua direita, Eje fechou novamente o alçapão.

— Agora, podemos trabalhar tranqüilos — disse com um sorriso triunfante.

Bocankos dirigiu-se para uma porta de cobre maciço fechada por muitos ferrolhos e abriu-a. A luz das tochas clareou um outro aposento frio e úmido. Murmurando umas misteriosas encantações, Becankos traçou no chão, com um pó vermelho, o desenho de seis símbolos maléficos e três círculos. Em seguida, dirigiu-se à parte ocidental do aposento, abriu um pequeno armário de ébano e marfim e tirou três figurinhas de cera, coroadas com a coroa dupla e cujos peito e têmporas estavam trespassados por pregos longos e finos. As estatuetas tinham o semblante do faraó Akhnaton, com fios de cabelos e lascas de suas unhas introduzidos na cera.

— Aqui estão as réplicas do rei — falou ele para Eje, que estava de costas, ocupado em queimar as ervas de um braseiro.

— Coloque-as na "Área Intocável" — retrucou Eje.

Becankos assim o fez.

— Traga-me os instrumentos executores — falou Eje.– Lançaremos sobre o rei a maior de todas as feitiçarias, aquela a que ninguém até hoje conseguiu resistir. Como sabes, o rei já se deixou enredar em nossas magias e o resto será fácil...

— Mas como tardou, meu caro Eje — falou Becankos.

— Sim, pois a feitiçaria age vagarosamente, e além disso o deus dele o protegeu contra a nossa magia; mas desde que o faraó se deixou levar pelos excessos sexuais, desequilibrou seu Eu Superior e caiu em nossas mãos... mas muitos males sucederão ainda antes de que voltemos a dominar o Egito.

— Semut falou-me sobre a mensagem que foi transmitida aos sacerdotes de Amon.

— É verdade. Da Câmara das Transmissões da Casa da Ressurreição, enviei ontem uma mensagem através da força mental a todos os templos de Amon, para que se concentrem no Grande Trabalho Ritualístico que faremos hoje.

— Tudo já está pronto. Podemos começar?

— Sim — retrucou Eje, enquanto se sentava em cima de um grosso tapete persa, tendo ao colo um tambor feito com pele humana. Com dedos ágeis e rápidos, Eje começou a tocar o tambor, ritmicamente. Logo, fazendo uso do seu poder, olhou fixamente para os símbolos que Becankos traçara no chão e disse:

"Eu sou Ur!
E sou vigoroso sobre a terra e
nos mundos inferiores!
Eu sou inatacável como Rá em sua
barca dourada!
Eu ordeno e tudo é feito!
Alerta, affrits *e todos os demônios perturbadores!*
Alerta!
Ó Tu, Espírito Horripilante
que tens o olhar inverso,
ó seres daninhos e malfeitores
saí de vossos primitivos lugares
e acudi rápido ao meu chamado!"

A voz de Eje continuou soando surdamente, acompanhada pelo bater do tambor, enquanto Becankos tirava do cinturão um frasco de cristal colorido, cheio com o sangue de uma virgem, que êle acabara de sacrificar no silêncio tenebroso da Sala dos Sacrifícios dos subterrâneos do templo.

Becankos uniu a sua voz à de Eje e os dois cantaram alto:

"Ó Espíritos perversos, obedecei-me!
Eu sou Ur, protegido de Ur-urti!
Ide todos aonde está o rei Akhnaton
para que se realize nele a destruição total!
Que seus três corpos sejam devorados
pela terrível serpente que existe na dupla Kerti
da cidade de Abu.
Que seu coração seja abatido e jamais
receba oferendas de trigo, vinho, óleo
e mel!"

Em seguida, a um sinal de Eje, Becankos tomou-lhe o lugar sobre o tapete e continuou tocando o tambor, enquanto aquele levantava-se e dirigia-se a um nicho situado na parte ocidental da Câmara do Extermínio. Eje retirou do nicho a adaga sagrada do demônio Nemu e, segurando-a firmemente, aproximou-se da "Área Intocável", onde estavam as três figurinhas de cera. Com um golpe certeiro ele cortou o pescoço das figurinhas, olhando-as fixamente com um olhar cheio de ódio. Sua voz soou lúgubre e fria:

"Akhnaton, eu te aniquilo com
esta adaga sagrada de Nemu!

Eu te retiro o sopro da vida,
eu te execro como coisa abjeta!
Eu te lanço no mundo das trevas
para que erres eternamente esquecido
dos vivos e dos mortos!
Eu te aniquilo com a ajuda
de todos os affrits!"

Assim que terminou a invocação, Eje pegou no lugar sagrado do Oriente um arco e uma flecha, colocou-os na devida posição e disse:

"Akhnaton, desaparece do mundo dos vivos!
Neste momento teu coração é trespassado
pela flecha mortal do deus Sebek.
É o próprio Sebek quem estira o arco
e dispara a flecha!"

Apontando para o coração das figurinhas de cera, Eje disparou, seguidamente, três flechas, que saíram sibilando e foram cravar-se onde ele queria. Foi então que por sobre o ruído do tambor surgiu ameaçadora nuvem franjada de fogo. E esta nuvem cresceu e se adensou tanto que a cripta ficou quase toda imersa na escuridão. Formas indecisas começaram a vagar por todo o aposento, voando no ar como morcegos. Cada um destes seres diabólicos era saudado por Eje e Becankos com um cântico diferente. Afinal, tudo desapareceu repentinamente e o rito terminou.

Os dois sacerdotes recolocaram tudo em seus devidos lugares e prepararam-se para deixar a cripta. Foi com fervor fulgurante que Eje falou:

— Removemos do Egito a desgraça que o corrói. Sobre a terra de Kêmi breve soará a hora para que tudo volte ao que foi antes e que o povo esqueça o falso faraó. Dentro de um ano, talvez, estaremos com a vitória na mão...

— Festejemos a destruição de Akhnaton com o incorpado vinho dos vinhedos de Amon, condimentado com cravo, canela e mirra!

E, erguendo um púcaro de vinho aos lábios grossos, Becankos engoliu uma grande dose, passando-o, em seguida, para Eje.

Suas narinas se encheram com o rico aroma da mirra e os dois soltaram uma gargalhada cruel.

* * *

Não se passou um, mas três anos antes que os padres de Amon colhessem o fruto de suas magias. Durante todo este tempo o rei Akhnaton, lívido e desfigurado, com o semblante abrasado de sofrimento, viveu uma vida de autômato, comandado pelas forças negras que, pouco a pouco, o destruíam. Agora, raras eram as pala-

vras pronunciadas pelo rei. A companhia das mulheres era-lhe importuna, salvo a de sua mãe Tii, e fazia-se acompanhar por adolescentes de pele fina e olhar suspeito, que ele acariciava ao falar-lhes chamando-os "meus queridos"...

A formosa Cidade do Horizonte de Aton se transformara num lugar amaldiçoado. Sacerdotes de Amon guardavam todas as estradas que iam ter à nova capital e matavam todos os fugitivos que se recusassem a render culto a Amon. Fecharam, também, o rio com correntes de ferro, para que ninguém pudesse fugir por esta via. Pelas ruas, antes alegres e ruidosas, reinava um silêncio mortal. As principais famílias tinham abandonado suas casas e a moderna Akhetaton parecia uma cidade morta. Nas tabernas os bêbados cantavam uma canção, que logo se tornou popular em todo o Egito:

Atenção, meu nome cheira mal,
mais do que o odor das aves de carniça
nos dias de verão, quando o céu está quente.
Atenção, meu nome cheira mal,
mais do que o odor dos pescadores
e do que as praias dos lagos onde eles pescaram...
Atenção, meu nome cheira mal,
mais do que o da mulher
da qual a calúnia falou, a propósito de um homem.
Com quem falarei hoje?
Ontem pereceu,
e a violência caiu sobre os homens.
Com quem falarei hoje?
Estou pesadamente carregado de desgosto,
e não tenho um consolador..."

Mas, apesar de tudo, o faraó permanecia na Casa Dourada, com a família. Os antigos deuses voltavam a governar o Egito, e em Tebas os sacerdotes rendiam culto novamente a Amon, por entre efusões de júbilo do povo. Amaldiçoavam o faraó, amaldiçoavam a cidade de Akhetaton e todos os seguidores de Aton. A situação era cada vez mais tensa, e foi então que Tii resolveu agir junto a seu filho. Certa tarde, entrou na Sala do Trono abruptamente, seguida por Nebamon, o Grande Profeta de Amon em Mênfis, que outrora iniciara o rei nos mistérios de Ísis e Osíris. Ao vê-lo, Akhnaton pareceu despertar de um longo sono. Seus olhos mortiços voltaram a brilhar e ele despediu com um gesto os adolescentes que sorriam ao seu lado.

— Meu filho — falou Tii —, é inútil lutar, pois a luz de Aton morre no poente! Amon reina outra vez em todo o Egito e temos que nos render a esta evidência.

— Eu sei... — retrucou o rei, com amargura.—"*O reino eterno não pode ser colocado dentro dos limites terrestres. Tudo retornará ao antigo. O medo, o ódio e a injustiça voltarão a reinar e os*

homens sofrerão novamente. Teria sido melhor eu não ter nascido, para que não visse todo o mal que há sobre a terra."

Friamente, Tii continuou:

— Tu não soubeste governar o Egìto! Teus antepassados conquistaram riquezas e províncias em outras terras, e em homenagem à sua memória tu deverias ter feito tudo para conservá-las! Mas foste um louco! Tu e Nefertiti, dois loucos que eu coroei com as minhas próprias mãos e que reduziram o Egito a uma ilha perdida sobre as águas do Nilo. A visão do teu deus te fez esquecer que a paz aqui na terra só pode ser conservada à sombra das armas. Por causa do teu ideal de fraternidade, foste a causa de milhares de mortes! E agora que farás?

Akhnaton encolheu os ombros e disse:

— É tarde demais, não posso fazer nada...

A voz de Tii soou fria como as águas geladas do inverno:

— Podes, sim! Ainda há uma última solução. Retira-te do trono que não soubeste conservar e nomeia teu filho Ank-Kheperu-Rá Smenkharê, como co-regente. Casa-o com tua filha mais velha Meritaton e envia-os a Tebas para ver se podem apaziguar os ânimos.

Akhnaton encarou sua mãe, fixamente. Afinal, disse com uma voz vibrante e firme:

— Sim... manda chamar o chefe dos escribas.

Pouco depois Hatiay estava ajoelhado aos pés do faraó. Era um dos poucos amigos que tinha permanecido fiel a Akhnaton e sentia uma dor imensa ao ver o faraó apático e doente.

— Escreve — ordenou o rei, secamente.

Hatiay sentou-se no chão com as pernas cruzadas, na posição dos escribas, preparou a tabuinha de argila e o estilo e ficou aguardando as palavras do rei, que vieram lentas e firmes:

"Minha Majestade ordena que meu filho Ank-Kheperu-Rá Smenkharê, nascido de Sitamun, a Esposa Menor, deverá alvorecer no horizonte das Duas Terras como Hórus, depois de mim, e será Faraó em meu lugar e que este decreto de Minha Majestade seja selado por minha mão neste dia e colocado na Casa Dourada, no lugar onde estão os mais preciosos Arquivos das Duas Terras."

Quando o escriba se foi, Tii falou:

— Agora, só falta reconciliar-te com os padres de Amon e ordenar o casamento de Smenkharê com Meritaton.

— Que casamento? — indagou Nefertiti que acabara de entrar na Sala do Trono e ouvira as últimas palavras de Tii.-Meritaton é também minha filha e eu recuso tal casamento. Os padres de Amon vão obrigá-la a abraçar sua fé... ouviste? Tua filha renderá homenagens a Amon e a todos os falsos deuses que condenaste!

Akhnaton pousou o olhar em Nefertiti. O corpo trêmulo, mas o rosto completamente calmo. Com uma voz cansada, falou:

— Eu errei na minha crença. Amon não é um falso deus. Que meu filho Smenkharê e minha filha Meritaton lhe rendam home-

nagens... que Tebas volte a ser a capital do Egito... e que todos me deixem em paz.

Nefertiti olhou seu marido estupefata. Akhnaton demonstrava ante todos que era fraco, indigno e poltrão. Bruscamente, Nefertiti escondeu a cabeça entre as mãos e chorou, soluçando e sofrendo, com toda a dor do seu coração. Mas quando o pranto cessou, ela tornou a ser dona de si novamente, e sua mente tornou-se clara, fria e precisa. De novo caminhou como uma rainha e, aproximando-se do trono, disse:

— Que te deixem em paz... sim eis tudo o que mereces! Eu acreditei em ti Akhnaton; muitos outros também acreditaram em ti, como se fosses uma espécie de bem-aventurado que viesse salvar o mundo. Por ti, os Templários de Aton teriam morrido contentes. Tu representavas a coragem, a pureza e a sabedoria. Mas como te deixaste prender nas teias ilusórias do sexo, Akhnaton! Como jogaste fora todos os dons que o Senhor do Disco te concedeu! E agora dizes *"que me deixem em paz"!* Muito bem, todos vamos deixar-te em paz Akhnaton! Mas busca uma outra esposa para o teu co-regente, porque enquanto eu viver Meritaton não renunciará ao culto de Aton!

O rei voltou-se vivamente para Nefertiti, com o rosto visivelmente alterado, e pronunciou num tom frio e igual:

— Infelizmente para ti, minha esposa, os padres de Amon não aceitarão outro co-regente. Meritaton, a filha de Akhnaton, é a mais indicada para representar, em Tebas, a abdicação total do rei herético. Eu não posso forçar-te a viver comigo aqui na Casa Dourada e compreendo bem a tua atitude, caso te retires para teu palácio setentrional, com tuas damas e tuas filhas, salvo, é claro, Meritaton, que obedecerá as ordens do rei seu pai e desposará seu meio-irmão, o co-regente Smenkharê. Eis tudo o que temos a dizer-te, minha mãe e eu.

Nefertiti estava mortalmente pálida. Com aquelas palavras, Akhnaton queria dizer que ela estava banida da corte, e, para dar mais forças às suas palavras, ele tinha colocado sua mãe ao seu lado, naquele "nós", que até então era o termo reservado a ela e ao rei.

Amargurada e com a cabeça erguida, Nefertiti retirou-se altivamente da sala, sem olhar para Tii nem para o rei.

A velha rainha tinha assistido a cena com interesse e admiração. A facilidade com que seu filho abandonara tudo o que até então tinha sido o seu ideal, decepcionou-a um pouco. No fundo, sentia pena de Nefertiti e, ao mesmo tempo, admirava-a pela sua coragem e o seu valor. Nefertiti é quem devia ter sido o faraó, pensou Tii amargamente.

— Achas que há necessidade de destituir Nefertiti de seus títulos? — indagou Tii.

— Deixa-me em paz — retrucou o rei, com uma voz curiosamente alterada.

Tii afastou-se silenciosamente e Akhnaton recostou-se no trono com a respiração ofegante.

Foi então que Nebamon aproximou-se, e colocando a mão direita sobre o peito do rei, fez serenar as batidas desordenadas de seu coração.

— Que desejas? — indagou Akhnaton, friamente.

Nebamon elevou o olhar para o rei e este sentiu como que uma pressão sobre o rosto, uma pressão que o manteve calado durante alguns segundos, até serem reduzidas a nada sua expressão estupefata.

— Por que vosso coração ainda se recusa a render preito a Amon?

— Porque ele não é o deus que eu venero, embora tenha que me submeter à vontade de seus seguidores.

— A Divindade tem muitas formas e muitos nomes. Pouco importa que suas imagens sejam diferentes.

Dizendo isto, olhou fixamente para o rei. O vento leve que vinha das montanhas entrava pelas amplas janelas abertas e movia um pouco a sua longa túnica de púrpura. Viu surgir no rosto do rei um fulgor ansioso.

— Sinto uma dor violenta na cabeça — gemeu o rei.

— Não deve ser nada de grave, se Vossa Majestade não se der por vencido. Essa dor vem de fora ou de dentro?

Conturbado, Akhnaton ficou algum tempo sem responder, depois ergueu a mão para passá-la pela testa coberta de suor frio, mas interrompeu o gesto e deixou a mão aplicada de encontro ao peito.

— Vem de dentro — respondeu nervosamente.

— De dentro? Ah! Então é porque Vossa Majestade queria voluntariamente essa dor e a deseja e procura com avidez. Tudo quanto sucede de mal a uma pessoa só pode vir de sua própria vontade.

Nebamon mantinha o corpo erguido e o olhar firme e atento, indicando benevolência.

— Esta dor não é invenção minha — disse o rei, irritado.

— Nem mesmo Aton poderá ajudá-lo se Vossa Majestade não começar a ajudar a si mesmo — redargüiu Nebamon, com ar compassivo mas com tom frio, que Akhnaton logo notou. Sentiu-se afetado e quis reagir; mas a verdade é que imediatamente tal sensação passou; percebeu, então, conquanto confusamente, que a frase de Nebamon tocava deveras no âmago da questão.

— É claro que bem quereria me ajudar. Que dúvida! Mas não sei como. Ignoro o caminho a seguir.

— O caminho é a Divindade — sentenciou Nebamon.

— Fiz um juramento sobre um assunto muito secreto, que tu bem conheces. Que será pior: tornar-se perjuro ou arriscar minha alma cumprindo tal juramento?

Nebamon sorriu e retrucou:

— Que é pior num incêndio: morrer queimado pelo fogo ou esmagado sob as paredes?

— Acha, então, que não posso me desligar do juramento que fiz na Casa da Luz?

— Toda palavra pronunciada fica vibrando para sempre no Universo — afirmou Nebamon.

Akhnaton aprumou o busto, levantou-se do trono, pondo-se a andar pelo imenso salão. Abriu a boca para responder a Nebamon, mas não disse nada, contentando-se em passar a mão pela testa coberta de suor. O peso da dupla coroa era-lhe quase intolerável. Momentos depois aproximou-se de Nebamon, com as duas mãos apertando firme o cinturão de pedrarias, e ponderou:

— Acha então que estou ligado para sempre ao meu juramento iniciático? Que devo, portanto, me perder?!

— Não é bem isso—retorquiu Nebamon, abaixando os olhos.— Mas ninguém consegue fazer com que uma coisa que foi dita, pensada ou realizada deixe de existir. Como cuidar que o Universo não mudou com o seu juramento, não sendo mais o que era antes dele. Os Senhores do Destino ouviram vossas palavras na Casa da Luz... quem age assim brinca com o fogo do céu.

Akhnaton olhou para Nebamon, a cabeça lançada para a frente, sob o peso da coroa vermelha e branca, de modo que a cobra de ouro, erguendo-se altiva sobre a sua fronte, parecia ameaçar com seu hálito de fogo, todos os inimigos do faraó.

E eis que Nebamon lhe diz:

— Senhor, a menor gota de água que cai no mar lhe muda a cor. O curso dos acontecimentos seria diferente do que tem sido, se Vossa Majestade não tivesse pronunciado tal juramento. Mas não deve, por causa disso, viver atormentado. Deve apenas se esforçar para aceitar e amar a ordem das coisas. Só assim deixará logo de sofrer, pois, na realidade, não existe nenhum problema. Se quiser, deixará imediatamente de sofrer.

Akhnaton voltou a sentar-se vagarosamente no trono, e perguntou:

— Que devo fazer, então? Que decisão devo tomar? Sei bem que enquanto não tiver tomado uma decisão não poderei achar tranqüilidade.

— Deve fazer o que está fazendo — respondeu Nebamon, sem hesitação.—Vossa Majestade está fazendo exatamente o que deve fazer.

— Não compreendo.

— Não está fazendo vosso país voltar ao antigo culto e aos antigos deuses?

Akhnaton soergueu de leve os ombros.

— Sim... mas a decisão a cujo respeito vivo atormentado se liga a um fato mais longínquo.

— Então, está se atormentando em vão, já que tal ação está situada num futuro que Vossa Majestade não pode prever. Cada uma de nossas ações transforma o nosso futuro.

— Bem — disse Akhnaton —, preciso então lhe falar com mais nitidez. Trata-se de saber se devo voltar ou não a abraçar sinceramente o culto de Amon. Jurei renunciar para sempre a este culto e este juramento foi muito mais sincero e firme do que o que fiz na Casa da Luz, durante a minha iniciação nos mistérios de Ísis e Osíris.

O rosto de Nebamon permaneceu impassível. Malgrado a emoção e o estado em que se sentia, Akhnaton não deixava de observar, com intensa curiosidade, o rosto do Grande Profeta de Amon. Nenhuma sombra, nenhum tremor mínimo lhe alterava a expressão absolutamente calma e benévola.

— Vossa Majestade me faz pensar na lâmina afiada de um punhal. De qualquer modo que se caia em cima dela, se fica ferido.

— Parece que compreendo. Mas em que é que isso se coaduna com o meu caso? Que devo fazer, Nebamon?

O Grande Profeta ergueu os olhos, mostrando expressão afirmativa, e respondeu:

— O juramento que fêz na Casa da Luz é mais importante. Mas somente o coração de Vossa Majestade pode decidir qual dos dois juramentos deve cumprir.

— Nem eu próprio sei se ainda tenho coração — disse o rei, com amargura. - Devo estar embrutecido. Onde estão os que confiavam em mim? Onde os que me eram fiéis, os que me amavam e que eu amava? Aconteceu o mesmo que a meu antepassado Amenenhet: *"Os que usaram o meu linho fino olham para mim como uma sombra. Ungiram-se com a minha mirra, profanaram-me. Os reis são os mais solitários..."* Ah! como eu estou cansado de tudo!

— Sim... a fadiga vos é demasiada, senhor. Mas agora deve cessar de sofrer.

— De fato.

Akhnaton já não sentia a violenta dor de cabeça, nem falta de fôlego. Não transpirava mais. Era como se a simples presença de Nebamon aliviasse o seu sofrimento. Ignorava que Nebamon vinha devolver-lhe o livre arbítrio que a magia de Eje e Becankos lhe tinham retirado. O Grande Profeta de Amon, em Mênfis, era contra a magia negra, e com a sua fôrça espiritual viera libertar o rei, embora soubesse que os dias de Akhnaton estavam contados. Suas ordálias tinham sido cada vez mais profundas; os Senhores do Destino tinham tomado o seu Juramento de Renunciação ao pé da letra. Perdera o amor de sua esposa; perdera sua filha Meketaton que ele idolatrava; perdera todas as suas riquezas, sua reputação e quase a liberdade do pensar. Seus bem-intencionados esforços ruíram por terra; seus contatos com o Invisível fracassaram. Desesperado, o rei mergulhara no caos e deixara-se prender pela teia má-

gica que lhe estenderam os *affrits*. Por fim, depois de um cúmulo de experiências tão penosas, depois de erros dos mais graves e fracassos dos mais abjetos, Akhnaton atingiu um certo estado de consciência que possibilitou a vinda de Nebamon para ajudá-lo. Justamente quando ele se considerava completamente caído, fracassado, quando estava a ponto de morrer de vergonha, começou a pressentir que, a despeito dele mesmo, o seu voto se cumprira; que renunciara aos interesses do homem lunar; que passara pela sua real Iniciação, guiado por Aqueles a quem se dedicara, se bem que ele mal percebesse como se fizera a transição. Já não se perderia na cegueira dos baixos planos do astral, seu EU REAL começava a despertar, gradualmente...

O rei levantou-se de novo, sentindo-se estranhamente aliviado. Andou pelo salão, voltou para defronte de Nebamon e disse:

— Farei um discurso no balcão da aparição. Manda reunir o povo.

Nebamon inclinou-se diante do rei e saiu para cumprir a sua ordem.

O rei sentiu-se demasiado fraco e demasiado idealista, incapaz de levar a bom cabo a imensa tarefa a que se tinha proposto. Falhara na sua missão de instaurar, em todos os domínios, o que ele chamava de "Verdade". Compreendia, agora, que cometera uma heresia atentando contra uma ordem de verdades incontestáveis aos olhos de seus contemporâneos. Seu monoteísmo, que desprezava a infinidade de deuses egípcios, era elevado demais e o povo não estava preparado para compreendê-lo. Era preciso fazer algo antes que fosse tarde! Estava sozinho, eternamente só. Nefertiti jamais voltaria para junto dele. Mas, banindo-a da corte, ele a tinha protegido contra ela mesma. E por causa do desprezo que ela votava a ele, desprezo mais amargo que o aloés, ela tudo faria para conservar sua fé em Aton. Ela, que nascera de essência vigorosa, é que continuaria o admirável trabalho que ele começara no Egito. E para cortar todos os laços que havia entre ele e Nefertiti, para fazer com que ela lutasse até o fim em prol de Aton, ele renunciaria à sua fé. E pouco depois, diante da corte estupefata, Akhnaton falou:

— Hoje reconheço que errei ao descrer no poder imenso de Amon... De todo o meu coração admito a verdade do grande deus tebano. Meu filho Smenkharê será coroado e entrará na capital do Egito, que, de agora em diante, voltará a ser Tebas. Todavia, a rainha Nefertiti persiste no erro, continua adorando Aton, e por esta razão será banida da corte, despojada do seu nome real Nefer-nefru-Aton Nefretete Nefertiti, que eu lhe conferi outrora, quando viemos para esta cidade e esse mesmo nome passará ao novo favorito do faraó, meu filho mais velho, Nefer-nefru-Amon Ank-kheperu-Rá Smenkharê. O nome de Nefertiti será apagado de todos os monumentos, e minha filha Meritaton assumirá as funções da

mãe, como primeira dama. De hoje em diante eu me mostrarei ao meu povo ao lado da princesa mitaniana Taduhipa, e todos vós deveis manifestar-lhe o respeito devido a uma "Grande Esposa Real". Que Amon tenha piedade de nós e que nos perdoe a nossa ingratidão!

O efeito destas palavras foi exatamente o que ele esperava. Sob o impacto da dor de ver o seu marido confessar publicamente, sua fraqueza, Nefertiti se convenceu de que tinha sido designada por Aton para continuar a impor o seu culto. E porque sua alma estava vazia de amor material, Nefertiti dedicou-se inteiramente à sua maravilhosa missão de amor universal.

Naquele mesmo dia, Nefertiti partiu para o palácio setentrional, junto com suas damas, suas filhas, o pequeno Tutancaton, por quem ela nutria grande carinho, Mérira, o sumo sacerdote de Aton, Sitka e Hatiay. Somente sua filha Meritaton, que já era uma linda mocinha de quatorze anos, ficou na corte junto com o pai, Smenkharê, Tii e os cortesões que tinham voltado, jubilosamente, a adorar Amon.

Foi então que Horemheb segurou as rédeas do governo com mão firme, ajudado pelo general Ay e os padres de Amon. Meritaton casou-se com Smenkharê e os dois foram para a nova capital. O povo de Tebas alegrou-se grandemente com a entronização do novo faraó escolhido por Akhnaton. Grande multidão postou-se ao longo da Avenida dos Carneiros, para saudar o jovem rei e sua esposa, com gritos de alegria e cascatas de pétalas de flores, músicas e canções. Na sua inconsciência, o povo pensava que aquele menino de dez anos, de crânio alongado e pescoço longo e fino como o pai, acabasse com a injustiça, a fome e a miséria e restaurasse o poderio do país de Kêmi.

A alegria era geral. Aquela noite era a coroação do rei Smenkharê e todo o Egito estava em festa. O Templo de Amon reabriu as suas portas e voltou ao antigo esplendor. Logo depois que a rainha Tii colocou na cabeça de seu neto Smenkharê as coroas dos dois reinos, a coroa vermelha e a coroa branca, de papiro e de lírio, sentiu uma estranha pontada no coração e compreendeu que seu fim estava próximo. Procurou controlar-se, e sua face dura e fria permaneceu impassível durante as longas horas que durou a cerimônia.

Com o passar dos tempos, Ay e Horemheb perceberam que o novo faraó era rebelde e caprichoso. Fora educado no atonismo e não se submetia facilmente aos desejos do clero de Amon. Também era dado a ter alucinações e estranhava muito a infinidade de deuses que tinha que adorar, bem como as ruidosas e cansativas procissões a que era obrigado a assistir. Isto preocupou-os bastante, mas Eje, o sumo sacerdote de Amon, que voltara ao seu antigo poder na corte, pediu-lhes que deixasse a educação religiosa do jovem rei aos seus cuidados. E assim foi feito.

Quando as águas do rio baixaram e a luz entrou no seu primeiro dia do último quarto, a rainha Tii voltou ao seio de Osíris. Antes de morrer, ela mandou chamar seu escriba favorito e ditou-lhe uma carta para Nefertiti.

"Morro sozinha porque nunca soube fazer
com que os outros me amassem. Ninguém pode
imaginar como é dolorosa a angústia de uma
agonia solitária. Nefertiti, minha querida,
prossegue o teu culto no deus único que adoras.
Apieda-te de meu filho Akhnaton. Ele falhou
na sua missão e breve, muito breve mesmo,
sei que morrerá solitário e abandonado por
todos a quem amava. Que Aton tenha piedade
de ambos e que jamais seja destruído o templo
onde tua alma e a dele estiveram tão estreitamente
unidas! Os homens de perto e de longe falarão
de Akhnaton com desprezo, classificando de
vergonhoso o seu proceder; e a vergonha
e a desonra são piores do que a morte
para quem é nobre de nascimento...
Olha-te neste espelho, Nefertiti!
Com a mente tranqüila, aceita como iguais
o prazer e a dor, o ganho e a perda, a
vitória e a derrota. Cumpre o teu dever
para com Aton, porque nem eu nem meu filho
soubemos fazê-lo."

Foi somente passados setenta dias depois que a velha rainha foi embalsamada e sua múmia conduzida à sua tumba suntuosa, em Tebas, que o escriba Ahmóses pôde deixar o palácio e levar a mensagem de Tii para Nefertiti, que vivia isolada em seu retiro, nas colinas da cidade de Akhetaton.

Nefertiti leu a carta de Tii e ficou comovida até às lágrimas. Com a carta na mão, Nefertiti cruzou a sala das sete colunas douradas, com passos trêmulos, e foi sentar-se num banco rústico do jardim do "Castelo de Aton", iluminado pela tênue luz da manhã. No jardim real tudo era frescor; as flores se abriam de leve para receber a carícia do orvalho; as folhas se inclinavam sob os dedos da brisa; a natureza vegetal remoçava e obedecia ao influxo das últimas estrelas que se despediam. Nefertiti, por um momento, ficou imóvel e pensativa.

— Radiosa...

Nefertiti ergueu os olhos e viu Mérira na porta do Pátio das Tamareiras.

— Ah! meu caro Mérira! — suspirou Nefertiti.

O ancião viu-lhe a expressão triste no olhar e caminhou vagarosamente através do jardim, até o lugar onde Nefertiti esperava

por ele. A rainha entregou-lhe o papiro com a carta de Tii e o sumo sacerdote de Aton leu-a, serenamente.

— Que Aton se apiede de sua alma! — murmurou Mérira.

Incapaz de falar, Nefertiti assentiu e permaneceu em silêncio.

— Grande é a vossa missão, minha rainha — continuou Mérira, olhando Nefertiti, perscrutadoramente. — O rei Akhnaton ergueu o Egito do desespero e trouxe uma época de luz e de esperança, de arte e de beleza, de ciência e de misticismo para o Egito. Mas foi impotente para lutar contra a força negra do clero de Amon. Agora, o faraó está derrotado e breve estas forças se voltarão contra vós, Radiosa...

Nefertiti ficou calada. Apenas assentiu com a cabeça, esperando que o sacerdote continuasse.

— Como disse a rainha Tii *"com a mente tranqüila, deveis aceitar como iguais o prazer e a dor, o ganho e a perda, a vitória e a derrota"*.

— Eu aceitarei tudo pelo amor de Aton.

— Lembrai-vos, entretanto, Radiosa, que enquanto a Vontade é a Lei, a natureza dessa vontade é o Amor. Mas este amor é como que um subproduto daquela vontade; não contradiz nem sobrepuja aquela Vontade; e se em qualquer crise uma contradição se erguer, é a Vontade que nos guiará corretamente. O amor é apenas a flâmula que flutua sobre a sagrada lança da Vontade. Por isso vos digo sempre, senhora, *"O Amor é a lei, amor sob Vontade"*.

E assim dizendo, Mérira beijou de leve as mãos da rainha e retirou-se do jardim para se entregar às suas preces. Nefertiti ficou olhando o ancião andar vagarosa e silenciosamente sobre as lajes de pedra que conduziam ao santuário do Senhor do Disco Solar.

* * *

Conforme o sexto mês do décimo-oitavo ano do seu reinado ia terminando, a vida do faraó Akhnaton ia também chegando ao seu fim. Ciente da sua solidão, ele vagava sem cessar através do seu imenso palácio de Akhetaton, onde vivia com os servos mais fiéis e os membros mais antigos da corte que não o abandonaram. Despojado de toda alegria, de toda esperança, aos vinte e oito anos de idade, Akhnaton sentia-se como um velho de setenta. Seu único alimento, por sua própria ordem, era pão seco e a papa dos pobres.

E naquela noite brumosa da vigésima-quarta lua do mês de Mesorê, do ano de 1350, Akhnaton acordou de madrugada exausto e febril, sentindo uma violenta dor no peito, como se uma flecha envenenada estivesse cravada em seu coração. Por um momento o rei ficou imóvel. Mas logo desceu da cama lentamente, forçando seu corpo alquebrado a mover-se. Sem mesmo calçar as sandálias douradas, o rei deslizou para fora do quarto, lançando-se na penumbra do palácio, deixando que seus pés o levassem ao caminho que ele tão bem conhecia. No fim de um corredor encontrou alguns

guardas sonolentos, que, acostumados com as andanças do rei, saudaram-no de modo habitual e deixaram-no ir. Águas invisíveis e cantantes povoavam a sombra dos pátios floridos e seu ruído soava longínquo e não parecia vir de parte alguma, como se fossem vozes de fantasmas sem corpo. Com passos vacilantes, o rei continuou andando. Em dado momento, sentiu-se meio tonto e encostou-se a uma das colunas de alabastro. Assim que se refez um pouco, andou novamente e, afinal, parou diante de um aposento cuja porta de cedro, incrustada de marfim e ouro, estava fechada há muito tempo, sem que ninguém, nem mesmo ele, se animasse a abri-la. Com mão trêmula o rei correu os ferrolhos e entrou, fechando a porta atrás de si. Apesar do vasto aposento estar escuro e completamente fechado, havia como que uma doce brisa perfumada agitando de leve as longas cortinas de linho branco, pintadas de lótus azuis, que vedavam a luz das janelas.

Akhnaton estava profundamente abatido e emocionado. Suas pernas fraquejaram e ele caiu de joelhos sobre o piso de mármore rosado. Ergueu a cabeça para o disco dourado de Aton que dardejava sobre ele seus raios benfazejos e começou a chorar. Todo o corpo, sacudido por soluços convulsivos, acompanhava as lágrimas sentidas de Akhnaton; o rei chorava como uma criança medrosa e desamparada. Chorava não so por si, porém mais ainda por seus ideais de amor e pacifismo, agora irremediavelmente perdidos. Afinal, passada a primeira emoção, fechou os olhos e deixou a luz do santuário brilhar sobre o seu rosto e, apreensivo e maravilhado com a súbita paz que surgiu em sua alma, Akhnaton rezou para Aton. No mesmo instante, julgou ouvir uma música maravilhosa. Elevava-se do fundo da noite e ecoava ora qual pura voz divina, ora qual coro celestial e ora sacudia o ar como se fosse o retumbar de mil trombetas de prata tocadas ao mesmo tempo. Essa música estranha parecia exprimir todas as emoções humanas. Em suas notas havia poder, paixão, orgulho, vaidade, dor, misticismo e beleza.

Como vagarosa nuvem de incenso a perder-se no alto teto dourado do santuário, as notas da celestial melodia foram desaparecendo ao longe, até fundir-se com a carne do silêncio. E foi então que após tanto tempo Aton se manifestou novamente ao seu filho, e sua voz soou dentro da alma dolorida do rei e disse, suavemente:

"Filho meu, aprende que um só raio da Chama da Visão Beatífica destrói e extirpa até os mais sutis matizes da maldade. Aprende ainda que teus são a Força e o Fulgor do Eterno! Tua vida não está nem aqui nem ali. Está fixa na Eternidade! Toda essa sensação de pecado, em seu sentido mais profundo, é ignorância. É um sonho. A índole do pecado é debilidade. Sê forte! Vê se consegues vislumbrar a tua verdadeira essência divina! Com só o vislumbrar do teu Eu Real desaparecerá toda sensação de diversidade, morada do pecado e da ignorância. Em essência és livre, és puro, és divino. Todas as forças do universo estão ao alcance de tuas mãos. Murado

pelo medo, sexo e magias, bem como pelos pensamentos que dêles surgem, te amortalhaste voluntariamente e tua maldição reside na tua própria ignorância e fraqueza. Despedaça tanto as idéias de tristeza como de alegria e o férreo obstáculo da consciência do corpo tombará a um lado. Tens, pois, diante de ti uma tarefa prodigiosa no além, já que tua missão na terra está finda. Sai das trevas, Akhnaton, vem a mim e verás a Imortalidade! Por muito elevados que sejam os cumes da ignorância, por muito profundos que sejam os abismos do pecado e da miséria, EU abarco o fundo e o cume. Sou o Todo, o Uno, o Eliminador de todas as desarmonias. Sabe isto e sê livre, ó tu, o livre!"

Tomado pelo êxtase daquelas palavras, Akhnaton sentiu o aniquilamento do seu corpo material e o nascimento de um corpo etéreo e puro, e súbito todo ele foi como um perfeito abandono de alma ao Deus Único.

— Ó Aton — murmurou o rei comovidamente —, *"respiro novamente o doce aroma que vem da tua boca. Dia após dia, vejo a tua beleza. Meu desejo é escutar sempre a tua doce voz que vem dos frescos ventos do norte..."*

Em seguida, o rei abriu os braços, com a palma das mãos voltada para cima, e recebeu agradecido a bênção de Aton. Logo suas forças o abandonaram e êle caiu de bruços sobre o piso de mármore. Sua cabeça tombou para um lado. Estava morto.

Foi só no dia seguinte que encontraram o corpo do faraó Akhnaton junto ao santuário do Senhor do Disco Solar. A Casa Dourada, na cidade de Akhetaton, ficou cheia com o pranto dos amigos que ainda lhe restavam. Nakht, May, Panehesi e Hatiay acompanharam o corpo do faraó até o recinto dos embalsamadores, para que o preservassem para a vida eterna. Em seguida, Panehesi tomou a seu carro puxado por velozes cavalos núbios e foi ao Castelo de Aton levar a notícia para a rainha Nefertiti e suas filhas. Enquanto isso, Nakht viajou para Tebas, a fim de avisar a corte.

— E... antes de morrer meu esposo perguntou por mim? — indagou Nefertiti.

Panehesi hesitou um pouco, mas respondeu:

— Vosso esposo não perguntou por ninguém. Ele pouco falava ultimamente. Não queria junto dele nem mesmo eu ou algum outro de seus raros amigos. Quando, um dia, lhe perguntei se queria que avisasse a Grande Esposa Real sobre a gravidade do seu estado, ele respondeu: *"Taduhipa é a Grande Esposa Real e eu não tenho nenhum desejo de vê-la, nem a nenhuma dama do harém."* Então... eu não ousei mais pronunciar o vosso nome, Radiosa...

Por um momento Nefertiti ficou em silêncio, com uma expressão de funda angústia no olhar. A carta de Tii tinha feito nascer nela o desejo de perdoar Akhnaton. Esperava que antes de morrer ele dissesse o quanto ela tinha representado em sua vida.

— Que a paz de Aton penetre o *ká* de meu esposo e nele resida eternamente — murmurou Nefertiti, quedamente.

Em Tebas, os jovens soberanos Smenkharê e Meritaton ficaram atordoados, com sincera mágoa, quando Nakht contou-lhes a morte de seu pai. Diante dos Senhores da Corte, o faraó Smenkharê, dolorosamente magro e pálido, declarou:

— Darei conhecimento da luz de Aton a todo o povo. Erguerei um grandioso templo à memória de meu pai Akhnaton, o Profeta do Sol Divino!

O jovem rei disse isto com tanta firmeza, com tanta intensidade, que os sacerdotes de Amon trocaram um estranho olhar com o general Horemheb. Cúmplice da heresia de Akhnaton, o faraó Smenkharê já não teria muito tempo mais para sentar-se no trono do Egito. Naquele momento, a luta em torno do faraó começou. A corte inteira entrou em tumulto quando, alguns dias depois, os jovens soberanos partiram para a cidade de Akhetaton.

No setuagésimo dia da quinta lua do mês de Faôfi, a múmia de Akhnaton saiu do seu longo banho de natrão. Foi lavada, enxugada, cuidadosamente ungida com resinas perfumadas, enrolada em muitas faixas de linho fino, entremeadas de jóias, e colocada num sarcófago de ouro incrustada de cornalina, lápis-lazúli e cristal colorido. Aos pés da múmia, foi colocada uma folha de ouro, tendo gravado um trecho de uma das formosas preces escritas por Akhnaton. Sobre a tampa do sarcófago, a rainha Nefertiti mandou gravar:

"O belo príncipe, o Escolhido do Sol,
Rei do Alto e do Baixo Egito, o que
Vive da Verdade, Senhor das Duas Terras,
Akhnaton, o belo filho de Aton, cujo
Nome viverá para todo e sempre."

Finalmente, chegou o momento de formar o cortejo que devia acompanhá-lo à sua régia morada nos penhascos de Wadi, na região de El-Til-Ell-Amarna. O cortejo, liderado pelo jovem faraó e sua esposa, a rainha-viúva Nefertiti e suas filhas, dirigiu-se para as colinas orientais, onde o esperava, na noite fria e silenciosa, a Mansão da Alegria que Akhnaton mandara construir na cidade celestial. Tudo foi feito. Tudo foi dito conforme os seguidores de Aton o queriam. Contidos pelo general Ay e o poderoso Horemheb, que lhes prometera todo o apoio, os sacerdotes de Amon não interferiram no funeral do *"criminoso de Akhetaton"*.

Depois que os cânticos foram terminados, a grande entrada de pedra foi fechada e selada com o selo real. A próxima tempestade de areia que começaria em breve iria flagelar o flanco ferido da montanha que guardava a múmia de Akhnaton, vestida para a eternidade com a carne brilhante e incorruptível dos imortais...

Naquela noite Nefertiti chorou longamente, em seus aposentos da Casa Dourada em Akhetaton.

• • •

Os dias sumiram-se em outros dias. Smenkharê e Meritaton voltaram a Tebas e ao convívio dos Senhores da Corte e dos padres de Amon. Seis meses após a morte de seu pai, o jovem faraó Smenkharê acordou de repente, no meio da noite, sentindo-se queimar por dentro. Na véspera, durante a refeição da tarde, o Primeiro Profeta de Amon lhe oferecera uma taça de um capitoso vinho de framboesas, condimentado com pimenta e cravo. Tarde demais, Smenkharê compreendeu que tinha sido envenenado. Cambaleando, levantou-se do leito, soberbamente trabalhado em ouro, e tentou alcançar o aposento ao lado, onde repousava sua espôsa Meritaton. Mas o veneno agia rápido em suas veias e êle caiu de bruços no chão, arquejando e com os olhos desmesuradamente abertos. Foi então que ouviu vagamente um ruído de passos junto dêle.

— Água! — pediu Smenkharê, num gemido.

— Ah! Queres água? — falou Eje, rindo sacudidamente.

E abrindo de par em par a grande porta da varanda que dava para o jardim, o sacerdote de Amon carregou o frágil corpo do rei, andando rapidamente através da relva macia, passando por cima dos canteiros floridos até chegar junto ao tanque dos nenúfares, onde jogou o corpo do rei moribundo.

As águas saltaram em chispas luminosas e se fecharam logo sôbre o corpo de Smenkharê. Depois, seus círculos prateados pelo luar foram se alargando até expirarem mansamente nas margens silenciosas. Pouco depois, quando o corpo do faraó apareceu boiando, estava frio e inerte e já imerso no reino sombrio da morte.

Com um último olhar para o morto, Eje saiu pelo portão dos lírios, cruzando o grande pátio, contente porque conseguira executar o seu terrível plano.

A notícia correu célere por todo o Egito. Em seu longínquo palácio da Cidade do Horizonte de Aton, Nefertiti soube do ocorrido e resolveu jogar sua última partida contra os padres de Amon. Imediatamente, partiu para Tebas, levando Tutancaton e suas filhas. Seis dias depois, toda a corte viu a rainha entrar, abruptamente, na Sala do Trono, trazendo pela mão o menino Tutancaton e sua filha Anksenpaaten.

— Onde está a coroa-deusa? — indagou Nefertiti, imperiosamente.

— Senhora... eu — murmurou, atônito, o Guardião do Tesouro do rei.

— Vai buscá-la! — ordenou Nefertiti.

O homem não ousou desobedecer.

Momentos depois, segurando a dupla coroa do faraó, com suas mãos firmes e delicadas, Nefertiti voltou-se para o pequeno Tutancaton, que estava de pé junto ao trono, e falou:

— Olha, esta é a coroa que ofereço a tua real condição!

Suas narinas fremiam e a linda face de Nefertiti resplandecia com a previsão de futuras vitórias. Depois, erguendo a dupla coroa

de lírio e de papiro, colocou-a sobre a cabeça de Tutancaton. E assim falou com sua voz gloriosa, de entonações ricas e profundas:

— Faço-te rei do país de Kêmi! Nesta coroa-deusa está encerrado todo o poder. Tutancaton, bem-amado esposo de minha filha, a princesa Anksenpaaten, sê o nosso rei e governa o Egito em nome de Aton!

Os padres de Amon se deram conta, com amargura, que a heresia ainda não estava morta. Horemheb tinha agido mal em permitir que a rainha Nefertiti vivesse em seu palácio de Akhetaton. Mas para tudo havia uma solução e o clero de Amon estava certo que encontraria uma excelente solução para aquele novo problema. A luta contra Nefertiti não podia ser aberta. Ela contava com o apoio integral do general Ay, e ele, desde os tempos de Akhnaton, tinha governado o Egito juntamente com Tii, e era um bom político, que jamais sujaria suas mãos com um assassinato. Portanto, que o novo faraó reinasse em paz até que chegasse o momento apropriado para que Amon fizesse justiça...

— Tutancaton é uma criança de dez anos — pensou Eje —, sei que ele é dócil e fácil de ser convencido, quem sabe se mais tarde não será nosso aliado contra Nefertiti?

Eje esfregou a testa, meditando. E, enquanto meditava, seu rosto clareou e com surpresa seus seguidores mais íntimos viram o Primeiro Profeta de Amon, em Tebas, curvar-se, reverente, diante do novo rei e da nova rainha da terra de Kêmi. E seu gesto foi imitado por todos.

O general Ay entregou ao menino o cajado e o chicote, símbolos da realeza, e com sua vozinha infantil o rei declarou:

— Com meu chicote castigarei todos os inimigos do Egito e com o meu cajado vigiarei como um pastor os que forem bons e piedosos como um rebanho.

Ninguém ousou comentar suas palavras.

O trabalho insidioso do clero de Amon recomeçou visando, desta vez, o novo faraó. E eles sabiam que também desta vez a vitória lhes pertenceria.

Protegida pela sua fé, Nefertiti vigiava e orava. Não tinha medo da morte e estava disposta a enfrentar tudo para salvar o culto de Aton.

Mas foi surpreendente a rapidez com que Tutancaton se esqueceu de seus deveres para com Aton. Sua vida agora era cheia de divertimentos e alegrias. Os padres de Amon tudo faziam para agradá-lo e uma criança, mesmo sendo rei, continua sendo uma criança. Eje contava-lhe histórias fabulosas, que deixavam Tutancaton sonhando de olhos abertos; instruiu-o no manejo das armas de guerra, na arte de atirar flechas, de caçar antílopes, de arpoar peixes no rio, na rígida maneira de traçar os hieróglifos; e obrigou-o, com suavidade, a memorizar palavras e rituais do Livro dos Mortos, à repetição dos salmos agradáveis ao deus Amon, à prática das cinco

danças sagradas, ao treino de centenas de rituais de maneiras dignas de um rei do Alto e do Baixo Egito.

Era, na verdade, uma vida cheia e agradável que lhe davam os Preceptores reais escolhidos por Ay e Horemheb. É lá na paz e na solidão de seu palácio de Akhetaton, Nefertiti compreendeu que o jovem rei já estava dominado pelo clero de Amon. Meio prisioneira na Cidade do Horizonte de Aton, a rainha-mãe não ousava ir a Tebas, pois sabia que era inútil a sua presença e que Tutancaton não ouviria os seus conselhos. Cada dia se misturava com o seguinte e o dia anterior desaparecia diante do presente. E assim se passaram alguns meses, que se transformaram em anos. Diariamente, o jovem rei era instruído nas velhas lendas egípcias, que desde logo o fascinaram. Certo dia, Eje trouxe-lhe um anel maravilhosamente lavrado em ouro, tendo um escaravelho solar talhado numa grande turquesa. Tutancaton ficou contente, pois herdara de seu avô Amenótis III o gosto pelo luxo e pelas jóias.

— É a mais bela obra do joalheiro da corte, Majestade! — disse Eje, com um fulgor estranho no olhar.–E ele o fez para agradar os vossos augustos olhos na esperança de que não desdenheis usar êste anel de escaravelho.

— É lindo! — exclamou o pequeno faraó.–Nunca mais vou tirá-lo do dedo. Será o meu selo real!

— Que assim seja, Divino Senhor dos Dois Países — falou Eje. Fundas rugas sulcavam-lhe a testa e um sorriso manso dava-lhe ao rosto uma expressão de humildade, quando ele prosseguiu:

— O escaravelho é o símbolo da vida que se renova eternamente a partir de si mesma, por isso seu nome *Kheper* significa também a renovação vital e a negação da morte. Sua história é muito curiosa...

— Conta-a! — disse o pequeno rei com os olhos brilhando de excitação.

E sentando-se aos pés do trono, Eje falou:

— Dizem nossos antigos sábios que todas as manhãs, bem cedinho, o escaravelho sai de sua toca empurrando uma bolinha de lama e de excremento, sempre na mesma direção, desde que o sol nasce até que se põe. E neste espaço de tempo o pequeno inseto vai aumentando mais e mais a sua bolinha até transformá-la numa bola grande que ele mal pode empurrar com suas patinhas. E assim que o sol desaparece o escaravelho também desaparece misteriosamente. Por isso nossos velhos filósofos dizem que o escaravelho é um deus solar que enquanto se move na terra levando a sua carga faz com que o sol também se mova no horizonte...

Passaram-se quatro anos sobre o Egito após a coroação de Tutancaton, e foi então que o clero de Amon achou que o jovem rei, com seus quartorze anos, se transformara num rapazinho esguio e flexível de movimentos, estava pronto para decidir importantes

problemas. Tutancaton se submetia docilmente à tutela de Eje e seus assistentes, e uma tarde Eje lhe disse:

— Vossa Majestade já pensou na inutilidade do poder do deus em nome do qual foi coroado? Aton iguala todos os homens... nem sequer permite que os reis voltem à Terra do Poente levando as suas riquezas. Os atonistas desdenham o reino de Osíris e os maravilhosos ritos funerários, cujos simbolismo já vos expliquei e que sabeis serem indispensáveis para que o nosso *ká* não fique perdido entre as sombras do além...

— Sim, é verdade, Aton não admite os ritos funerários, nem as tradições osirianas que o povo tanto ama! — disse Tutancaton, pensativamente.

— E por que então vós não o admitis publicamente, ó Divino Senhor dos Dois Países? — retrucou Eje.— *"Oh! Já pensastes, senhor, como seria maravilhoso se um dia fôsseis enterrado e conduzido à respeitabilidade com toda a pompa e todo o luxo dos ritos funerários osirianos? Uma noite vos será dedicada com óleo de cedro e nardo e faixas de linho real tecidas pelas próprias mãos de Tait, a deusa da tecelagem. Vosso féretro seria feito no dia do enterro; a máscara de vossa múmia seria belamente trabalhada em ouro puro e a cabeça ornada com a coifa raiada, a serpente o abutre. O escrínio do céu estrelado estaria sobre vós, e serieis colocado sôbre um deslizador de ouro e madeira de acácia. Tal como aconteceu com vosso avô, Amenófis III, o Magnífico, touros brancos puxariam a vossa essa resplandecente e as mais lindas cantoras de Amon vos iriam preceder entoando os seus salmos. Dançariam as danças sagradas de Muu diante da porta de vossa tumba, no Vale dos Reis, e os sacerdotes de Amon — os de pura voz — recitariam as belas palavras do Livro dos Mortos. Com os instrumentos sagrados abririam vossa boca, vossos olhos e vossos ouvidos, para que ficásseis apto a viver dignamente no reino de Osíris. As melhores oferendas seriam feitas diante do altar da mastaba. E vosso* ká, *vosso* Bá *e vosso* akh *seriam iluminados pelas nossas preces...'*

— E todas as minhas jóias e meus pertences me acompanhariam na viagem para a Terra do Poente! — acrescentou o jovem rei, entusiasmado.

— Sim, todas, Divino Senhor dos Dois Países — retrucou Eje, astutamente.- Orden senhor, que os melhores arquitetos do Egito comecem a construir à vossa tumba magnífica no Vale dos Reis e renunciai desde já ao nome de Tutancaton, mudando-o para Tutancamon, a imagem viva de Amon. Que na próxima cheia do Nilo as festas de Osíris sejam festejadas como nos velhos tempos de Amenófis III e que o faraó Tutancamon presida estas festas como o "Bom Deus, Predileto de Amon".

— Assim o será — disse o jovem rei, alegremente.- Que voltem os ritos osirianos! Que meu nome de agora em diante seja Tutan-

camon, a imagem viva de Amon, e a consorte real seja chamada Ankhsenpaamon, a que vive em Amon!

— Mas é preciso que assineis um decreto, senhor...

— Eu o assinarei com o meu selo real! Dita-o, tu, para o chefe dos escribas.

E o decreto foi feito tal como Eje o desejava:

"Sua Majestade, o rei do Alto e do Baixo Egito,
deliberou planos em seu coração, propondo-se fazer ações
benéficas que agradem ao seu augusto pai Amon.
Em sinal de respeito e submissão ao rei dos deuses,
o faraó decidiu mudar seu nome e chamar-se-á
Tutancamon. O mesmo acontecerá com a consorte real
que de agora em diante chamar-se-á Ankhsepaamon.
Que os hereges da cidade de Akhetaton sejam
banidos e amaldiçoados, e a antiga nobreza
volte aos seus cargos. Que os Templos de Amon
sejam indenizados pelos danos sofridos.
Que lhes sejam entregues muitas minas de ouro e prata,
turquesa e lápis-lazúli. Que o nome de Aton seja
apagado onde quer que seja encontrado
e seus templos destruídos. Que os antigos deuses
e os antigos cultos voltem a florescer no país de Kêmi
e que o povo se rejubile em nome de Amon, o misterioso!"

Quando o rei Tutancamon assinou este decreto elaborado por Eje, não sabia que estava inaugurando uma era de conflito intelectual e de intranqüilidade moral, que duraria muito tempo. O povo também nem sonhava com isto e a alegria com que recebeu a decisão do faraó foi sem igual. E assim, como aconteceu nos tempos de Akhnaton, Tutancamon enviou seus soldados para os templos e os túmulos egípcios a fim de apagarem os símbolos, nomes e signos que representavam o Senhor do Disco. Nada mais deveria lembrar a força deste amaldiçoado deus Aton, na idade da luz verdadeira! Os poucos atonistas que ainda restavam foram massacrados, com exceção da rainha Nefertiti e daqueles que conseguiram fugir a tempo do país de Kêmi. Graças ao general Ay e a Horemheb, Nefertiti foi poupada, embora tivesse que viver quase prisioneira em seu palácio de Akhetaton. Todavia, o clero de Amon não se conformou com isto e começou a deliberar um plano para destruir a formosa rainha, que continuava firme em suas crenças. Confiantes em seu súbito poder readquirido, e enlouquecidos com a alegria da vingança, os padres de Amon condensaram seu ódio no faraó Akhnaton. No mesmo dia em que o decreto foi proclamado entre o povo, abriram-se, a todos, as pesadas portas do Grande Templo de Amon, em Tebas, para a realização de uma solenidade especial. O rei, a rainha, os nobres e o povo ali estavam para ouvir as velhas preces e os velhos hinos em louvor de Amon. A suave fragrância

do incenso evolava dos grandes braseiros de bronze, o som da música dos instrumentos sagrados repercutia através das grandes colunas de granito, e a chama das oferendas iluminava os rostos alegres dos que rezavam dando graças ao rei dos deuses.

Em meio à cerimônia, Eje, paramentado de ouro e púrpura, seguido pelos grandes sacerdotes de Tebas, surgiu no alto da escadaria de pórfiro. Cessaram as músicas e os cânticos e o povo atônito ouviu a maldição que Eje lançou, publicamente, contra o rei Akhnaton:

"Maldito seja e falso faraó
que ousou erguer-se contra o poder de Amon!
Que seu nome e seus títulos sejam apagados
de seu próprio sarcófago e até mesmo das
faixas de ouro que envolvem sua múmia
para que seu **ká** *não possa mais*
reconhecer os seus despojos
e erre no Além durante toda a eternidade
sem corpo, sem alimento, sem repouso
e sem preces!"

E logo, voltando-se para todos, Eje prosseguiu:

— Celebremos a vitória de Amon cantando junto a réplica ao Grande Hino ao Sol do falso faraó:

"Ai daqueles que te atacam, ó Amon!
O sol daquele que não te conhece
está no ocaso, mas o de que te conhece
brilha maravilhosamente. . ."

Milhares de vozes cantaram junto com Eje e após a cerimônia ofereceram-se, ao povo, coloridas e alegres procissões. Com o correr dos tempos, os padres de Amon continuaram a dar oráculos e a prever o que ocorria na terra, baseados na linguagem divina das estrelas. O comércio foi prestigiado pelo clero e Horemheb, com seus exércitos, investiu contra outras nações. Retornou a confiança dos ricos, que voltaram a depositar o seu ouro nos recintos sagrados. Contudo, Aton continuou a viver no coração dos que voltaram a receber chicotadas, dos pobres, dos oprimidos e dos escravos que não mais viram a luz do sol, trabalhando dia e noite nas minas egípcias. Na Casa Dourada, em Tebas, a luz de Aton também ainda não tinha morrido e vivia no coração da própria rainha Ankhsepaamon. A jovem esposa real se parecia muito com sua mãe Nefertiti, não só no físico como no espírito. Sofria, intensamente, ao ver seu esposo completamente dominado pelo clero de Amon e sua angústia aumentava quando via que era impotente para impedir que isto acontecesse. Noites sem conta, Ankhsepaamon ficava acordada, com os olhos muito abertos, pensando na desgraça que atingira seu país. E, olhando o céu estrelado, recordava as histórias

que seu pai lhe contara sobre a estrela-flor. "Todo homem e toda mulher é uma estrela", dissera um dia Akhnaton às suas filhas e Ankhsepaamon suspirava recordando a doce expressão do olhar de seu pai. Com o choque provocado pelo decreto de seu esposo, a jovem rainha, que estava grávida de cinco meses, deu à luz uma criança do sexo feminino. A criança natimorta foi embalsamada e enterrada segundo os velhos ritos osirianos na suntuosa tumba real que Tutancamon mandara construir para si mesmo, em pleno coração do Vale dos Reis.

E desde então a rainha não teve mais alegria nem saúde. Os dias se passaram rapidamente. Horemheb assinou a paz com os hititas, embora as possessões egípcias de Sido, Esmirna, Biblos e Kadesh ainda se encontrassem sob o domínio do povo de Hatti. O Egito voltou a ser próspera e Tutancamon fez belas construções em Tebas, principalmente na colunata do templo de Luxor, onde gravou louvores em favor de Amon. Mas nem mesmo estas oferendas conseguiram fazer com que o rosto pálido da jovem rainha voltasse a sorrir, nem que sua segunda gravidez fosse levada a bom termo. No duodécimo mês da quinta lua do sétimo ano do reinado de Tutancamon, a rainha Ankhsenpaamon deu à luz uma outra criança natimorta. Era, também, uma menina de sete meses, e por ordem do rei foi embalsamada e enterrada na sua tumba do Vale dos Reis, onde já se encontrava sua primeira filha natimorta.

Foi então que, subitamente, a saúde do rei começou a declinar sem pausa. Os médicos da corte descobriram-lhe uma insidiosa doença nos pulmões e tudo fizeram para salvar o jovem rei. Muito pálido e dolorosamente magro, Tutancamon vivia agora em completo repouso para evitar as freqüentes hemoptises que o acometiam.

Certa manhã, sem saber por quê, Tutancamon sentiu-se muito bem disposto. Pousou a bandeja de prata com as frutas em cima da mesa, deu uns passos e foi até a varanda. O ar frio do outono avivou-lhe gostosamente a circulação. O muro de pedra em frente à janela dos aposentos reais estava cheio de buganvília vermelho-arroxeadas. As tulipas formavam uma fila de amarelo brilhante e as trepadeiras, durante a noite, se tinham ornamentado de flores rosadas e cor de chama.

— Não deveis vos cansar, Majestade! — falou alguém atrás dele.

O rei voltou-se, abruptamente, ao ouvir o som daquela voz.

O homem que se inclinava diante dele, vestindo a túnica dos médicos da Casa da Vida, era-lhe desconhecido. Mas havia algo em seu olhar que. . .

— Quem sois? — indagou o rei, secamente.

— O real cirurgião enviou-me para trazer-lhe uma poção que irá fortificá-lo. Sou o novo assistente de vosso augusto médico.

Uma tosse seca acometeu o rei de repente e o médico aproximou-se para ajudá-lo a voltar para o leito. Tutancamon apoiou-se

nas mãos fortes que lhe estendeu o homem e deitou-se, ofegante. Fechou os olhos, sentindo uma náusea insuportável. O rei arfava, e um suor gelado molhava-lhe o rosto.

Os lábios de Tutancamon moveram-se:

— Vai chamar os outros médicos da corte.

O homem permaneceu imóvel.

Tutancamon voltou a abrir os olhos. Então, sua mente clareou e ele reconheceu no semblante do médico as feições de Mahu, um dos discípulos favoritos de seu pai Akhnaton. Mahu fora Chefe de Polícia em Akhetaton, e todos pensavam que ele tinha fugido para a Síria. No fundo das órbitas os olhos do rei se dilataram, e êle emudeceu de espanto. Não teve tempo de aparar o golpe. A lâmina fria do punhal de Mahu dançou em sua frente e feriu fundo a sua face esquerda. Um gosto de sangue subiu-lhe à boca e Tutancamon, em meio a uma névoa, ouviu as palavras de Mahu:

— Morre, traidor de Aton! Que a lâmina envenenada deste meu punhal penetre fundo em tua carne e te destrua!

— Guardas, acudam!

Imediatamente, o falso médico esgueirou-se pela porta que dava para o pátio das manobras, e desapareceu entre os grandes muros.

* * *

A rainha Ankhsepaamon enviou um emissário à sua mãe Nefertiti, informando-a sobre a morte do faraó. Nefertiti ouviu a notícia impassível, sem que nenhum traço de seu belo rosto revelasse emoção.

— E que pensa fazer minha filha? — indagou Nefertiti.

— A rainha enviou-me a Akhetaton para ouvir os vossos conselhos, Radiosa — respondeu o velho Ahmóses, que, aparentemente, renunciara ao culto de Aton, mas no fundo continuara um amigo fiel de Nefertiti e dos poucos atonistas que a rodeavam em seu palácio da cidade celestial.

— E a situação do trono? Ankhsenpaaton só gerou duas filhas natimortas...

— Por esta razão está se desencadeando, em Tebas, uma luta política pela sucessão. De um lado, luta Eje, que procura satisfazer a insaciável pretensão do clero de Amon; do outro lado, luta Horemheb, que quer colocar no trono o general Ay. Entretanto, os partidos só têm setenta dias a seu dispor.

— Sim, setenta dias, o período de embalsamação.

Nefertiti refletiu um momento. Andou de um lado para outro no salão de seu palácio de Akhetaton. Baixou os olhos. olhou para o bando de patos esvoaçantes entre juncos, pintado sobre o piso dourado da sala; logo, virando-se para o velho escriba, falou:

— Ahmóses... quero que faças uma viagem a uma cidade que jaz no planalto oriental do Mediterrâneo, perto das montanhas de Taurus, na planície síria.

Ahmóses ergueu as sobrancelhas, surprêso. Mas Nefertiti não lhe deu tempo para responder e continuou:

— Disseram-me que sabes falar o idioma hatíli.

— Sim, Radiosa, aprendi-o com um de meus discípulos que veio do país de Hatti estudar em Tebas, na Escola dos Escribas. Hoje, este discípulo é o chefe dos escribas da corte do rei Shubiluiuna.

Nefertiti soltou um riso claro e sonoro.

— Ah! Então és o homem indicado para esta missão.

— E qual é a missão, Majestade?

Nefertiti olhou, perscrutadoramente, para o escriba e falou:

— Amanhã irás ao país de Hatti. Por intermédio de nosso embaixador Chani, serás recebido na corte hitita e entregarás ao rei uma carta que decidirá o destino do Egito...

— Mas, e vossa filha, a rainha Ankhsepaamon que...

— A rainha conhece o meu plano e está de acordo com ele. Há tempos, enviei-lhe um emissário de confiança, a fim de explicar-lhe tudo. Ankhsenpaaton está entusiasmada com a idéia, e por esta razão enviou-te aqui para avisar-me da morte de seu espôso. Tenho em meu poder o selo da rainha, que autenticará a carta. Desde a morte de seu pai, o rei Akhnaton, que a rainha Ankhsenpaaton sonha em restaurar o culto do único Deus em cuja fé foi criada. E agora é chegado o momento de agir...

A carta foi ditada por Nefertiti, em língua egípcia, e escrita sobre um rolo de papiro, pela mão ágil de Ahmóses, em idioma hatíli. Nefertiti, meditando, fêz Ahmoses ler duas vezes as palavras da estranha missiva. Afinal, ciente de que estava agindo para o bem de sua pátria, Nefertiti ergueu os belos olhos escuros, e olhando através do Terraço das Garças, contemplou, ao longe, as águas do Grande Verde, docemente iluminadas pela luz do crepúsculo.

O estratagema que Nefertiti urdiu conseguindo tornar a rainha Ankhsenpaamon sua cúmplice e instrumento foi executado com os maiores cuidados. Integrando uma caravana de mercadores cretenses, Ahmóses partiu na manhã seguinte para Hatusas, capital da terra dos hititas.

Viajou por mar e por terra durante muitos dias e, afinal, chegou ao seu destino. Metido, ainda, em suas roupas de mercador cretense, o velho escriba atravessou a parte mais alta da cidade de Hatusas, ocupada pelo grande Portão Jerkapu, e que ficava cerca de quatro mil pés acima do nível do mar. O terreno íngreme, com suas profundas gargantas, era um sítio ideal para uma fortaleza; estava estrategicamente localizado perto do cruzamento de duas importantes estradas de tráfego; era altamente defensável e havia água de rio em abundância. A cidade de Hatusas (aldeia do barranco) continha uma cidadela chamada Buyukale (castelo grande), local preferido pelos reis e nobres hititas. Na fronteira de Hatusas, Ahmóses foi detido pelos soldados e mostrou-lhes a tabuinha

de argila com o passe de entrada em Hatti que a rainha Nefertiti providenciara para ele. Imediatamente, foi deixado em paz e assim pôde entrar na cidade.

Caminhando pelas ruas tortuosas dos hititas, Ahmóses viu um maciço templo dourado e um grande edifício de pedra, que lhe disseram encerrar o tesouro do Estado. As poderosas muralhas da cidade contornavam quatro grandes templos, onde se adoravam os dez mil deuses hititas. Quarteirões de casas singelas, de tetos rasos, erguiam-se para os terraços subindo as ladeiras íngremes, torres sólidas, portões grandiosos de ferro filigranado, um túnel cavado na rocha para saída contra o inimigo em tempos de guerra, lances de escadarias de pedra, tabernas e ruas estreitas pavimentadas de granito vermelho. Ao passar pela porta de um dos templos, Ahmóses ouviu um coro de vozes belíssimas que cantavam um hino sagrado. Parou para escutar:

"Ó Tu, deusa Sol de Arina,
deusa venerável cujo nome é
venerado entre todos os nomes,
Tua Divindade é cultuada entre
os próprios deuses.
Ó Tu, deusa Sol de Arina,
Tu és bela e grandiosa.
Não há divindade mais poderosa
do que tu, ó formosa Dama da Justiça!
Tu exerces teu poder real sobre o céu
e sobre a terra, tu fixas as fronteiras
do país de Hatti, tu escutas todas as súplicas!
Ó Tu, deusa Sol de Arina,
Tu és uma deusa benfazeja,
a humanidade te é querida,
ó deusa Sol de Arina,
Tu lhe concedes o Teu perdão,
ó deusa Sol de Arina,
Tu és a luz do céu e da terra,
Tu és o pai e a mãe de todos
os países!"

— Isto me faz lembrar os salmos do rei Akhnaton — pensou Ahmóses, enquanto continuava o seu caminho. À medida que andava, o velho escriba observou que o povo trabalhava em seus vinhedos, cavava poços, cuidava das macieiras, apascentava cabras e ovelhas e fabricava armas e carros de guerra. Os hititas eram homens altos, cheios de corpo e com um ar selvagem. Tinham as narinas grandes, queixos resolutos e olhar perspicaz. A roupa constava de um longo casaco de mangas compridas, ajustado por um cinturão de couro incrustado com placas de metal reluzente. As calças eram ajustadas e terminavam metidas dentro das altas botas

de couro. O chapéu era uma espécie de barrete cônico, feito de lã ou de pele. Os soldados usavam uma roupa de malha metálica e um elmo ovalado, também de metal, tendo na ponta uma bandeirola vermelha. As mulheres, altas, fortes, morenas e bonitas. Usavam uma túnica de listras coloridas, que lhes ia até os pés, ajustada à cintura por uma larga faixa pregueada. Tinham sedosas tranças negras, olhos brilhantes e usavam na cabeça uma tiara cilíndrica de metal, de onde pendia um longo véu de gaze colorida que as envolvia como um manto diáfano. Ahmóses sabia que somente as escravas e as prostitutas é que não podiam usar este véu. Camponeses passavam por ele levando feixes de lenha ou de trigo. Chamou um deles e perguntou onde era a casa do embaixador egípcio.

— É aquela ali! — disse o homem, apontando para uma mansão situada em cima de uma rocha.

Ahmóses agradeceu e dirigiu-se para lá. Momentos depois, era levado à presença do embaixador Chani, a quem entregou uma carta de recomendação enviada pela rainha Nefertiti. O diplomata leu a carta e prontificou-se a levar Ahmóses ao palácio do rei Shubiluiuna.

Naquela mesma tarde, após um merecido repouso, Ahmóses saiu com o embaixador, rumo ao palácio.

Hatusas era o centro de um vasto império. Os muros da cidade iam da Porta do Rei, passando pelo elevado Portão Jerkapu, até à Porta do Leão, situada nas muralhas exteriores da cidade. Altos muros de pedra, seteiras e torreões destacavam-se na paisagem. Ahmóses e Chani passaram através das estátuas de granito dos gênios protetores que guardavam as portas do palácio, cruzaram pelos soldados e seguiram ao longo de um grande pátio, entrando depois numa vasta sala, em cujas paredes viam-se relevos rupestres representando cortejos de divindades.

Ali, encontraram o Zelador do Tesouro Real, com quem deixaram seus presentes: colares de pérolas, grandes como um ovo de pomba, de cornalina, malaquita, ametista e faiança, braceletes de prata e de marfim, peitorais feitos de fileiras de correntes de ouro, enfiadas de esmeraldas, brincos e pesados pingentes de cristal e faiança branca, bálsamos e perfumes feitos com sete essências preciosas. Em seguida, acompanhados pelo capitão da guarda real, os dois egípcios dirigiram-se para a ala sul do palácio. Grandes estátuas de granito representando leões e esfinges aladas ladeavam o caminho que conduzia à Sala de Recepção. Afinal, seus nomes foram anunciados, e os dois entraram numa sala majestosa, com paredes forradas de tijolos esmaltados de cores reluzentes.

Shubiluiuna estava sentado no seu trono de ouro. Aos seus pés, jazia um leão que rugiu de leve quando viu os recém-chegados. Rodeavam o rei os conselheiros e a aristocracia do reino. Ahmóses observou que o rei hitita era baixo, corpulento, de fronte fugidia, nariz comprido, ligeiramente curvo, olhos miúdos e brilhantes, quei-

xo largo e firme. Usava uma túnica curta de lã branca e sobre ela um manto escarlate. Na cabeça, ostentava o alto barrete cônico dos hititas, feito em ouro e incrustado de pedras preciosas.

— Que o Pai do Sol viva muitos anos, para o bem do seu povo! — saudou o embaixador egípcio.

O rei respondeu à saudação e, após cumprimentar os nobres, Chani apresentou-lhes Ahmóses. O enviado da rainha do Egito inclinou-se numa reverência e entregou-lhe um saco de couro que continha a preciosa mensagem. Shubiluiuna abriu o saco, retirou a tabuinha de argila e não teve dificuldade em ler os caracteres cuneiformes, que diziam:

> *"Meu marido morreu. Não tenho filho. Se quiseres dar-me um dos teus, tornar-se-á meu esposo. Jamais escolherei um servo para torná-lo meu marido! Tenho medo!"*

Tão surpreendente era o teor desta carta que o rei hitita passou a tabuinha para as mãos do Primeiro-Ministro, dizendo:

— *"Tal coisa nunca me aconteceu em toda a minha vida!"*

Logo, deixando que os Grandes do Conselho tomassem conhecimento da carta e conferenciassem, Shubiluiuna falou:

— Bem, amigos... sinto-me muito lisonjeado com as palavras da rainha do Egito... rejubilemos nossos corações com o bom vinho montanhês!

E, a um sinal do rei, um servo aproximou-se trazendo uma bandeja com uma botija de vinho e taças de ouro.

E, entrefechando os olhos, o rei saboreou gostosamente o vinho, enquanto observava atentamente os dois egípcios.

* * *

Naquela mesma noite um emissário secreto dos hititas partiu velozmente para o país de Kêmi, a fim de pedir informações à rainha Ankhseupaamon. O cauteloso rei hitita não acreditou na mensagem trazida por Ahmóses e quis certificar-se por seus próprios meios antes de dar uma resposta definitiva.

Enquanto isso, no seu palácio de Akhetaton, Nefertiti preocupava-se com a demora de Ahmóses. Era em vão que procurava acalmar-se lendo os velhos manuscritos da Sala dos Escribas, pois para ela os dias se passavam lentos e as horas arrastavam até o pôr do sol.

"Um dia mais que se vai, sem que nada esteja resolvido!" — pensava ela consigo mesma. Logo, voltava-se fervorosamente para o seu deus Aton e murmurava:

"Faze a tua vontade, ó Aton! Faze aquilo que quiseres e nenhum outro dirá não. Pois vontade pura, desembaraçada de propósitos, livre da ânsia de resultado, é toda a via perfeita!"

Estas palavras, que um dia ela aprendera de Akhnaton, eram como um bálsamo para a sua alma angustiada, e Nefertiti, com a esperança renovada, pensava:

"Ahmóses virá amanhã."

E olhava para os calmos "Recintos de Aton" onde vagavam mansas gazelas.

Na corte do rei hitita, Ahmóses também estava preocupado e inquieto. Ansiosamente, ele aguardou a chegada do emissário de Shubiluiuna. E, afinal, o hitita chegou trazendo uma outra carta escrita pela própria mão de Ankhsenpaamon:

> *"Porque dizes: "Eles querem me enganar?" Se eu tivesse um filho, achas que escreveria a um rei estrangeiro anunciando a minha desgraça? Não desconfie de mim! Meu marido morreu e não tenho herdeiros. Achas que casaria eu com um de meus súditos? Não escrevi nenhuma mensagem senão a ti. Todos dizem que tens muitos filhos, manda-me um deles, e ele será meu esposo e reinará no Egito!"*

Diante disso, Shubiluiuna alegrou-se. Ficou persuadido da sinceridade da rainha do Egito e, após consultar o "Conselho dos Grandes", escolheu o príncipe Shubatu para ser o esposo de Ankhsenpaamon. De todos os seus sete filhos, Shubatu era o mais formoso e o mais inteligente. Tinha vinte anos, era forte e bronzeado, de rosto anguloso, com traços firmes e puros como os de sua mãe, a rainha Hinti, que todos chamavam de "Tavananua" (mãe do deus). Shubatu parecia-se também com o rei seu pai. Tinha os mesmos cabelos preto-azulados, os mesmos olhos castanhos pontilhados de ouro, sob sobrancelhas luzidias e recurvas como a cimitarra dos beduínos. Era alegre e altivo como um antílope, e a idéia de casar-se com a jovem rainha e ser rei do Egito enchia-o de júbilo.

— No primeiro dia da próxima lua, nosso filho Shubatu partirá para o país de Kêmi — disse Shubiluiuna para a rainha.

— E por que não esperar o ritual de Tunnawi que se realizará no sétimo dia da próxima lua? — falou a soberana dos hititas.

— Sim é verdade... — retrucou o rei — mas o enviado da rainha tem pressa, pois teme que...

— As velhas magas pronunciarão as fórmulas consagradas sobre Shubatu e assim ele será protegido de qualquer malefício — insistiu Hinti. Envia outros presentes ao emissário egípcio e dize-lhe que espere um pouco mais.

— Será como dizes, minha rainha — falou Shubiluiuna.

Cada dia os pajens reais traziam à mansão do embaixador Chani os presentes oferecidos à rainha do Egito e a seus emissários pelo rei dos hititas.

Naquela tarde, trouxeram, além de valiosas peles e tecidos feitos com a macia lã hitita, cinco vasos de metal azulado, maravilhosamente lavrados, esbeltos como o corpo de uma bela virgem.

Com suas mãos finas e firmes, Ahmóses apalpava os estranhos vasos como se apalpasse um corpo vivo de delicadas formas. Tomou entre as mãos um dos vasos e examinou-o detidamente. Represen-

tava um campo de açafrão em flor, onde, vestidas com véus esvoaçantes, esbeltas mulheres flexíveis como algas, de cintura fina, quadris estreitos e seios pontiagudos, dançavam com um frenesi que deslocava seus corpos nas convulsões de um vertiginoso torvelinho de movimento e voluptuosidade.

— São as sacerdotisas que dançam o ritual de Tunnawi — explicou Chani.

— Por que será que elas erguem os braços como se chamassem alguém? — indagou Ahmóses, intrigado.

— Chamam a deusa Samuha, que entre os babilônios é conhecida como Istar, a Estrela do Amor, astro da noite e da manhã, que é Mulher no ocaso e Homem na aurora. Samuha não é homem nem mulher, é ambas as coisas ao mesmo tempo...

— O andrógino celestial! — disse Ahmóses com fervor, e naquele momento recordou o que outrora lhe contara Mérira, o sumo sacerdote de Aton:

"Haverá um dia sobre a terra uma raça de seres andróginos que fundarão uma grandiosa civilização do outro lado do mundo e serão conhecidos como os Mestres da sétima raça dourada..."

— É assim que bailam na Montanha da Gruta Sagrada as sacerdotisas hititas — continuou Chani.

— É interessante — disse Ahmóses —, se eu pudesse vê-las...

— Por que não? Queres? Daqui a dois dias se realizará, nos penhascos de Yazilikuya, o ritual de Tunnawi.

— E podemos ir lá?

— Sim, desde que não tenhas mêdo.

— Mêdo de quê?

— Se nos encontrarem seremos mortos. As sacerdotisas não querem que os estrangeiros conheçam seus segredos.

— Mas, o que fazem?

— Não sei bem, nunca tive curiosidade de ir vê-las. Dizem que pronunciam conjuros, queimam incenso, dançam e cantam seus hinos, ao som das cítaras e das flautas. Não me parece que sejam mais bonitas nem mais interessantes que as sacerdotisas de Ísis e Osíris... Entre os hititas, as conjurações mágicas são feitas pelas velhas magas a quem as jovens obedecem e servem humildemente.

— Curioso! — exclamou Ahmóses. E, súbito, um desejo ávido traspassou seu coração como a mordida de um escorpião: surpreender os ritos secretos das sacerdotisas hititas... valia a pena o risco.

— Falarei com meu escravo Kussar e, mediante uma dádiva, êle nos conduzirá ao lugar das danças sagradas e nos esconderá de tal modo que ninguém poderá ver-nos. Creio que nos divertiremos muito — acrescentou Chani, rindo jovialmente.

Dois dias depois, na nona hora da noite, êles empreenderam caminho rumo aos penhascos de Yazilikuya. Kussar guiava-os cautelosamente por um caminho rochoso, além do desfiladeiro do Javali Selvagem.

Vestidos com trajes hititas e montados em mulas, seguiram, lentamente, iluminados apenas pela clara luz do plenilúnio. Depois de atravessarem uma estrada estreita, desceram até o fundo de um precipício. Alguns passos mais adiante, encontraram um longo caminho sinuoso. Kussar pediu que os dois egípcios desmontassem e amarrou as mulas numa árvore.

— Agora — murmurou —, os digníssimos senhores me seguirão a pé e o mais silenciosamente possível!

Caminharam os três, um atrás do outro, tateando como cegos. Seus pés se afundavam num coxim de relva úmida de orvalho. Um ruído muito débil chegou aos seus ouvidos e logo extinguiu-se, deixando-os na dúvida se realmente tinham escutado algo. Alcançaram um bosque de pinheiros e a sombra negra e cálida das ramagens os envolveu.

Pouco depois começaram a ouvir o ruído da música das cítaras e das flautas. A música foi se aproximando e, afinal, saiu das sombras do bosque a procissão das sacerdotisas de Samuha. Traziam nas mãos grandes tochas acesas e cantavam em coro uma saudação aos deuses do país de Hatti. Louvavam Kmarpi, o Pai dos Deuses, Kulasse, a divindade que protege o homem sobre a terra e no mundo subterrâneo, Telépinu, o espírito da fertilidade, Sauska, o deus caçador que rege os campos e, sobretudo, o grande casal divino da deusa Hepat e do deus Techub, cujos atributos são a pantera, a pomba e o touro.

As sacerdotisas eram jovens e bonitas. Tinham as longas tranças soltas e a cabeça coroada por uma tiara reluzente de pedrarias. Vestiam mantos diáfanos cor de violeta, cintilantes de bordados a ouro e prata e seus braços morenos estavam cheios de braceletes que iam do pulso até quase os cotovelos. Deslizando mansamente, como sombras sob as nuvens noturnas, elas contornaram uma grande rocha cortada por um precipício e chegaram a uma plataforma circular, rodeada por grandes blocos de pedra. Era o recinto sagrado, em frente à gruta da deusa, onde mais tarde ficariam "as Velhas".

Uma pedra branca, arredondada na ponta, se erguia em meio à plataforma. Uma a uma penetraram por uma porta dissimulada na pedra. Pela escassa luz que se filtrava pela porta entreaberta, os egípcios distinguiram um grande incensório de metal — a ara dos perfumes — com brasas vermelhas entre as cinzas. Uma das jovens reanimou o fogo, jogando-lhe ramos secos. Logo brilhou uma viva labareda que iluminou a gruta.

Atrás do altar dos perfumes ficava o altar das libações — uma grande mesa de obsidiana negra sustida por colunas em forma de patas de touro. Cavadas nelas havia três taças — para a água, o leite e o mel: a água, para o pai dos deuses, o leite, para seu filho Nergal e o mel, para a grande mãe Samuha.

Bem no fundo da gruta, sobre um altar de pedra, via-se um ídolo dourado, coberto com um véu cor de açafrão. Era a estátua

TUTANCAMON

Cabeça em faiança azul lápis-lazúli. Representa o jovem faraó Tutancamon e revela as mais características feições associadas com o realismo da arte de Amarna. Esta cabeça está atualmente no Museu do Louvre.

da grande deusa-deus Samuha, de pé sobre uma pantera de ônix preto.

Erguendo os braços para o ídolo, as sacerdotisas pronunciaram uma prece na antiga língua sagrada. Ahmóses apenas compreendeu algumas palavras, mas soube logo que elas rezavam para a Grande Mãe Natureza. Assombrado, reconheceu que a oração dos hititas era muito parecida com a que se rezava no Egito, em louvor da deusa Ísis.

Concluída a prece, as sacerdotisas saíram para o bosque e, ao som de suas doces músicas, desenrolaram o novelo sinuoso de suas danças. Era uma dança prodigiosa como jamais os egípcios haviam visto. Logo, os lentos movimentos foram se avivando, até que se transformaram numa dança frenética. Seus pés mal tocavam a terra e seus braços eram como asas de pássaros fantasmas, na claridade lunar. Era como se com elas dançasse e cantasse a montanha inteira.

"Que a Grande Mãe agite
a tocha das nuvens tempestuosas!
Que nos céus retumbe o trovão,
e como um touro furioso,
a terra vibre e salte loucamente.
Pelos montes, pelos vales,
as mulheres e as virgens corremos
e todas te imploramos:
Ó, desce sobre nós!
Desce, Samuha, deusa-deus bem-amada.
Ó Tu, misteriosa soberana andrógina,
nós te invocamos e te conjuramos:
Em nossa carne, encarna-te!"

O coro parou de cantar e apenas uma das sacerdotisas gritou:
— Vem! Vem! Vem!

Logo, todas começaram a agitar as mãos como se estivessem chamando alguém.

— Repara — murmurou Chani —, parecem os relevos do vaso que nos mandou o rei hitita!

— É verdade! — concordou Ahmóses, deslumbrado.

Concluída a dança, dois vultos aproximaram-se de uma das árvores e derramaram sobre ela uma libação de vinho. A luz das tochas iluminou o rosto do rei Shubiluiuna e da rainha Hinti. O rei estava com os paramentos de sumo sacerdote. Sua coroa era uma tiara de cornos dourados. A rainha vestia um amplo manto violáceo e numa das espáduas via-se uma cintilante rosácea em forma de estrela, símbolo da deusa Samuha. Na mão direita trazia um cetro em forma de aldrava e na cabeça uma grande folha prateada, ligeiramente recurva, assemelhando-se a uma pluma.

Um terceiro vulto aproximou-se dos soberanos, e os egípcios reconheceram o príncipe Shubatu. Vestido apenas com uma tanga

vermelha, calçava botas de pele de carneiro, tinha na cabeça uma mitra cônica, de um dourado puro, e brandia na mão direita uma clava e na esquerda algo que parecia uma colmeia de abelhas. A visão de Shubatu lembrou a Ahmóses a imagem do deus hitita Telépinu, o espírito da vegetação e da fertilidade. Recordou que, segundo as lendas hititas, Telépinu aborreceu-se com o Pai dos deuses e desapareceu, deixando a terra triste e desolada. A miséria reinava em todos os lugares, de modo que os deuses e os homens morriam de fome. Então, o Pai dos deuses resolveu dar uma festa e convidou todos os deuses; mas, os alimentos tinham perdido todo o seu valor nutritivo e os deuses comeram e não puderam matar a sua fome, beberam e não aplacaram a sua sede. Os deuses decidiram, então, procurar Telépinu. Após muitas buscas vãs, uma águia descobriu Telépinu profundamente adormecido no topo de um penhasco. Então a Mãe dos deuses chamou uma abelha e disse: "Vai e procura Telépinu. Quando o encontrares pica-lhe as mãos e os pés para fazê-lo acordar. Depois, dá-lhe do teu mel para devolver-lhe as forças e traze-o à minha presença."

Telépinu foi encontrado pela abelha, voltou à Mansão Celestial, e tudo retomou o seu curso normal.

As portas de pedra que cerravam a gruta sagrada se abriram um pouco, deixando ver o fulgor vermelho das tochas, e atrás delas apareceu o vulto impreciso de uma velha encurvada.

— É a grande maga! — murmurou Kussar.

— Quem? — indagou Chani.

— Kizuwadua, a sacerdotisa da cidade de Arina, que veio para oficiar o rito da purificação nupcial do príncipe.

— Ah!

Entre as sacerdotisas houve um murmúrio semelhante ao que produzem as árvores dentro da noite:

— Shubatu, filho de Shubiluiuna, regozija-te!

O príncipe adiantou-se, ajoelhou-se diante da velha, e uma coroa de brancas flores de açafrão caiu sobre ele.

— Shubatu, filho de Shubiluiuna e de Hinti, regozija-te! Alegra-te, bem-amado de Samuha! — repetiram as sacerdotisas.

Foi então que a velha cumpriu, sobre ele, o rito sagrado da purificação.

Tirou-lhe o capacete dourado, jogou-o sobre a relva, tirou a água de uma taça de alabastro, aspergiu com ela o corpo de Shubatu e recitou a prece:

"Santificado sejas
por tua graça, ó Samuha,
no reino dos mares e que
Shubatu seja para sempre
protegido!
Que as tempestades sejam apaziguadas
e lhes sejam dados ventos favoráveis

para que seus navios cheguem a portos seguros.
Cobre toda a terra com tua imensa piedade,
ó Mãe e que a todos nós tua graça
seja dada!"

Logo, a velha ergueu o príncipe, e conduzindo-o pela mão fê-lo entrar na caverna, dizendo:

— Djala te espera, vem!

Shubatu acompanhou-a, seguido pelo rei e pela rainha. Grandes tochas iluminavam a gruta sagrada, mas esta era tão vasta que sua profundidade ficava às escuras. Ao passar ante a fila de mulheres muito velhas que seguravam as tochas, Shubatu sentiu como se ante ele se abrisse o ventre sagrado da Mãe Divina, a de flancos inefáveis, onde se engendra tudo o que foi, é e será.

À esquerda da entrada via-se um altar antigo, maciço, quadrado, de pedra branca, construído sem dúvida em tempos imemoriais pelos primeiros adoradores da Mãe. Ali se sacrificavam não só animais como também vítimas humanas. À direita, cintilava uma floresta de estalactites, grossas como troncos de árvores. Sob elas abria-se o Santo dos Santos. Ninguém entrava ali, salvo Djala, a Grande Sacerdotisa de Samuha.

No fundo da caverna, sobre um banco de pedra, estava sentada uma mulher, muito mais velha do que as outras, dolorosamente magra e feia. Tinha por coroa um gorro de pele de cabra, pontiagudo e ornado de esmeraldas e rubis, em bordados cintilantes. Seu manto era de púrpura rebordado a ouro e seus braços esquálidos recobertos por uma pele escura e enrugada. Cordas de reflexos metálicos se enrolavam em volta de todo o seu corpo.

Shubatu já ouvira falar muito sôbre Djala, mas aquela era a primeira vez que a encontrava; Djala não gostava que ninguém a visse e só se mostrava em ocasiões especiais como aquela.

Erguendo-se lentamente, a velha estendeu os braços para saudar os reais visitantes, e logo as estranhas cordas enroladas em seu corpo começaram a mover-se. Shubatu compreendeu que eram serpentes. Sentiu um certo temor, mas não muito. Recordou que as vestais hititas sabiam domesticar as cobras mais perigosas e que Djala era uma sábia encantadora de serpentes.

— Bem-vindos sejam! — falou Djala, com os olhos miúdos, brilhando como brasas ardentes.

O rei e a rainha inclinaram-se levemente e depositaram numa bandeja de ouro, lisa como um escudo, presentes de ouro e jóias para a deusa. Quando chegou a vez de Shubatu este ajoelhou-se e colocou diante do altar a clava e a colmeia, tal como mandava a tradição.

O rosto da velha contraiu-se num sorriso que mais parecia uma careta e pronunciou sobre ele as fórmulas consagradas. Depois, a um sinal seu, o príncipe aproximou-se e falou:

— Consulta a deusa, ó antiga Mãe, e dize-me qual é o meu futuro!

Djala separou as mãos, suavemente, olhou Shubatu bem nos olhos e ficou em silêncio. Logo, movendo-se vagarosamente, caminhou até a caverna mais profunda, onde ficava o santuário da deusa. Uma pequena parede, com porta de bronze, protegia a entrada. Djala aproximou-se, abriu a porta e disse:

— Entra, Shubatu!

Mas o príncipe não ousou, sabendo que, sob pena de morte, ninguém, exceto Djala, podia entrar através daquela porta.

A velha empurrou-o levemente. Shubatu entrou e baixou os olhos respeitosamente para não ver o fundo da caverna. Novamente foi empurrado. Shubatu desceu o primeiro degrau de pedra, logo o segundo, o terceiro, o quarto...

Os degraus eram empinados, muito gastos pelo tempo e suas pernas tremiam um pouco de emoção.

— Levanta a cabeça e olha! — disse á velha.

Shubatu obedeceu.

— Vês? — perguntou Djala, erguendo a tocha por cima deles, para iluminar o fundo do santuário.

O príncipe não respondeu. Não obstante, a velha maga falou como se fosse a própria deusa quem falasse. Suas palavras soaram suaves e frescas como o doce aroma do açafrão do inverno:

— Hás de saber tudo, Shubatu, real filho de Hinti e Shubiluiuna!

Ao rubro fulgor da tocha, as estalactites brilharam como pedras preciosas; no fundo da caverna um fio de água cristalina caía suavemente dentro de uma piscina natural, cavada na pedra. Sobre a branca parede de estalactite erguia-se uma imagem gigantesca de Samuha, velada por um véu fino e dourado. Através do véu, Shubatú observou que o rosto da deusa era rosado como a flor da amendoeira na bruma outonal.

Aproximando-se do altar que havia aos pés da deusa, Djala falou:

— Olha! Aqui está o fígado fresco de uma gazela que foi sacrificada esta noite em tua intenção. E sabes o que diz aquela linha fendida como a lâmina dentada de uma serra?

— Explica-me, Mãe...

Sacudida por um riso surdo, o corpo da velha estremeceu. Djala encarou Shubatú fixamente e prosseguiu:

— Shubatu cumprirá o seu destino antes de chegar ao país de Kêmi...

— Mas como? — indagou o príncipe, perplexo. — Acaso isto é um mau agouro?

— Todos vivemos para cumprir o nosso destino, eis tudo o que posso dizer-te.

— Mas... afinal, devo ou não partir para o Egito?

Djala permaneceu em silêncio longo tempo, procurando decifrar outros augúrios no fígado da gazela.

Shubatu sentiu na fronte um torpor gelado, que se espalhou pelo corpo, numa onda fria de temor.

— Sim.... deves partir e que a grande deusa te bendiga!

Djala calou-se, cerrou os olhos como se tivesse entrado em êxtase e ficou dura e imóvel como um ídolo, junto do altar.

Shubatu compreendeu que sua consulta estava terminada. Quis beijar a mão da sacerdotisa, mas não se atreveu, tal era o horrível mover das serpentes em volta de Djala. Fez uma profunda reverência e saiu de costas para a porta.

Lá fora gemeram as flautas e os címbalos. As jovens sacerdotisas voltaram a dançar vertiginosamente, depois, deslizando como sombras, rodearam o príncipe num círculo de guirlandas de flores de açafrão e entoaram um cântico nupcial:

"Regozija-te, Senhora dos Diademas,
Rainha das Duas Terras, prepara
o leito nupcial!
Que o amor desvie o
furor celestial!
Nós te glorificamos com
um cântico sagrado, ó eleita
do príncipe do Shubatu,
ó tu, futura "Tavananua"
do país de Hatti!
Abençoada sejas e que teus
flancos inefáveis sejam como
o da Divina Mãe, que engendra
tudo o que foi, é e será..."

Afastou-se o coro, o hino se extinguiu, apagando-se por fim, e finalmente sobre o bosque deserto reinou um grande silêncio.

* * *

No dia seguinte, Ahmóses viajou para o Egito. Enquanto isso o príncipe se preparou para a longa jornada. Grandes odres de vinho foram cheios; cavalos foram trazidos das pastagens; ferreiros reforçaram as rodas dos carros da escolta real; muitas arcas de ébano foram cheias de peles, jóias e objetos de arte para a rainha do Egito. Por ordem do rei Shubiluiuna, dez carros foram postos à disposição do príncipe, puxados cada um por dois cavalos líbios e conduzindo um de reserva. Dentro de cada carro viajaria, além do condutor, um hábil arqueiro. No dia aprazado, Shubatu subiu para o seu carro, desfraldou o estandarte real dos hititas, acenou um último adeus à família real, gritou com os cavalos, e partiu velozmente por uma estrada de caravanas, rumo ao deserto de Sinai. Os condutores dos outros carros, atrás dele, soltaram brados de ale-

gria e abalaram a todo galope arrancando com as rodas pesadas dos carros fagulhas das pedras que pavimentavam as ruas de Hatusas.

Carros leves iam fazendo reconhecimento do caminho, indo bem na vanguarda, pois o rei hitita ordenara que se precavessem contra eventuais ataques, sabendo bem que aquela viagem de seu filho não deveria ser do agrado de Horemheb, nem dos padres de Amon. Mas, apesar de todas as cautelas, os hititas ignoravam que eram muitos os espiões dos padres de Amon na corte de Shubiluiuna e que vários deles seguiam a viagem de Shubatu, disfarçados de mercadores de azeite, negociantes de escravos, prestidigitadores e astrólogos.

Dois dias depois que Shubatu saiu do país de Hatti, Becankos, o Segundo Profeta de Amon, entrou precipitadamente nos aposentos do sumo sacerdote de Amon, em Tebas.

Eje ergueu os olhos do papiro que estava lendo e indagou:

— Que queres?

— Veja a que ponto chegou a loucura da nossa rainha! — respondeu Becankos, exibindo-lhe as cópias das cartas que Ankhsenpaamon tinha enviado ao rei dos hititas.

Eje pegou as tabuinhas de argila e leu atentamente. Suas sobrancelhas espessas uniram-se numa linha cerrada sôbre o nariz.

— A esta hora o príncipe hitita já está a caminho do Egito.

— Sim, temos que agir imediatamente! — exclamou Eje, erguendo-se da cadeira e aproximando-se de Becankos.

— Que pensas fazer?

Os olhos agudos de Eje penetraram Becankos como pontas de agulhas aquecidas ao fogo.

— Está claro que o príncipe deve morrer, mas antes tenho que falar com Horemheb.

— Achas que a rainha foi induzida por alguém a tomar esta atitude? — perguntou Becankos, intrigado.

— Sem dúvida! Ankhsempaamon é muito jovem e inexperiente. Não poderia jamais ter planejado isto sozinha.

— Queres dizer que talvez sua mãe...

— Sim, Nefertiti deve ter urdido tudo isto! Mas desta vez ela pagará caro a sua audácia!

— Esqueces que Nefertiti ainda tem defensores na côrte...

— Não te preocupes! Eu sei esperar a ocasião certa.

E assim dizendo, Eje saiu à procura de Horemheb.

Becankos seguiu-o em silêncio.

Enquanto isto, ignorando que seu plano tinha sido descoberto, Ankhsenpaamon fazia-se bela, desejando secretamente parecer muito formosa aos olhos do seu príncipe hitita, que dentro de vinte dias deveria chegar a Tebas. Na grande sala de banhos do palácio, a jovem rainha, assistida por suas damas, estava sendo massageada pelas mãos hábeis de Chemu, a velha etíope que era a Superintendente da Mansão da Beleza.

Deitada de costas sôbre um coxim macio, Ankhsenpaamon, nua como uma deusa, deixou que Chemu lhe aplicasse no rosto uma máscara de beleza feita com pó de alabastro, pó de natrão e grãos de almíscar misturados com mel.

Era a época dos calores e, para combater a transpiração excessiva, as escravas friccionaram delicadamente o corpo esguio da rainha com um ungüento feito com terebintina, incenso e âmbar em pó.

— Estiveste hoje com o emissário da Casa da Morte? — perguntou Ankhsenpaamon.

— Sim, Majestade — respondeu Chemu —, o corpo de vosso esposo, o Bom Deus Tutancamon, sairá do seu longo banho de natrão no segundo dia da próxima lua.

— Ah! — falou a rainha, num suspiro.

Ankhsenpaamon fechou os olhos e começou a pensar. Estava ansiosa que chegasse o dia do funeral de Tutancamon. Assim que sua tumba fosse selada, ela declararia terminado o período de luto e ocuparia o trono ao lado do príncipe hitita que viera desposá-la. Na flor dos seus vinte e um anos, Ankhsenpaamon, a rainha viúva, ainda não conhecera as alegrias de um amor verdadeiro. Tutancamon era uma criança de dez anos quando se casou com ela que já tinha treze. Ao morrer, com dezoito anos, Tutancamon não tinha tido tempo de se realizar como um verdadeiro homem. Ankhsenpaamon era lânguida e sensual. Fora informada que seu noivo, o príncipe Shubatu, era um homem belo e forte como um touro, com uma longa experiência amorosa, pois suas aventuras eram maliciosamente comentadas em todo o país de Hatti. Ankhsenpaamon sentia-se inclinada a amar Shubatu. Ademais, a aliança com os hititas era preciosa para o Egito, e ela tudo faria para que os dois países vivessem juntos um longo período de prosperidade e paz. E com este pensamento, Ankhsenpaamon, a Divina Consorte, a Senhora das Duas Terras, abriu os olhos e moveu-se inquieta no coxim macio. Depois, torceu-se toda num espreguiçar voluptuoso de gata.

— Podes retirar a máscara de beleza — disse para Chemu.

A velha escrava mergulhou uma pequena esponja porosa numa tijela dourada cheia de água de rosas e começou a limpar cuidadosamente o rosto de sua real senhora. Em seguida, passou outra esponja molhada em água de hamamélis e terminou estendendo sobre a pele fina da rainha uma tênue camada de um creme levíssimo, feito com pétalas de camélias rosadas.

A rainha sentiu uma frescura muito agradável no rosto e disse para Chemu:

— É admirável a delicadeza e a fragrância deste creme. Onde aprendeste a fazê-lo?

Chemu teve um breve sorriso de satisfação e retrucou:

— É um segrêdo de beleza das beduínas que vivem nas terras de Anou...

— Muito bem, Chemu, aprende outros segredos de beleza, pois eu preciso ficar sempre muito formosa...

E puxando o descanso de cabeça de sob o pescoço longo e esguio como o de sua mãe, Nefertiti, a rainha Ankhsenpaamon levantou-se, enfiou os pés numas pantufas de plumas de pavão real e foi sentar-se no seu toucador. Ante o disco do grande espelho de cobre, as mãos hábeis de uma escrava líbia pintou-lhe as faces com um carmim suave, cobrindo-as, em seguida, com uma camada leve de um pó dourado vindo de Creta. Logo, pintou-lhe os olhos com verde de antimônio, alongando-os com um traço grosso que quase tocava nas orelhas; depois, sob a linha dos cílios inferiores, traçou a espiral mágica — o Olho de Hórus —, que afasta os malefícios.

A cabeleireira síria provava perucas de diversas formas sôbre o seu crânio liso e rapado. Ankhsenpaamon escolheu uma feita com os negros e sedosos cabelos das mulheres líbias.

A encarregada do guarda-roupa trouxe-lhe uma túnica levíssima, de um tecido macio e dourado como a casca sêca de uma cebola. A túnica caiu ao longo de seu corpo, em onduladas pregas; as mangas eram amplas e curtas, com vaporosas pregas dispostas como plumas de asa de cisne. Sobre ela, um manto de linho real, inteiramente plissado.

Vestida com tal nebulosa brancura, Ankhsenpaamon parecia uma nuvem, ou, quiçá, uma garça pronta para alçar vôo e desaparecer no azul do céu.

Uma das aias trouxe-lhe o cofre das jóias e a rainha escolheu um maravilhoso aderêço de turquesas que pertencera à bisavó de seu pai.

E satisfeita com a sua aparência, Ankhsenpaamon lançou um último olhar para o espelho e saiu para a reunião semanal com as damas da corte.

• • •

No duodécimo dia de viagem, o cortejo do príncipe hitita dirigiu-se rumo à cidade de Tânis, na claridade fulgurante da manhã, exposto ao intenso calor do sol egípcio.

A estrada que levava a Tânis atravessava um vale verdejante, entre altas colinas e rochedos abruptos. Disseminados neste vale erguiam-se tamareiras e sicômoros e, a alguns quilômetros para sudoeste, Shubatu avistou uma grande porta, que mais parecia uma fortaleza síria, toda em pedra calcária branca como a espuma do mar. Um pouco mais além havia uma vasta área povoada de gigantescas estátuas de granito negro, reproduzindo leões, cujo focinho tinha sido substituído com rostos humanos, de expressão terrivelmente ameaçadora. Shubatu mal teve tempo para observar mais detalhes, pois, repentinamente, foi cercado por turbas de cavaleiros

armados de lanças e escudos que saíram de entre as sombras dos rochedos. Arremessaram-se contra o cortejo vociferando enquanto corriam:

— Malditos cães hititas! Pensaram, então, que podiam pisar impunemente as Terras Negras? Olhai e temei a cólera de Amon!

Todos os numerosos atacantes tinham a cabeça rapada e vestiam, além da túnica branca, uma pele de leopardo sobre o ombro, pelo que Shubatu compreendeu logo que constituíam a guarda do misterioso deus Amon.

Mal refeitos da surpresa do ataque, os hititas entraram em furiosa luta com os atacantes. Cavalos, homens e carros caíram e se enrolaram numa grande massa giratória. Shubatu mantinha-se de pé lutando com um destemor desesperado. Mergulhou o punhal na garganta de um homem que tentou atacá-lo. O homem golpeado caiu ensangüentado e, com ele, o punhal de Shubatu, deixando-o desarmado. Mas, com um esforço súbito, o príncipe agarrou o corpo do homem que matara e, levantando-o como se fosse uma clava, descarregou-o contra os atacantes. O choque e o peso do golpe jogaram por terra cinco ou seis deles. Mas logo, dez outros se atiraram sobre Shubatu e ele teve que morder a poeira da estrada.

— Traidores imundos! — ia gritar o príncipe hitita, quando um dos egípcios, singularmente ágil, o fez silenciar com uma punhalada no coração. Logo, com a ponta de suas lanças os outros crivaram o corpo de Shubatu de golpes profundos e um deles arrancou da roupa do príncipe as imagens dos machados de duas cabeças e dos sóis alados, símbolos reais tão amados pelos hititas, e pisotearam-nos com as patas de seus cavalos. Ao morrer, Shubatu julgou ouvir a voz de Djala, a Grande Sacerdotisa da deusa Samuha:

> "... *Cumprirás o teu destino antes de chegar ao país de Kêmi. Todos nós aqui estamos para cumprir nosso destino...*"

E só, então, compreendeu o sentido daquelas palavras. Mas era tarde demais...

— O príncipe já está morto! — gritou Becankos. Voltemos!

E a este sinal, os egípcios esporearam os flancos de seus cavalos e galoparam impetuosamente, soltando brados de júbilo. Os soldados hititas ainda os perseguiram, fazendo grande estrépito com os carros pesados que ainda lhes restavam. Mas uma espessa poeira vermelha se levantou em torvelinhos atrás dos atacantes e logo eles desapareceram por um estranho caminho entre os rochedos.

Jurando vingança, os hititas voltaram para cuidar de seus mortos e feridos. A princípio, ficaram atordoados com a morte de Shubatu.

— Que faremos, senhor? — indagou um arqueiro, com a voz repassada de mágoa.

Indar, o capitão dos carros, ficou pensativo um momento, mas logo respondeu:

— Abra um daqueles odres de vinho. Colocaremos dentro o corpo do nosso príncipe para que chegue incorrupto às terras de Hatti!

E assim o fizeram.

Deste modo, o cadáver de Shubatu foi preservado para as cerimônias fúnebres, que durariam treze dias. Seu corpo seria consumido pelo fogo, os ossos ungidos de óleo consagrado, envolvidos num pano de linho finíssimo e colocados num trono, diante do qual todo o povo de Hatti ofereceria libações. Depois, os ossos de Shubatu seriam colocados num cofre de ouro e escondidos no lugar mais retirado da "casa de pedra", o cemitério dos reis em Boghaz-Keui.

Indar sabia que a cólera de Shubiluiuna seria terrível e breve todo o povo hitita se levantaria em guerra contra o Egito. E êste pensamento aliviou um pouco o pe ar do seu coração.

Becankos e seus homens voltaram a Tebas, via Tânis e Mênfis, depois de assassinarem o príncipe hitita. Assim que chegou ao Grande Templo de Amon, onde Eje o esperava ansioso, Becankos falou:

— O Egito já está livre do perigo que o ameaçava!

Eje soltou uma gargalhada e abraçou Becankos, amigàvelmente.

Horemheb e Ay se rejubilaram bastante com a morte do príncipe Shubatu. Assim que Becankos comunicou-lhe o cumprimento da sua missão, Horemheb lhe disse:

— Vai comunicar isso também à rainha Ankhsenpaamon...

A rainha recebeu Becankos na Sala das Audiências com um estranho pressentimento no olhar. Mal ouviu as primeiras palavras do Segundo Profeta de Amon. Durante um instante não teve qualquer reação, depois uma suspeita incrível invadiu seu coração. Referia-se Becankos a...?

Referia-se.

Ankhsenpaamon empalideceu. Tentou imaginar a cena. Impossível. Era demasiado cruel. Súbito, teve uma explosão de nervos:

— Amaldiçoado sejas tu, Becankos, que me vens trazer tão triste notícia! Amaldiçoados sejam tu e todos os padres de Amon que tanta desgraça causaram a mim, a meus pais e ao nosso culto de Aton, o único Deus verdadeiro!

— Que Amon tenha piedade de vós, Radiosa! — exclamou Becankos com um brilho estranho a animar-lhe os olhos cinzentos, uma segurança fria e calma na voz grave.

E voltando-se, Becankos saiu, deixando a rainha em prantos em meio à corte atônita.

No mesmo dia em que a múmia do faraó Tutancamon ficou pronta para ser colocada suntuosamente na sua tumba real do Vale dos Reis e lá ficar rodeada de tôda a sua riqueza, Horemheb recebeu uma carta do rei Shubiluiuna. Estendendo a tabuinha de argila para o general Ay, Horemheb falou:

— Lê...

E o general leu alto, com sua voz rouca, curiosamente monocórdia, sem inflexão de qualquer espécie:

> *"Tu mataste Shubatu, meu filho bem-amado, mas Arnuwanta, meu co-regente, e os cinco príncipes seus irmãos, vingarão o povo de Hatti e infligirão a mais terrível e rude punição ao país de Kêmi!"*

— Como vês, meu caro Ay, terei que equipar imediatamente os meus exércitos para resistir ao ataque dos hititas. Por enquanto ainda não posso casar-me com a princesa Baketamon e ser faraó...

— E então quem será o faraó? Ankhsenpaamon não tem herdeiros...

— Tu serás o faraó!

— Eu?

— Sim, tu te casarás com a viúva de Tutancamon e serás coroado e ungido pelos padres de Amon. Mas desde já é preciso que saibas que quem governará o Egito serei eu!

Ay baixou os olhos e ficou pensativo. Tranqüilo em aparência, falou:

— Mas uma coisa eu te peço, que Nefertiti e suas filhas sejam preservadas enquanto eu viver!

— Assim o será — concordou Horemheb, levantando-se do trono onde estava sentado.

— Agora vamos ao encontro de Eje na Casa da Vida, pois está à nossa espera para dar início às orações do funeral de Tutancamon.

E os dois deixaram o palácio e saíram rumo à Casa da Vida, que fazia parte do Grande Templo de Amon, onde o povo aglomerava-se junto às altas muralhas, esperando a saída do enterro de Tutancamon, o Bom Deus, Predileto de Tebas, Senhor dos Diademas, Bem-Amado de Amon, o misterioso, Rei do Alto e do Baixo Egito.

• • •

Nefertiti andou pelo Terraço das Garças, esguia como sempre fora; seu rosto ainda conservava o mesmo suave tom dourado que captava a luz do sol. Atravessou uma pequena ponte que dava para um pátio, onde havia uma fonte de jaspe, em forma de lótus, coroada por um repuxo de água borbulhante. Do repuxo partiam alamedas sombreadas por figueiras e tamareiras, confortavelmente providas de bancos de mármore. Andou, com leveza, ao encontro de sua filha Meritaton que, sentada ao sol, junto a uma roca, fiava o linho real, tranqüilamente.

Uma gata sudanesa, enorme e negra, quase como uma pequena pantera, dormia aos seus pés, sobre uma almofada.

O animal seguia Meritaton como uma sombra e Nefertiti sorriu ao recordar, com ternura, o dia em que Meritaton, ainda pequenina, lhe pedira aquela gata. Sim, fora exatamente no dia em

que ela e Akhnaton tinham chegado às terras que mais tarde seriam transformadas na Cidade do Horizonte de Aton... Ah! quantos anos tinham se passado! — pensou Nefertiti. Akhetaton, que outrora fora uma cidade bela e próspera, agora estava semidestruída e abandonada. Ali, na Casa Dourada, somente ela, Meritaton e algumas aias viviam quase prisioneiras, sem mesmo poder render culto ao Divino Aton, cujos templos tinham sido todos destruídos por ordem de Tutancamon, instigado pelos padres de Amon. Pobre Tutancamon! — pensou Nefertiti, com amargura. Agora que voltou ao seio do eterno é que compreenderá a imensidade do seu erro. Como foi tolo em mudar seu nome, em que estavam reunidos o inefável Toth, o vetusto Ankh, a cruz da vida e o solar Aton! Como se iludiu, ao dizer:

"Volto a levantar o que estava em ruínas
nos monumentos eternos. Afasto a mentira
nas Duas Terras e restabeleço a Verdade!"

A Idade de Ouro terminou para o Egito e a mentira talvez nunca mais possa ser afastada das Duas Terras...

— Que vosso *ká* se regozije, senhora mãe! — disse Meritaton erguendo os belos olhos.

Nefertiti sorriu, acariciou o rosto formoso de Meritaton e respondeu:

— Que Aton te proteja, minha filha!

Logo, sentando-se junto de Meritaton, Nefertiti abriu uma caixa de sicômoro, pintada de dourado, e retirando dois rolos de papiro, falou:

— Acabo de receber notícias de tuas irmãs Neferuaten e Setenpenra.

— Ah! sim? Que dizem elas? — indagou Meritaton, com interesse, interrompendo o seu trabalho por um momento.

— Vivem felizes em Mênfis com seus nobres esposos — respondeu Nefertiti.

— Ainda bem — comentou Meritaton.

Nefertiti sorriu com tristeza e acrescentou:

— Se é que estas cartas dizem a verdade... hoje já não podemos confiar em nada.

— Desde que Ay foi coroado faraó que não temos notícias de Ankhsenpaamon — falou Meritaton, num suspiro.

— Sim... proibiram-na de qualquer comunicação conosco, sob pena de morte...

— Como é triste ser rainha!

— E mais triste ainda ser um faraó como Ay. Ah! pobre Ay, que no íntimo ainda é um fiel servidor de Aton! A raposa astuta que é Horemheb não tardará a devorá-lo.

— Nébti falou-me que Ay está muito doente...

— Nébti? — repetiu Nefertiti, erguendo as sobrancelhas.

— Sim, aquela escrava que veio comigo de Tebas quando meu esposo Smenkharê morreu e que achais muito parecida com Mischerê...

— Ah! Sim...

— Creio que a doença de Ay foi provocada pelos padres de Amon — disse Meritaton, continuando a fiar.

— É possível. Agora que Horemheb está quase vencendo a guerra contra os hititas, na certa há de ser aclamado por todos e coroado faraó, e o lugar no trono deve estar vago...

— Dois anos se passaram tão rápidos, que, literalmente, me parecem semanas — disse Meritaton.

Nefertiti olhou os ciprestes que levavam à capela de Aton, semidestruída, formando uma avenida de árvores majestosas. Prendendo entre os dentes o lábio inferior e dando meia volta, Nefertiti disse, numa voz embargada que se esforçava por parecer natural:

— Dois anos em que o país de Kêmi mergulhou mais e mais no caos da Idade Negra...

— Senhoras, trouxe-lhes figos gordos e o doce vinho de Creta — falou uma voz macia.

Tão distraídas estavam, que não notaram a presença de Nébti, a escrava favorita de Meritaton.

Nefertiti olhou para Nébti e sentiu a mesma emoção de sempre. Como ela se parecia com Mischerê! Ah! pobre Mischerê, amiga bem-amada de sua juventude, que tão cedo fora sacrificada pelos padres de Amon!

— Dïsseste vinho de Creta? — indagou Nefertiti.

— Sim, Radiosa...

Uma dor íntima, remorso inexplicável e infinita piedade, traspàssou o coração de Nébti, ao pensar: "Morrerás se beberes este vinho preparado pelos padres de Amon..."

Nébti fora enviada por Eje para captar a confiança das duas damas reais, e envenená-las quando recebesse ordem de Tebas. E a ordem acabara de ser dada! Bruscamente, ela sentiu piedade de Nefertiti e Meritaton e, com a piedade, sentiu a mordida do medo em seu coração. Sabia que Eje a mataria se não cumprisse a sua ordem, mas há quase quatro anos que ela deixara a Casa do Canto, onde era Cantora de Amon, para ir viver ao lado de Meritaton na Casa Dourada, em Tebas, e depois acompanhá-la ao seu exílio em Akhetaton. Neste tempo, Nébti aprendera a gostar da jovem rainha e de sua mãe, a infortunada Nefertiti, que o povo chamava *"a de amaldiçoada memória"*. Como permitir que elas morressem pela sua mão?

— É um vinho muito perfumado! — disse Nefertiti.

— Sim, Radiosa, os cretenses costumam perfumá-lo com cardamono e canela...

Nefertiti ia beber o vinho quando, bruscamente, Nébti arrebatou-lhe a taça da mão e bebeu até o último trago, o mesmo fa-

zendo com a taça que trouxera para Meritaton. Logo, suas pernas baquearam, e caindo de joelhos, Nébti exclamou, chorando:

— O vinho estava envenenado pelos padres de Amon! Fugi, senhoras, para bem longe do Egito antes que seja tarde!

O veneno agiu rapidamente nas veias de Nébti e pouco depois ela morria entre dores violentas.

Meritaton desatou num pranto incontido. Mas Nefertiti contemplou a escrava com infinita piedade, e não pode chorar. As lágrimas se secavam sobre o seu coração, como gotas de orvalho sobre uma pedra ardente. Erguendo-se do banco, Nefertiti murmurou:

— Que Aton se apiede de sua alma!

E saiu para chamar as aias.

Neste momento, a gata sudanesa despertou, olhou Meritaton com suas pupilas cor de jade e se pôs a ronronar como se quisesse falar-lhe. Mas Meritaton chorava copiosamente e pensava em outra coisa. Logo levantou-se também e saiu, seguida sempre pela gata.

Aquela noite foi interminável para Nefertiti. Passou-a andando de um lado para outro, possuída de grande agitação. O dia seguinte transcorreu com a mesma monotonia e extinguiu-se sem sentido. Não podendo ficar quieta, Nefertiti tornou a andar nervosamente pelos amplos salões da Casa Dourada, desertos e frios.

Assim passaram-se três dias e três noites. Como não comia nem bebia nada, Nefertiti começou a debilitar-se. Certa manhã, sua cabeça começou a girar como o torno de um oleiro. Nefertiti quis levantar-se mas não pôde. Deixou-se, então, cair sobre o leito e ficou imóvel, com a respiração anelante. Permaneceu quieta por alguns momentos como se estivesse reunindo todas as suas forças. Depois, levantou-se vagarosamente, cobriu as costas com um manto plissado, e foi até a varanda dos seus aposentos. Aspirou lentamente o ar fresco da manhã. A distância, pôde ver a massa compacta e cinzenta das montanhas, áridas e estéreis montanhas do deserto, sombrias mesmo sob a clara luz matinal. Aos seus pés, a cidade de Akhetaton era uma visão trágica, com seus jardins destruídos, suas casas e seus templos abandonados, abertos ao vazio e à desolação. Era como se a sombra do desespero cobrisse inteiramente aquela cidade morta.

Uma semana antes, os ventos Khassim tinham soprado do sudoeste, cobrindo de poeira as brancas ruínas do Grande Templo de Aton, nivelando a terra sagrada, apagando a lembrança dos seus passos nas ruas, fazendo correr o ouro das dunas através dos buracos abertos, onde outrora fôra a Casa do Tesouro do faraó Akhnaton, recobrindo com espêssas camadas de terra vermelha as tabuinhas de argila do Arquivo Real de Amarna, que contavam a magnificência da efêmera Cidade do Horizonte de Aton, cujo nome agora era "Cidade do Esquecimento, do Abandono e da Solidão".

Nefertiti sentiu-se comovida até às lágrimas. Um espasmo particularmente agudo apertou-lhe o coração, como uma garra. Era

uma dor tão intensa que o coração parecia querer escapar-lhe do peito. Nefertiti voltou a deitar-se no leito de ébano e marfim. Seu longo cabelo macio e escuro, que desde a morte de Akhnaton nunca mais cortara, espalhou-se por sobre o encôsto de cabeça, trabalhado em alabastro rosado. Aos poucos, as palpitações lhe pareceram menos rápidas. Os intervalos entre os dolorosos espasmos aumentaram. Seu rosto estava pálido, mas os belos olhos escuros brilhavam entre as longas pestanas curvas. Afinal, ela voltou a respirar normalmente e sentiu-se melhor.

Esgueirou-se, silenciosamente, por uma porta e saiu para o jardim. Andou, maquinalmente, até o portão dos lírios e respirou fundo o ar puro e leve. A manhã, com o sol avermelhado, parecia uma cereja espremendo sôbre a terra o seu suco de maravilha. Foi andando por um sinuoso caminho perdido entre duas verdes fileiras de ciprestes e que conduziam a uma ilhota em meio a um lago pequeno e redondo. Pássaros cantavam aqui e ali. A água clara do lago estava transparente e peixes dourados brincavam tranqüilos. Ali, à sombra dos sicômoros, havia um grande incensório de bronze, com pés em forma de patas de leão.

Nefertiti chegou à ilhota passando por uma pontezinha de alabastro, margeada de salgueiros chorões. Com uma longa tenaz de metal Nefertiti remexeu nas brasas ainda quentes do incensório e espalhou o doce aroma do incenso e da mirra, que alguém queimara ali ainda há pouco. A fumaça perfumada se elevou no ar imóvel, e logo uma frágil chama surgiu, iluminando tenuemente o relêvo de uma inscrição que, outrora, Akhnaton mandara gravar nas paredes exteriores do incensório:

Não guardes amarguras em teu coração.
Sê cândido contigo mesmo.
Extirpa toda noção falsa que se refira a ti.
Extirpa todo falso apego.
Olha a Divindade em todas as coisas.
Acima de tudo não te atenhas a falsos queixumes.
Sê forte. Descansa em espírito sobre o que é imortal
e imortal chegarás a ser.
Lembra-te que nenhuma frustração é definitiva,
há sempre um imprevisto apaziguante,
quando tudo parece perdido. . .
Deixa que teus pensamentos e sentimentos
sejam grandes, universais, acima de todo egoísmo.
Então, ainda que sob a mais densa obscuridade
da terra, perceberás, mesmo que confusamente
no princípio, a Luz de Aton.

Nefertiti releu aquelas palavras com emoção e falou, num sussurro:

— *"Ó Aton, dá-me tua mão e faz com que eu receba o teu espírito e viva por ele!"*

Repetiu várias vezes, em doce êxtase, as palavras daquela oração que tanto amava. Akhnaton havia-a escrito para ela, nos velhos tempos em que se amavam. Nefertiti lembrava-se tão bem de tudo como se acontecido ainda há pouco: uma manhã êle a despertara cedinho, com um beijo leve sobre os olhos e murmurou-lhe ao ouvido aquela prece. Depois acrescentou:

— De madrugada, quando a luz rosada da manhã pousou em teu rosto adormecido, eu te olhei longamente e compus para ti esta prece nascida da minha ternura...

Nunca mais Nefertiti pôde esquecer aquela prece. Ela tinha composto uma melodia para acompanhar as palavras de Akhnaton e os dois costumavam cantá-la sempre, trêmulos de alegria, ao som da sua cítara asiática...

Grossas lágrimas começaram a correr pelas faces de Nefertiti. Entregue às suas recordações, ela ficou ali, parada, imóvel, sem sair de dentro dos seus pensamentos.

— Ó meu irmão bem-amado, por que não tiveste confiança na imensidão da minha ternura? Por que deixaste que as fôrças negras nos separassem tão impiedosamente? Por que não quiseste compreender que a imensidão do nosso amor e da nossa fé nos elevariam acima de todos os opróbrios? Por que não lutaste até o fim em favor de Aton?

Assim que se acalmou um pouco, Nefertiti começou a pensar em todos os pequenos detalhes que lhe haviam escapado em seu desespêro. Afinal, chegou à conclusão que a vontade de seu espôso era que ela continuasse celebrando o culto de Aton. Murmurou as primeiras palavras do Grande Hino ao Sol, mas as lágrimas não a deixaram prosseguir. E naquele momento apenas ela e o Divino Aton sabiam que, com isso, Nefertiti desejava dirigir-se ao *"ka"* de Akhnaton que agora se confundia com o astro radioso que iluminava o triste mundo dos humanos, tão cheio de ódios, de ambições e sofrimento.

Nefertiti voltou a sentir uma dor aguda no coração. Tivera palpitações outras vêzes, mas nunca tão fortes e persistentes como essas. Seria a morte? — pensou, e ante este pensamento sentiu uma doce alegria interior.

— Faze a tua vontade, ó Aton! — murmurou baixinho.

Sua cabeça rodopiou e seu corpo girou sobre si mesmo. Algo explodiu dentro dela, fazendo-a mergulhar num oceano escuro e

profundo. Seu corpo abateu-se sôbre a relva como uma fruta madura que se desprendesse da haste.

Nefertiti fechou os olhos docemente. E a morte cobriu-lhe o rosto.

* * *

Passou-se o mês de Payni, de Pachon e de Epif e, em princípios do mês de Mesorê, o faraó Ay decidiu submeter-se à trepanação, pois suas cefaléias tinham piorado terrivelmente. Graças aos remédios que lhe davam os médicos da corte, instigados por Eje, a cabeça do velho faraó era uma fornalha de dor e todo o seu corpo doía e palpitava sem cessar. Eje não quis que Ay morresse envenenado pelas suas mãos, pois o povo poderia ficar desconfiado e isto era perigoso. Decidiu, então, que no décimo-quarto dia do mês de Mesorê — dia propício, escolhido pelos astrólogos da corte —, o crânio de Ay seria aberto.

Ay entrou decidido na sala da cirurgia real, onde já se encontravam muitos nobres, sacerdotes e magos que auxiliariam os médicos com seus encantos e conjurações. Foi recebido por todos com uma reverência e quando se adiantou o cirurgião real, as cortinas se fecharam atrás deles e então os curiosos desapareceram.

Longas horas se passaram e quando as cortinas foram reabertas, Ay já tinha voltado ao seio de Osíris e o trono estava vago para Horemheb, o Filho do Falcão.

E começou, então, um reinado de violência. Horemheb quis extirpar do solo egípcio todas as raízes da heresia de Akhnaton. Começou por mandar arrasar completamente o que restava ainda da Cidade do Horizonte de Aton.

— Que não fique pedra sobre pedra! — gritou êle para os seus soldados, do alto do balcão da aparição.

E tal como faziam os faraós, atirou-lhes colares de ouro e pedras preciosas, que todos se apressaram em apanhar.

E assim, tudo foi destruído: os palácios de Akhnaton, os jardins, as casas, as tumbas. Por todos os lados martelavam o nome do amaldiçoado filho de Amenófis III, o "Vencido de Amarna", "O Criminoso de Akhetaton, o Herético!" Houve uma verdadeira orgia de destruição em Akhetaton. Todas as estátuas foram quebradas. Ao longo da margem direita do Nilo, levantava-se fumaça, onde fogueiras ardiam sobre figuras de cedro ou restos de casas. Ao longo da estrada, as grandes estelas de calcário, que demarcavam as fronteiras, já tinham sido quebradas. O mesmo acontecia com os hieróglifos dos nomes de Akhnaton e Nefertiti, onde quer que aparecessem — não só em Akhetaton, mas em Tebas, Mênfis, no Alto e no Baixo Egito, do Delta à Ilha Elefantina, na Núbia e nos mais longínquos Oásis Ocidentais. O ruído dos malhos e das talhadeiras era ensurdecedor, através do estalar das pedras. Mas o clamor da vingança dos padres de Amon começou a soar mais alto ainda, quando a tumba de Akhnaton foi encontrada aberta e vazia...

Por ordem da rainha Baketamon, espôsa de Horemheb, a múmia de seu irmão Akhnaton tinha sido levada secretamente para Tebas e escondida em algum lugar do Vale dos Reis.

— O corpo do herético desapareceu — gritou alguém —, mas ainda nos resta a múmia de Nefertiti! A ela! Todos!

E a turba enfurecida, guiada por vários sacerdotes de Amon, correu pelas colinas orientais e fez oscilar e cair a pesada pedra que fechava a tumba da rainha. Empunhando tochas acesas, entraram nos longos e escuros corredores que conduziam, através de várias câmaras funerárias, a um jazigo, onde se encontrava um grande sarcófago de grés cristalino, em forma de mulher. A porta lacrada com o sêlo real foi posta abaixo.

— Para a fogueira! Para a fogueira, maldita! — rugia a turba ameaçadora, avançando aos empurrões pelos degraus da escada de pedra da Morada da Alegria, cujas paredes de alabastro róseo eram profusamente decoradas, com pinturas, baixos-relevos e inscrições que, entre outras coisas, diziam:

"... a herdeira favorita, soberana cheia de graça,
a senhora sôbre o Norte e o Sul, a de semblante
claro, alegre entre os adornos, a querida de Aton,
rica de amor, a esposa preferida do rei,
Nefer neferu Aton Nofretete Nefertiti,
a eternamente bela..."

A tampa do sarcófago foi quebrada ao meio, quebrado também o segundo sarcófago de cedro da Síria, rasgadas as envolturas que serviam de mortalha, quebrada a máscara de gesso dourado com olhos de cristal. A múmia de Nefertiti ficou em estado lastimável: pacote informe de pano, rebentado no lugar do coração, brutalmente despojado das faixas de linho real decoradas externamente com guirlandas de rosas vermelhas, a flor mística dos Templários de Aton. Os nomes e os títulos da rainha, que como de costume estavam gravados nas espáduas, no peito, na cintura e no ventre, foram destruídos, as urnas com suas vísceras, pisoteadas, suas estátuas-respondentes inteiramente quebradas. Mas, apesar de toda esta profanação, não se apagou a serena expressão do belo rosto da morta. A energia parecia inflar ainda aquela fronte altiva e voluntariosa. Somente as pálpebras, quase fechadas e sombreadas pelas longas pestanas curvas, revelavam uma certa fadiga, que é o apanágio dos fortes.

Muitas mãos se estenderam avidamente para agarrar a frágil múmia da rainha, que foi levada em triunfo para a grande praça de Akhetaton, onde a soldadesca já tinha armado uma grande fogueira feita com madeiras diversas, misturadas com montes de tiras de linho grosso impregnadas de óleos inflamáveis: bastaria acender a fogueira em qualquer extremidade para que ela ardesse inteira como uma tocha gigantesca.

Sobre esta fogueira foi depositada a múmia da rainha.

Um camponês estremeceu e quis retroceder quando um soldado, entre risos, ofereceu-lhe a tocha acesa, mas logo, instigado pela multidão, pegou-a com mão firme e foi o primeiro a atear fogo. Milhares de mãos, segurando milhares de tochas, se precipitaram de todos os lados, querendo tomar parte no grande sacrilégio, no maior sacrilégio que já se fizera no Egito contra a múmia de uma rainha.

Em meio às chamas crepitantes, o corpo de Nefertiti se moveu e se retorceu, enquanto todos riam e gritavam:

— Maldita sejas, ó renegada de Amon! Que o teu *ká* não possa mais reconhecer teus despojos e erre no Além eternamente, sem corpo, sem alimento, sem repouso e sem preces!

As vozes vibravam cheias de ódio. Mas, entre o povo, havia alguém em cujo coração não tinha lugar para o ódio, alguém que não temia pelo destino do *ká* de Nefertiti, que sabia que todo mal traz consigo alguma coisa boa. E, ao abrir-se um claro na multidão, seus passos trôpegos moveram-se vagarosamente pela descida da colina e o ruído dêles foi se afastando, até que parou junto dos escombros do *atelier* do escultor Beck, o favorito da côrte de Akhnaton, que fôra tão traiçoeiramente assassinado pelos padres de Amon. Espalhados pelo chão, estavam vários pedaços de suas estátuas. Abaixando-se, Ahmóses, o velho escriba do palácio de Akhnaton, recolheu um dos fragmentos. Apertou-o entre os dedos e desejou, ardentemente, que, sob os escombros, ainda se escondesse alguma obra-prima de Beck, para que mais tarde, num futuro bem longínquo, o mundo pudesse saber como fora magnífica a arte de Amarna. Logo, seus olhos se abismaram na linha azul do horizonte e fixaram o sol da tarde, deslumbrante de luz. Vinda de antigos e perdidos dias e acompanhada pela visão do rosto formoso de Nefertiti, uma voz, doce e apagada, estava dizendo em seus ouvidos: *"O nome do Sol é Aton e se êle não olhasse para nós com amor, dando-nos generosamente seu cálido sangue, então pereceríamos e nos perderíamos na noite eterna. Que outro deus é como êle?"*

Os nervos de Ahmóses estavam tão tensos que êle mal podia respirar. Olhou as nuvens de fumaça, além das colinas e da faixa verde do Nilo, enquanto pensava: *"Sim, nenhum deus é como Aton e nenhuma sacerdotisa como Nefertiti!"*

Ao longe o clamor da vingança continuava a soar:

— Que para sempre sejas destruída, ó rainha de amaldiçoado nome!

Mas, junto com o vento lamentoso, gemia a voz de Ahmóses:

— Não, Nefertiti nunca será destruída! Ela renascerá das cinzas da História, e como uma rosa mística, brilhante e rubra, florescerá no coração de todos aqueles que amam a verdade.

E baixando os olhos marejados de lágrimas, acrescentou:

"... e viverá até que o cisne fique preto e o corvo fique branco, até que as montanhas se movam em direção dos rios e dos mares..."

BIBLIOGRAFIA

O Livro dos Mortos — *E. Wallis Budge*
História do Egito — *James Henry Breasted*
Nova Luz Sobre o Antigo Egito — *Gaston Maspero*
A História dos Faraós — *James Baikie*
Velhas Recordações do Egito — *James Henry Breasted*
A Época Amarna — *James Baikie*
Desenvolvimento da Religião e do Pensamento Egípcio — *James Breasted*
Os Deuses Egípcios — *Ernest A. W. Budge*
Os Monumentos do Sudão Egípcio — *E. W. Budge*
O Livro dos Reis Egípcios — *E. W. Budge*
Antigas Pinturas Egípcias — *Nina M. G. Davies*
Os Túmulos nas Rochas de Amarna — *Norman G. Davies*
Osíris e a Ressurreição Egípcia — *E. W. Budge*
Real Enciclopédia Maçônica — *Mackenzie*
Maçonaria Egípcia — *Cagliostro*
As Fontes Secretas da Maçonaria — *Cooper Oaklet*
Mitologia Geral — *Felix Guirand*
História do Egito — *Sir Flinder Petrie*
História dos Faraós — *Arthur Weigall*
Ensaios Sobre a Arte Egípcia — *Gaston Maspero*
Mistérios Egípcios — *A. Meret*
Dicionário de Mitologia — *Lauzanne*
A Vida Quotidiana no Antigo Egito — *Pierre Montet*
Os Enigmas de Tânis — *Pierre Montet*
A Civilização dos Hititas — *Dr. G. Contenau*
Shubiluiuna e seu Tempo — *E. Cavaignac*
Manual de Arqueologia Oriental — *G. Contenau*

Santuários do Oriente — *Shurré*
História da Nação Egípcia — *A. Moret*
Novas Cartas de Amarna — *P. Dhorne*
Os Anais de Shubiluiuna — *E. Cavaignac*
As Cartas de Tell-el-Amarna — *A. B. Mercer*
O Império Hitita — *J. Garstang*
A Cultura Egípcia — *John A. Wilson*
Estudos Sobre o Papiro de Turim — *Herman Baer*
O Faraó Tutancamon — *G. R. Tabouris*
Reis e Deuses do Egito — *A. Moret*
Estudos Sobre o Papiro de Prisse — *P. Virrey*
A Morte no Antigo Egito — *Eduardo Toda*
A História do Egito — *Mariete Bey*
Dicionário da Civilização Egípcia — *Kurt Wagner*
Canções de Amor do Antigo Egito — *S. Schett*
Nos Tempos dos Faraós — *A. Moret*
As Múmias Reais — *Sir Elliot G. Smith*
Amarna — a Cidade de Akhnaton — *Sir Elliot Smith*
O Tesouro do Antigo Egito — *Arthur Weigall*
A Glória dos Faraós — *Arthur Weigall*
Tutancamon e Outros Ensaios — *A. Weigall*
A Cidade de Akhnaton — *Sir Leonard Chares*
Nefertiti Viveu Aqui — *Mary Shubb*
Os Salmos à luz das Pesquisas Egípcias — *M. Aylward Blackhman*
O Céu e o Inferno Egípcio — *E. W. Budge*
Os Grandes do Velho Egito — *Glanville Stone*
O Vale dos Reis — *Otto Neubert*
História do Egito do Princípio ao Fim da XVIII Dinastia — *J. Baikie*
Diplomacia Oriental — *Dr. Carl Bezeld*
A Pintura Egípcia — *Albert Shkira*
Ísis e Osíris — *Plutarco*
Os Irmãos da Áurea Rosacruz — *Michael Mayer*
Ciência Secreta — *Henri Durville*
Os Mistérios Egípcios. Caldeus e Assírios — *Jamblico*
A Tábua de Esmeralda — *Khunrath*
A Chave da Magia Negra — *Stanilau de Guaita*
O Livro da Morada Oculta — tradução de *Lepsius*
O Papiro de Turim — tradução de *Paul Pierret*
A Rama Dourada — *Frazer*
O Mito Osiriano — *Lefebure*
O Egito Antigo — *Naville*
Os Mistérios Iniciáticos — *Henri Durville*
Em Busca do Passado — *C. W. Ceram*
O Nilo e a Civilização Egípcia — *A. Moret*
Dicionário de Mitologia Egípcia — *Lanzone*
Mitologia Egípcia — *Müller*
História das Religiões — *P. Drioton*
Ensaios Sobre Mitologia Comparada — *Max Müller*
Mitos, Cultos e Religiões — *Salomão Reinach*
Mitologia Universal — *Jung C.* e *Kerenyi*
As Civilizações do Oriente — *R. Grousset*
A Religião dos Hititas — *R. Dussaud*
A Religião da Grécia nos Tempos Pré-Históricos — *Persson*
A Morte de Philae — *Pierre Loti*
Egito — *Champolion*
Egito e Síria — *Gaston Maspero*

História do Egito — *Gimpera Bosh*
A Vida Privada de Tutancamon — *Tabouis*
A Música na Antiguidade — *Kurt Sahs*
A Magia das Pirâmides e o Mistério da Esfinge — *A. Bothwel Gosse*
O Egito — *A. Montgon*
Hino a Amon-Ra — *E. Grebaut*
Os Metais nas Inscrições Egípcias — *Lepsius*
O Egito Antigo e Moderno — *F. Amici Bey*
O Livro de Como Saber o que Há no Hades — *G. Jequier*
Pesquisas Críticas e Históricas Sobre o Egito — *E. Quatremère*
Manuscrito de Herculano — tradução de *Paul Davis*
A Iniciação, Segundo o Manuscrito de Nícias — tradução de *Louis Perret*
O Livro da Sabedoria e da Loucura — *Sir Aleister Crowley*
A Grande Besta — *Sir Aleister Crowley*
A Escrita Egípcia e Sua Transcrição Castelhana — *Manuel Treviño Villa*
O Egito Misterioso — *Eduardo Affonso*
História dos Atlantes — *Scott Elliot*
Iniciação Humana e Solar — *Alice Bailey*
A Cabala Mística — *Dion Fortune*
Metamorfoses — *Ovídio*
Egito e Israel — *Sir Flinders Petrie*
A Religião do Antigo Egito — *P. Virey*
O Egito Antigo — *Manchipp*
O Legado do Egito — *Edição da Universidade de Oxford*
Ciência das Religiões — *Burnouf*
Os Versos Áureos de Pitágoras — tradução de *Fabre D'Olivet*
As Rãs — *Aristófanes*
O Asno de Ouro — *Apuleio*
Itinerário Ilustrado do Alto Egito — *Gayet*
No Seio do Mistério — *Stanislau de Guaita*
Anfiteatro da Ciência Eterna — *H. Khunrath*
Ensinamentos Secretos da Gnose — *S. Teófanes*

ÍNDICE

LINCOLN DE SOUZA — "Chiang Sing é a poesia feita mulher."

* * *

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ — "Chiang Sing está nimbada por uma atmosfera que a torna mais suave, mais doce que as outras mulheres. Seus versos formosos são chineses? não são divertimento de gente ocidental brincando de fazer poesia chinesa."

* * *

ELSE MACHADO — "A escritora e jornalista Chiang Sing, sendo brasileira e sem nenhum parente oriental, possui, entretanto, um tipo marcadamente asiático e uma predileção cada vez mais crescente pelos assuntos do Oriente que a torna *sui generis* em nosso meio literário."

* * *

GONDIN DA FONSECA — "A primeira vez que li Chiang Sing fiquei deslumbrado. E perplexo. Quem seria esta chinesa que dominava tão bem a nossa língua? Soube-o depois. Chiang Sing é pseudônimo. Brasileira. Especializou-se em assuntos orientais e desde pequena diz que é "uma *avatar* de uma princesa chinesa que viveu na China há mais de quatro mil anos..."

* * *

LEDA BARRETO — "Chiang Sing sentiu o chamado do nascente e entregou-se inteiramente a esta atração: toda a sua personalidade é dominada pelas antigas tradições orientais.

* * *

DJALMA DE ANDRADE — "Suas lendas e poemas pela sua leveza, sentimento e graça, deviam ser escritos em porcelana."

* * *

LAZINHA LUÍS CARLOS — "Chiang Sing está no mundo procurando a perfeição espiritual. Tem sua missão e seu destino, e está disso perfeitamente consciente. Tudo nela é delicado e florido como um serviço de porcelana chinesa. Não é mulher, é um símbolo. Seu ser já é uma divulgação de sua doutrina."

* * *

ANÍBAL VAZ DE MELO — "Chiang Sing é como um espelho que reflete a alma do lendário Oriente."

* * *

PAULO BOMFIM — "Chiang Sing é feita da mesma substância das estrelas..."

NEFERTITI

E OS MISTÉRIOS SAGRADOS DO EGITO

CHIANG SING

Assim se pronunciou o diplomata egípcio MOHAMED SALAH EL DERWY, da Embaixada da R.A.U. no Brasil, sobre este excelente trabalho de CHIANG SING:

"*Nefertiti e os Mistérios Sagrados do Egito* não é uma obra a mais sobre a terra dos faraós; é uma contribuição séria para penetrar no âmago do meu país e desvendar os sagrados mistérios que fazem parte do Grande Todo. O leitor pode aceitar ou não as idéias e conclusões que ele apresenta, porém a seriedade objetiva dos seus documentos e a inegável honestidade de suas fontes são a melhor apresentação. Chiang Sing preferiu adotar neste seu livro histórico a versão de que Nefertiti é quem foi a incentivadora do culto de Aton no Egito, contribuindo para a transformação das idéias religiosas de seu esposo, o faraó Akhnaton. Que cada um escolha a sua própria versão. A verdadeira talvez nunca venha a ser conhecida".